

**PPGCOM**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
COMUNICAÇÃO

**FIC**  
FACULDADE DE  
INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TUANE PACHECO DA SILVA**

**MULHERES PRETAS NA CIÊNCIA: CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DE  
PESQUISADORAS DOCENTES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS E DE MINAS  
GERAIS**

**GOIÂNIA  
2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação    ☐ Tese    ☐ Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Tuane Pacheco da Silva

#### 3. Título do trabalho

**Mulheres pretas na ciência:** cartografia existencial de pesquisadoras docentes de programas de pós-graduação em comunicação das Universidades Federais de Goiás e de Minas Gerais

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM    ☐ NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Suely Henrique De Aquino Gomes, Usuário Externo**, em 14/09/2023, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tuane Pacheco Da Silva, Discente**, em 16/09/2023, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4029792** e o código CRC **76707323**.

TUANE PACHECO DA SILVA

MULHERES PRETAS NA CIÊNCIA: CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DE  
PESQUISADORAS DOCENTES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS E DE MINAS  
GERAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, nível Mestrado, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

**Área de concentração:** Comunicação, Cultura e Cidadania.

**Linha de pesquisa:** Mídia e Informação

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Tuane Pacheco da

Mulheres pretas na ciência [manuscrito] : cartografia existencial  
de pesquisadoras docentes de programas de pós-graduação em  
comunicação das universidades federais de Goiás e de Minas Gerais /  
Tuane Pacheco da Silva. - 2023.

CXCIV, 194 f.

Orientador: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós  
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas.

1. Interseccionalidade. 2. Ciência. 3. Mulheres pretas. 4.  
Docência universitária. I. Gomes, Suely Henrique de Aquino, orient.  
II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **31/2023** da sessão de Defesa de Dissertação de **Tuane Pacheco da Silva**, que confere o título de Mestre em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**,

Aos **vinte e quatro dias de agosto de dois mil e vinte e três**, a partir das **catorze horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“Mulheres pretas na ciência: cartografia existencial de pesquisadoras docentes de programas de pós-graduação em comunicação das Universidades Federais de Goiás e de Minas Gerais”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Suely Henrique de Aquino Gomes (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação das demais componentes da Banca Examinadora: Professora Doutora **Rosana Maria Ribeiro Borges (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna e Professora Doutora **Maria Nilza da Silva (PPGSOC/UFG)**, avaliadora titular externa, com a participação de todas por **videoconferência**. Durante a arguição as componentes da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelas suas componentes. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Suely Henrique de Aquino Gomes**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelas Componentes da Banca Examinadora, aos **vinte e quatro dias de agosto de dois mil e vinte e três**.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Suely Henrique De Aquino Gomes, Usuário Externo**, em 11/09/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Maria Ribeiro Borges, Professora do Magistério Superior**, em 25/09/2023, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Nilza da Silva, Usuário Externo**, em 25/09/2023, às 14:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3967522** e o código CRC **5E05F9AB**.

Referência: Processo nº 23070.042039/2023-71

SEI nº 3967522



## **AGRADECIMENTOS**

Trilhar o caminho acadêmico é uma honra e um privilégio. Poder ocupar uma universidade tão prestigiada como a UFG é a prova de que minha jornada está sendo feita da melhor maneira possível. Viver o mestrado é um momento que exige muita dedicação, entrega e abdições, e isso nem sempre é fácil. Por isso, não subestimo e sinto muita gratidão por todo o apoio recebido que me fortaleceu para que eu pudesse seguir construindo este objetivo.

Muitas pessoas foram fundamentais para que eu chegasse até aqui: agradeço a toda a minha família, irmãs e irmãos, pai, cunhadas, cunhados, primos, primas, tios, tias, avós, avô, por acreditarem e me incentivarem a sempre ir além. Principalmente à minha mãe, Tanira, que em toda sua calma sempre me lembrou que eu sou capaz, e que eu devo apostar em mim mesma.

Toda a minha rede de amigos e amigas, que compreenderam minha ausência e me aguardaram com sorrisos largos e abraços fortes e calorosos a cada encontro, me fortalecendo. Agradeço em especial a Jéssica Santana, o Wes Ferreira, a Marina Lima, a Aline Carlos, a Thais Kuwae, a Duda Alho, a Isabela Telles, a Marina Moraes, as meninas do grupo “Admiração Geral”, os “Picurilos”, as “Amittas”, por ouvirem cada desabafo, e por não me permitirem desistir dos meus objetivos, por me lembrarem de que o mundo é arte, e que aqui estamos para inspirar e nos permitirmos sermos inspirados, inspiradas uns pelos outros e outras. Obrigada por vibrarem minhas conquistas.

Minhas sobrinhas e sobrinho, Olívia, Cora, Gabriel e Nina que mesmo à distância, foram minha fortaleza mais do que jamais saberão. A Lara, que me ensinou a me auto acolher nos momentos difíceis. Às companheira de guerra, Letícia Benevides e Bruna Alecrim, por terem sido afago no ambiente acadêmico. A dança, por me permitir respirar e ser eu mesma.

À minha orientadora, Suely, muito obrigada pela parceria e paciência. Obrigada por ter me dado à mão. Sinto-me feliz de termos podido seguir juntas. Nossa união rendeu frutos, e me sinto grata por poder colhê-los. Sua positividade me manteve otimista frente às adversidades.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, pelo conhecimento compartilhado nesta etapa tão importante da minha caminhada.

Por fim, agradeço às pessoas que foram muito importantes para que este trabalho pudesse existir, neste período: as três professoras entrevistadas, Antonieta, Dandara, Sojourner Truth, e na primeira etapa, também as duas professoras entrevistadas – que preferiram não se identificar, que prazer e que honra poder escutá-las, aprender com vocês, me engrandeci com cada relato. São mulheres que enxergamos (falo aqui em meu nome e da professora Suely). Gerações de mães, pesquisadoras, docentes que ensinam, protegem, acolhem, incentivam e transformam. O ancestral as sustenta e as direciona. Fazem a diferença, toda. Com muita honra, relatamos e escutamos sobre suas trajetórias e vivências. Somos gratas. As professoras das bancas de Qualificação e Defesa, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação promovendo o enriquecimento deste trabalho.

A todos e todas que torceram por mim, e que de alguma forma me apoiaram, muito obrigada! O afeto me trouxe até aqui. Perdi-me e me encontrei nesse processo. Saio dessa experiência, transformada.

## RESUMO

As mulheres pretas sofrem dupla discriminação por sua raça e seu gênero, sendo, portanto, excluídas de e negligenciadas em vários espaços, intelectuais ou não. Historicamente, essas mulheres passam por situações incomparáveis àquelas vivenciadas por outras mulheres ou por outras pessoas pretas. É nesse sentido que se faz necessário tratar da realidade específica dessas mulheres. A proposta desta pesquisa foi levantar essa questão no campo acadêmico-científico. A pesquisa alinha-se aos estudos sobre ciência e interseccionalidade. Seu objetivo foi cartografar os territórios existenciais de mulheres pretas docentes dos programas de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): quem são essas mulheres; quais os percursos de sua formação educacional; como se constituíram como sujeitos-mulheres-pretas-acadêmicas; como percebem a questão de raça e gênero na ciência e no seu cotidiano acadêmico? Como habitam o território acadêmico-científico; de que forma os marcadores de raça e gênero perpassam seus modos de existir como docentes pesquisadoras atuantes no ambiente universitário? Visou-se pontuar como os marcadores de gênero e raça estão presentes nos modos de habitar o território acadêmico-científico de mulheres pretas e na construção de seus percursos de vida e profissional em um modo tradicional de se fazer Ciência. Essas questões foram respondidas a partir das perspectivas das próprias mulheres. Para tal, em termos metodológicos, lançou-se mão da cartografia existencial que incluiu a condução de entrevistas em profundidade com docentes pretas dos programas de pós-graduação em comunicação da UFG e da UFMG. Foram ouvidas três professoras, sendo duas (no total de 3) da UFG e uma da UFMG. Assim, a pesquisa permite dar visibilidade ao fazer acadêmico-científico de mulheres pretas pesquisadoras, a fim de contribuir na decolonização do ambiente científico acadêmico, tornando-o inclusivo e aberto para as mulheres pretas. Conclui-se que as três mulheres entrevistadas constroem seus territórios acadêmico-científicos com muito afinho e dedicação, mas que sentem o peso do racismo em suas trajetórias. Veem-se injustiçadas pelo sistema que as cerca e que, muitas vezes, as impede de galgarem de mais conquistas. Torcem para que as universidades sejam pluri-epistêmicas e com igualdade de oportunidades para todos e todas, espaço com recurso para ajudar os estudantes e as estudantes, e em que se aplique a vitrine do conhecimento e uma maior interação entre os pesquisadores e pesquisadoras. Logo, os resultados indicam que o ambiente acadêmico é racista e androcêntrico e, que urge uma necessidade de mudança desse cenário para que a ciência seja equitativa.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade; Ciência; Mulheres pretas; Docência universitária.

## ABSTRACT

Black women suffer double discrimination due to their race and gender, and are therefore excluded from and neglected in various spaces, intellectual or otherwise. Historically, these women go through situations incomparable to those experienced by other women or other black people. It is in this sense that it is necessary to address the specific reality of these women. The purpose of this research was to raise this issue in the academic-scientific field. The research aligns with studies on science and intersectionality. Its objective was to map the existential territories of black women teaching postgraduate programs in communication at the Federal University of Goiás (UFG) and the Federal University of Minas Gerais (UFMG): who are these women; what are the paths of their educational training; how they constituted themselves as black women-academic subjects; How do they perceive the issue of race and gender in science and in their academic daily life? How they inhabit the academic-scientific territory; How do markers of race and gender permeate their ways of existing as professors and researchers working in the university environment? The aim was to highlight how gender and race markers are present in the ways of inhabiting the academic-scientific territory of black women and in the construction of their life and professional paths in a traditional way of doing Science. These questions were answered from the perspectives of the women themselves. To this end, in methodological terms, existential cartography was used, which included conducting in-depth interviews with black professors from the postgraduate communication programs at UFG and UFMG. Three teachers were interviewed, two (in total of 3) from UFG and one from UFMG. Thus, the research makes it possible to give visibility to the academic-scientific work of black women researchers, in order to contribute to the decolonization of the academic scientific environment, making it inclusive and open to black women. It is concluded that the three women interviewed build their academic-scientific territories with great effort and dedication, but that they feel the weight of racism in their trajectories. They see themselves as being unfairly treated by the system that surrounds them and which often prevents them from achieving more. They hope that universities are pluri-epistemic and have equal opportunities for everyone, a space with resources to help students, and in which the showcase of knowledge and greater interaction between researchers is applied. Therefore, the results indicate that the academic environment is racist and androcentric and that there is an urgent need to change this scenario so that science is equitable.

**Keywords:** Intersectionality; Science; Black women; University teaching.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|        |                                                               |
|--------|---------------------------------------------------------------|
| ABPN   | Associação Brasileira de Pesquisadores Negros                 |
| CAPES  | Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CNPq   | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| CTI    | Ciência, Tecnologia & Inovação                                |
| FIES   | Fundo de Financiamento Estudantil                             |
| IBGE   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística               |
| IFES   | Instituto Federal de Ensino Superior                          |
| LPEQI  | Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão        |
| PNAD   | Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios              |
| PNE    | Plano Nacional de Educação                                    |
| PPGCOM | Programa de Pós-Graduação em Comunicação                      |
| PQ     | Produtividade em Pesquisa                                     |
| PROUNI | Portal Único de Acesso ao Ensino Superior                     |
| SBPC   | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência              |
| SUS    | Sistema Único de Saúde                                        |
| UEL    | Universidade Estadual de Londrina                             |
| UFG    | Universidade Federal de Goiás                                 |
| UFMG   | Universidade Federal de Minas Gerais                          |
| UFMS   | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul                    |
| UFMT   | Universidade Federal do Mato Grosso                           |
| UFRJ   | Universidade Federal do Rio De Janeiro                        |
| UnB    | Universidade de Brasília                                      |
| USP    | Universidade de São Paulo                                     |

## SUMÁRIO

|                                                                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| PRÓLOGO – NOTAS SOBRE NOSSO LUGAR DE ESCUTA.....                                                            | 12  |
| 1 INTRODUÇÃO .....                                                                                          | 14  |
| 2 CIÊNCIA MODERNA .....                                                                                     | 25  |
| 2.1 Ciência, sociedade e exclusão .....                                                                     | 32  |
| 2.2 A crítica feminista a ciência.....                                                                      | 36  |
| 3 O FEMINISMO NEGRO .....                                                                                   | 45  |
| 3.1 Um debate sobre gênero.....                                                                             | 50  |
| 3.2 Questão de raça.....                                                                                    | 55  |
| 3.3 Interseccionalidade, o feminismo negro e a ciência: a decolonização do<br>conhecimento científico ..... | 61  |
| 4 MULHERES PRETAS NA CIÊNCIA .....                                                                          | 73  |
| 4.1 Desigualdades no processo educativo .....                                                               | 74  |
| 4.2 Desigualdades na docência superior .....                                                                | 83  |
| 5 CARTOGRAFANDO EXISTÊNCIAS, UM APORTE METODOLÓGICO .....                                                   | 89  |
| 6 MULHERES PRETAS NO TERRITÓRIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO:<br>CARTOGRAFIA EXISTENCIAL .....                      | 94  |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                | 122 |
| REFERÊNCIAS.....                                                                                            | 124 |
| APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada.....                                                    | 136 |
| APÊNDICE B - Entrevistas .....                                                                              | 137 |
| ANEXO A - Comitê de ética em pesquisa com seres humanos .....                                               | 190 |

## PRÓLOGO – NOTAS SOBRE NOSSO LUGAR DE ESCUTA

A mestrandia que produz esse trabalho é uma mulher racializada, descendente de indígenas, e entende seu lugar de escuta. Concorda com Vieira (2021, p. 7) quando diz que “O compromisso de dismantlar o sistema-mundo colonial deve ser universal e não apenas dos grupos historicamente oprimidos por ele e que lidam com as consequências fatais da colonialidade diariamente”. Escuto para aprender. Escuto para contribuir. Escuto porque é também um compromisso que faço.

Ribeiro (2017) ao pensar sobre lugar de fala advoga que não se trata de falar por alguém ou em nome de alguém, mas é lugar de escuta. É também permitir que vozes encontrem audiência. Não se intenciona “dar voz” a alguém, mas ampliar vozes. Todas as pessoas possuem lugares de fala, pois trata-se de uma localização social. Tenciona-se enxergar as hierarquias produzidas para evitar que certas vozes sejam mantidas em posição de silêncio.

Dessa mulher racializada que vos fala seu tom de pele e sua vivência não permitem que ela seja lida a partir de uma perspectiva de branquitude. Na família, os apelidos sempre foram “neguinha”, “nega preta”, “pretinha”. Quando criança, dizia que ela se parecia com o personagem Mogli, com a personagem indígena Tainá, ou com aquela atriz que atuou em “Hoje é dia de Maria”. Nessa época, morava no Rio Grande do Sul e fazia aulas de dança alemã, nas apresentações, tirava risadas da plateia por ser uma das duas crianças, juntamente com sua irmã, que não eram brancas na prática de tal cultura. Se lhe perguntavam se ela se considerava bonita, dizia “não”, “por quê?”, “porque meu joelho é muito preto”. Devia ter em torno de 6 anos nessa época.

Certa vez lhe disseram que se ela apertasse bem forte o próprio nariz, que ele afinaria. Daí então fazia isso, toda noite antes de dormir. Ela não temo nariz largo, mas queria que fosse fino como o das atrizes da TV. Quando adolescente, acreditava ter algo errado consigo por ter suas partes íntimas escurecidas, pois não se via no padrão de beleza da televisão e das revistas. Quando jovem, foi cortejada por homens ao alegarem que ela tinha/tem uma “beleza exótica”. No trabalho e nos ciclos sociais, sempre o mesmo questionamento: “você é índiana?”. Dizem que se parece com a personagem Devi de “*Never Have I Ever*”, e com a cantora Raveena Aurora. Já foi confundida com a babá da sua sobrinha - que é uma criança branca. Já foi questionada como poderia ser filha de seu pai, ou irmã de suas irmãs e irmão tendo o

tom de pele mais escuro. Por muitos anos, se perguntou: "sou uma mulher negra, então?". Entendeu-se parda.

Na graduação, percebeu a necessidade de entender mais sobre o assunto, e pesquisou. Leu relatos e bibliografias sobre racismo e negritude. Produziu um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A construção de identidades de mulheres negras: práticas discursivas sobre preconceito e resistência na cibercultura". Entendeu que aquelas histórias que as mulheres negras a relataram, não se assemelhavam com a sua. Sua trajetória não se aproximava da delas. Ela não se via em tais relatos. Nunca foi de família rica, mas teve privilégio de classe ao estudar (com bolsa) em escolas particulares durante toda sua trajetória escolar. Mas, não sente que teve muitos de seus direitos negados devido à cor da sua pele. Não consegue se lembrar de ter vivido experiências de preconceito racial recorrentemente, apenas de forma pontual. Quando ela aparece no ambiente, sua cor, não é a primeira coisa que chega aos olhos.

Foi atrás de sua árvore genealógica, e, enfim entendeu, é descendente quase que diretamente de povos indígenas (sua bisavó). Não sabe o nome do povo e nem se já viveram em alguma aldeia ou em qual aldeia residiam. Mas, se sente desconfortável se autodeclarando assim, como indígena, pois não tem contato com seus ancestrais e nem com a sua cultura. Preocupa-se que declarar-se enquanto parda não sendo filha de pessoas negras, é um apagamento racial dos povos indígenas. Ainda está no processo de se entender, e se descobrir. Porém quer ampliar as vozes das mulheres pretas, pois apesar de não entender na pele suas vivências, sente que diz respeito a todas as pessoas discutirem e pensarem sobre questões raciais. Concorde com hooks<sup>1</sup> (2019, p. 101) quando esta afirma: "quando escrevemos sobre experiências de grupos aos quais não pertencemos, devemos pensar sobre a ética de nossas ações, considerando se nosso trabalho será usado ou não para reforçar e perpetuar a dominação". A intenção aqui é escrever para contribuir para e reforçar uma desconstrução do pensamento colonial racista e dominador.

---

<sup>1</sup> A autora pede que seu nome seja escrito em minúsculo, para que seu trabalho seja o foco da atenção e não o seu nome.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propôs a cartografar a ocupação do território<sup>2</sup> acadêmico-científico por mulheres pretas doutoras e docentes em Programas de Pós-Graduação em Comunicação das Universidades Federais de Goiás (UFG) e de Minas Gerais (UFMG). Nesse processo investigativo buscou-se compreender quem são essas mulheres; quais os percursos de sua formação educacional; suas constituições como sujeitos-mulheres-pretas-acadêmicas; como percebem a questão de raça e gênero na ciência e no seu cotidiano acadêmico e na construção de seus percursos de vida; como habitam o território acadêmico-científico. Visou-se refletir sobre a inserção de mulheres pretas nesse território e sobre o modo tradicional de se fazer ciência, considerada androcêntrica e branca.

A proposta se insere no tema ciência, gênero e raça e estrutura-se a partir da seguinte pergunta problema: Como as mulheres pretas docentes dos programas de pós-graduação em Comunicação da UFG e da UFMG constroem e ocupam os territórios existenciais acadêmico-científicos? Assim sendo, o objetivo geral é cartografar o território existencial, no ambiente acadêmico de pesquisa e docência, de mulheres pretas docentes pesquisadoras atuantes nos programas de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal de Minas Gerais.

Os objetivos específicos são: a) Identificar quem são essas mulheres; b) Cartografar como povoam e habitam esse território existencial na academia; c) Traçar o percurso dessas pesquisadoras pretas até a chegada ao território acadêmico-científico; d) Pontuar como os marcadores gênero e raça perpassam suas trajetórias.

Tem-se como hipótese que os marcadores de gênero e raça que atravessam os territórios existenciais das docentes pretas atuantes nos programas de pós-graduação em Comunicação da UFG e da UFMG fazem com que seu caminho acadêmico-científico seja pautado por vivências de discriminação, resistência, afirmação e construção do orgulho de ser preta - o que endossa o fato de o campo científico ser excludente e que o recente movimento em direção à uma abertura da ciência, deve levar essas questões em consideração.

---

<sup>2</sup> Neste trabalho, entende-se por território, a partir de Raffestin, (1993) e Haesbaert (2004); não o espaço físico ocupado pelos seres que o habitam, mas como algo que é construído a partir da habitação desse espaço, ou seja, o território só é território quando há uma vivência dentro dele.

A pesquisa insere-se na linha Mídia e Informação<sup>3</sup> na sua vertente política que contempla “os marcos regulatórios e éticos de acesso à informação e para a questão de gênero e raça na ciência” (UFG, [202-]). Os estudos já consolidados apontam para a presença e prática de preconceitos como o machismo e o racismo na construção cultural da sociedade brasileira frutam de um processo colonizatório, e a ciência moderna, como construto social, não escaparia dessa dinâmica. Considera-se que ela (ciência) foi historicamente constituída no interior de uma determinada configuração social e cultural - o capitalismo, conforme discutido por Federici (2019), Fourez (1995).

Para entender ainda mais as culturas e relações sociais que imperam no nosso país, investigam-se aqui como essas relações historicamente constituídas estão presentes também no campo da pesquisa, da ciência e da docência. Reforça-se, portanto, que essa é uma pesquisa que questiona o próprio espaço e modo de fazer ciência no seu interior. Acredita-se que essa contribuição poderá fortalecer a produção científica de mulheres como um meio de diminuir os estereótipos de gênero e raça e para estimular o protagonismo de outras mulheres no campo científico.

Nesse sentido, a presente pesquisa traz como provocação indagações como: de que forma a mulher preta constrói e ocupa esses territórios? O que essa ocupação por parte das mulheres pretas diz quanto ao pensamento massivamente discriminatório da sociedade? A necessidade deste estudo se torna evidente no sentido de identificar a luta dessas mulheres para se inserirem em um campo pensado inicialmente como espaço masculino. Deste modo, ao buscar cartografar o território existencial dessas mulheres, pontuando o processo de sua construção enquanto mulher preta docente universitária, além da influência das variáveis raça e gênero no exercício profissional, este trabalho se aproxima de perspectivas teóricas do feminismo negro.

As colaboradoras da pesquisa são mulheres pretas participantes de programas

---

<sup>3</sup> A linha de pesquisa Mídia e Informação no PPGCOM/UFG se propõe a investigar os fenômenos informacionais contemporâneos frente à mídia e à infodiversidade nas suas dimensões políticas, legais, educacionais, técnicas e tecnológicas. A vertente educacional contempla pesquisas sobre leitura em diferentes mídias, letramento informacional, alfabetização científica, popularização da ciência e comunicação científica. A vertente política se voltaria para os marcos regulatórios e éticos de acesso à informação e para a questão de gênero e raça na ciência. No aspecto técnico abordaria pesquisas vinculadas aos dados e ciência abertos, e geração de informação a partir de dados de mídias digitais, organização e representação da informação e do conhecimento, web semântica. Em termos tecnológicos, conduziria pesquisas relacionadas a estratégias, procedimentos e metodologias para extração, tratamento, preservação e curadoria da informação independente da mídia em que a informação esteja veiculada.

de pós-graduação em comunicação no centro-oeste e em Minas Gerais. O levantamento inicial de dados, mostrou que, no centro-oeste, somente a UFG tinha mulheres pretas em seu programa. Expandiu-se o levantamento para Minas Gerais pela proximidade geográfica e cultural com Goiás - o que resultou na identificação de mais uma mulher preta, além das quatro encontradas na UFG. Ou seja, do total de 113 docentes integrantes de programas de pós-graduação em Comunicação no centro-oeste e Minas Gerais no que concerne às universidades federais<sup>4</sup>, foram identificadas apenas quatro mulheres pretas. No entanto, uma das professoras da UFG não quis participar da pesquisa.

É importante que seja destacado o fato de que a pouca ocupação das mulheres pretas em programas de pós-graduação é por si só um indicador da dificuldade delas em ocupar esse espaço. Chama a atenção também que dessas quatro professoras, apenas uma tem formação na área de comunicação. Duas delas são da ciência da informação e uma da ciência da computação. Foram selecionadas mulheres pretas, pelo fato de que, apesar de se saber que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) considera as mulheres negras as que se autodeclaram enquanto pretas (mais retintas) e pardas (menos retintas), devido à pouca consciência racial no Brasil, a categoria parda é fluida, conforme pontuado por (Silva; Leão, 2012; Osório, 2013).

A justificativa para agregar pretos(as) e pardos(as) e designar o grupo resultante pelo termo “negro(a)” é o fato de que “historicamente os pardos compartilham uma situação socioeconômica parecida com a dos pretos, mas identificam de maneira sistemática menos discriminação racial do que esse grupo” (Silva; Leão, 2012, p. 117). Enquanto 41% das pessoas pretas declaram que percebem discriminação por sua raça/cor, esse percentual entre as pessoas pardas é de 15%, informam Silva e Leão (2012). A categoria parda, para Osório (2003, p. 13), é polêmica e flutuante uma vez que “é unânime em afirmar que a ascensão social pode embranquecer, havendo copiosos exemplos do fenômeno. A categoria parda torna-se, então, pouco consistente”.

Assim como o IBGE une as categorias raciais pretos(as) e pardos(as), as condutoras dessa pesquisa também são a favor de fazê-lo, já que desintegrar esses pólos faz parte de uma política de branqueamento advinda do ideal da democracia racial. No entanto, optou-se por trabalhar com as mulheres pretas, justamente, porque,

---

<sup>4</sup> Sendo desses 113: 27 docentes na UnB; 22 na UFG; 15 na UFMT; 10 na UFMS; 39 na UFMG.

apesar de as pardas representarem a realidade das mulheres negras, apenas uma parcela delas consegue se compreender como negra, mesmo diante do racismo que sofrem diariamente (Gomes, 2021). Ao delimitar a pesquisa às mulheres pretas, buscou-se compreender a realidade dessas mulheres que, justamente pela cor da pele, não conseguem flutuar entre uma cor/raça e outra. Isso não significa, entretanto, que as autoras dessa pesquisa acreditam que a raça parda seja mais privilegiada, mas, sim, que a movimentação/ascensão socioeconômica tende a branqueá-la.

Compreende-se que não é possível falar de raça negra no Brasil sem levar em consideração as relações inter-raciais. Para pensar a igualdade, deve-se pensar em um movimento plurirracial. Porém, para os propósitos desse trabalho, elegeu-se uma parcela específica da população - intelectuais pretas - para, quem sabe, contribuir com o movimento, cartografando a existência dessas mulheres nos territórios acadêmico-científicos, historicamente de difícil ascensão.

Recapitulando as delimitações feitas para a condução desta pesquisa foram quanto: ao gênero (mulheres), à cor/raça (pretas), à área do conhecimento (ciências da comunicação), à participação na formação de outros/as pesquisadores/as (vinculação a programas de pós-graduação em comunicação) e; à região geográfica (centro-oeste). Desta forma, definimos a população da pesquisa: as pesquisadoras e docentes atuantes em programas de pós-graduação em comunicação das universidades federais da região Centro-Oeste do país. Seriam levadas em consideração então, as seguintes universidades: Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mas, conforme explicado, as participantes da pesquisa ficaram restritas às UFG e UFMG.

A intenção ao selecionar-se o grupo das mulheres pretas, que são as de pele mais escura, foi compreender como essa parcela da sociedade, que é marginalizada, ocupa o território acadêmico-científico. Como é para esses corpos negociarem as suas presenças nesses territórios tidos como não deles?

É pertinente refletir sobre o espaço das mulheres pretas na ciência devido ao debate existente no âmbito do feminismo e decolonialismo quanto à natureza excludente da ciência. A ciência moderna, originada no século XVI, surge como modelo de pensamento a diferenciar-se dos conhecimentos não científicos (religioso, senso-comum, filosófico). Ao longo de sua constituição e trajetória, o modo de fazer ciência altera-se no tempo.

No entanto, em sua premissa básica e seus pilares constitutivos, a visão da ciência como um espaço de certeza, ordem e clareza, baseado na racionalidade, objetividade e neutralidade científica ocidental se mantêm. O paradigma da racionalidade da ciência moderna, que surge em um contexto iluminista, em que os papéis sociais masculinos e femininos eram muito bem definidos, relaciona o fazer científico ao universo masculino. As mulheres, por seu turno, são, tradicionalmente, colocadas no polo oposto: do emocional, do subjetivo e do passional (Matos, 2008).

Ressalta-se que as questões levantadas no debate feminista sobre fundamentos epistemológicos, a teoria feminista ainda mantém alguns marcadores em posição marginal. Não é de hoje que mulheres pretas questionam o feminismo devido à falta da unidade, argumentando que a tendência principal do(s) feminismo(s) foi e tem sido “branca”, não contestando o racismo. Muitos estudos feministas, dizem acertadamente as feministas negras, ainda são omissos em abarcar experiências daquelas mulheres submetidas a múltiplas formas de opressão – de gênero, raça, classe, dentre outras – como tem sido historicamente o caso das mulheres pretas que se localizam no que é chamado de interseccionalidade - termo que passou a ser adotado para discutir questões raciais mais fortemente a partir de 1989 com as ideias de Crenshaw. Nos Estados Unidos, algumas feministas pretas e pardas defendem a necessidade de uma especificidade de “estudos sobre mulheres negras” (Hull; Bell Scott; Smith, 1982, p. 17).

Essa dissidência do feminismo generalizado e universalista argumenta que a luta das mulheres brancas não representa ou leva em consideração as demandas e especificidades das situações vividas pelas mulheres pretas. Enquanto aquelas buscam espaços nas estruturas de poder, estas ainda batalham para terem reconhecimentos daquilo que é o mais básico para existirem. A mulher preta não desfruta da igualdade nem com as figuras pertencentes ao seu próprio gênero. É neste movimento de existência de um corpo preto e feminino em uma sociedade patriarcal, racista e capitalista que tais docentes são atravessadas pela cultura, significado e símbolos.

Sendo assim, tais significações encontram suas possibilidades na cultura e na comunicação. Ao dar visibilidade à trajetória dessas mulheres, espera-se contribuir para o entendimento de como elas ocupam esse território da ciência, tornando a produção do conhecimento científico mais democrática, inclusiva, não discriminatória

e justa - valores esses que pautam o movimento em direção à ciência aberta<sup>5</sup> e cidadã. Se a ciência visa ser mais aberta e cidadã ela deve estar disposta a discutir privilégios, questões de gênero e raça, dentre outras demais temáticas.

As mulheres pretas já foram e são trabalhadas cientificamente como objeto de estudo. Nesse aspecto, o caso de Sarah Baartman<sup>6</sup>, submetida ao escrutínio pseudocientífico mesmo após sua morte, é alegórico para compreender o racismo e o machismo estruturantes do projeto científico (Henderson, 2014). Ainda hoje, o papel atribuído às mulheres pretas na ciência é, majoritariamente, de objeto de pesquisa e não de produtoras do conhecimento científico - espaço que tem sido conquistado lentamente como um exercício de resistência política e conquistas do movimento negro.

É graças ao movimento negro, visto como sujeito político, que “não há como negar a presença de uma corporeidade negra, africana e afro-brasileira em espaços acadêmicos antes sequer pensados” (Gomes, 2011, p. 49), mesmo que a presença desse corpo nesses espaços ainda seja incipiente e cause estranhamentos. Isso aponta para o fato de que a transversalização de gênero, necessita ainda ser impulsionada pela interseccionalidade, que inclui o reconhecimento da diversidade dentro dos papéis de gênero e leva em considerações marcadores de diferença – sexualidade, religião, etnicidade, raça, necessidades especiais, dentre outros.

O presente estudo se justifica ainda e, acima de tudo, como uma contribuição ao estudo de gênero, raça, e ciência que leva em conta aspectos socioculturais, de um grupo social minoritário ao qual pertencem as mulheres pretas e por ser pertinente para os desafios atuais do ambiente acadêmico universitário que, ao manter acriticamente aqueles pilares constitutivos da ciência moderna, perpetua as perspectivas machistas, racistas, discriminatórias, que tolhem a inclusão das diferenças e das diversidades.

---

<sup>5</sup> A Ciência Aberta diz respeito à abertura dos dados e publicações de pesquisa, focando em produção coletiva e compartilhamento com o mundo, tornando-a acessível aos cidadãos e cidadãs. O intuito é aumentar a participação e disponibilidade pública do conhecimento científico baseado em novas rotas de difusão e compartilhamento, tornando a ciência mais inclusiva, colaborativa e transparente, de acordo com Albagli, Clinio e Raychtock (2014). Essa foi a proposição inicial. Hoje o movimento em prol da Ciência Aberta insere em suas agendas problemáticas relacionadas à ciência e gênero e ao projeto de uma ciência cidadã.

<sup>6</sup> Falecida em 1815, Baartman, mulher preta, teve seu cérebro, esqueleto e órgãos sexuais exibidos em um museu de Paris após a sua morte, até 1974. Seus restos mortais só retornaram à África em 2002, após a França concordar com um pedido feito por Nelson Mandela. Conhecida como a vênus negra, foi exposta como animal no zoológico. Ao resgatar o corpo, Mandela a enterrou, e fez uma cerimônia fúnebre, conforme ela merecia como ser humano.

Concebe-se nessas reflexões o corpo enquanto instituição política e comunicativa, já que ele tem algo a dizer através de suas marcas e vivências. Além disso, tomamos a comunicação como relações sociais entre indivíduos e, entre estes e o mundo. Assim sendo, este trabalho adentra o campo da comunicação ao localizar o sujeito mulher preta docente enquanto ser no mundo.

O termo comunicação é amplo e abarca uma série de significações, porém dentre diversos autores, autoras e suas definições para tal palavra, é possível identificar um ponto em comum para defini-la a partir do que se compreende por relação. Mainieri (2016, p. 28) explica que a vinculação entre indivíduos pressupõe o estabelecimento de uma relação, e nesse processo emerge, de acordo com o autor, a essência da comunicação.

A dimensão relacional, atribuída como aspecto generalizante da comunicação, é primordial para entendermos o cerne do comunicacional na sociedade. O indivíduo, ao “interatuar” (interagir e atuar) na sociedade por meio da comunicação, traz consigo essa dimensão (Mainieri, 2016, p. 28).

Por se tratar de relações, o ser humano está em, e é, comunicação, pois o indivíduo em comunicação constrói uma realidade social e cultural (Temer, 2005). Dessa forma, a comunicação está presente no cotidiano na relação entre indivíduos, e na interação desses com o mundo. Ela é sobretudo uma necessidade humana. Mainieri (2016, p. 30) reforça que “A comunicação é determinante para a produção e reprodução da vida social”, ou seja, é intrínseca ao ser humano e se constitui enquanto elemento central para a sociedade. Não se resume, portanto, apenas aos fenômenos tecnológicos e midiáticos, mas diz respeito às várias trocas entre interlocutores, o código e as mensagens, a linguagem, o canal, e assim por diante.

Pensando no comunicacional na ciência, identificamos no próprio modo de fazer ciência um princípio comunicativo. A comunicação é constituidora das relações sociais, inclusive no campo científico. A linguagem científica está envolvida em um fluxo de comunicação, e a ciência para ser validada não basta ser produzida, mas deve ser disseminada, comunicada, tornada pública. Todo processo de legitimação do conhecimento científico depende de seu sistema de comunicação, já que muitas vezes, esse conhecimento vem como estabelecimento de consenso. Logo, a produção científica necessita ser comunicada para ser reconhecida.

A ciência é um dispositivo comunicacional, é um modo específico de fazer

comunicação, pois necessita de instrumentos para se constituir. A ciência é discursiva e age em prol da interação social através de uma construção de narrativa e sentido. É na disseminação dos resultados das pesquisas que as próximas produções são feitas, e é na cadeia da comunicação científica que a ciência é realizada. Gomes e Barcelos (2020a) colocam a comunicação científica - entendida como aquela voltada para os pares - como atividade tática para se legitimar e validar o conhecimento cientificamente produzido.

A renovação do conhecimento científico vem da comunicação da produção aos pares, ou seja, o desenvolvimento da ciência deriva do ato da comunicação, pois se em cada trabalho são feitas referências bibliográficas ao que se foi produzido, é nessa corrente que a ciência se estabelece e se concretiza. Antigamente pelas cartas e posteriormente com os periódicos e livros, até chegarmos na era dos programas de televisão, cinema, sites e canais do *YouTube*, a ciência se populariza e somente assim, segue em continuidade. A comunicação viabiliza a preservação, “o fluxo, circulação e negociações de ideias entre atuantes internos e externos ao contexto” da ciência (Gomes; Barcelos, 2020b, p. 46). É consenso na literatura especializada no assunto que a ciência é dependente de um complexo sistema de comunicação, não somente entre pares, mas entre cientistas e sociedade.

Enfatiza-se assim, a importância de esse estudo ser feito no campo da comunicação, ao falar de corpo, sujeitos, relações entre estes e o mundo, e da prática da ciência. Ao contemplar a relação entre raça, gênero, mulher preta, ciência, pesquisa e docência, esse estudo contribuirá para o acervo de conhecimento relacionado às ciências sociais e, particularmente, às áreas de comunicação e informação, uma vez que a ciência moderna tem a comunicação, no sentido de fluxos de informação e narrativas para a construção do conhecimento, como um dos seus pilares estruturadores. Por se tratar de uma pesquisa que visa cartografar como se dá a ocupação e construção de territórios por parte dessas mulheres no campo acadêmico-científico, tem-se como justificativa do estudo também, os paradigmas que envolvem o modo de fazer ciência.

Para se pensar sobre tudo isso, a pesquisa se pautará em uma abordagem metodológica qualitativa. Entende-se por pesquisa qualitativa, a partir de Günther (2006), uma investigação que se pauta na observação ampla de um fenômeno. Essa vertente difere-se da quantitativa que costuma trabalhar com dados estatísticos.

O método escolhido foi a cartografia existencial<sup>7</sup>. Os seres humanos em suas falas produzem cultura, comunicação e símbolos, e nessas construções pode-se compreender mais como se dão as existências dos indivíduos em seus ambientes sociais. Nesse método, a teoria e a prática não se opõem, havendo uma harmonia entre produção de conhecimento e produção de realidade. É papel do pesquisador, ou, nesse caso, da pesquisadora, não somente representar seu objeto de pesquisa ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas sim compartilhar um território existencial entre sujeito e objeto, que se relacionam e se co-determinam (Alvarez; Passos, 2014).

O método cartográfico vem também como crítica aos métodos tradicionais de pesquisa em que, geralmente, o(a) pesquisador(a) tem uma perspectiva de terceira pessoa. Na cartografia, ao contrário, quem elabora a pesquisa visa também habitar o campo pesquisado ao invés de observá-lo do lado de fora. Com essa perspectiva de inclusão na construção dos processos, o(a) cartógrafo(a) se forma aqui enquanto aprendiz. Na abordagem cartográfica, o delineamento de um território existencial não é feito a partir de uma hierarquia pesquisador(a)-objeto, mas sim em horizontalidade. “Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo” (Alvarez; Passos, 2014, p. 135). Ao compor o próprio território existencial, a pessoa que observa o fenômeno engaja-se nele no ato cartográfico. Para isso, é necessário cultivar uma receptividade ao campo.

Como instrumentos de coleta, foram utilizadas as entrevistas em profundidade com três docentes pretas dos programas de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (aceite disponível no Anexo A). A sistematização e análise dos dados foi feita com a contribuição do cartografar os sentidos que as docentes dão às suas experiências no modo acadêmico ao dizer sobre os territórios que essas mulheres ocupam. As

---

<sup>7</sup> Apesar de a academia ser hierárquica, crê-se que o uso da cartografia existencial, que visa um compartilhamento de território entre quem produz a pesquisa (orientanda, orientadora) e a quem a pesquisa visa acessar (docentes pesquisadoras pretas dos programas de pós-graduação em comunicação da UFG e da UFMG), reforça que pesquisadores não são o topo do conhecimento científico. Sujeito e objeto são, na verdade, dois sujeitos do conhecimento. Cabe à pesquisadora reconhecer que não tem aquele conhecimento que aquela pessoa que está sendo entrevistada vai lhe dizer. Os dois seres, portanto, estão em déficit de conhecimento, e ali disponíveis para uma construir relação, com o intuito de aprender. São sujeitos que estão compartilhando conhecimento mesmo dentro de um território que segrega.

informações foram obtidas a partir das falas cedidas pelas mulheres entrevistadas.

Quanto à sua estrutura, o trabalho de dissertação está assim organizado: o capítulo intitulado “2. Ciência Moderna” trará para debate o que é esta ciência e como ela se constitui. Como subtópico haverá um aprofundamento nos pólos “2.1 Ciência, sociedade e exclusão” dedicando-se a pensar sobre a participação pública na ciência e no caráter excludente da mesma (ciência) no que diz respeito à corpos marginalizados. Em “2.2 A crítica feminista à ciência”, se apresentará os argumentos que colocam a ciência moderna como um projeto machista e discriminatório para, a partir daí, poder discutir a possível falta de espaço das mulheres nesses ambientes e apresentar novas formas e composição deste cenário.

O capítulo “O feminismo negro”, irá adentrar mais detalhadamente nas discussões sobre gênero e raça. Como subtópicos, para diferenciar as vivências das mulheres pretas, das de outras mulheres tem-se “3.1 Um debate sobre gênero”, e com o intuito de compreender como se diferenciam as realidades dos homens pretos e das mulheres pretas, será aprofundada a “3.2 Questão de raça”. Com o subtópico “3.3 Interseccionalidade, o feminismo negro e a ciência: a decolonização do conhecimento científico”, se tornará possível, assim, compreender melhor as realidades das mulheres pretas, enquanto pertencentes ao gênero feminino e à raça preta, já que, como citado anteriormente, tais marcadores formam tais mulheres em disparidade com a construção das mulheres não pretas e dos homens pretos. Além de debater, de que forma então, pode se dar essa ocupação de território científico-acadêmico por parte das mulheres pretas, de maneira justa e não discriminatória mesmo diante de tantas desigualdades operantes nos pólos estruturais do processo educativo. Será explicitado como os estudos do feminismo negro enxergam a ciência, e a dificuldade de ocupação desse território por parte das mulheres pretas, especificamente.

O capítulo “Mulheres pretas na ciência” construirá linhas para a compreensão do histórico das trajetórias de tais mulheres no campo científico. Para tanto, serão pensadas as “4.1 Desigualdades no processo educativo” e as “4.2 Desigualdades na docência superior”, trazendo para além de referências bibliográficas, alguns dados estatísticos quanto a presença das mulheres pretas nesses campos.

Estabelecidos os caminhos teóricos da pesquisa, iniciam-se no quarto capítulo “Cartografando existências, um aporte metodológico”, o discorrer e o desenvolver da motivação em se ter a cartografia existencial enquanto opção metodológica. No

capítulo “Mulheres pretas no território acadêmico-científico: cartografia existencial” serão feitas as análises das entrevistas em profundidade com docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação em comunicação da UFG e da UFMG, compreendendo se tal coleta de dados contribuiu para entender como se constrói o território existencial de mulheres pretas no ambiente acadêmico de pesquisa e docência. Nas “Conclusões Finais” será trago à tona o que foi possível perceber através das falas das mulheres entrevistadas no que concerne à ocupação do território acadêmico-científico por parte de seus corpos-presenças.

## 2 CIÊNCIA MODERNA

Aqui se debaterá sobre os princípios básicos de se fazer ciência, que levam a uma crença de que o conhecimento deve ser pautado unicamente na razão, característica geralmente vista como reservada aos homens. Visa-se compreender o que é a ciência moderna e como ela se constitui.

O conhecimento científico é o que se diferencia do senso comum. A ciência moderna nasceu durante a Idade Média com o intuito de explicar os fenômenos da sociedade, é o que explica Fourez (1995). No entanto, vale pensar que apesar de o conhecimento científico, por ser especializado, não ser de comum entendimento a todos e todas, isso não quer dizer que ele não afete a existência e rotina dos seres humanos no geral. A ciência nasce no interior de uma cultura, mas nem por isso deve-se sobrepor a cultura geral. Tal ciência não declara somente guerra ao senso comum, pois ocupou o lugar da religião na estrutura saber-poder. Nos sistemas feudais monárquicos, a religião ocupava esse lugar que hoje é atribuído à ciência.

A ciência moderna nasce declarando guerra ao senso comum e estabelecendo como princípio uma hierarquia na qualidade do conhecimento: enquanto aqueles adquiridos através dos sentidos possuíam qualidade inferior e secundária, os alcançados através da razão dispunham de um status superior e de qualidade primária. Todo o progresso da ciência, determinista e fragmentária, foi construído sob essas bases, que não deixaram de ser importantes para certo tipo de compreensão da realidade (Germano, 2011, p. 246).

Germano (2011) traz uma reflexão sobre como os saberes e as técnicas de sobrevivência utilizadas pelo homem no início de sua existência, mais à frente iria transitar para o início da ciência e da tecnologia. A consolidação de tais técnicas ocorreu também devido à linguagem. Germano (2011, p. 38) afirma: "É, pois, através da cumplicidade social da palavra, coetânea com o trabalho, que se tornam factíveis as técnicas, que estão muito mais próximas dos saberes e práticas cotidianas e de senso comum".

A ciência surge em meio a um contexto social, cultural e político, em se tratando de acontecimentos históricos pautados no processo de colonização, tem-se que o imaginário social, histórico e científico dos europeus que chegaram às regiões colonizadas – tidas por eles, como inferiores - impulsionados por seus conhecimentos e tecnologias, viam as populações dessas regiões como desprovidas de pensamentos

(Rosa; Alves-Brito; Pinheiro, 2020). O colonizador é a referência padrão universal e civilizada, enquanto os povos colonizados são tidos como primitivos.

Essa ideia de separação foi reforçada também no campo da ciência podendo serem trazidos a título de exemplo os ideais propostos por René Descartes que via na ciência diferenciação entre o que era universal x particular; mente x corpo; razão x emoção, gerando os princípios de que a ciência deveria ser pautada na objetividade e na neutralidade.

Ainda no aspecto científico, o Iluminismo com sua intenção de humanização do mundo com base na ciência, caracterizou o sujeito universal (branco). Enquanto ideias basilares da ciência, os fundamentos do pensamento iluminista contribuíram para a exclusão de corpos e mentes não brancas.

A visão eurocêntrica da ciência faz com que as histórias sejam contadas a partir de sua perspectiva, subalternizando as localidades colonizadas. A história do continente africano é mal contada até mesmo nos processos educativos escolares, e sempre apenas a partir da escravidão, como se isso definisse os povos africanos.

Uma breve leitura da história nos mostra que o Antigo Egito (3200 a.C – 332d.C) tem origem bem anterior à da Grécia antiga (1200 a.C - 529 d.C) e que a própria humanidade surge no continente africano. Como imaginar que esses povos se mantiveram improdutivos material e intelectualmente por milênios e que só merecem um capítulo na história da humanidade a partir do episódio macabro da diáspora africana escravagista, traduzido por nós como a desumanização, o genocídio e o sequestro humano (de seus corpos e de suas memórias)? (Rosa; Alves-Brito; Pinheiro, 2020, p. 1449).

Disseminar a ideia de que o polo da produção do conhecimento está na Europa é uma maneira de subjugar as outras regiões, e essa prática é consequência e resultado de uma construção dominadora por parte dos países colonizadores. A violência da negação da produção de certos povos é fruto de um ato feito pelas regiões hegemônicas que inferiorizam os “outros”.

Aprendemos desde criança e passamos nossa vida inteira chamando a Europa de “o velho mundo” (mesmo sabendo que a humanidade surgiu na África). Quando viajamos para a Europa, dizemos que vamos ao berço das civilizações (mesmo sabendo que no mundo existem civilizações anteriores), propagamos a noção de que a universidade surge na Europa, em Bolonha (uma fácil busca no Google nos revela que a primeira universidade do mundo é a universidade de Al-Karaouine em Fez no Marrocos, Leste africano).

Além disso, julgamos que europeus são mais avançados e civilizados a ponto de que nossos doutorados sanduíche e nossos pós-doutorados corriqueiramente precisam ser feitos na Europa, mesmo que seja uma temática profundamente endógena e com grandes centros de referência no Brasil. Por último, acreditamos que a Europa é o padrão de ciência e intelectualidade. Assim sendo, todo fenótipo fora do padrão europeu (a exemplo de pessoas negras e indígenas) é caracterizado como não desenvolvedor de ciência, mas de conhecimentos populares, de não-intelectual, mas destinado a trabalhos braçais. Esses são alguns dos vários padrões de colonialidade que atualmente estão fortemente presentes em nossas vidas (Rosa; Alves-Brito; Pinheiro, 2020, p. 1451).

Logo, essa visão de que às pessoas pretas devem ser destinadas apenas funções braçais e não intelectuais, favorece a existência e perpetuação do racismo no ambiente científico.

A ciência se sustenta, portanto, em normas e valores que são, por vezes, embasados em parâmetros ideológicos de impacto social e político. O caráter excludente da ciência moderna é reflexo das próprias normas que a sustentam. Essas normas, foram definidas por Robert Merton (1979), são elas: universalismo, comunismo, desinteresse, ceticismo organizado. Apesar de Merton (1979) visar, a partir desses valores, livrar a ciência de quaisquer perspectivas subjetivas influenciáveis e vieses ideológicos, tais premissas endossam a semiótica que envolve a ciência, de que não é uma produção voltada para todos(as), mas somente àqueles capazes de sustentar os valores por ela preconizados.

Nos anos 60, a ciência foi vista como o início do progresso da sociedade, o ponto de partida para a sua evolução. Gilberto Velho explica que se passou a enxergar a “ciência como motor do progresso” (Velho, 2011, p. 137).

Nas décadas de 60 e 70 passa-se a pensar também sobre os impactos negativos da ciência e do desenvolvimento das tecnologias. Velho (2011) complementa:

Foi neste contexto que a ciência e a tecnologia, assim como suas relações com a sociedade, se tornaram objeto de estudo, dando origem aos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Esse contexto social foi fundamental para a mudança na concepção de ciência (Velho, 2011, p. 139).

Tem-se a partir daí a ideia de que a ciência produz efeitos no funcionamento social, político, ambiental, e econômico inclusive no que diz respeito às taxas de

desemprego. Assim sendo, apreende-se que ela não é neutra nem autônoma em suas ações.

Velho (2011) explica que anteriormente acreditava-se que a ciência empurrava a tecnologia, mas que a partir dessas novas percepções passou-se a ver que eram as necessidades humanas que puxavam o desenvolvimento científico - é o que ela difere entre *Science push* e *demand pull*. A avaliação nesse momento além de ser feita pelos pares era também pensada pelos indicadores científicos, ou seja, unidades especializadas.

A partir das décadas de 80 e 90, afasta-se dos pilares de Merton, e assume-se que a ciência é socialmente construída, é o que explica Velho (2011). A produção de conhecimento torna-se múltipla e ocorre em locais variados. O sucesso das produções não é mais medido pelos pares necessariamente ou pela comunidade científica, mas sim pelos impactos causados socialmente.

No século XXI, “a nova concepção de ciência que está sendo delineada admite que existem muitas formas diferentes de conhecimento e que estas se relacionam de forma variável e assimétrica” (Velho, 2011, p. 145). Visa-se caminhar em direção ao bem-estar social através das novas políticas de Ciência, Tecnologia & Inovação (CTI).

Vê-se, assim, que a ciência passou por várias fases ao longo do tempo, mas que possibilitou muitos avanços. No entanto, o conhecimento é assimetricamente distribuído na sociedade.

Certamente que, o conhecimento produzido sobre os fundamentos de uma sociedade profundamente desigual em suas bases materiais e dividida em classes que se antagonizam por interesses adversos, também se encontra distribuído, de uma forma assimétrica e excludente, onde os reconhecidos avanços na produção científica e tecnológica contrastam com uma evidente e vergonhosa realidade de pobreza e analfabetismo (Germano, 2011, p. 25).

Em uma sociedade pautada na produção de conhecimento através da CTI, quem não tem acesso a esse tipo de bens fica também sujeito a um tipo de estado de pobreza. O conhecimento científico e tecnológico são moedas de riqueza e poder, logo, a possibilidade de acesso ao conhecimento e a participação no processo de sua produção dita um tipo de riqueza do ser humano (Germano, 2011, p. 25). A popularização da ciência e da tecnologia deveria ser, portanto, um direito básico e comum aos cidadãos e cidadãs.

Se for razoável que o cientista necessita comunicar suas “descobertas”, não é menos razoável, que esta comunicação tem sido cada vez menos trivial. Embora a capacidade atual dos meios de comunicação seja fantástica, a linguagem de cada pesquisador encontra-se protegida pela especificidade de seus próprios códigos. Assim, tanto no que se refere à codificação particular da linguagem como no que diz respeito ao controle e privatização inerentes aos interesses econômicos, o conhecimento científico sempre esteve e, certamente continuará, envolvido com a antiga e inevitável questão do poder (Germano, 2011, p. 28).

As principais críticas relacionadas à popularização advém do fato de que ela não deveria ser só a tradução da linguagem científica em uma acessível, não seria apenas oferecer eventos pontuais como a semana nacional de ciência e tecnologia, não é difundir a ciência sob a ótica de transmissionismo (academia “entregando” a ciência para a sociedade). A popularização seria informar e educar para a ciência e a tecnologia (Ferreira, 2014).

A divisão social do trabalho foi um ponto marcante para o estabelecimento da ciência moderna já que essa divisão entre as pessoas detentoras de conhecimento e o grupo dos operários voltados à produção de bens fez com que se estabelecesse quem e quais seriam os critérios da elaboração científica.

O racionalismo e o empirismo em união geram a prática da ciência moderna, pois é a partir do raciocínio e das experimentações que se chega às conclusões necessárias para confirmação de teorias.

Filósofos gregos como Platão, Aristóteles, dentre outros, foram os responsáveis para que se desse o pontapé inicial do que viria a ser o conhecimento científico. Um outro marco dessa construção é a descoberta de Nicolau Copérnico sobre a Terra não ocupar o centro do universo. Ao questionar a astronomia tradicional, Copérnico dá início a caminhada para o que se entenderia posteriormente por ciência moderna. Descobertas como a lei da gravitação universal de Newton, elaborações de Galileu Galilei, são passos importantes para o estabelecimento de tal ciência. Logo, vê-se que a ciência e a experimentação datam de longa data, porém a ciência moderna é a classificada a partir do século XX, períodos anteriores a esse serviram para a construção do solo fértil para a chegada da mesma.

Conforme explica Germano (2011, p. 77), a ciência moderna se construiu a partir de bases filosóficas, pois, “Se Galileu e Kepler são reconhecidos como os ‘pais’ da ciência moderna, Descartes e Bacon podem ser considerados como os ‘pais’ da

filosofia moderna”. Descartes, ao propor o método cartesiano, buscava, a partir de seus conhecimentos, fugir do senso comum feito a priori dos estudos e da construção do conhecimento. Partindo do princípio da dúvida, o estudioso questionava tudo, até mesmo a própria existência. Bacon, empirista, diferentemente de Descartes, pregava o método indutivo.

Apesar de suas diferenças, ambos - Descartes e Bacon - concordam quanto à importância da dúvida em busca do conhecimento verdadeiro. As ideias de Hobbes obtiveram também forte impacto na construção da ciência, com sua concepção naturalista. Locke com sua contribuição ao empirismo também é um dos nomes importantes da base do fazer científico, para além de outros filósofos (Germano, 2011).

Ainda de acordo com Germano (2011), as revoluções industriais também influenciaram na evolução da ciência, desde a construção das máquinas até a descoberta da eletricidade, impactos que viriam a alterar toda a dinâmica futura da existência humana, a utilidade desses estudos comprovaram-se essenciais.

A evolução dos meios de comunicação endossara o desenvolvimento das técnicas e tecnologias, além de terem se tornado palco ao longo dos anos para a possibilidade das divulgações e descobertas científicas feitas. É um produto da evolução da ciência que promove ainda mais a evolução dela.

O desenvolvimento científico tornou-se uma promessa de progresso e bem-estar para todos os seres. Era vista inicialmente, portanto, com entusiasmo. Porém sabe-se que a ciência moderna passou por momentos de crise, é o que afirma Germano (2011).

Ainda sobre critérios de cientificidade, Popper (1978) não foca no paradigma indutivo, mas sim no princípio construtivo e gradual do conhecimento científico. Kuhn (1979) atribui os avanços da ciência ao que ele chama de revolução científica e fala em saltos revolucionários, enquanto Popper (1978) pauta-se no princípio da falseabilidade. Germano (2011, p. 152) diz: “enquanto Popper entende a ciência como um processo permanente de críticas e revoluções, para Kuhn, as revoluções são excepcionais e extracientíficas, ou seja, em tempos de ciência normal, as críticas são temidas e exorcizadas”. Para Lakatos, a ciência visa aproximar-se da verdade (Germano, 2011). Feyerabend (1977) crê que há subjetividades na ciência, e certas questões imensuráveis, pois acredita que apesar da busca pela verdade, a ciência possui suas próprias ideologias. Enquanto isso, Bachelard (1986) crê em rupturas

epistemológicas, em que novos conhecimentos negam anteriores.

A ciência moderna é, há tempos, alvo de críticas por certos estudiosos. Adorno e Horkheimer tomaram esse posicionamento crítico frente ao modelo científico. Isso ocorre, principalmente, frente aos horrores das 2 guerras mundiais - onde ciência e tecnologia, principalmente na Segunda Guerra, tiveram papel preponderante. “De acordo com Adorno e Horkheimer, enquanto se imagina que a ciência nos ajuda a vencer o terror do desconhecimento da natureza, somos, de fato, submetidos às novas pressões sociais que a própria ciência nos impõe” (Germano, 2011, p. 178). Para Marcuse, a ciência é envolta por um poder de controle social e dominação, essa é mais uma crítica à ciência moderna.

A tese central de Marcuse é uma tentativa de mostrar como a ciência, por conta de seu próprio método e de seus conceitos, projeta e promove um universo no qual a dominação da natureza permanece ligada à dominação do próprio homem e a natureza cientificamente compreendida e dominada, ressurgue no aparato técnico de produção e destruição da natureza, mantendo e aprimorando a vida dos indivíduos enquanto os subordina aos senhores dos novos aparatos técnico-científicos (Germano, 2011, p. 188).

Outro pensador da segunda geração da Escola de Frankfurt, Habermas (1987), critica a neutralidade da ciência ao reforçar que as produções são movidas e influenciadas por dispositivos de interesse. Weber (2001) dedica-se também a pensar sobre o fato de a ciência não ser neutra, pois apesar de a objetividade do conhecimento (ou seja, a desconsideração de juízos de valor por parte do pesquisador), a neutralidade do cientista e a confiabilidade dos resultados serem exigências fundamentais do modelo positivo de Sociologia, o autor discorre que ao excluir totalmente a ideia de valores, o paradigma positivista desconsidera que a objetividade não necessariamente deve resultar em um desligamento dos interesses e dos valores, pois a ciência não se faz sendo vazia de ideais. Ou seja, a ciência tende a ser atravessada por valores, já que a produção do conhecimento está ligada ao tempo e ao local em que se produz.

A ciência já nasce de um berço de interesses, a título de exemplo, do próprio cientista. Ao selecionar a importância de uma causa para determinado fenômeno, isso já é feito através de visões de mundo, de ideais. Os valores contribuem para a seleção da escolha do objeto de estudo por parte do cientista, e também para o direcionamento da pesquisa.

Percebe-se assim que a construção da ciência moderna se deu ao longo de anos e contou com diversos nomes, paradigmas e fundamentos. Além disso, sua existência e evolução foi tanto alvo de críticas quanto de celebrações. De qualquer forma, para esse trabalho é importante que se enfatize o fato de que tal ciência não é neutra, não pode ser universal e tampouco leva em consideração os diversos componentes sociais presentes na realidade humana, pendendo e pecando por crenças que podem vir a ser preconceituosas e excludentes. Assim sendo, é válido pensar em outras maneiras de se fazer ciência. Maneiras mais abrangentes e inclusivas. Reflete-se a seguir sobre possíveis novos paradigmas de uma nova ciência.

## **2.1 Ciência, sociedade e exclusão**

Esse subtópico se reserva a pensar de que forma a ciência se funda e é construída. Ela é inclusiva? Será que existem maneiras de se caminhar para uma produção de conhecimento mais inclusiva e menos excludente? Para isso, o fazer científico teria de ser contestado em sua estrutura básica. É necessária ruptura epistemológica com a ciência moderna como pressuposto necessário às iniciativas de uma ciência mais acessível, popular e menos elitista. Busca-se uma ciência cidadã, que não tenha como ser universal um só corpo (homem branco cisgênero heterossexual) e que abra espaço para a participação pública na ciência.

As possíveis novas descobertas científicas apontam para uma não irreversibilidade da ordem científica. Independentemente de como se dê o caminhar da nova ciência, o que se leva em consideração é que os seres humanos não devem se ver alheios ao universo e à natureza, mas sim pertencentes e em aliança.

A capacidade reducionista da ciência deve ser criticada, pois nem todos os fenômenos do universo podem ser explicados a partir de uma teoria ou de um só tipo de linguagem. A ciência deve seguir produzindo conhecimentos especializados, porém mantendo em mente que tais conhecimentos devem ser popularizados, e devem estar a serviço da população, ao invés de deixá-la de fora de sua realidade. Compactua com essa ideia, Germano (2011).

A separação sujeito/objeto dentre outras dualidades passa a ser repensada nos novos paradigmas. A ciência deve ser humana e social e, levar em consideração os diversos tipos de saberes existentes, para além dos que são produzidos dentro dela.

Um exemplo que ilustra muito bem este fato são os estudos e pesquisas da biodiversidade que, sem o imprescindível auxílio e orientação dos saberes indígenas, dos guias e mateiros e das comunidades ribeirinhas, seria completamente impossível. No entanto, a visão indolente da ciência, como única fonte de saber, continua produzindo a ausência destes, como de muitos outros saberes que, uma vez sistematizados e apropriados pela ciência, são desqualificados e esquecidos (Germano, 2011, p. 240).

A crença na ciência como critério único da verdade contrapõe-se a outros possíveis saberes e negligencia certas práticas sociais colocando-as como inferiores. Eis a necessidade de uma mudança de pensamento que vise uma maior horizontalidade e comunicação da ciência. Nos novos paradigmas científicos vê-se como possibilidade o reencontro da ciência com o senso comum, deixando de inferiorizar outros tipos de saberes e sua importância para os desenvolvimentos sociais e culturais (Germano, 2011, p. 278). A ciência não é e nem deve ser a única forma de conhecimento possível.

Nesse sentido, buscar o diálogo com outras formas de conhecimento é uma atitude mais fecunda e reconhecidamente aceita pela nova visão de ciência que desponta no início do século XXI. E, sem dúvida, o conhecimento do senso comum; aquele “de experiência feito” e que orienta todas as nossas ações cotidianas é a mais importante de todas estas formas (Germano, 2011, p. 278-279).

Uma outra maneira de fazer ciência que caminharia para uma ação menos elitista seria de fato colocar em prática a participação pública na ciência. Ter domínio sobre a produção de conhecimento é ter poder, por isso, permitir que existam pessoas analfabetas da ciência seria colocá-las em estados inferiores e em um novo tipo de pobreza. A participação pública na Ciência e Tecnologia (C&T) é um modo de inclusão social. Comunicar a ciência e pensar a participação pública na mesma, contribuiria para uma união sociedade/comunidade científica, que resultaria em um progresso ainda maior dos feitos científicos. É fato que a popularização da ciência não trata nem rompe com o fato de que a ciência é excludente ao selecionar quem produz o conhecimento científico, mas comunicar a ciência e abrir dados e publicações de pesquisa, tendo em vista uma produção coletiva e compartilhamento com o mundo, tornando-a acessível aos cidadãos e cidadãs contribui para pensar pautas relacionadas à ciência e gênero, por exemplo.

Não é custoso repetir que a negação histórica do acesso ao conhecimento científico e tecnológico vem se constituindo em uma das mais perigosas formas de exclusão social, estando presente nas relações entre indivíduos, grupos sociais e até entre nações (Germano, 2011, p. 306).

Existem várias problemáticas ligadas à dificuldade da participação pública na C&T. A popularização da ciência não rompe aquelas dicotomias produzidas pelos pilares da ciência, pois compartilhar resultados da ciência, sem nada dizer sobre como e quem produz o conhecimento científico, não muda efetivamente esse cenário excludente. Em um país com alta taxa de analfabetismo, como é o caso do Brasil, falta ainda educar a população em relação aos conhecimentos básicos educacionais de leitura e escrita para somente depois conseguir discorrer sobre o conhecimento científico. Além disso, mesmo no contexto das escolas, por vezes essas não possuem recursos financeiros o suficiente para incentivar desde o ensino básico a compreensão do fazer científico, pois não conseguem levar os estudantes a terem acesso a laboratórios de qualidade, assim a população cresce e se desenvolve sem que esse interesse seja incentivado. O que resulta em uma frequência baixa de visitas aos museus devido aos baixos níveis de renda e escolaridade.

Além disso, conforme cita Germano (2011, p. 313) “os baixos níveis salariais dos professores que, ao longo de vários anos vêm acumulando perdas substanciais, resultaram numa enorme carência de profissionais da educação, sobretudo nas áreas das ciências naturais”. Faz-se necessária assim uma reorganização do funcionamento educacional para que se desperte o interesse da população pela ciência, fazendo com que ela perceba ser pertencente a isso, sem que haja uma divisão entre “quem consegue produzir conteúdo” que seriam os/as cientistas e “quem irá apenas consumi-lo”, pois a produção tecnológica afeta a população e, por isso, para além de apenas consumir e apreciar, é importante que os cidadãos e cidadãs a compreendam para terem o direito de opinar sobre.

O acesso à ciência e tecnologia está diretamente ligado ao desenvolvimento dos países que, quando possuem em suas mãos as produções de C&T, deixam de serem economicamente dependentes de outras nações e de serem subdesenvolvidos (Germano, 2011).

A intenção de despertar o interesse da população pela C&T vem também da ideia de buscar atrair cada vez mais jovens e mais pessoas para as carreiras científicas e tecnológicas, para que assim, o desenvolvimento perdure

sequencialmente. Mas, isso não basta. Tem que haver outras medidas compensatórias para que os menos favorecidos possam ver a possibilidade de, se quiserem, ser cientista, como melhoria e incentivo para educação continuada.

Vale citar aqui, a título de exemplo, o projeto “Investiga Menina! UFG” que faz ações coletivas sobre as contribuições das Mulheres Negras Contemporâneas nas Ciências & Tecnologias. O projeto surgiu em 2016, através de uma parceria entre o movimento negra/o feminista negro, com o Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado e coletivo negro/a Ciata, do Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão (LPEQI), do Instituto de Química da Universidade Federal e a comunidade escolar do Colégio Estadual Solon Amaral (Bastos, 2020). Ele objetiva inspirar alunas e mulheres a seguirem a carreira profissional e acadêmica na área das exatas e na esfera tecnológica, de modo a despertar nestas o interesse por Ciência & Tecnologia.

Outros projetos a serem citados são o Prêmio “Carolina Bori Ciência & Mulher” da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC, 2019); o projeto da UFG “Aprender Fazendo: a abordagem hands-on para futuras estudantes de Computação, Ciências Exatas e Engenharia” (Santos *et al.*, 2021). Para além disso, a participação pública na ciência contribuiria para um maior interesse por parte das pessoas em financiá-la economicamente.

Se em um regime democrático, em última instância, é o povo, através de seus representantes, quem decide sobre a liberação, ou não, de recursos para a ciência, torna-se necessário esclarecer a comunidade sobre as vantagens das pesquisas e projetos científicos para que os governantes sintam-se forçosamente compelidos a apoiarem tais iniciativas. Um povo basicamente informado sobre assuntos de ciências teria maiores chances de apoiar os grandes empreendimentos científico-tecnológicos (Germano, 2011, p. 332).

A popularização da ciência perante à população contribuiria, portanto, até mesmo, com o desenvolvimento da mesma, já que com o apoio da sociedade, abririam-se portas para um maior investimento dos fazeres científicos por parte de representantes políticos em uma rede de jogos de interesse. A política precisa de apoio e voto público e, se a população dissesse que na ciência vale a pena investir, isso mudaria o posicionamento dos líderes oficiais de certos países (Germano, 2011).

A Ciência Aberta é sobretudo um movimento político, social e econômico em que o(a) pesquisador(a) tem o papel de trabalhar em prol do acesso livre aos dados de pesquisa, optando pelo caminho da transparência em que faz-se uma reprodução,

replicação da pesquisa. E ao pensar em Ciência cidadã, considera-se que a sociedade colabora com a produção científica. Essa ciência pressupõe abertura e colaboração. Advoga-se a favor de uma produção coletiva e de uma fácil acessibilidade e compartilhamento do que se é pesquisado. Devido à importância da informação e do conhecimento, principalmente em uma era do capitalismo informacional, o papel do conhecimento encontra-se em uma relação de novas formas de apropriação e produção do valor (Albagli; Clinio; Raychtock, 2014).

Tornar a ciência mais humana e inclusiva, que é onde se faz o movimento da Ciência aberta e cidadã, é torná-la mais justa, pois sabe-se que ela negligencia certos grupos, que merecem também acesso às descobertas que tanto afetam as realidades humanas, sociais, políticas e econômicas de toda a população.

## **2.2 A crítica feminista à ciência**

A crítica feminista à ciência visa perceber o porquê de o espaço acadêmico científico raramente ser visto como algo de mulheres. De onde vem essa cultura? Bandeira (2008), Keller (2006) e Sardenberg (2002) serão trazidas aqui para o percebimento da existência de uma ciência androcêntrica e discriminatória para a partir daí poder ser discutida a falta de espaço das mulheres nesses ambientes e aí buscar uma nova forma e composição deste cenário.

Quanto ao fato de o conhecimento científico ser um espaço excludente, Bandeira (2008) contribui para essa discussão ao discorrer em seu texto sobre as contribuições das críticas feministas à ciência, em que ela afirma que

A centralidade da crítica está posta na forma de organização do mundo social e natural materializado nas relações sociais, cognitivas, éticas e políticas entre homens e mulheres, assim como nas suas expressões e significados no mundo simbólico (Bandeira, 2008, p. 209).

A maneira como o funcionamento da sociedade já está posta influencia intrinsecamente em todas as relações sociais e fluxos comunicacionais existentes entre os seres humanos, e entre esses e o mundo. Assim, as críticas feministas à ciência têm como ponto central “as formas e as expressões das racionalidades científicas existentes e predominantes, portadoras de marcas cognitivas, éticas e políticas de seus criadores individuais e coletivos – os masculinos”. Argumentam que

é a partir dessa etiqueta de racionalidade que “os/as cientistas são demarcados/as também como portadores/as de características de gênero, raça, classe social e cultural” (Bandeira, 2008, p. 210).

A ciência é um campo que desde seus primórdios foi pensado e dominado por homens. As mulheres não eram vistas como seres intelectuais e, conseqüentemente, a elas era negado o acesso à educação. Desde a sua criação então, o campo científico foi estabelecido e concretizado conforme pensamentos masculinos europeus, portanto, branco em sua base. O próprio modo de fazer ciência foi pensado a partir da perspectiva masculina. Logo, a crítica feminista à ciência considera haver um domínio masculino e universalista frente ao conhecimento, e crê que essa dominação não é refletida apenas na existência de muitos autores homens, mas há um impacto no próprio modo de fazer ciência. Enfatiza-se que ao se ter uma maneira não democrática de produzir conhecimento científico, o grupo das mulheres não é o único afetado pela dominação masculinista, isso também ocorre com todos os grupos naturalmente oprimidos pelo patriarcado, como os raciais.

Se por um lado a crítica feminista contrapõe-se a um conhecimento totalizante, masculinista e universalista, por outro, vale lembrar que sua produção traz as marcas de seus criadores. Foi a crítica feminista que partiu da condição de consciência histórica reconstruída, a qual possibilitou visibilizar um sistema de dominação masculino arraigado relativo às mulheres que se colocavam como substrato à produção do conhecimento científico. Nesse contexto, as mulheres como sujeitos individuais e coletivos e como sujeitos do conhecimento compartilharam das mesmas exclusões e incertezas relativas a outros grupos sociais, nos caminhos da construção científica, tais como certos grupos étnico-raciais (Bandeira, 2008, p. 210-211).

Os estudos feministas no campo da ciência se voltam para críticas a esses pilares por considerá-los fundantes para a invisibilidade e para os poucos créditos dados às mulheres no campo científico. O movimento feminista na ciência coloca em pauta a discussão do fato de que o espaço científico restringe a participação das mulheres. Algumas feministas reconhecem que apenas lutar pela ocupação desse espaço não é suficiente para que o campo científico seja mais equitativo. Para que isso ocorra, advogam pela desconstrução de premissas básicas que sustentam o projeto da ciência moderna, já que essa, não é nem nunca foi neutra ou universal (Sardenberg, 2002, p. 89). Como empreendimento histórico-socialmente constituído, a ciência reflete os valores predominantes de uma época, de uma classe e de um gênero, nos diz a autora ora citada. A posição feminista de repensar

epistemologicamente a ciência mostra-se relevante ao colocar para apreciação um novo modo de produção do conhecimento científico mais inclusivo, cidadão e localizado.

Nesse sentido, as questões levantadas pelas feministas não se resolvem somente pela inclusão de mais mulheres na ciência, conforme sugerido pelo feminismo da igualdade. A supressão verdadeira do problema viria a partir de uma reestruturação dos pilares epistemológicos da ciência. A proposição de uma nova ciência aponta para possibilidade da existência de uma ciência feminista ou uma ciência da diferença (Sardenberg, 2002). Muitas vezes, quando se aprofunda nas estatísticas da representação do gênero feminino nas atividades científicas, conclui-se que, mesmo quando presentes, essas ainda enfrentam obstáculos e dificuldades para avançarem na carreira e galgarem posições de destaque e reconhecimento, principalmente em áreas tidas como mais objetivas e elitizadas, conforme discutido por Lima (2014). A atuação feminina faz-se mais evidente em áreas como psicologia, linguística, nutrição, enfermagem, fonoaudiologia, serviço social, pedagogia, dentre outras do campo das ciências humanas e sociais aplicadas, notadamente atividades voltadas para o cuidado. Ainda assim, isso não quer dizer, necessariamente, que elas terão mais prestígio e reconhecimento que seus colegas homens nessas áreas.

Lima (2014), Oliveira, Melo, Pequeno e Rodrigues (2021), Silva e Ribeiro (2014), constataam que mulheres não avançam na carreira acadêmico-científica na mesma proporção que os homens, são poucas aquelas que desempenham cargos administrativos, recebem de bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq, integram comitês de assessoramento e cargos de direção das agências de fomento e, estão em posição de liderança nos rumos da CT&I no país. No entanto, mesmo diante de ações que procuram diminuir as desigualdades no meio acadêmico e das críticas feministas sobre os próprios pressupostos estruturantes da ciência em prol de um novo modo de fazer ciência, é necessário enfatizar que tais questionamentos ainda são incipientes em termos raciais.

O argumento de que o campo científico é um espaço reservado aos homens se dá pelo estabelecido patriarcado que determinou que o homem deveria estudar e trabalhar para trazer o sustento à sua família, enquanto a mulher deveria reservar seu tempo para procriar e cuidar da prole. Um dos períodos históricos que fortaleceu essa ideia de os homens serem superiores a outros seres e grupos sociais foi o próprio Iluminismo, que tinha o homem como centro de tudo e dono da razão.

Como se observa a exclusão da presença feminina não era apenas explicitada em termos da naturalização, pois era fartamente justificada pela incapacidade e pelo obscurantismo das mulheres, ao contrário dos homens, que se notificavam pelas luzes e pela objetividade (Bandeira, 2008, p. 212).

Para melhor compreender os embates entre os gêneros e as diferenciações de acesso por parte de cada um faz-se necessário pensar sobre o que é a categoria gênero. O sexo biológico é o que diz respeito à anatomia inata dos seres humanos, já o gênero é um conceito que foi construído socialmente ao longo dos anos e que foi utilizado muitas vezes como argumentação para definir diferenciações entre os papéis tidos como femininos e masculinos. Esse discurso é proliferado tanto na grande mídia, quanto em publicações científicas, e também no senso comum. Alguns lutam por essa comprovação de que existe uma distinção radical entre os gêneros a partir de seu sexo biológico, crença refutada e contestada pelos estudos feministas.

A crítica feminista, ao disseminar o conceito de gênero como um conhecimento situado, constituído nas relações históricas e sociais, nas relações desiguais de poder em que estiveram implicados mulheres e homens, oferece um novo olhar sobre a realidade possibilitando localizar as distinções entre características consideradas masculinas e femininas presentes no cerne das hierarquias do mundo social e do conhecimento, cujas marcas de gênero têm-se deslocado para a teoria social (Bandeira, 2008, p. 222-223).

Logo, não existem papéis reservados aos homens ou às mulheres, cada um desses seres possui a capacidade de executar quaisquer funções que queiram. Não faria sentido, portanto, universalizar o sujeito científico considerando que o sujeito social que produz a ciência não é único e universal, não só pelas diferenciações de gênero, mas por todos os códigos culturais que atravessam o sujeito. Assim sendo, os sujeitos não se diferenciam apenas pelos seus gêneros

e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito 'engendrado' não só na experiência das relações de sexo, mas também nas de raça e classe; um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido (Lauretis, 1994, p. 208).

Pensando sobre isso, reforça-se que a ciência é errônea quando tenta universalizar o sujeito pertencente a ela. Trazendo à tona os estudos culturoológicos

através dos pensamentos de Hall (2006), essa multiplicidade e contradição do sujeito se dá não somente pelas diferenciações nas categorias sociais, mas devido às construções identitárias no pós-modernismo.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 13).

O autor afirma que o feminismo é um dos motivos da descentralização da identidade do sujeito pós-moderno, que anteriormente tinha uma identidade mais unificada e coerente, que passa a ser difusa e descentralizada. A contribuição do feminismo se dá, de acordo com Hall (2006), pois o feminismo é uma política de identidade dos movimentos sociais e questiona a distinção entre “dentro” e “fora” ao declarar que “o pessoal é político”, coloca em xeque os conceitos tradicionais de identidade ao questionar a generalização, a diferença e subjetividade dos papéis de gênero e a formação de identidades.

As relações sociais não são neutras, assim como a ciência não o é. A ciência não é completamente imparcial e esvaziada de ideologias. Parte-se de um lugar social de quem realiza o conhecimento científico. A crítica feminista visa denunciar o caráter particularista, ideológico, racista e sexista da ciência. Conforme Rago (2000) há um conceito universal de homem, que remete ao branco/heterossexual/civilizado/do primeiro mundo, e deixa de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência.

A crítica feminista alerta que o conhecimento científico não é uma entidade objetiva, afinal é parte da condição cultural dos atores sociais. Enquanto diferenciações de gênero, conforme explica Lauretis (1994), há uma limitação em observar o gênero apenas como diferenças sexuais, e não se deve olhar para o feminino apenas como em oposição ao sexo masculino, a mulher não é apenas o que é diferente do homem, pois ainda existem as diferenças entre as próprias mulheres, e essas não podem ser entendidas como diferenças sexuais. O gênero é uma construção social que é feita também na comunidade intelectual. A questão não afeta só mulheres brancas cis gênero heterossexuais, mas pretas, latinas, lésbicas, transexuais, dentre outras. É necessário que essa crítica feminista à ciência caminhe para uma transformação sociocultural e que alcance todas as mulheres.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (Scott, 1995, p. 86).

Percebe-se que as classificações de gênero impactam no estabelecimento do poder simbólico. Assim, os conceitos de sujeito, mente, razão, objetividade, dentre outros, que estruturam os princípios da ciência moderna, foram identificados com o “masculino”, enquanto os termos dicotômicos como – objeto, corpo, emoção, subjetividade, natureza, etc, sobre os quais os primeiros se impõem hierarquicamente – fazem parte do que historicamente se construiu como o “feminino”. Em outras palavras, tal qual sugeriu Joan Scott (1995), também nas construções científicas as categorias de gênero aparecem como instrumentos de representação do poder.

Conforme explica Keller (2006) o feminismo passou por algumas ondas, na segunda onda, dos anos 1970 e 80, tinha como intenção mudar as condições das mulheres através de uma atitude para mudar o mundo. A teoria intelectual feminista surgiu a partir desse movimento político. A autora também reforça que uma das justificativas da necessidade de se lutar por um espaço feminino no ambiente acadêmico era que a divisão sexual do trabalho havia determinado a objetividade, razão e mente como atributos masculinos, já a subjetividade e o sentimento eram características femininas e que não combinavam com o empreendimento científico. Confrontar esse modelo não quer dizer desejar uma ciência mais feminista, mas apenas mais objetiva, abrangente, acessível e “independente do gênero” (Keller, 2006, p. 16).

Keller (2006) relata que esses pensamentos do homem enquanto representante do que era objetivo e racional foi influenciado também não somente a partir de crenças sociais, mas pelos primeiros estudos biológicos de embriologia e genética, que definia o espermatozoide como a parte potente da relação. Ela afirma:

Muitos dos debates sobre a importância relativa do núcleo e do citoplasma na hereditariedade assim refletem inevitavelmente debates mais antigos sobre a importância (ou atividade) relativa das contribuições materna e paterna para a reprodução, onde atividade e força motivadoras eram rotineiramente atribuídas à contribuição

paterna, relegando-se a contribuição feminina ao papel de ambiente passivo e facilitador. O óvulo é o corpo, e o núcleo, o espírito ativador (Keller, 2006, p. 24).

Só houve mudanças para esse olhar da biologia com as próprias cientistas, ou seja, a entrada de mulheres na ciência possibilita uma percepção “feminina” frente às observações científicas. O conhecimento científico era feito de homens para homens e por isso eles estavam sempre em evidência, foi com a contribuição feminina que os estudos passaram a focar também nas necessidades das mulheres.

Por mais diferença que as acadêmicas feministas tenham feito (e me incluo nesse rol), por mais perceptivas que suas contribuições tenham sido, quero argumentar que o verdadeiro agente da mudança – se se quiser, a verdadeira heroína das últimas três décadas – foi o próprio movimento social. De fato as acadêmicas feministas são elas mesmas – agora, e foram desde o começo – produto desse movimento – especialmente nos EUA. A influência corre nos dois sentidos, mas é um fato histórico digno de nota que, pelo menos neste país, o surgimento de acadêmicas feministas (e mais, especificamente do tema “gênero e ciência”) foi em verdade precedido por um movimento político e social. Certamente o movimento feminista começou com os esforços de poucos indivíduos e grupos, mas rapidamente assumiu vida própria, atraindo para seu centro ativo todo o maquinário cultural de uma geração (isso foi o que fez dele um movimento social). E acadêmicas feministas foram apenas alguns de seus subprodutos. O redemoinho da segunda onda feminista fez surgir um movimento dos homens, uma geração de pais carinhosos, uma profusão de novas mulheres detetives (tanto em romances como na televisão), novas formas de falar, nova legislação, novos costumes sociais. Numa palavra, transformou o significado do gênero. Um dos subprodutos mais notáveis dessa transformação, especialmente no contexto de gênero e ciência, foi a abertura da ciência, da engenharia e da medicina para as mulheres, e a dramática influência pelo menos das mulheres brancas nessas arenas (Keller, 2006, p. 31).

Para Sardenberg (2002, p. 1) em relação ao conhecimento contemplado pela crítica feminista à ciência,

Ele se formula a partir da constatação de que, historicamente, a ciência moderna objetificou a nós, mulheres, negou-nos a capacidade e autoridade do saber, e vem produzindo conhecimentos que não atendem de todo aos nossos interesses emancipatórios (Sardenberg, 2002, p. 1).

Uma ciência justa, não discriminatória e inclusiva demandaria uma alteração no sistema estrutural social em sua base.

Então, pergunto eu, como poderemos desenvolver uma pesquisa verdadeiramente feminista, quando as teorias e sistemas conceituais, as metodologias e instrumentais de pesquisa dos quais dispomos, procedem de estruturas de pensamento androcêntricas? Devemos rejeitar tudo quanto essa 'ciência' feita pelos homens nos legou até agora, para começarmos tudo de novo, em novas bases? Mas, se assim procedermos, não estaremos correndo o risco de cometermos os mesmos erros e fazermos ideologia, ao invés de ciência? Como evitarmos que isso aconteça? (Sardenberg, 1976, p. 3).

Dentro das lutas feministas existem algumas divergências quanto às prioridades do movimento. O feminismo liberal tem como objetivo promover a igualdade entre homens e mulheres por vias institucionais de forma gradativa. O foco não é abalar as estruturas, mas sim inserir as mulheres dentro delas. Já o radical propõe um reordenamento radical da sociedade em que a supremacia masculina é eliminada em todos os contextos sociais e econômicos. Nesse caso, busca-se abolir o patriarcado e pretende-se ir contra a noção de papéis de gênero.

Enquanto para as feministas liberais a subordinação da mulher é uma questão de socialização diferenciada e discriminação com base no sexo – o que fundamenta as lutas por direitos iguais, políticas de ações afirmativas e reformas semelhantes –, para as feministas socialistas e radicais essas políticas de reforma social, ainda que necessárias, não são suficientes, pois não chegam à raiz do problema. No entender das feministas socialistas e radicais, as causas da opressão e subordinação das mulheres são estruturais. Mas, há uma profunda discordância entre elas quanto à estrutura determinante nesse caso: para as socialistas, a primazia recai na estrutura capitalista de produção, ao passo que na perspectiva do feminismo radical a determinância maior está na estrutura patriarcal da reprodução (Sardenberg, 2002, p. 4).

Independentemente da vertente feminista que se explora, indiscutivelmente o que se pede é mais acesso ao campo científico por parte das mulheres tanto enquanto pesquisadoras, como representadas pelas construções feitas nas pesquisas elaboradas na área científica.

Cabe-lhe, pois, propor princípios, conceitos e práticas que possam superar as limitações de outras estratégias epistemológicas, no sentido de atender aos interesses sociais, políticos e cognitivos das mulheres e de outros grupos historicamente subordinados (Sardenberg, 2002, p. 10).

Mesmo com um objetivo em comum em mente, os feminismos precisam entrar

em concordância quanto à melhor maneira de exigirem seus espaços, pois a divergência e disseminação de ideias pode vir a ser um obstáculo frente aos objetivos pretendidos.

Apesar das boas intenções dos movimentos feministas, esses já foram duramente criticados principalmente por mulheres não brancas por alegarem que esses movimentos não as representam devidamente, advém daí a importância do feminismo negro.

### 3 O FEMINISMO NEGRO

Quais as especificidades das vivências das mulheres pretas? As contribuições de Arraes (2014), Carneiro (2003a, 2003b), Gonzalez (1984) e hooks (2015) permitirão agregar mais detalhadamente argumentos nas discussões sobre gênero e raça.

Para entendermos o uso do feminismo negro, vale especificar o porquê da distinção entre os outros feminismos e esse em específico. Para Collins (2017) o feminismo seria não somente uma ideologia, mas também um movimento político global que visaria confrontar o sexismo.

Globalmente, a agenda feminista abrange várias áreas importantes. Em primeiro lugar, a situação econômica e as questões relacionadas com a pobreza global das mulheres, tais como oportunidades de educação, desenvolvimento industrial, racismo ambiental, políticas de emprego, prostituição e leis de herança em matéria de propriedade, constituem uma questão fundamental global das mulheres. Direitos políticos para as mulheres, tais como conseguir o voto, direito de participar de reuniões, viajar, obter cargos públicos; os direitos dos presos políticos e violações básicas de direitos humanos contra as mulheres como estupro e tortura, constituem uma segunda área de preocupação. Uma terceira área de preocupação global consiste em problemas conjugais e familiares, como leis de casamento e divórcio, políticas de custódia da criança e trabalho doméstico. Questões de saúde e sobrevivência das mulheres, tais como direitos reprodutivos, gravidez, sexualidade e AIDS constituem outra área de preocupação feminista global. Essa ampla agenda feminista mundial encontra expressões distintas em diferentes regiões do mundo e entre as diversas populações (Collins, 2017, p. 12).

O feminismo negro teria como intenção, portanto, compreender de que forma as questões particulares que afetam as mulheres negras impacta nas questões da emancipação dessas mulheres. O feminismo branco não seria suficiente para representar tais questões.

No entanto, Collins (2017) traz em seu texto algumas problemáticas quanto ao feminismo negro. Dentre tantas, ela afirma que

Ao mesmo tempo, enquanto o feminismo negro está ligado às lutas das mulheres, existentes tanto em nível nacional como global, promovendo uma agenda política clara em relação ao sexismo, sua filiação putativa com a brancura promove sua rejeição pela própria população que pretende servir (Collins, 2017, p. 18).

Ou seja, algumas mulheres pretas acabam não confiando no feminismo negro, por ainda se tratar de um movimento feminista, que é muitas vezes lido como branco.

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que ‘todas as mulheres são oprimidas’. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade. Ser oprimida significa ausência de opções. É o principal ponto de contato entre o oprimido(a) e o opressor(a). Muitas mulheres nesta sociedade têm escolhas (por mais inadequadas que possam ser) (hooks, 2015, p. 197-198).

A mesma autora também explica que por ter crescido em uma família negra do sul dos Estados Unidos, de classe trabalhadora e dominada pelo pai, ela passou a questionar a política de dominação masculina a partir de sua experiência de vida, ou seja, perceber-se oprimida não foi uma descoberta surpreendente já que sempre fez parte de sua existência. As mulheres que percebem tardiamente suas opções tolhidas devem pensar sobre o privilégio de suas vivências mesmo em meio às imposições discriminatórias.

Essas mulheres negras observaram o foco feminista branco na tirania masculina e na opressão das mulheres como se fosse uma revelação “nova” e acharam que esse foco tinha pouco impacto na sua vida. Para elas, o fato de as mulheres brancas de classe média e alta precisarem de uma teoria para “informá-las de que eram oprimidas” era apenas mais uma indicação de suas condições de vida privilegiadas. A implicação é que pessoas verdadeiramente oprimidas sabem disso, mesmo se não estiverem envolvidas em resistência organizada ou não conseguirem formular por escrito a natureza de sua opressão (hooks, 2015, p. 203).

Ainda de acordo com hooks (2015, p. 204)

Raramente se escreve sobre tentativas por parte de feministas brancas de silenciar mulheres negras. Muitas vezes, elas acontecem em salas de conferência, salas de aula ou na privacidade de acolhedoras salas de estar, onde uma negra solitária enfrenta a hostilidade racista de um grupo de brancas. Desde o começo do movimento de libertação das mulheres, as negras foram participando de grupos. Muitas nunca mais voltavam depois da primeira reunião. (hooks, 2015, p. 205).

Assim sendo, o feminismo é lido por muitas mulheres pretas como um movimento importante, porém ineficaz no que diz respeito à representar as realidades

das diversas mulheres existentes ao redor do globo. hooks (2015, p. 207) alega que as feministas brancas levam o gênero como o único marcador determinante para as vivências de opressão das mulheres, sem compreenderem a relação entre a opressão e os demais pontos como raça e classe. Poder concentrar-se somente na questão de gênero apenas reafirma e reforça que elas negam facilmente a raça enquanto uma questão a ser debatida por não dizer respeito à realidade delas.

Independentemente disso, os impactos e avanços do feminismo são inegáveis. Arraes (2014) ainda diz que por terem privilégio racial e contarem com maior número de lideranças consolidadas, as feministas brancas optam por não incluírem as questões das mulheres pretas, e alegam que essas contribuem para confusão e discórdia, e daí então acabam por englobar todas as mulheres dentro da categoria gênero, sem levar em conta que apesar da semelhança de gênero, em outros quesitos sociais, não se passam pelas mesmas problemáticas e vivências. Urge a necessidade de se atentar para as especificidades das mulheres pretas.

As óticas particulares se fazem necessárias para que seja pensado e solucionado o que abarca as mulheres que não fazem parte do corpo social padrão, que seria o branco. Carneiro (2003b) explica que

grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (Carneiro, 2003b, p. 119).

Assim sendo, a pauta principal do feminismo negro diz respeito ao reconhecimento da realidade singular e pontual das mulheres pretas e pardas, para que assim, busquem-se maneiras de agir de forma contribuinte para esse movimento dessas mulheres, sem que ele seja somente um adendo e um ponto pequeno em um movimento maior, mas sim, um movimento próprio. Neste trabalho, trabalha-se com mulheres pretas devido ao fato de a categoria parda ser mais fluida.

Muniz, Porto e Fuks (2019, p. 30) concluem que

as opiniões posicionais dos pardos, em virtude da sua localização intermediária no espectro de cor brasileiro, são marcadas por uma flutuação entre os padrões adotados por brancos e por pretos. Verificamos que há convergência atitudinal entre os grupos raciais, com exceção da discriminação racial, temática na qual brancos e pardos assumem padrões similares. Este resultado fortalece a visão dos indivíduos pardos como negociadores de fronteiras – seja ao se

distanciar dos pretos, como no racismo, ou se aproximar deles, como no caso das cotas – em consonância com as identidades e interesses implicados em sua posição no continuum de cor (Muniz; Porto; Fuks, 2019, p. 30).

Munanga (1999) explica que o conceito de “raça” está interligado a estruturas ideológicas de poder, dominação e hierarquização, pois sociologicamente articulou a perpetuação de sistemas sociais opressores e excludentes. Alguns biólogos antirracistas inclusive sugerem que tal conceito seja banido dos dicionários e dos textos científicos, de acordo com Gomes (2021).

Ocorrem também discussões sobre a aplicabilidade do termo “raça” a seres humanos, pois, diferentemente de animais que possuem aspectos biofisiológicos cambiantes fazendo com que tenham diferentes elementos da mesma espécie, os seres humanos possuem variações da aparência, porém no interior de uma mesma espécie. Tais variações não afetam a possibilidade de convivência e reprodução de outros seres humanos (Gomes, 2021).

O mesmo autor também afirma que a concepção de raça trata de diferenças físicas e/ou culturais entre seres humanos e que pode abrir espaço para falsas teorias, narrações, crenças e propagandas ideológicas, que é o que gera o preconceito e discriminação raciais. Mais do que ser levado em consideração a origem racial dos seres, no Brasil, se é definido pela cor da sua pele. Se mais retinto, negro(a), se menos retinto, pardo(a) ou branco(a), com exceção dos indígenas.

Foi no censo de 1991 do IBGE que se acrescentou a classificação como de cor ou raça, e não somente de cor. Foi também nesse mesmo ano que foi adicionada a categoria “indígena”. É importante enfatizar que “a classificação racial brasileira é única no sentido de que é diferente das classificações de outros países, o que faz que a mesma se constitua como reflexo das preocupações engendradas pela história nacional” (Gomes, 2021, p. 91).

A crença da democracia racial, de que no Brasil pessoas de diferentes raças convivem harmonicamente e, portanto, possuem oportunidades semelhantes de existências - pensamento propagado por Gilberto Freyre (2004) - contribuiu para o perpetuar de uma ideologia racista, já que sanou a necessidade de ações compensatórias para com as populações sócio historicamente marginalizadas (Gomes, 2021).

Gomes (2021) crê que a divisão entre pretos (as) e pardos (as) fragilizou a raça

negra, uma vez que as pessoas pardas, às vezes, não se reconhecem/são reconhecidas como negras, mas também não são vistas como brancas. A negação da negritude colabora para “não [se] construir uma possível maioria econômica e politicamente excluída”, mascarando-se as estatísticas e estratégias de branqueamento da população brasileira. Ou seja, ao classificar como mulato(a), moreno(a), há aí uma “branquificação sistemática do povo brasileiro” de acordo com o pesquisador (Gomes, 2021, p. 94). “Branquifica-se” aquele ser parcialmente, pois ele não é visto como negro, mas também não é pertencente ao universo da branquitude.

No entanto, isso não é socialmente vantajoso, “pois a posição do mulato se equivale àquela do negro, pois ambos são vítimas de igual desprezo, idêntico preconceito e discriminação, cercado pelo mesmo desdém da sociedade brasileira, institucionalmente branca” (Gomes, 2021, p. 95). O racismo acomete pessoas pretas e pardas, mesmo que suas percepções sobre ele sejam diferenciadas. Por isso, o autor acima citado questiona: “É realmente necessário opor mais claros e mais escuros?”. O autor crê que a mestiçagem veio para desintegrar a raça negra e resultou em uma dissimetria entre pessoas pardas e pretas. Como “tentativa de sobrevivência” então, algumas pessoas pardas acabam se colocando como brancas (Gomes, 2021, p. 96).

Dessa forma, a raça/cor parda agrupa desde não brancos(as) aos pretos(as), e, até mesmo em alguns momentos, os grupos indígenas. Frente à questão de pertencimento racial, tal cor/raça é atravessada por diversas variáveis, e todas elas implicam em relações de poder (Gomes, 2021). O autor cita acontecimento histórico importante ao expor que, em 1991, militantes do movimento negro lançaram a campanha: “Não deixe sua cor passar em branco”, como intuito de conscientizar as pessoas para não “branquearem-se” no recenseamento afim de buscarem uma ascensão social (Gomes, 2021, p. 101).

Independentemente se pensa-se em mulheres pretas ou pardas, um dos pontos que mostra essa necessidade de pensar o feminismo negro são os avanços que o movimento feminista conquistou diante do cenário do mercado de trabalho. Já que as propostas universalistas não acabaram por enfrentarem especificidades do racismo brasileiro, por exemplo.

Após reivindicações, as mulheres começaram a ocupar cargos mais bem remunerados e a galgar posições melhores. Isso é, as mulheres brancas, pelo menos.

Que foram as que tiveram acesso inicialmente aos estudos formais. Às mulheres pretas, reservavam-se cargos voltados à prestação de serviços e produções em indústria. Isso pode ser observado ao se pensar que são as mulheres pretas as que mais trabalham no serviço doméstico. Ou seja, mesmo com a conquista de emancipação no mercado de trabalho, essas mulheres acabaram não subindo tanto de posição. Isso advém tanto de uma lógica de operação de quem teve mais acesso a um processo socioeducativo mais formal e reconhecido como demais qualidade, quanto devido ao racismo que opera nas seleções de emprego.

Para Gonzalez (1984) há uma não visibilidade social da mulher preta ao colocá-la em cargos sem contato com público amplo como no caso de trabalharem no interior das casas, das escolas, das fábricas, além de que para resistirem a esse cenário e alavancarem na escala social, elas teriam de vencer certas exigências racistas referentes à aparência, como alisar o cabelo por exemplo, ou vestimentas, e até mesmo religião.

Em síntese, o quesito 'boa aparência', um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discricionário (Carneiro, 2003b, p. 121).

Além disso, devido ao fato de que mulheres e homens pretas e pretos tendem a entrar no mercado de trabalho anteriormente às pessoas brancas, isso dificulta a permanência dessas pessoas no sistema educacional. Esse debate será mais aprofundado ao longo do trabalho já que o objetivo é tratar da ocupação das mulheres pretas no campo científico. É importante que se entenda que o sistema educacional foi negado à muitas pessoas pretas ao longo da história, logo, que quando se pensa no debate feminista quanto à ciência, é essencial que isso seja visto a partir de uma perspectiva do feminismo negro.

### **3.1 Um debate sobre gênero**

Ser mulher em um mundo pautado por uma lógica patriarcal, tem os seus percalços. Como cada mulher sente isso? Neste subtópico intenciona-se diferenciar as vivências das mulheres pretas, das de outras mulheres.

No imaginário social, os estereótipos que circundam a existência das mulheres

brancas diferem-se dos que circundam as mulheres pretas. Tem-se a mulher branca como a mulher frágil e delicada, e a preta enquanto a forte e resistente. Para Gonzalez (1984), inclusive, a mulher preta é representada por três estereótipos diferentes aos olhos da sociedade: a mulata, a doméstica e a mãe preta. A mulata seria a preta de pele mais clara (cor de chocolate) e sedutora, do corpo belo e que atrai os homens. A doméstica está ligada à prestação de bens e serviços. Já a mãe preta seria a mulher negra que cria crianças e famílias através de ensinamentos, a exemplo da Tia Nastácia da obra literária *Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato.

Percebe-se assim esse afastamento dessas mulheres do imaginário social da delicadeza que se tem em relação às mulheres brancas. Nesse sentido,

[...] é importante entender que a mulher tida como frágil devido aos valores machistas da sociedade é sempre a mulher branca, especialmente aquela de classe privilegiada, que possui certo poder de consumo e que é pressionada a atingir os padrões de pureza, delicadeza e fragilidade femininas. A mulher negra brasileira nunca se encaixou nesses parâmetros e nem poderia: ela é protagonista de vários séculos de exploração, escravidão sexual e trabalho braçal forçado. Enquanto à mulher branca é imposto o ideal feminino de pureza cristã, a mulher negra é hipersexualizada e vista como promíscua, sendo relegada ao papel de “Pombagira”, que perturba o sono da “inocente” dona de casa – constituindo uma teia de discriminação e hipersexualização racialmente seletiva (Arraes, 2014, p. 1).

Adentrando-se em aspectos específicos das diferenciações experienciadas pelas mulheres de diferentes grupos raciais, começa-se a pensar através das violências que as atravessam. Tanto mulheres brancas quanto pretas em uma consolidação patriarcal, são violentadas diariamente por serem lidas como inferiores aos homens. Isso se dá em diversos campos: profissionais, educacionais, políticos, dentre outros. Quando se trata das relações afetivas, por exemplo, isso também está presente. A mulher branca é vista como a que é almejada para o matrimônio para se tornar subserviente ao marido, e a preta é vista como corpo a ser usado tanto para trabalho quanto sexualmente, mas não para o matrimônio.

A mulher negra e mestiça estariam fora do ‘mercado afetivo’ e naturalizada no ‘mercado do sexo’, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e ‘escravizado’; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes ‘à cultura do afetivo’, do casamento, da união estável (Pacheco, 2008, p. 13).

A hegemonia da branquitude reforça para a subjetividade das mulheres pretas uma distância na afetividade e sexualidade destas, já que no contexto da violência racial privilegia-se padrões estéticos femininos voltados ao embranquecimento, o que resulta em uma sexualização do corpo não branco, que é visto como erótico, porém não afetivo.

Apesar de ambas fazerem parte de grupos subordinados, sempre houve uma tentativa de erotizar o corpo preto, mais que corpos brancos. Sexualizar os corpos das mulheres pretas era, inclusive, uma maneira de justificar essas explorações desde o sistema colonial a fim de direcionar esses corpos para ideias de reprodução, gestações sucessivas, a partir de um sistema de exploração escravagista.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (hooks, 1995, p. 6).

Essa é mais uma que diferença - a do mercado afetivo amoroso – que separa mulheres negras de brancas, em que uma delas é vista como objeto sexual, e a outra como alguém para se ter uma união estável, respectivamente.

Elza Berquó (1987) discorre e pensa sobre o mercado afetivo e suas intercorrências perante à questão racial na década de 1980. Ao analisar os padrões de nupcialidade entre os sexos, levando em consideração as questões étnico-raciais, identificou, através de fontes demográficas e dados censitários - entre os períodos de 1960 a 1980 - que havia uma preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas ou por mulheres de pele mais clara, e que isso se dava com uma frequência maior quando comparado com a preferência de mulheres negras por homens brancos, o que reforça a solidão da mulher negra. As mulheres pretas e pardas não são consideradas para o estabelecimento de união afetiva estável nem pelos homens negros nem pelos brancos. Eram elas que compunham mais de 50% entre as mulheres solteiras, viúvas e separadas, de acordo com a autora. Além disso, quando viviam uma realidade de união estável, isso tendia a acontecer de forma mais tardia do que o ocorria para as mulheres brancas.

Em se tratando do não zelo com o corpo preto, isso se dá para além da afetividade entre parceiros e parceiras, Carneiro (2003b) também expõe ser uma preocupação do feminismo negro quanto à individualidade das mulheres pretas, a questão da saúde. Arraes (2014) diz que no âmbito da saúde, o corpo preto tende a ser negligenciado quanto à necessidade da obtenção de cuidado. A autora cita como exemplo a questão da violência obstétrica, que é recorrente na vivência das mães pretas e pobres que dependem do Sistema Único de Saúde (SUS) e que são muitas vezes negligenciadas nas filas por serem colocadas em segundo plano para as mulheres tidas como mais frágeis, no caso, as brancas, serem priorizadas. Carneiro (2003b) traz como reflexãotambém no campo da saúde a questão da esterilização que é muitas vezes buscadas por essas mulheres por não terem acesso aos métodos contraceptivos, pauta que veio a ser discutida dentro dos ideais do feminismo negro, mas que nuncafoi muito presente no palco do feminismo universal, o que comprova mais uma vez a necessidade de se pensar pautas específicas para grupos sociais com marcadores identitários diferentes entre si.

Um outro exemplo trazido à tona pela mesma autora, é o da anemia falciforme - doença genética que é mais comum na população negra, como explica Carneiro (2003b). Atualmente, existem programas voltados aos cuidados para essa condição após solicitações de ativistas. Logo, é importante pensar que se as descobertas e pesquisas da área da saúde concentrarem-se majoritariamente nas mãos e ideias brancos e masculinos, isso resultará em um ato de negligência perante outros corpos diante de assuntos importantes.

Pensando no quesito de violência, são as mulheres pretas as mais atingidas pelas taxas de feminicídio. A cultura do estupro já de faz presente no histórico das mulheres pretas que eram violentadas pelos homens brancos e usadas no que Arraes (2014) chama de “políticas oficiais de miscigenação” em que a intenção era provocar o branqueamento da população brasileira. A pesquisadora diz que daí é que se tem a naturalização da sexualização desses corpos.

Carneiro (2003b) também pontua que o posicionamento midiático e o fenômeno da *agendasetting* opera diante de como se enxergam as vivências das pessoas pretas. “A naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo” (Carneiro, 2003b, p. 125).

Araújo (2000) já havia abordado essa questão anteriormente. De acordo com o autor, em poucos trabalhos era possível identificar na época, atores/atrizes pretos e pretas nos papéis principais das telenovelas brasileiras, por exemplo. Isso geralmente ocorria apenas se houvesse a necessidade de um ator/atriz preto/preta por alguma característica do personagem.

Ele conclui: “De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem ação, os personagens passageiros, decorativos que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas” (Araújo, 2000, p. 57). Logo, reforça-se a ideia de que quando não representados pela exclusão simbólica ou distorção de imagem, as representações sociais que acampam no imaginário social, reforçam e operam a lógica do racismo através dos sistemas de (não) representação. Em se tratando em específico das mulheres, tem-se que “A presença minoritária de mulheres negras nas mídias, bem como a fixação dessa presença em categorias específicas (a mulata, a empregada doméstica) foi um dos assuntos mais explorados nesse aspecto” pelo feminismo negro, para Carneiro (2003b, p. 125).

Quanto ao mercado de trabalho, não há um interesse por parte das mulheres brancas de mudar esse cenário para que as pretas galguem de posições mais rentáveis financeiramente falando e socialmente reconhecidas, já que tais mulheres brancas são favorecidas pelo sistema estrutural racista ao utilizar dos serviços prestados pelas mulheres pretas em posições subalternas.

[...] a entrada da mulher branca no mercado de trabalho formal se deu às custas da exploração do trabalho doméstico da mulher negra. Isto é, a independência financeira das mulheres brancas de classe média no Brasil supôs, em primeira instância, certa continuidade da exploração do trabalho doméstico de mulheres negras (Fernandes, 2016, p. 705-706).

Observa-se assim, diversos aspectos em que mulheres brancas e pretas se desencontram quanto às suas realidades. Para além disso, é válido perceber que não é vantajoso para as próprias mulheres brancas que elas se comovam com as histórias das mulheres racializadas (neste caso, as pretas), já que esse sistema as favorece (as mulheres brancas). Faz-se dessa forma a necessidade de compreender as trajetórias das mulheres pretas para que elas possam lutar por si só.

### 3.2 Questão de raça

Pessoas pretas sentem na pele o que é sofrer discriminação racial, no entanto, isso é semelhante dentre todas elas? Como o racismo perpassa os homens e as mulheres? Como se diferenciam as realidades dos homens pretos e das mulheres pretas?

Considera-se que discutir questões de raça é uma tarefa complexa principalmente no Brasil, um país miscigenado, em que por vezes, algumas características e classificações tendem a se misturar. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o principal órgão provedor de dados estatísticos nacionais, e é também o responsável pela realização do Censo que consiste em registrar as condições de vida da população em todos os municípios do País e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional. De acordo com o mencionado órgão, no sistema classificatório em foco, são empregadas cinco categorias de “cor ou raça”, sendo elas: branca, preta, parda, indígena ou amarela. A identificação racial é realizada por meio do uso simultâneo de auto-atribuição e de heteroatribuição de pertença, é o que explica Osório (2003). Sendo a primeira maneira de identificação feita pelo próprio sujeito que escolhe o grupo do qual se reconhece; o segundo se refere ao reconhecimento do outro - quando outra pessoa define o grupo do sujeito.

O Brasil é um país racista que negligencia a vivência das pessoas pretas enquanto nega fazê-lo. Pautando-se em um discurso de miscigenação alega viver em uma estrutura de democracia racial, o que não é real, já que como explica Nascimento (2002) apenas um dos elementos raciais tem qualquer direito ou poder dentro dessa realidade, e é o branco. Sueli Carneiro (1995, p. 546) salienta inclusive que “o estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado, e a miscigenação daí decorrente, criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira”. Assim sendo, não podemos denominar o que há aqui, de democracia.

No Brasil, essa questão é consubstanciada sob o mito da democracia racial, ainda fortemente reproduzido pelo senso comum e por instituições estatais. Ao negar a existência do racismo e paralelamente trabalhar com a ideia de meritocracia, são desenrolados vários efeitos. Primeiramente, se a existência do racismo é negada, em tese não são necessárias ações do Estado para erradicar tal prática, como

investimentos em conscientização, sensibilização, fiscalização, punição e políticas públicas. Além disso, ao reafirmar o mérito, como se todos/as tivessem igualdade de condições, mais uma vez o Estado é eximido de seu dever de atuar na mitigação das desigualdades criadas com base nas diferenças raciais. Outro efeito consiste na responsabilização do/a indivíduo/a, ou seja, se todos/as tem igualdade de condições e a raça não é determinante da estratificação socioeconômica, o motivo de grande parte das pessoas negras não acessarem creches e universidades públicas, terem auto índice de evasão escolar, não acessarem uma rede de saúde pública bem equipada para atender suas especificidades, ser maioria em conglomerados urbanos (favelas e quebradas), ou ainda, não conseguirem maior qualificação profissional e consequentemente maior remuneração, é porque tais pessoas não se esforçam suficientemente. Todos esses efeitos conduzem a invisibilização das pautas específicas de mulheres e homens negros/as, à deslegitimação das mesmas, bem como preserva o mito da democracia racial, que em última instância não passa de uma tentativa de naturalizar a institucionalização do racismo (Bambirra; Lisboa, 2019, p. 279-280).

Tal ideologia miscigenacionista propicia o “embranquecimento” populacional em que através das relações entre pessoas negras e pessoas brancas, a população negra vai desaparecendo, ou seja, existe uma política de estado que busca, no Brasil, embranquecer o país.

Munanga (1999) discute a mestiçagem no Brasil e afirma que ser “branco”, ser “negro”, ser “amarelo” e ser “mestiço” são categorias cognitivas que possuem mais conteúdo ideológico do que biológico. Comparando a realidade nacional brasileira e de outros países da América Latina com a dos Estados Unidos, ele ainda explica que a classificação racial, para os norte americanos é dividida somente em brancos e negros, ou seja, há uma hegemonia social no que concerne ser negro, pois se trata de uma categoria sócio-política. “Basta ser um pouco negro para sê-lo totalmente, mas para ser branco é necessário sê-lo totalmente”, é o que o afirma o pesquisador (Munanga, 1999, p. 19). Aqui, no Brasil, isso se difere.

Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função desse imaginário social que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação ao mais escuros, o que parece ser o fator explicativo da diversidade de expressões que pessoas negras, ou seus descendentes miscigenados, adotam para se auto definirem racialmente tais como: moreno escuro, moreno claro, moreno-jambo, marron-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzos, ou seja, confusos, de tal maneira, que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE, pardo! Algo que ninguém consegue definir seja enquanto raça ou cor (Carneiro, 2005, p. 64).

No trabalho em questão, Munanga se refere ao conceito de "mestiçagem" para se referir ao cruzamento ou miscigenação entre populações biologicamente diferentes, porém pensando mais a fundo não sobre o fenômeno biológico, mas sobre os fatos sociais, psicológicos, econômicos e político-ideológicos que abarcam tais questões.

Ele cita a mestiçagem no Egito Antigo, na Grécia Clássica, no Império Romano, dentre muitos outros períodos da história da humanidade, e percebe que “o mestiço é sempre tratado como um ser ambivalente, visto ora como o “mesmo”, ora como o ‘outro’” (Munanga, 1999, p. 23). A mestiçagem, portanto, faz parte do fenômeno da evolução humana, a maioria dos povos são miscigenados. Apesar de não existir dúvida sobre o racismo que atinge as pessoas pardas, reforça-se aqui o interesse de focar esse trabalho na realidade das mulheres pretas, que não são vistas como “as mesmas”, e sim como “as outras” o tempo todo. A intenção é compreender um pouco mais sobre essa realidade.

Munanga (1999) afirma que Voltaire e Julien Offray de la Mettrie acreditam que “Se o homem de cor é um degenerado, a mestiçagem é o instrumento da contaminação”, ou seja, as raças humanas corromperam o homem branco de acordo com os pensadores citados por Munanga. Isso não quer dizer que as pessoas pardas vivem em uma classificação intermediária, e sim, que elas possuem suas próprias vivências. Munanga (1999) explora a história das ilhas francesas, que possuía uma política de exclusão e discriminação dos mulatos por projetos jurídicos, em que era proibido o casamento misto. Faz uma análise sobre o nazismo que via a mestiçagem como um processo que provoca o desaparecimento das qualidades de outrora. A análise de Munanga é extensa e nos leva a perceber que a mestiçagem foi um fenômeno a quem muitos estudiosos e líderes políticos tiveram aversão com base em ideologias preconceituosas e racistas.

Ao se propor a abordar a mestiçagem no pensamento brasileiro, Munanga (1999) conclui que entender a questão racial no Brasil como uma democracia racial, é um discurso que visa garantir a manutenção das elites brasileiras, já que não é possível falar em uma identidade étnica única para o país. Os intelectuais da primeira República queriam poder unir a pluralidade em uma coletividade, e eles acreditavam na inferioridade das raças não brancas, influenciados pelo determinismo biológico.

Os ensaístas brasileiros Euclides da Cunha (1938) e Sílvio Romero (1893),

aderiram ao conceito de raças superiores e inferiores em suas obras. Sílvia Romero, propunha o branqueamento da população, que a salvaria da degeneração; e Euclides da Cunha, enxergava o mestiço do interior do Norte como ser capaz de, futuramente, desenvolver-se mentalmente (como se não fosse ainda desenvolvido).

O mito da democracia racial, baseado na mestiçagem entre as três raças originárias, retrata uma convivência harmoniosa entre os indivíduos de todos os grupos étnicos que nunca existiu. As consequências negativas desse pensamento se dão quando é permitido às elites dominantes dissimular as desigualdades quando pessoas não-brancas não possuem consciência dos sutis mecanismos de exclusão dos quais são vítimas na sociedade. Freyre (2004), através do ideal da democracia racial, acabou por reforçar o ideal de branqueamento. Pessoas mestiças também participam, portanto, de uma realidade de racismo estrutural.

No Brasil, o homem branco, ao relacionar-se com mulheres negras, posteriormente, tornava livres os escravizados mestiços, pois os mestiços libertos eram na sua maioria filhos dos senhores, donos de terras e de fazendas. Porém, ao citar as ideias de Abdias do Nascimento, Munanga (1999) discorre que a mestiça era muitas vezes ponte étnica entre negro e branco, no ideal de branqueamento da população, que conduziria à salvação da raça branca, ainda assim, não gozava de status social diferente das pessoas negras.

Se durante a escravidão os mulatos puderam receber alguns tratamentos privilegiados em relação aos negros, por terem sido filhos dos senhores de engenho, hoje eles são na sua grande maioria filhos e filhas de pais e mães da classe pobre e, portanto, constituem-se na maior vítima da discriminação racial, devida à ambigüidade cor/classe, além de serem mais numerosos que os 'negros' (Munanga, 1999, p. 93-94).

Apesar de o racismo presente afetar tanto mulheres quanto homens pretas e pretos, a maneira de afetá-los difere-se entre si, é o que já explicava Nascimento (2002) em suas obras. O autor explica que ambos passaram pelo processo de escravidão e que desde a abolição da mesma, os processos de opressão não tornaram menos verdadeiras as mazelas da supremacia branca. As condições durante aquela época eram precárias e contempladas pela miséria, como por exemplo negligência médica e higiênica, desnutrição, sujeição e abuso sexual. Após a

abolição, muitos negaram-se a empregar os trabalhadores e as trabalhadoras livres, negando-se aos seus antigos escravos os elementos básicos de subsistência.

O autor detalha que tinham-se crenças referentes à inferioridade da população negra que buscavam serem explicadas geneticamente, o que favorecia o argumento de que a junção com a raça européia seria a maneira de salvar essa população. A intenção era caminhar para eliminar a raça negra através de uma política de embranquecimento aqui estabelecida. Essa é uma forma de genocídio da população preta. Os trabalhadores e as trabalhadoras escravizados/escravizadas foram os que constituíram a economia da sociedade naquela época, sendo que o lucro ficava concentrado para seus exploradores e exploradoras dominantes aristocratas brancos. Isso resulta no que se tem hoje em termos de estrutura social vigente no contexto nacional brasileiro.

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta estratificação é ‘não-racial’ ou ‘puramente social e econômica’ são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira (Nascimento, 2002, p. 85).

Contudo, Nascimento (2002) explica que algumas diferenciações podem ser citadas quanto às realidades que mulheres pretas e homens pretos encontram no enfrentamento ao racismo, tendo a título de exemplo a questão da exploração sexual, vivenciada muito mais pelas mulheres. Porém, isso não quer dizer que os homens pretos não passem por questões referentes à sexualização de seu corpo, conforme explicita Collins (2009, p. 100): “Por exemplo, a hipermasculinidade frequentemente atribuída aos homens negros reflete crenças sobre o seu apetite sexual excessivo”. É também o homem preto o mais oprimido por fenômenos como genocídio policial, encarceramento, brutalização social e por linchamentos públicos. Conrado e Ribeiro (2017, p. 86) afirmam inclusive que todo o estereótipo que circunda o homem preto o leva e distancia de uma vivência que seria tida como mais intelectual:

Essa socialização divulga entre homens negros o arquétipo do ghetto gangsta-boy, definido como um requisito indispensável para se obter autenticidade racial ao afirmarem que para ser visto como negro legítimo, é necessário ser truculento e agressivo, dispensar o trabalho intelectual e minimizar a importância da educação escolar (Conrado; Ribeiro, 2017, p. 86).

Ainda assim, apesar das mazelas que enfrentam, esses encontram-se como sujeitos que oprimem as mulheres pretas. Além da exploração sexual, há uma diferenciação entre homens e mulheres pretos e pretas na relação com a divisão sexual do trabalho, na qual a mulher preta encontra-se na parte mais baixa dessa base classificatória, ficando reservadas à ela as funções de mais baixa remuneração financeira e reconhecimento.

Quadros (2004) discute sobre a existência de uma hierarquia no cenário nacional que começa com os homens brancos (não negros) e que vai descendo para as mulheres brancas, homens negros (pretos e pardos) e mulheres negras. A análise feita pelo autor diz respeito à capacidade ou possibilidade que os indivíduos desses grupos revelam em obter rendimentos monetários, em que ele através dos dados das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), do IBGE, chega a conclusão que as mulheres negras são as que mais têm dificuldade de alcançar uma boa posição social e econômica.

O autor utilizou os dados da época para chegar a tal conclusão, no entanto, se levarmos em consideração os dados do PNAD de 2022, ainda assim, podemos seguir enfatizando a realidade dessa percepção da hierarquia de raça. De acordo com esses dados, o analfabetismo caiu de 2019 (6,1%) para 2022 (5,6%), no entanto, entre os brasileiros pretos e pardos, 7,4% (de 15 anos ou mais) são analfabetos, mais que o dobro da população branca (3,4%). O abandono escolar também é um sintoma da desigualdade, já que em 2022 70,9% das pessoas entre 18 e 24 anos, que não completaram o ensino médio, são pretas ou pardas (IBGE, 2022).

De acordo com os mesmos dados, as mulheres negras seguem sendo as que menos concretizam rendimentos monetários. São elas as que menos ocupam cargos de direção e gerência (2,1% enquanto que homens negros representam 2,3%, mulheres não negras, 4,7% e homens não negros, 5,6%), e que possuem o menor rendimento mensal (R\$ 1.715) se comparado aos homens negros (R\$ 2.142), às mulheres não negras (R\$ 2.774) e aos homens não negros (R\$ 3.708). São as que mais atuam como trabalhadoras desprotegidas - que estão empregadas sem

carteira assinada, autônomas que não contribuem com a Previdência Social e trabalhadoras familiares auxiliares. Do total de trabalhadores desprotegidos no Brasil, mulheres negras são 47,5% (homens negros - 46,9%, mulheres não negras - 34,9% e homens não negros - 34,5%) (IBGE, 2022).

Oliveira e Munanga (2004) discorrem em seu trabalho, a partir das entrevistas com professoras negras universitárias, que o racismo acomete corpos negros de diferentes formas, como através da própria linguagem (com termos como “denegrir”, que associam à palavra “enegrecer” uma conotação negativa); na religiosidade, ao ter-se um preconceito engendrado no Brasil em relação às religiões afro-brasileiras; quando se impõe um modelo de beleza que é de origem européia; dentre outras questões.

O fato é que, tanto o corpo preto masculino, quanto o feminino, sofrem as mazelas do preconceito racial, no entanto, as mulheres pretas são mais subjugadas do que os homens quando se pensa em um capital cultural e simbólico. As mulheres pretas pertencem às classes mais pobres, pouco escolarizadas, e sofrem nas relações afetivas tanto com homens negros, quanto brancos. Há aí uma tripla discriminação (raça, gênero e classe) que dentre as hierarquias sociais abrangentes, demarcam a posição da mulher preta ao lugar mais baixo dessa escala vertical.

hooks (1995) explica que recai sobre as mulheres no geral o estigma de não ser apropriada para o trabalho intelectual, porém que isso se acentua para as pessoas pretas, pois à elas se relacionam conceitos de primitivismo e irracionalidade, assim sendo, a mulher preta acaba sendo inferiorizada duplamente no que diz respeito aos mercados intelectual e de trabalho. Ficando, nessa corrida, tanto atrás da mulher branca, quanto do homem preto. A mulher preta acaba não sendo protagonista nem no movimento das mulheres, e nem no movimento negro, sempre sendo reservado à ela uma posição secundária. O movimento negro nem sempre levou em consideração romper as barreiras impostas pelo patriarcado. Assim como o feminismo nem sempre reservou-se a pensar no fato de que nem todas as mulheres são oprimidas igualmente.

### **3.3 Interseccionalidade, o feminismo negro e a ciência: a decolonização do conhecimento científico**

A mulher preta que é formada pelo gênero feminino e pela raça negra sente esses dois marcadores identitários, de raça e gênero, atravessando-la. No que isso

impacta? Com Collins (2009) e Crenshaw (2002) será amparado o conceito de interseccionalidade.

Conforme explicitado, no debate do movimento feminista, acaba por urgir a necessidade de um feminismo preto que lute especificamente pela causa dessas mulheres já que ainda não existe igualdade entre gêneros, tampouco entre raças.

As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista. Enquanto definirem a libertação como a obtenção de igualdade social com os homens brancos da classe dominante, esses dois grupos, ou qualquer outro, terão um grande interesse na exploração e opressão continuada de outros (hooks, 2015, p. 207-208).

Os avanços das lutas feministas não abarcaram por completo as questões das mulheres pretas, mulheres essas que se encontram em uma luta desigual tendo como oponente ambos o machismo e o racismo.

Escravas por alguns séculos, mesmo após libertas não conseguiram alterar de modo pleno o seu status no mundo do trabalho. O período pós-abolição guardou para elas condições de sobrevivência e trabalho muito precárias. Com baixa ou nenhuma escolaridade e baixíssima remuneração, desenvolviam atividades de ganho em casas de família e nas ruas, sendo com frequência objeto de perseguição policial. Embora tenhamos hoje modificações nesse quadro, não se pode esquecer a persistência de tantos outros traços do passado de inserção laboral das mulheres negras (Góis, 2008, p. 750).

Assim deve se dar a luta antirracista, que tem de levar em consideração essa parcela específica de pessoas que são as mulheres pretas, que acabam sendo subjugadas dentro de suas próprias lutas. Segundo Carneiro (2003a), há no Brasil uma diferença drástica entre mulheres brancas e pretas.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que

nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. [...] Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (Carneiro, 2003a, p. 49-50).

Portanto, o feminismo negro decolonial busca questionar o feminismo clássico ao propor dar mais voz e visibilidade às mulheres afrodescendentes e também às mulheres indígenas. A partir da luta desse movimento, amplia-se também a literatura feminista negra, possibilitando mais pautas de discussões sobre a temática. Faz-se necessário ressaltar que as estudiosas do movimento negro feminista creiam ser indissociáveis os debates sobre gênero, raça e classe devido ao contexto social, deve-se falar então em uma interseccionalidade, termo cunhado por Crenshaw no ano de 1989, dessas questões. Percebe-se ser essencial ter uma visão interseccional quanto às questões que perpassam as mulheres pretas, não só quando comparamos suas realidades com a de mulheres brancas, mas também com as de outras pessoas pretas.

[...] a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).

Collins (2016) classifica as mulheres negras não como subalternas, mas como *outsiders*, ou seja, acabam por serem vistas como indivíduos que estão fora dos ciclos sociais, em vez de serem vistas como integrantes. Por mais que elas exerçam o papel de doméstica ou mãe negra, por exemplo, cuidando da casa e da família, elas ainda são pensadas como quem está à parte dos núcleos para os quais trabalham. A autora explica também que isso ainda ocorre no campo da produção intelectual, em que as mulheres negras pesquisadoras são ainda vistas como *outsiders*.

Interseccionalidade se refere a formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de

sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças (Collins, 2009, p. 21).

Tomar uma postura interseccional é caminhar em prol da emancipação de mulheres pretas nas diversas perspectivas políticas e sócio-históricas que lutam a favor da liberdade dessas mulheres, sendo essa, uma batalha possível, apenas a partir da percepção de sua raça, classe e gênero.

Conforme explicitado nos debates sobre gênero e raça, a mulher preta necessita pensar o movimento de resistência frente à discriminação a partir de um ponto interseccional, já que é oprimida pelo homem preto apesar da semelhança racial, e pela mulher branca, apesar da semelhança de gênero.

A partir do conceito e ideais de interseccionalidade, questiona-se: como tornar o conhecimento científico um bem comum de todos para todos? Será debatido de que forma então, pode se dar essa ocupação de território científico-acadêmico por parte das mulheres pretas, de maneira justa e não discriminatória mesmo diante de tantas desigualdades operantes nos polos estruturais do processo educativo.

Conforme explica Beauvoir (2009), o gênero padrão ainda é o masculino e é ele que dá a definição de ser. A mulher ainda é vista por muitos apenas como o outro sexo. Ainda a respeito de tal dualidade, convencionou-se crer que características como mente, racionalidade, luminosidade representavam o masculino, enquanto o universo feminino era definido por parâmetros de corpo, sensibilidade e delicadeza.

As bases estruturais da objetividade e neutralidade presentes no discurso científico desde o iluminismo foram contestadas, entre outros, por grupos de mulheres, negros, homossexuais e não ocidentais. Isto porque ficou cada vez mais evidente que é a partir do argumento de defesa da neutralidade e objetividade que o privilégio epistêmico masculino, ocidental e eurocêntrico se normatiza como referência hegemônica, a ponto de não ser visto enquanto um tipo de política identitária que representa a perspectiva de um único grupo. Ao contrário, é compreendido como se fosse universal (Santos, 2016, p. 13-14).

Apesar desse estereótipo construído sobre as mulheres não serem seres intelectuais, o que é ainda mais reforçado quando se trata de mulheres pretas, o caminhar para a decolonização do conhecimento científico se dá quanto mais se ouve essas mulheres, mais se consome e referencia os trabalhos, pesquisas e elaborações

das mesmas.

Dedica-se agora a pensar de que forma o feminismo negro percebe a ocupação das mulheres pretas no espaço científico. Como se dá a dificuldade de ocupação desse território por parte dessas mulheres, especificamente. É importante pensar nessa realidade de forma separada da de outras mulheres já que apesar da crítica feminista à ciência afirmar que à todas as mulheres esse espaço é negado, sabe-se que as condições estruturais e sociais diferem-se entre mulheres brancas e pretas também quando se diz respeito ao acesso ao científico e intelectual de produção de conhecimento.

Por certo, os feminismos não-brancos vêm de há muito questionando a unidade desse 'nós', argumentando que a tendência principal do(s) feminino(s) foi e tem sido a 'branca', não contestadora ao racismo. Ademais, os 'estudos de mulheres' (*women's studies*) pouco abordaram as experiências daquelas submetidas a múltiplas formas de opressão – de gênero, raça, classe, dentre outras – como têm vivenciado historicamente as mulheres negras (Sardenberg, 2002, p. 24).

As mulheres pretas são apagadas da história e da cultura. Nos diversos âmbitos social, intelectual, político, e cultural, muitas iniciativas inovadoras foram feitas pelas pessoas pretas, e não são por vezes reconhecidas. Assim, por essarede de negligência e exclusão, não se faz convidativo para que outras pessoas das mesmas características busquem estar nesses espaços, por não se verem e não se reconhecerem neles.

O desconhecimento da importante presença negra na cultura, na maioria das investigações assim como dos escritos sobre o pós-modernismo, obriga a leitora/ o leitor negra/o, em particular a leitora negra, a perguntar-se se vale a pena ter interesse em um tema que discutem e escrevem indivíduos que parecem não conhecer a existência da mulher negra, ou que consideram a possibilidade de que nós estejamos escrevendo ou dizendo algo que deva ser escutado, ou produzindo arte que deva ser vista, ouvida ou analisada com seriedade intelectual (hooks, 1990, p. 2).

Essa exclusão das pessoas pretas, principalmente das mulheres, dos espaços intelectuais se deu ao longo da história, como já citado anteriormente. O conhecimento científico era reservado inicialmente e majoritariamente aos homens inicialmente, porque os papéis sociais das mulheres eram outros. Para as mulheres brancas

reservava-se o lar, e para as pretas, os trabalhos braçais. As mulheres pretas eram constantemente violentadas não somente, mas também em seus espaços de trabalho. Em um país marcado pela escravidão, como é o caso do Brasil, não é possível desassociar a história dessas mulheres frente a esse marcado passado.

As mulheres pretas eram então subjugadas, escravizadas e até mesmo estupradas pelos seus senhores brancos. Com o fim da escravidão, tornou-se ainda assim difícil para a população preta se estabelecer economicamente e socialmente, já que em estado de pobreza, o acesso não era fácil aos estudos ou trabalhos bem pagos. Assim, para mudar esse cenário, as mulheres pretas buscavam por outros meios. “Essa sociedade as levava à prostituição como forma de se libertar, mesmo porque a sociedade senhorial não lhes permitia ter relações afetivas duradouras e raramente formavam organizações familiares” (Vargas, 2016, p. 9). Não era o caso das mulheres brancas. As mulheres brancas seriam o ponto de referência para o parâmetro de identidade feminina no Brasil (Caldwell, 2000).

Assim como as mulheres pretas eram designadas aos papéis objetificados, os homens pretos, também não eram referência de idealização do homem padrão. Quanto à própria ocupação no mercado de trabalho e consequentemente acadêmico-científico, é válido pensar sobre o fato de esses espaços nem sempre terem sido de fácil acesso às pessoas pretas. Góis explica: “No que toca ao acesso ao mercado formal de trabalho, por exemplo, os negros enfrentam dificuldades muito maiores do que os brancos, dificuldades essas que se acentuam enormemente quando se trata da ocupação de cargos de gerenciamento e chefia” (Góis, 2008, p. 744). O acesso às oportunidades por parte das pessoas pretas é dificultado desde o momento da educação superior.

Assim, as escolhas feitas ao longo de uma trajetória refletem a capacidade de um dado indivíduo de antecipar os obstáculos à sua frente e mensurar as suas condições de superá-los. É isso que acontece quando da busca por um curso de graduação, por exemplo, já que tal busca é modelada por um conjunto de fatores subjetivos, mas também por cálculos quanto às condições objetivas de ingresso e permanência em uma dada instituição de ensino superior. Para os negros, por situarem-se entre os segmentos mais pobres em nossa sociedade, o acesso a esse nível de ensino é fortemente delimitado por questões materiais que incluem não somente a gratuidade como também a necessidade de proximidade da escola em relação a casa, a possibilidade de obtenção de auxílios, a existência de certos serviços assistenciais como alimentação gratuita e um planejamento meticuloso da provável necessidade de articular estudo e trabalho.

Para as mulheres, esta última necessidade é ainda complexificada porque tradicionalmente também cabe a elas o exercício de atividades no lar, o que faz com que tenham de articular o estudo com o trabalho profissional e com o trabalho doméstico (Góis, 2008, p. 749).

Segundo Oliveira (2021, p. 3) a universidade brasileira surge na época do Império “emerge como política colonizadora, cujas primeiras instituições são criadas no início do século XIX, no momento em que a família real migra para o Brasil em decorrência dos ataques napoleônicos”. Em 1920, no período da Primeira República, tem-se origem a Universidade do Brasil, hoje em dia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e em 1934 cria-se a Universidade de São Paulo (USP), no entanto, é somente a partir da década de 1990 que as políticas públicas que pensavam nos direitos da população negra começam a ganhar espaço.

Oliveira (2021) cita as Leis 10.639/2003 e 12.711/2012 como conquistas e avanços de uma convivência inter-racial mais intensa no interior da universidade, que não era uma realidade anteriormente. também diz que essas conquistas provocaram mudanças no perfil dos estudantes e na cor do quadro discente universitário, mas que, ainda assim, isso não é o suficiente “para garantir que a formação ministrada no seu interior tenha o comprometimento efetivo com a desconstrução do racismo epistemológico que caracteriza o Ensino Superior brasileiro ao longo de sua história” (Oliveira, 2021, p. 8). O racismo epistêmico a que ela se refere diz respeito à predominância que se tem de conhecimentos eurocêntricos, que compromete a formação dos estudantes.

A Portaria Normativa nº 13, do Ministério de Educação, dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, mas, o que Oliveira (2021) afirma é que existe uma lacuna entre a afirmação do texto legal e sua efetivação na prática. A título de exemplo ela cita as políticas destinadas à Educação Básica, que deveriam alterar os currículos, atingindo todas as instituições escolares públicas e privadas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, contudo, na prática isso nem sempre ocorre. Outro exemplo citado é o de que há um aspecto na legislação que exclui das ações afirmativas os que não cursaram integralmente o Ensino Médio em instituições públicas.

Essas condições configuram-se em um retrocesso ao não pensar na completude das pessoas de grupos “socialmente deserdados” como ela diz. Ela aposta em uma estreita relação entre o Movimento Negro e a Universidade como

forma de constituir os planos de combate à desigualdade em ações práticas. Ademais, acredita ser essencial que a linguagem acadêmica seja acessível ao restante da população, “dar aos saberes produzidos o caráter de coisa pública” (Oliveira, 2021, p. 10). A universidade e os pesquisadores e pesquisadoras possuem como função também produzir uma consciência coletiva, que sustenta os projetos que partem de movimentos sociais em busca da igualdade. “A partir da produção gradativa de uma consciência coletiva, desestabiliza-se a ideia de que o acesso aos direitos humanos são conquistas pessoais, e sim direitos sociais” (Oliveira, 2021, p. 10).

Sendo a produção acadêmica em sua linguagem formal inacessível à população majoritária negra, cujo nível de escolaridade média não alcança o ensino fundamental completo, e sabendo-se que a cultura deve ser democratizada, torna-se necessário que seja feita a mediação entre os saberes acadêmicos e as massas negras e não negras. Igualmente, os saberes produzidos sobre outros grupos que compõem a diversidade humana deserdada dos bens materiais e não materiais que garantem o exercício da cidadania deverão ser acessados por todos (Oliveira, 2021, p. 10).

Com as ações afirmativas a presença de grupos marginalizados na educação superior têm aumentado, o que reforça, ainda mais, a necessidade de a universidade posicionar-se de forma equitativa epistemologicamente falando.

A elaboração e implementação de políticas de promoção da igualdade racial significam o reconhecimento de que o racismo é um dos principais elementos de entrave às oportunidades de acesso ao trabalho e a condições dignas de moradia, saúde e educação para muitos da população brasileira. A colonização, a escravização e as políticas de imigração, excluíram socialmente uma parcela da população. A resistência coletiva do povo negro sempre existiu, quando se pensa nas lutas abolicionistas, nos templos religiosos de matrizes africanas, na formação dos quilombos (Oliveira, 2021).

Ainda quanto à escolaridade, existem pesquisas que confirmam que as pessoas brancas têm mais acesso às escolas particulares e universidades do que as pessoas pretas. Isso reflete muito na ocupação das esferas de poder que é representada majoritariamente por brancos e brancas.

Para ocupar o espaço da academia no cargo de docência e pesquisa, inicialmente é essencial que se desenvolva e se forme o aluno (a). Os (as) docentes das universidades precisam ter concluído a graduação, mestrado e doutorado para

ocuparem seu lugar no colegiado. Assim sendo, antes de se pensar em quem ocupa a cadeira de professor (a) na universidade, vale refletir quem são os alunos e alunas da universidade. Para enfrentar a baixa representatividade de discentes negros e negras nesses espaços é que se implementou a Lei nº 12.711/2012 - Lei de Cotas (Brasil, 2012). A lei possibilitou, ao longo de mais de uma década de vigência, que alunos e alunas de escolas públicas, de baixa renda, negros, indígenas, e pessoas com deficiência obtivessem acesso ao ensino superior público por meio da reserva de vagas em instituições federais.

A Universidade Federal de Goiás (UFG) operacionalizou o seu programa de cotas antes da lei que institui a reserva de vagas obrigatória para todas as instituições federais de educação superior. O UFGInclui, foi aprovado no dia primeiro de agosto de 2008 pela Resolução CONSUNI nº 29, com a intenção de incluir estudantes provenientes de classes populares na instituição que é de ensino superior (Rosa; Gonçalves, 2015). A reserva de vagas era destinada a egressos de escola pública, pessoas negras também egressas de escola pública, indígenas, quilombolas e estudantes surdos e surdas no caso de aprovação para o curso de Letras: libras.

É significativo o fato de que no caso do UFGInclui sobressai-se a questão socioeconômica do/da estudante, e não a racial, já que negros e negras só podiam usufruir do programa caso fossem egressos/as de escola pública. No entanto, a questão racial não é de todo desconsiderada já que o programa inclui indígenas (que é também uma classificação racial).

Desde 2002 a UFG dispunha de programas de ação afirmativa como o Projeto Passagem do Meio e os cursos de graduação para inclusão de segmentos sociais específicos (curso de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena, graduação em Direito para Beneficiários da Reforma Agrária, graduação em Pedagogia-Licenciatura para Educadores do Campo). Além dessas ações pontuais havia na UFG programas que se alinhavam em uma política de permanência de estudantes de baixa renda (Programa Bolsa Alimentação, Programa Bolsa de Monitoria, Programa Institucional de Iniciação Científica, Programa de Bolsas de Licenciatura, Programa de Bolsas de Extensão e Cultura, Programa de Bolsa de Permanência, Programa de Bolsas de Estágio, creche, moradia estudantil, serviço odontológico, Programa Saudavelmente, Restaurante Universitário, Programa de Concessão de Passagens para Alunos de Graduação). Contudo, o UFGInclui é mais que a junção desses programas, ele configura um avanço pois prevê uma intervenção na forma de acesso à universidade (Galvão, 2009, p. 86-87).

As ações afirmativas possibilitaram, portanto, uma maior ocupação da universidade por parte da população preta, tanto masculina, quanto feminina. Ainda assim, questiona-se: o espaço científico-acadêmico acolhe os corpos-presença das mulheres pretas?

A autora Giovana Xavier (2021) desenvolve em artigo o que ela intitula de uma “Ciência de Mulheres Negras”, teoria essa que seria de conhecimento feminista negro desenvolvida através de suas experiências como ativista pública, historiadora e professora universitária e como coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras UFRJ, como ela mesma afirma. Nessa produção, Xavier (2021) traz para a reflexão o fato de ocorrer um padrão de esquecimento das intelectuais negras.

A “Ciência de Mulheres Negras é uma teoria crítica que se caracteriza pela valorização dos pontos de vista, da experiência e da articulação entre pensar e fazer de mulheres negras”, explica Xavier (2021, p. 53). A autora afirma que tal ciência é pautada no diálogo, em salas de aula e nas redes sociais, pois tem como intenção criar conhecimentos junto à juventude universitária a partir de uma escuta entre professora-turma, e vice-versa. Crê-se em uma “cooperação e valorização das singularidades individuais que compõem o grupo”, é o que diz Xavier (2021, p. 54).

Alguns dos processos de validação do conhecimento de intelectuais negras, chamados por Xavier (2021) de atos insubmissos, que seriam maneiras de visibilizar o sujeito político mulher negra na comunidade científica, seriam: elaborar listas de referências bibliográficas que elencassem primeiro os nomes próprios das autoras ao invés dos sobrenomes; trabalhar com programas de curso compostos exclusivamente por autoras feministas negras; oficinas, como a oficina de escrita autêntica promovida pela autora desde 2016 na graduação e na pós da UFRJ; impactos da universidade na comunidade negra por meio de suas subjetividades, por exemplo:

Uma estudante de belas artes emocionou a turma contando que, após apresentada a Conceição Evaristo no Curso Intelectuais Negras, passou a ler os contos da autora todas as noites para a avó. A senhora, uma chefe de família que ‘lê e escreve muito pouco’, tornou-se fã da escritora. Já a mãe de um estudante do curso de letras decidiu voltar a estudar depois que o filho levou para casa os debates sobre o direito de ser uma intelectual negra. A mãe, ‘depois do filho criado’, tornou-se estudante de serviço social (Xavier, 2021, p. 56).

Torna-se evidente que naturalizar a presença feminina preta na ciência exige

uma produção de novos paradigmas que incluam trabalhar epistemologias feministas negras, validando-as, apesar de isso ir contra o funcionamento da ciência tradicional.

Alternativa ao eurocentrismo, a Ciência de Mulheres Negras segue impulsionando e impulsionada. Movimentos que se dão por meio da promoção de uma educação focada na produção de currículos e programas feministas negros de educação e história do Brasil; que culminam na conversão da sala de aula em espaço seguro para compartilhamento de histórias e saberes relacionados com temas variados: família, trabalho, política, espiritualidade. Na criação de métodos feministas negros – realização de vivências lúdicas, oficinas de escrita autêntica, produção de curtas, contação de histórias (Xavier, 2021, p. 5).

Busca-se gerar um novo repertório científico que desafie a neutralidade e as formas universais de produção de conhecimento pautadas pela ciência moderna. Xavier (2021, p. 57) conclui que a “Ciência de Mulheres Negras é, assim, uma insubmissão experimentada construída por intermédio da aposta na ponte entre o eu e o nós, em uma comunidade científica de professora e estudantes organizada sob o signo da intelectualidade feminina negra”. Logo, se vê que existem vertentes de luta para o reconhecimento da importância e necessidade de expansão de uma Ciência de Mulheres Negras.

Oliveira e Munanga (2004) relatam em sua pesquisa que, dedicou-se à trabalhar com as realidades e entrevistar mulheres negras professoras universitárias, que essas mulheres, sofrem discriminação dentro e fora do ambiente institucional e universitário. Atuam como docentes e pesquisadoras, mas são desvalidas a todo tempo por alunos (as), colegas e dirigentes, que manifestam seu preconceito e discriminação ao desconfiarem de suas capacidades profissional e intelectual, além de alguns agirem com espanto ou surpresa, conforme relatam o autor e a autora, de presenciarem essas mulheres professoras negras na sala de aula. Relatam também em sua produção, que há desigualdade salarial dessas mulheres se comparada à de colegas brancos (as) mesmo que em posições semelhantes. Pontuam a desigualdade de oportunidades de financiamento de suas pesquisas e mobilidade na carreira. Nota-se assim a necessidade da decolonização do pensamento científico a partir de uma perspectiva do feminismo negro, já que as mulheres pretas enfrentam obstáculos na ocupação do campo científico acadêmico.

Unindo-se os pensamentos do feminismo negro às críticas feministas à ciência, percebe-se uma vertente de preocupação quanto ao que as mulheres pretas a

dizer sobre as dificuldades de ocupação desse espaço, tópico a ser discutido ao longo de toda a produção dessa dissertação.

## 4 MULHERES PRETAS NA CIÊNCIA

Neste capítulo, questiona-se: a mulher preta ocupa o espaço científico? Este capítulo construirá linhas para a compreensão do histórico das trajetórias dessas mulheres no campo científico.

Em entrevista à Revista Com Censo, a professora Anna Canavarro Benite (2021, p. 8), ex-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) afirma:

Um dos principais desafios que a ABPN lida desde sua criação – e que ainda permanece – é o enfrentamento do processo de obstrução do acesso de negros e, sobretudo de negras, às esferas de poder nos diferentes espaços institucionais ou não. Isto acontece em função da configuração de sociedade moderna, o que é relativamente recente, e que inaugura uma série de dicotomias entre estado nação x subalternidade, colonizador x colônia, racional x selvagem. Tudo isso produto de uma estrutura social que se repete nas diferentes configurações de sociedade e, a ciência, as sociedades científicas, não estão alheias a isso (Benite, 2021, p. 8).

A descolonização do conhecimento e dos currículos escolares é essencial, pois muitas pessoas se utilizam de discursos científicos arcaicos para justificarem o racismo, já que em seus primórdios a ciência contribuiu para a construção de um imaginário eugenista. A ciência deve ser espaço de enfrentamento e resistência, e as literaturas produzidas por mulheres pretas trazem de forma plural aspectos de uma história sem estereótipos e é por isso que se deve dar voz a essas autoras. Como mostra Caldwell (2000):

se e quando o assunto de diferença racial é trabalhado, isso é feito em geral por ativistas ou pesquisadoras negras. Sem contar que o fato de as mulheres negras constituírem uma pequena minoria nas universidades brasileiras tem dificultado o desenvolvimento da pesquisa acadêmica sobre a mulher negra (Caldwell, 2000, p. 95).

As desigualdades no espaço acadêmico foram resultados do processo histórico de exclusão das mulheres negras dos espaços da educação e do mercado de trabalho. “Isso porque as mulheres negras ocupam as posições mais baixas nas escalas de assalariamento, seja quando comparadas aos homens brancos e negros, seja quando comparadas às mulheres brancas” (Góis, 2008, p. 744).

Como efeito cascata, o cenário de exclusão das mulheres pretas é perpetuado também no campo científico. A partir do que já foi exposto, a crítica feminista à ciência já faz suas ressalvas quanto a exclusão de mulheres em geral nesse espaço, e, quando falamos de mulheres pretas, essa questão se torna mais contundente. Apesar de ainda estarmos passando por um momento de construção de bibliografias que tratam especificamente das trajetórias das mulheres pretas na ciência, fica evidente, ao colocar vis-a-vis o caráter excludente da ciência moderna e as dificuldades de acesso à educação pela população preta, que ser pesquisadora não é uma realidade de trabalho para a maioria das mulheres pretas.

Silva (2019) em sua dissertação discorre sobre o fato de que, tanto em instituições federais quanto na Universidade Federal de Brasília, local de estudo dela, ao comparar as porcentagens de ocupação das pessoas brancas, pretas, pardas, indígenas, amarelas nas universidades na docência no ensino superior, concluiu que o número de pessoas negras (pretas e pardas, nesse caso), principalmente mulheres, é ainda baixo neste cargo. Isso se dá, pois, existe uma imagem socialmente construída sobre as mulheres negras em que elas não são vistas como seres intelectuais (Silva, 2019). O que é reforçado pelo já citado estereótipo que se tem das mulheres negras explicitado por Gonzalez (1984) que as dividem entre mulata, doméstica e mãe preta.

#### **4.1 Desigualdades no processo educativo**

O acesso à educação se dá de forma igualitária dentre todos os gêneros e raças? Quem tem acesso ao processo educativo?

A princípio, à primeira vista, o contato com os estudos da história da educação no Brasil mostram que, por muito tempo, não levaram em consideração a categoria raça. As obras referenciadas que tratavam do assunto não citavam tal questão. Deixavam de relatar tanto a presença, quanto a ausência da população negra nesse histórico. No entanto, quando a literatura passa a se debruçar nessa realidade, conclui que a desigualdade no processo educativo ocorria desde seus primórdios.

Os negros e negras do Brasil passaram a ter acesso à escola somente a partir de 1930, assim mesmo de forma muito reduzida, conforme nos revelam os dados estatísticos do censo de 1950, em que todos os alunos atendidos na escola primária, somente 4.016 eram de negros. Na escola secundária, menos de 1% e, somente cerca de 0,25% nas universidades. Antes disso, na República Velha e durante o período

colonial, nem os negros libertos eram aceitos pelo sistema educacional e pela própria sociedade, o que causou sequelas comprometedoras na formação das gerações afrodescendentes (Souza, 2004, p. 45).

Surya Pombo de Barros (2018) relata que até a segunda metade do século XX, algumas das obras utilizadas como referências em cursos de licenciaturas, ou em manuais responsáveis pela formação de pesquisadores, pesquisadoras e de educadores e educadoras brasileiros(as), quase não mencionam essa parte da população. Assim, criteriosamente se dedicando a encontrar obras, pesquisas, autores e autoras que reconheçam a presença da população negra na história da educação do Brasil, ela destaca que os primeiros pesquisadores e pesquisadoras a se debruçar na temática da história da educação do Brasil eram em sua maioria brancos e brancas, o que contribuiu para a ausência de trabalhos que olhassem atentamente para a questão racial dentro dessa pauta. “O gradual ingresso de pessoas negras na academia brasileira, alteração em curso nas duas últimas décadas, aliado às já mencionadas políticas públicas que incrementaram o debate sobre educação e relações raciais” (Barros, 2018, p. 5), são pontos que incentivaram a mudança desse cenário.

Além disso, “A diminuição da associação direta entre escravo, africano, preto e negro, categorias diferentes, mas muitas vezes tratadas como sinônimos, também contribuiu para as mudanças” (Barros, 2018, p. 6). Existem sim obras que observam atentamente a presença da população negra na história da educação do Brasil, e Barros (2018) se dispõe a indicá-las.

É importante citar que

campos como história da educação, política educacional, educação popular, entre outros, vêm concluindo que a ideia de uma escola apenas para brancos, abastados e urbanos é mais um mito de origem da escola pública brasileira do que algo ancorado em dados da realidade (Barros, 2018, p. 6).

Ou seja, não é real a afirmação de que no período imperial a presença das pessoas negras nos centros educacionais era inexistente. Barros (2018, p. 7) cita pesquisas e obras como as de Silva (2000) intitulada “Aprender com perfeição e sem coação - Uma escola para meninos pretos e pardos na Corte”, que relata a história de um professor primário que pediu autorização para abrir uma escola para meninos pretos e pardos; o estudo de título Professoras Negras na Primeira República, de

Maria Lucia Muller (1999), que reconhece a presença de professoras negras na época do império, mas que o registro das mesmas foi sendo apagado durante a época da República; o livro *Diploma de brancura – política social e racial no Brasil 1917-1945*, de Jerry Dávila (2006) que explica que a escola pública teria gradualmente excluído o público negro; dentre outras.

Essas obras, como afirma Barros (2018), fazem a incorporação da dimensão racial nas análises da história da educação. Um ponto importante trazido pela pesquisadora é que alguns dos documentos que os autores e autoras que excluíram a população negra de seus relatos utilizaram enquanto justificativa para talato foram documentações oficiais da administração pública, no entanto, isso fez com que estudiosos e estudiosas que se dedicaram à incluir a questão racial no debate, confiassem em outros tipos de fontes como “imprensa, fotografias, literatura, depoimentos orais, dados estatísticos, atas de assembleias, registros de irmandades e associações, entre outros suportes” (Barros, 2018, p. 8).

É válido afirmar que, mais uma vez utilizando-se do conhecimento de Barros (2018), por mais que existissem legislações impeditivas da presença de pessoas negras na educação formal (reforçando novamente que o significado de negro, é diferente do de escravo, liberto, livre, pardo, preto, mestiço, mulato, e que isso também deve ser levado em consideração para que não seja feita umageneralização), existiam outras maneiras de educar a população, como aulas particulares, instituições voltadas para segmentos específicos, autodidatismo, clubes, irmandades, associações, espaços religiosos. Assim sendo, a restrição das leis não abarcava toda e qualquer forma de letramento.

Outras obras, ao investigarem o período colonial, encontraram práticas de leitura por parte das pessoas negras em diferentes capitanias. Barros (2018) também indica obras que estudam intelectuais e protagonistas de pesquisas negros e negras. Contudo, reforça que personagens como a primeira romancista brasileira - Maria Firmina dos Reis -, a socióloga e pioneira na introdução da psicanálise no Brasil - Virgínia Bicudo -, a primeira engenheira negra do Brasil - Enedina Alves Marques - “ainda merecem trabalhos específicos na história da educação brasileira” que relatem suas trajetórias (Barros, 2018, p. 12).

Logo, afirma-se aqui que práticas educativas negras sempre existiram. Ainda que de forma desigual, a população negra não esteve ausente do processo da educação no século XIX, pois recorriam a outras instituições ou aulas particulares,

dentre outras opções. Não deixa de ser fato que houve uma interdição aos escravizados presente nas leis e regulamentos voltados à educação, mas isso não ocorreu de forma simplista. Havia tipos de proibições e permissões dentro do contexto histórico. Todavia, o Brasil operava com base em uma lógica senhor-escravo, o que deixou sequelas indiscutíveis no cenário educacional nacional. Se não impedidos de forma direta, os costumes e a cultura, restringia a participação dessas pessoas nesse ambiente. Os escravizados foram impedidos de terem acesso à educação em um certo período, a pessoa negra, não. A legislação não abarcava toda a experiência negra diante do processo educativo, é o que explica Barros (2018).

Os impeditivos educacionais, no entanto, ocorreram. O direito de acesso das mulheres ao ensino superior foi concedido pelo imperador D. Pedro em 1879, mas o ingresso ocorreu de modo gradativo e restrito devido a essa base estrutural de dificuldade em adentrar nas escolas formais inicialmente, e por terem tido que recorrer a outros tipos de modelos educacionais (Blay; Conceição, 1991; Ferreira, 2010; Filgueiras, 2004; Queiroz, 2008).

O autor Carlos Hasenbalg (1990) apresenta os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1982 com o intuito de refletir sobre as questões étnico-raciais perante às socioeconômicas, e assim, evidenciar as desigualdades raciais existentes no Brasil. Quanto ao acesso à educação, declara que a proporção de analfabetos entre não brancos era de 40%, enquanto que a taxa de analfabetismo entre brancos era de 22%. No que diz respeito à colocação no mercado de trabalho, em 1976, 68% dos negros e pardos ocupavam postos de trabalho em que se exigia pouca qualificação e com baixa remuneração, enquanto que as pessoas brancas representavam 52% dessa realidade.

Já em outro artigo, ao analisar os dados do PNAD de 1982, o autor (Hasenbalg; Silva, 1990) reforça que há uma proporção mais elevada de crianças não brancas que ingressa tardiamente na escola, e que a proporção de pretos e pardos que não têm acesso à escola é três vezes maior do que a de brancos em situação semelhante.

De acordo com o relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do plano nacional de educação de 2020, a razão entre a escolaridade de negros e não negros era de 89,8%, em 2019, ou seja, 10,2 p.p. (pontos percentuais) distante de uma situação de igualdade. Faz parte do plano, como uma de suas metas, reduzir a desigualdade de escolarização entre os grupos de raça/cor. A Meta 8 definiu que a escolaridade média de negros e não negros fosse igualada até o ano de 2024 (Brasil,

2015). Porém, desde 2012, o indicador cresceu apenas 3,5 p.p.; assim, caso mantenha o ritmo de ascensão precedente, talvez não atinja o valor almejado para 2024.

Logo, a população preta é a que mais ocupa as escolas públicas e a que mais sofre com o abandono escolar, o que é perceptível nas estatísticas já citadas da taxa de analfabetismo no Brasil. Se desde a base escolar no que diz respeito ao processo socioeducativo, é a população não branca a que mais sofre para ter acesso ao ensino das escolas privadas, tido como de mais qualidade no âmbito nacional, é perceptível o caminho árduo das mulheres pretas para chegarem ao território científico. Já que para a docência universitária tem-se como pré-requisito a formação completa na escolaridade média, na graduação, além de cursos de mestrado e doutorado.

Por muito tempo, chegar à universidade não era uma realidade das pessoas pretas. Trazendo novamente o debate em relação às ações afirmativas, as implantadas em 2012 (Lei 12.711 - que possibilitou, ao longo de uma década de vigência, que alunos e alunas de escolas públicas, de baixa renda, negros, indígenas, e pessoas com deficiência obtivessem acesso ao ensino superior público por meio da reserva de vagas em instituições federais. Estabelece a reserva de 50% das vagas das universidades federais aos estudantes de escolas públicas) foram criadas com a intenção de alterar esse cenário (Brasil, 2012). Carvalho (2022) põe em debate a questão das cotas e inicia seu pensamento afirmando ter preferência pelas cotas raciais em face das cotas ditas sociais já que

Da defesa das cotas apenas para estudantes de baixa renda, depreende-se que só tem direito à reparação os jovens negros de famílias pobres; por outro lado, os de famílias de classe média, os que podemos chamar de economicamente moderados, terão que competir com os brancos de classe média, em média alta e ricos (Carvalho, 2022, p. 9).

Ele acredita que o modelo de inclusão racial por subcotas (são cotas no interior de outras cotas consideradas prioritárias, ou referenciais da política de inclusão) de baixa renda, assim como o modelo de subcotas de escola pública, que acaba desconsiderando as dificuldades que pessoas negras que estudam em escolas particulares passam por, endossam uma dimensão parcial de exclusão racial.

Carvalho (2022) explicita que a discussão sobre cotas começou a aparecer nas universidades, após o acontecimento do Caso Ari. Arivaldo de Lima Alves foi o

primeiro aluno negro no doutorado de Antropologia da UnB (Universidade de Brasília) e em 1998, foi o único a ser reprovado em uma matéria obrigatória nos 20 anos do programa. Os discentes questionaram tal acontecimento. Posteriormente, a universidade foi, em 2003, uma das primeiras a implementar cotas para pessoas negras e indígenas.

Desde o início, a campanha pelas cotas tem sido desenvolvida através de uma série de ações separadas, compartimentalizadas e até estanques. Entre essas frentes de atuação estiveram: a luta pelas cotas na graduação; esforços para a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira, e da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da Cultura Indígena; debates para a superação do currículo eurocêntrico dos cursos e das disciplinas; articulações para apoiar a permanência dos estudantes cotistas com bolsas; negociações de abertura de vagas para a contratação de docentes negros; instalação de comissões de heteroidentificação complementares à autodeclaração étnico-racial dos/as estudantes (tanto de verificação como de validação); sindicância para o enfrentamento das fraudes nas cotas; e a partir de 2012, acompanhamento e avaliação de implementação da Lei 12.711 (Carvalho, 2022, p. 7).

A citada Lei 12.711 pensou em como sanar a problemática do baixo número de pessoas pretas, pardas e indígenas na graduação das universidades (Brasil, 2012). Outra lei a ser citada que complementa essa discussão é a Lei 12.990/14 que reserva 20% de cotas para candidatos negros nos concursos para o serviço público, que contempla quem ocupa a universidade como docente, por exemplo (Brasil, 2014). Já que apesar de após a implementação das cotas raciais que reservava porcentagem de vagas às pessoas pretas, pardas e indígenas na graduação, por vezes, muitas dessas pessoas atingiam a graduação e ali paravam, não tinham oportunidades nos programas de pós-graduação e nem enquanto integrantes dos corpos docentes das universidades, algo influenciado e impactado após a implementação da Lei 12.990 (Brasil, 2014).

Carvalho (2022) afirma que com a enorme desigualdade racial na docência superior faz-se necessário que existam novos modelos de cotas para além do que é estabelecido na Lei 12.990/2014, que só pode ser aplicada para concursos com um mínimo de três vagas, exigência que dificilmente se encaixa nos concursos das universidades. Ele sugere soluções para tal problemática, são elas: aplicar o sistema de preferência, que não se pautaria em cotas como percentual, mas sim em ser, como

ele afirma, ativamente antirracista e, optar por preferência, candidatos negros, negras e indígenas, ou seja, “haverá preferência para os candidatos negros e indígenas que se candidatarem e que forem aprovados, independente de sua colocação no certame em face dos candidatos brancos” é o que diz Carvalho (2022, p. 16). Além do sistema de preferência, ele sugere o de indução e busca ativa.

O sistema de indução e busca ativa consiste em quando uma determinada unidade acadêmica ou colegiado de curso não conta com professores(as) negros(as) ou indígenas, cabe à universidade implementar uma busca ativa para encontrar tais candidatos, além de utilizar-se do sistema de preferência nos próximos concursos. Ele diz que essa seria uma atitude proativa, já que não dependeria da ocasião de um edital aberto.

É citado também o sistema de reposição e exclusividade, em que na saída de um(a) docente negro, sua vaga deve ser ocupada também por uma pessoa negra. Ele cita o caso de Kabengele Munanga, como ilustração da necessidade dessa mudança de atitude perante a inclusão de pessoas negras e indígenas na universidade. Munanga foi professor de Antropologia da USP de 1980 a 2002, tendo sido, durante trinta e dois anos, o único professor negro do Departamento. Após aposentar-se, e ao abrir concurso para ocupar sua vaga, o departamento “regressou aos seus 100% de brancura que o caracterizavam antes da sua chegada”, como afirma Carvalho (2022, p. 17). Porém, no ano passado, entrou um novo doutor negro no colegiado de Antropologia da USP.

Resumidamente, para Carvalho (2022), o sistema de cotas ideal constituiria em um conjunto de políticas públicas que garantisse a implementação do sistema nos níveis de graduação, pós-graduação, docência e pesquisa; focando também na permanência ao incluir apoio psicopedagógico para os estudantes cotistas; e pensando nos pareceristas, nas bolsas de pesquisa, nos Conselhos da Capes, do CNPq e das Fundações de Apoio; nos projetos de Extensão; nos editais, incluindo temas direcionados para a comunidade afro-brasileira; e nos cargos da gestão superior (diretores e pró-reitores) dos Institutos Federais de Educação (IFEs).

Maria Nilza da Silva (2014) ao analisar o sistema de cotas da Universidade Estadual de Londrina e seus impactos, por exemplo, percebe que as cotas possibilitam maior ingresso dos estudantes oriundos das escolas públicas, só que na ocasião em questão, o número de pessoas pretas adentrando em tal universidade fica abaixo do esperado dentre os anos de 2004 a 2014. O que Silva (2014) percebe é que mesmo

quando as pessoas usufruem das ações afirmativas, existem estratégias para diminuir o impacto das mesmas. Lutou-se para que houvesse inclusão do negro na universidade - nesse caso, na Universidade Estadual de Londrina (UEL) - e impuseram na reserva de vagas uma proporcionalidade, ou seja, para que o negro pudesse entrar na universidade, existia um limite de 20%, mas para isso era necessário que houvesse 20% de inscritos.

A maioria dos negros se inscrevia nas ciências humanas, e não em outros cursos, eis o que ocorria, de acordo com a autora: as cotas eram uma realidade, mas quando foram alcançadas, impuseram uma proporcionalidade. A título de exemplo, ela explica que apenas 2% se inscreviam para o curso de medicina, por exemplo, o que ao invés de 20%, resulta em menos (Silva, 2014). Ou seja, são mecanismos impostos para diminuir o impacto dos negros e das negras no ensino superior.

Silva (2014) conclui que existe uma dificuldade da efetiva inserção da população preta na educação superior. Isso se dá por vários motivos, segundo a autora, inclusive por questões estatísticas da necessidade da definição das vagas ser proporcional ao número de inscrições, quanto por questões raciais de pessoas pretas não quererem identificarem-se e reconhecerem-se como tal para concorrer às vagas, buscando distanciar-se de suas identidades “para amenizar os sofrimentos causados pelos estigmas relativos à cor negra”, como afirma a autora (Silva, 2014, p. 226).

Para além disso, mesmo após o ingresso dos/das estudantes pretos e pretas, há a necessidade de uma política de inclusão que contemple não somente o ingresso, mas também a permanência dessas pessoas nesse espaço.

São poucos os negros que concluem o ensino médio e menos ainda aqueles que chegam ao ensino superior. Várias são as dificuldades que impedem os jovens da população negra e os pobres de chegarem à universidade; tais como: a discriminação no ambiente escolar, que causa muitas interrupções na trajetória; a violência que vitima em especial a juventude negra, ceifando prematuramente inúmeras vidas; a baixa autoestima fazendo-os não vislumbrar a universidade como locus acessível também à população negra. O racismo e as suas consequências reduzem até mesmo a capacidade de sonhar (Silva, 2014, p. 229).

Silva (2014) também explica que parte da população preta não vê a universidade pública como uma realidade por ser de mais difícil entrada, diferentemente da particular que é conhecida por ter provas de vestibulares mais fáceis e de menor concorrência. Atualmente, a universidade privada é vista como uma

realidade mais acessível devido aos programas de bolsa como o Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Nota-se que a aceitação das ações afirmativas ainda está se consolidando, porém elas já proporcionaram ótimas oportunidades para diversos estudantes. A tendência é que isso surta cada vez mais efeito positivo.

Reforçando-se a importância da lei nº 10.639 de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", é importante que a história da pessoa negra não seja trabalhada na educação - e aqui pensa-se não necessariamente na educação superior, mas em todas as etapas do processo educativo - apenas de forma pejorativa com foco na escravidão (Brasil, 2003, Art. 26-A, § 2º). É importante que haja uma reconfiguração na construção das narrativas e das escritas em torno do protagonismo do negro e da negra.

No que diz respeito inclusive aos estudos que analisam a história escolar das pessoas negras, Fonseca e Barros (2016) faz um balanço e um percurso pela historiografia da educação brasileira afim de costurar a história e desvendar as lacunas construídas que ocultavam os negros como sujeitos da educação escolar. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a formação de professores em Escolas Normais e cursos de Pedagogia, pelas Sociedades e Grupos de Pesquisas, é de onde a autora parte para se aprofundar em um entendimento da história da educação da população negra, e observou vários apagamentos nesse campo em relação à instrução da população negra em diversas províncias e estados.

Quando se pensa então na população preta e no Ensino Superior no Brasil deve-se levar em consideração que o racismo dificulta acesso e permanência de estudantes pretos e pretas nas universidades. Silva (2014) traz uma reflexão também a respeito dos conteúdos sobre a população negra na estrutura curricular dos cursos de graduação que ao não desenvolverem de forma eloquente tais temáticas, dificulta o interesse e consequentemente a mobilização das pessoas em relação a isso. O que comprova mais uma vez que a ciência possui na estrutura de seu *modus operandi* um funcionamento androcêntrico branco sexista e racista.

Silva (2021), em outro trabalho, relata que para que o racismo seja enfrentado, faz-se necessário compreender que a base de tal problemática advém da desigualdade presente no acesso ao Ensino Superior. E por que isso ocorre? A autora traz alguns aspectos para explicar tal questão a serem explicados resumidamente a

seguir. As pessoas pretas eram enxergadas pela sociedade a partir de uma visão que as classificavam enquanto animais, já que desde a época da escravidão tinha-se que essas pessoas eram vistas como pouco humanas, desprovidas de humanidade.

Respalhada por Ferreira (2019) e Silva (2021) explica que quanto maior é o nível de escolaridade, maior é a desigualdade entre pretos e brancos. Consequentemente, reserva-se a essa população, os cargos informais menos remunerados e de menor prestígio.

A autora em questão também explica que essa população é a que mais sofre com a violência, não sendo exagero falar em genocídio da população preta.

A violência está presente não apenas nos homicídios, mas também de forma simbólica no sistema educacional, no mercado de trabalho, nas dificuldades de acesso ao sistema de saúde e bens públicos em geral, etc. Todos os aspectos da sociedade são eivados da ideia de que a vida negra vale menos ou, até mesmo, não tem valor (Silva, 2021, p. 100).

Assim sendo, toda estrutura social é construída de tal forma que dificulta a chegada das pessoas pretas ao ensino superior, ainda assim, existem ações, como no caso das cotas, que visam permitir e facilitar esse acesso, o que tem tido nos últimos anos um impacto positivo na sociedade. Por enquanto, não se está diante de um cenário ideal, já que a evasão escolar é ainda grande e que as cotas voltadas para estudantes advindos(as) de escola pública, ainda acaba por contemplar mais pessoas brancas do que pretas, muitas vezes.

Deve-se pensar em medidas não somente para o acesso, mas também para a permanência dessa população nas instituições educacionais porque muitos dos jovens pretos estão submetidos a cargas de trabalho, muitas vezes em posições subalternas e mal remuneradas, que os deixa com pouco tempo para os estudos (Cazuza; Gouveia; 2019). Silva (2021) diz que as cotas raciais seriam subcotas, por serem cotas dentro das cotas, já que levam em consideração a escolaridade e a raça. Por isso, as mudanças são perceptíveis, porém ainda lentas.

## **4.2 Desigualdades na docência superior**

Quem chega à docência superior? Traremos, para além de referências

bibliográficas, dados estatísticos quanto a presença das mulheres pretas nesses campos.

O censo de 2019 do ensino superior do INEP mostra que as mulheres representam 46,7% (186.814) do quadro docente das instituições públicas federais de ensino superior (Brasil, 2019). Destas, somente 2,3% se autodeclaram pretas (não estamos levando em consideração aqui nesse caso, as que se autodeclaram pardas). De 399.428 docentes, 46,7% são mulheres (186.814) e 53,2% são homens (212.614). Nas universidades públicas federais, 70.863 docentes são do sexo masculino e 56.463 docentes são do sexo feminino, sendo que das docentes mulheres (56.463) são declaradas brancas 22.349 ou 39,5%; enquanto as docentes pretas representam 2,3% do total (1.304 docentes).

Já nas universidades públicas estaduais são 27.638 docentes do sexo masculino e 24.524 docentes do sexo feminino sendo as docentes declaradas brancas 11.234 ou 45,8%, enquanto as docentes pretas representam 2% do total (495 docentes). Nas universidades privadas tem-se 55.255 docentes do sexo masculino e 55.206 docentes do sexo feminino. A grande maioria formada por docentes declaradas brancas (31.200 ou 56,5%) enquanto que as docentes pretas representam 1,9% do total (1.048 docentes).

Em artigo dedicado a pensar nas desigualdades de gênero e raça na ciência em virtude do modelo historicamente androcêntrico e sexista, Patrocino *et al.* (2020) concluem que as mulheres não avançam na carreira científica na mesma proporção que os homens. Apontam que muitas mulheres em cursos de graduação ou na docência representam um menor número como pesquisadoras líderes. São também raras em cargos de direção e de chefia, com tendência à estagnação da sua carreira, mantendo-se em patamares inferiores. Trazem como dados que “No Brasil, em 2015, das pesquisadoras que recebiam bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq, apenas 7% eram negres, dessas, 6,2% eram pardas e 0,8%, pretas” (Tavares; Braga; Lima, 2015b *apud* Patrocino *et al.*, 2020, p. 421).

Além disso, perceberam que quanto às bolsas de produtividade do CNPq no Brasil, entre os anos de 2001 e 2015, houve uma predominância de bolsa de produtividade para o sexo masculino, independentemente do nível. Entretanto, entre as mulheres, o maior percentual de bolsas concedidas se concentrou no nível 2, enquanto entre os homens houve um maior percentual no nível 1A, nível de carreira mais avançado para pesquisador. “Em 2014, do total de 90.068 mulheres cadastradas

na plataforma, apenas 5.010 (5,56%) recebiam bolsa de produtividade em pesquisa. Enquanto do total de 90.125 homens cadastrados, o número de bolsistas foi de 9.064 (10,06%) (Brasil, 2014 *apud* Patrocino *et al.*, 2020, p. 424-425).

Quanto ao percentual de participação de homens e mulheres na Academia Brasileira de Ciências, de acordo com a área de pesquisa, o de homens membros da ABC foi superior ao das mulheres, sendo maior que 75%, independentemente da categoria (Patrocino *et al.*, 2020). Ainda de acordo com os mesmos autores, baseando-se nos dados da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quanto à ocupação discente nos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil em 2017, tinha-se um percentual de “53,59% (201.207) de mulheres e 46,41% (174.259) de homens”. Porém, quando foca-se na docência na pós-graduação stricto sensu no Brasil no mesmo período, “42,18% (42.727) são do sexo feminino e 57,82% (58.561) do sexo masculino” (Patrocino *et al.*, 2020, p. 429). Logo, as mulheres ocupam a academia enquanto alunas, mas possuem dificuldades em ocuparem a cadeira de professoras no ambiente do ensino superior no que concerne os programas de pós-graduação.

A ascensão nesse campo depende, principalmente, da publicação e reconhecimento de suas contribuições à ciência, pois é a partir da comunicação científica dos resultados de pesquisas que o conhecimento segue sendo produzido, legitimado e divulgado, e é assim atribuído status ao/à cientista. Nesse quesito, pesquisas indicam que publicações feitas por mulheres são menos citadas do que as elaboradas por homens. Impedir ou dificultar que um grupo possa produzir e perpetuar conhecimento é uma maneira de mantê-lo subalternizado – o que coloca em xeque a neutralidade científica (Campos; Alves; Santoro, 2021).

Maffia (2002) explica que existem três tipos de mecanismos de exclusão das mulheres no setor de ciência e tecnologia: os explícitos ou formais, os mecanismos ideológicos ou pseudocientíficos e os mecanismos implícitos ou informais. Os formais dizem respeito às leis e regulamentos que impedem o acesso da mulher à universidade, ou seja, são mecanismos que não são mais existentes, ainda assim, é importante lembrar que já foram presentes na sociedade.

Quanto aos ideológicos ou pseudocientíficos, tratam-se das condições cognitivas impostas às mulheres, o que acabam resultando no abandono e/ou não alcance dos espaços de poder da produção de conhecimento. Cita-se, como exemplo, a mentalidade de que as mulheres são seres delicados, subjetivos, afetivos, e de

outros fatos que chegaram a ser explicitados cientificamente como de que as mulheres possuem o cérebro menor do que o dos homens, e que seus hormônios as impediriam de tomarem decisões sensatas, que são mais comunicativas do que racionais.

As barreiras informais são as que resultam na discriminação. Maffia (2002, p. 34) cita: “É o trabalho invisível dentro dos laboratórios, a classificação, a catalogação em história natural, a produção de herbários, todos os trabalhos que sejam rotineiros e não teóricos geralmente são realizados por mulheres”. A autora complementa ao alegar que tende-se a colocar mulheres para fazerem trabalhos de maneira isolada, funções rotineiras e repetitivas, impedindo-as assim de contribuírem para a elaboração teórica. Hierarquicamente, as mulheres se encontram no que é visto como a parte “inferior” da ciência.

Três fenômenos operam aí e devem ser trazidos à tona para construir caminhos para superação dessas barreiras na ciência e na tecnologia: efeito tesoura, teto de vidro e labirinto de cristal. O efeito tesoura diz respeito ao corte drástico entre o número de mulheres na pós-graduação e o de cientistas reconhecidas por sua produtividade acadêmica. À medida que a carreira progride, o número de mulheres decresce.

Com base em Lima (2014), o teto de vidro é uma metáfora para representar o obstáculo invisível, porém concreto, que impede as mulheres de chegarem a determinadas posições de prestígio nas profissões, no entanto, há uma problemática da metáfora: ela representa um tipo de barreira em uma única etapa da carreira, no caso, localizada no topo, para ascender a postos de poder. Não sendo essa a realidade.

Por isso, a autora traz um terceiro termo que representaria de fato o obstáculo que permeia toda a carreira científica das pesquisadoras mulheres. O labirinto de cristal, que diz respeito a diversos obstáculos dispostos na trajetória científica feminina. As barreiras e armadilhas do labirinto não estão somente ligadas à ascensão na carreira, mas também ao ganho de reconhecimento de atuação das cientistas e à sua permanência ou não em uma determinada área.

Lima (2014) pontua que obstáculos e superações na trajetória profissional; habilidades e competências postas à prova ao ocuparem determinadas posições na carreira; dificuldade em conciliar maternidade e família; a pressão do meio em adequar seu comportamento à cultura androcêntrica, que define critérios para atuação e ascensão na carreira com referência ao padrão masculino hegemônico; e o relato de discriminações implícitas e estruturais, é o que comprova e reafirma a necessidade de

uma reformulação do ambiente acadêmico científico.

Dentro do campo científico, o feminismo negro questiona não somente a invisibilidade das mulheres pretas enquanto sujeitos de pesquisa, mas como produtoras de conhecimento na área.

O próprio racismo epistêmico é uma das consequências diretas dessa tendência no campo dos estudos feministas, pois tanto a invisibilidade das mulheres negras enquanto protagonistas na história como o silenciamento da produção intelectual desenvolvida por estas mesmas mulheres implica na construção de uma análise distorcida e limitada sobre a experiência feminina no Brasil (Santos, 2016, p. 25).

Ao não representar as mulheres pretas dentro da crítica feminista à ciência, a roda do preconceito racial e de gênero continua a girar, mesmo que inserida em um contexto de militância a favor das mulheres, pois de nada adianta defender os direitos femininos e seguir sendo excludente com parte delas.

As implicações da omissão racial mencionadas acima não podem ser entendidas como problemas isolados e independentes, uma vez que no Brasil o feminicídio é consequência direta do epistemicídio e vice-versa. Enquanto desdobramentos paralelos da opressão racial, são duas faces da mesma moeda. Afinal, a invisibilidade da contribuição histórica empreendida pelas mulheres negras somada aos estereótipos racistas vigentes modelam, em relação a essas mulheres, a construção de um status subalterno e a produção de imagens inferiorizantes no imaginário social. Assim, as mulheres negras são facilmente classificadas como seres abjetos e seus corpos são representados como vidas que valem menos, sendo, portanto, facilmente sacrificáveis. Em função disto, podemos afirmar que o silêncio sobre a questão racial no campo dos estudos feministas produz resultados concretos e objetivos (Santos, 2016, p. 27-28).

Cabe aos feminismos repensarem seu posicionamento quanto às suas lutas, para que sejam mais inclusivos.

Se as teorias feministas, de modo geral, ainda possuem um caráter marginal na academia, não é menos correto afirmar que existem campos dentro da própria área dos estudos feministas que são marginalizados internamente, tal como a produção do pensamento do feminismo negro. Isto contradiz a própria proposta de emancipação do feminismo, uma vez que tanto as mulheres como a população negra, em sua diversidade, compartilharam historicamente da mesma posição subjugada na produção do pensamento científico ilustrado, que foi pautado por meio do racismo epistêmico e do sexismo epistêmico (Santos, 2016, p. 28).

O percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é consideravelmente maior do que o calculado para as mulheres pretas ou pardas, de acordo com as estatísticas de gênero divulgadas pelo IBGE (2021). Quanto à atuação no ensino superior, a Meta 13 do Plano Nacional de Educação (PNE) tem como objetivo elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores em efetivo exercício na docência de nível superior, que deve atingir 75% até 2024, sendo que, no mínimo, 35% dos docentes deverão ter concluído o curso de doutorado (Brasil, 2015, p. 225).

A invisibilização da mulher negra na sociedade é histórica, estando presente também na academia, sendo uma forma de comunicar que aquele espaço não as pertence. Podemos perceber isso nos lugares que são reservados a elas nestes locais, que durante muito tempo foi apenas o de objeto de estudo. As mulheres negras querem e devem ocupar o lugar da academia para produzirem pesquisas, em que possam contar suas próprias histórias, a partir da sua ótica e das suas produções epistemológicas (Alcântara; Silva Júnior, 2020, p. 132).

Percebe-se a importância da decolonização do conhecimento científico para que as mulheres pretas tenham cada vez mais espaço no ambiente acadêmico-científico para além de sua ocupação enquanto objetos de estudo de pesquisa. Apesar de essa pesquisa em produção estar sendo elaborada por uma estudante não negra em conjunto com uma orientadora também não negra, ela visa levantar a discussão e fortalecer esse espaço ao trazer autoras negras para sua bibliografia, e também ao escutar ativamente as entrevistadas envolvidas.

## 5 CARTOGRAFANDO EXISTÊNCIAS, UM APORTE METODOLÓGICO

O capítulo final visará escutar o que as mulheres pretas docentes atuantes nos programas de pós-graduação em comunicação da UFG e da UFMG têm a dizer sobre si mesmas, sobre suas histórias, sobre a ocupação dos territórios acadêmico-científicos, e sobre os marcadores de raça e gênero que as rondam. Aparecem aqui as entrevistas em profundidade com docentes dos programas de pós-graduação em comunicação, para por fim então, analisar as suas falas e compreender como se constrói o território existencial de mulheres pretas no ambiente acadêmico de pesquisa e docência.

A pesquisa possui abordagem qualitativa, pois ao se tratar de histórias de mulheres, acredita-se que tal abordagem permitirá de forma mais eficaz a coleta de dados subjetivos e pessoais à amostra escolhida.

Conforme já afirmado, são características da pesquisa qualitativa sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos. Tal postura requer, portanto, maior cuidado na descrição de todos os passos da pesquisa: a) delineamento, b) coleta de dados, c) transcrição e d) preparação dos mesmos para sua análise específica (Günther, 2006, p. 204).

O método é a cartografia existencial. Já que trata-se de sujeitos, no caso, mulheres-pretas-acadêmicas, pensa-se em vivências, marcas, culturas, e por isso faz-se importante ter uma aproximação com os sujeitos do estudo, e se deixar tocar por eles. Pretende-se dar visibilidade às trajetórias de vida dessas mulheres nesse espaço específico acadêmico-científico, que são “influenciadas pela sociedade, pelo Estado, pelo modo de produção, pela afetividade ao lugar, pelas diversas redes que atravessam as trajetórias dos sujeitos” (Chaveiro; Vasconcellos, 2018, p. 32). O pesquisador ou pesquisadora nesse método, nomeado como cartógrafo(a), deve estar aberto para mergulhar ativamente na pesquisa, já que tal metodologia depende de um olhar atento e de uma escuta ativa, de um deixar-se afetar. Na visão de Alvarez e Passos (2014, p. 137):

O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e

conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento (Alvarez; Passos, 2014, p. 137).

Os autores reforçam também a necessidade de se suspender o pré-conhecimento no ato cartográfico. A ideia é penetrar no campo da pesquisa sem estabelecer de antemão o que se pretende buscar, para assim evitar uma distinção entre sujeito e objeto, pesquisador e campo da pesquisa, teoria e prática. A partir da cartografia, abraça-se conceitos como o de histórias de vida, emoção, experiência e memórias. Existe uma abertura e receptividade aos acontecimentos que franqueia as possibilidades para o encontro de resultados que não estavam sendo procurados.

O cartógrafo caminha sem ter metas pré estabelecidas, e seu caminho é construído junto ao seu processo, sem se apegar às certezas. É uma metodologia estabelecida “na experimentação e na prática de manter o pensamento aberto. Contudo, não significa ausência total de referências, de objetivos, nem tampouco de estratégias metodológicas. A metodologia cartográfica não acontece sem orientações” é o que explicam Souza e Francisco (2016, p. 814).

Ressalta-se que

Tal aposta metodológica da cartografia nos coloca lado a lado com a tradição das pesquisas qualitativas e daquelas que investem nas práticas de inclusão e de participação efetiva daqueles que, tradicionalmente, estariam apenas na posição de objeto/participante (Alvarez; Passos, 2014, p. 142).

Alvarez e Passos (2014, p. 147) afirmam ainda que:

Habitar um território existencial é uma das pistas do método cartográfico. Uma pista metodológica não é o mesmo que uma regra ou protocolo de pesquisa, não é um procedimento que se dita de antemão, mas requer um aprendizado ad hoc, passo a passo. Nesse sentido, lançamo-nos na pesquisa tal como se diz “lançamo-nos na água”, sem perder de vista que tanto a pesquisa ela mesma quanto o campo pesquisado estão sempre num processo incessante de coprodução e coemergência (Alvarez; Passos, 2014, p. 147).

Para que tal mergulho seja possível, o(a) pesquisador(a) deve colocar em suspensão suas crenças para que as realidades observador(a)-objeto sejam construídas em composição no território existencial.

Pessoas com suas características existenciais singulares são acervos de cartas e mapas acumulados que traduzem as coisas do mundo – suas carícias e suas ofensas – as suas marcas. Pessoas são museus humanos das marcas do mundo. Cartografias existenciais são formas de visitá-las. E descobrir coisas (Chaveiro; Vasconcellos, 2018, p. 28).

Complementar à pesquisa bibliográfica, foram feitas entrevistas em profundidade com três mulheres pertencentes ao grupo de mulheres pretas docentes em programas de pós-graduação em comunicação, sendo duas da UFG e uma da UFMG. Dentro da metodologia cartográfica vê-se a entrevista como experiência compartilhada, entre entrevistadora e entrevistada.

A cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e incluam seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 301).

A entrevista na cartografia visa o acesso à experiência e não à mera informação, ao conteúdo dito. Visa-se alcançar uma fala que porte os afetos próprios à experiência. São questionamentos feitos por Tedesco, Sade e Caliman (2013, p. 307) “qual é o afeto que provoca a variação da fala? E, ainda, dependendo do contexto, averiguar: o que está sendo dito quando o sujeito não está falando?”.

Leva-se em consideração gestos, expressões corporais e faciais, entonação.

Devido ao caráter pragmático da linguagem, toda entrevista é produtora de realidades, de experiências, consequentemente, é preciso estar atento aos modos de proceder na construção da experiência ao longo da entrevista, a fim de promover sua abertura às variações, às multiplicidades para impedir seu fechamento em perspectivas totalizantes. Isso aproxima a entrevista na cartografia bem mais do diálogo na clínica, do que das perguntas de um repórter ou jornalista que busca informação, por exemplo (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 307).

Nesse tipo de entrevista é importante evitar perguntas que gerem respostas mais fechadas, e sim privilegiar as que permitem maior grau de indeterminação e convidam a pessoa entrevistada a vagar mais amplamente pela experiência, pois a entrevista se aproxima de uma conversa.

A escolha da amostra foi feita com base em gênero, raça, escolaridade, é não-probabilística e criteriosa/proposital. A seleção foi feita a partir de uma escolha dos

nomes das docentes pretas que atuam na pós-graduação em comunicação das universidades federais de Goiás e Minas Gerais. Pretendeu-se investigar a trajetória de mulheres pretas pesquisadoras e docentes atuantes em programas de pós-graduação em comunicação das universidades federais da região Centro-Oeste do país. Seriam levadas em consideração então, as seguintes universidades: Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

Fez-se uma busca virtual nos sites dos programas de pós-graduação em comunicação das citadas universidades analisando os/as componentes dos corpos docentes, concluindo que não existem mulheres pretas nos outros programas de pós-graduação do Centro-Oeste que não na Universidade Federal de Goiás (UFG). Pelo pequeno número de mulheres pretas nesses programas, optou-se por analisar também o programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, que apesar de não fazer parte da região Centro-Oeste do Brasil, possui uma proximidade territorial e cultural com o estado de Goiás.

Lá, foi encontrada uma professora no programa de pós-graduação em comunicação. Foram selecionadas assim quatro mulheres, sendo todas docentes pesquisadoras pretas atuantes em programas de pós-graduação em comunicação em universidades federais, sendo três da UFG e uma da UFMG. No entanto, uma das professoras atuantes na UFG não pôde participar da pesquisa por motivos pessoais. Restando assim, três mulheres ao todo, duas da UFG e uma da UFMG. O critério de inclusão foi o aceite após o convite a ser feito às mulheres.

As entrevistas foram gravadas e transcritas mediante permissão das entrevistadas. São relatos que se tratam de histórias pessoais das docentes e que se pautam em memórias, percepções, sentimentos. Tocar na temática de preconceito, discriminação e desafios enfrentados no cotidiano foi delicado, mas as mulheres participantes da pesquisa falaram abertamente sobre isso. Foi escolhida a entrevista semiestruturada em profundidade como instrumento para a coleta. Justifica-se:

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações de se deseja conhecer (Duarte, 2010, p. 62).

As entrevistas em profundidade foram feitas de forma online a partir do roteiro (disponível no Apêndice A), mas que foi sendo alterado no decorrer das falas das entrevistadas. As respostas contribuíram para que a entrevistadora compreendesse bem as vivências acadêmico-científicas das entrevistadas. A partir de suas respostas, foram realizadas as análises a partir da compreensão da cartografia dos territórios ocupados através dessas práticas narrativas. A intenção foi compreender as vivências dessas mulheres a partir do que elas mesmas têm a dizer, é sobre não falar sobre elas, sem elas mesmas, e muito menos falar por elas, mas ampliar o espaço para elas.

Deste modo, as seguintes etapas se mostraram como necessárias para a realização do estudo proposto: a) revisão de pesquisa bibliográfica, para fundamentar e orientar as problematizações futuras, b) seleção das mulheres a serem entrevistadas, c) realização das entrevistas, d) análise das falas obtidas, e) revisão, organização e reflexão sobre as análises, f) apresentação de resultados.

## 6 MULHERES PRETAS NO TERRITÓRIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO: CARTOGRAFIA EXISTENCIAL

Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (Collins, 2016, p. 104).

Neste capítulo volta-se para relatar a escuta do que as mulheres pretas docentes nos programas de pós-graduação em comunicação da UFG e da UFMG têm a dizer sobre si mesmas, sobre suas histórias, sobre a ocupação dos territórios acadêmico-científicos, e sobre os marcadores de raça e gênero que as rondam. Aparecem aqui as entrevistas em profundidade, para por fim então, analisar as suas falas e compreender como se constrói o território existencial de mulheres pretas no ambiente acadêmico de pesquisa e docência. Marcamos aqui nosso lugar de escuta. Entendemos espaço de escuta como aquele lugar onde as vozes dessas mulheres que se pronunciam “encontra[m] audiência, escuta, espaço para semeadura de pensamentos. Precisamos de escuta para proliferar os lugares de fala” (Vieira, 2021, p. 9).

Os pontos abordados durante as entrevistas, a partir do roteiro pré-estabelecido, concentraram-se nas questões de reconhecimento da negritude; a importância e a trajetória construída a partir da vivência no processo educativo; a importância da universidade para afirmação da identidade preta; a relação com a instituição universitária e com alunos e alunas no exercer da função como docente; dentre outras pautas a serem exploradas a seguir. As professoras preferiram não serem identificadas no fim, por isso utilizamos de pseudônimos escolhidos por elas.

Antonieta, Sojourner Truth, Dandara. Três mulheres curiosas, dedicadas, cheias de inquietudes, mães. Ao falarem sobre quem são, Antonieta sorri bastante, e tem a fala calma. Se vê como uma mulher de origem humilde, cientista, pesquisadora, injustiçada pelo sistema. Sojourner Truth, tem a voz doce. Se define como mãe, atuante em instituição pública de ensino. Vem de uma família chefiada por mulheres negras. Dandara é animada, ri bastante enquanto conversa, inclusive com os olhos.

Se percebe como entusiasta e corajosa.

As três docentes se identificam racialmente como mulheres pretas. Antonieta diz que o reconhecimento como mulher preta sempre esteve presente, mas que demorou para sentir orgulho dessa condição. Na infância, ela enxergava isso de forma negativa, e foi construindo o orgulho de ser quem é ao longo de sua existência e vivência acadêmica. Nessa trajetória, não se via representada nem no quadro discente, nem no docente. Na fala da Antonieta, fica evidente a importância do ambiente universitário para o autoconhecimento, a reflexão, a afirmação de uma estética negra, o resgate da autoestima e o empoderamento. “*eu pude conhecer a minha própria história*” (Antonieta, entrevistada).

Quando Antonieta solta o cabelo na universidade, percebe beleza na sua negritude. “*O cabelo era um dos pontos centrais da minha desclassificação*”, ela afirma (Antonieta, entrevistada). Ressalta que vêm de uma família multiracial (assim como Dandara) e, que sua mãe, achava que o correto era alisar seus cabelos, inclusive porque como ela mesma afirma, não havia um “contradiscurso” na época referente a isso. Hoje, existem estratégias políticas que exaltam o orgulho do cabelo crespo, como o próprio ciberativismo, indo contracorrente do que foi visto ao longo dos anos, como o cabelo padrão aceito pela sociedade (Lopes; Figueiredo, 2018). Antonieta cita inclusive ter sofrido *bullying* devido à cor da sua pele, quando mais nova. O que reforça a batalha para sentir orgulho de sua raça.

A universidade aparece como um lugar que permitiu que Antonieta sentisse orgulho de sua cor/raça, não só por ter sido o ambiente no qual soltou os cabelos crespos e foi vista como uma mulher bonita (como, de fato, o é), mas porque foi o espaço que a chamou atenção em relação às heranças do seu povo, o que reforça a importância do contato com estudos sobre a negritude que não resumam essa vivência apenas ao período de escravidão. Mais uma vez, é trazida aqui a importância da lei 10.639/03 e o pensamento de Oliveira (2021) que reforça que essa conquista contribui para uma melhor formação dos(das) estudantes e para o reconhecimento da questão racial nacional resultando em uma maior convivência interracial na universidade, o que permite, de acordo com Carvalho (2022) um debate e uma luta mais assertiva frente aos direitos das pessoas racializadas.

*Quando a gente vai a fundo na história, a gente sabe que não é bem assim [sobre a história do povo preto, ser apenas sobre a escravidão].*

*Então na universidade que eu fui entender as heranças, como que as heranças contribuíram pro povo que nós somos hoje, pra cultura, pra dança, pra arte, pra várias coisas (Antonieta, entrevistada).*

Sojourner Truth enxerga a negritude como uma identidade que a constitui juntamente com o desejo de ocupar espaços. Sempre se reconheceu enquanto pessoa preta. Mas, o momento chave é quando começa a trabalhar fora e tem que disputar espaço para ser reconhecida, pois sua presença passa a ser vista como uma mulher preta num espaço de opressões.

*É claro que esse reconhecimento ele vai ganhando contorno de afirmação, né no primeiro momento, pode ser que quando eu era talvez... antes dos meus 13 anos, talvez pudesse ser uma identidade mais contingente, mas é uma identidade que vai me constituindo ao longo do tempo... vai me constituindo ao longo do tempo e com o desejo de ocupar os espaços com essa corporeidade preta (Sojourner Truth, entrevistada).*

Ela reconhece a importância do movimento negro na sua trajetória. Afirma que quem sempre a reconheceu como uma pessoa preta foi a sociedade, já que

*Não somos nós que nos reconhecemos negros, é a sociedade que nos reconhece assim, nos reconhecem assim com um marcador de diferença muito acentuado [...] os outros pretendem que você seja diferente.”. Sojourner Truth percebe que quando começa a trabalhar fora, “é um momento em que eu também preciso começar a me proteger enquanto mulher e como mulher negra [...] E aí assim o movimento negro ele entra num processo, vamos dizer assim de acolhida desse estranhamento que eu já vivia desde criança, né? [...] vai me permitir compreender que existe lugar para esse diferente [...] dessa solidão do estar no mundo enfrentando o mundo. O movimento negro ele chega para acolher, uma espécie de abraço mesmo no sentido de dizer que o que você sente, outras pessoas sentem, o que você observa, outras pessoas observam e essas pessoas, querem produzir algo coletivamente (Sojourner Truth, entrevistada).*

Sabe-se que o movimento negro brasileiro possui papel importante na ressignificação e politização da ideia de raça. É a partir desse movimento social, por meio de suas ações políticas, sobretudo em prol da educação, que ocorre uma reeducação das relações étnico-raciais no Brasil, caminhando rumo à emancipação social. É esse movimento que luta pelos direitos das pessoas negras, conforme explora Gomes (2012).

Sojourner Truth traz à tona a questão explorada por Collins (2016) do

*outsider*, que diz que a sociedade divide as pessoas pretas das demais, numa espécie de “o outro”.

*ser negro, é um apontamento que estabelece um esforço mesmo entre uma espécie de nós e eles né? E isso não vem de uma forma suave, essa violência é numa tentativa de conformar a gente a um determinado lugar, a um determinado estatuto mesmo na sociedade, então essa coisa da proteção é porque também não dá para você ficar com o corpo aberto, né? A sua guarda aberta o tempo inteiro. É ali que a gente observa que não é possível, não é possível a gente estar no mundo livremente sem ter esse anteparo, sem ter essa proteção individual e que depois passa a ser coletivo no momento em que passa a estar dentro de um coletivo que pensa coisas muito próximas das coisas que eu pensava também, então essa proteção é uma proteção assim da violência física, né? (Sojourner Truth, entrevistada).*

Sente a necessidade de se proteger. Relata que quando menina, trabalhou na casa de pessoas brancas, “*uma menina preta no desabrochar da sua meninice, por assim dizer, trabalhando na casade patrões brancos, né? Em que a localização do que... qual que é o lugar da mulher preta tava muito acentuado*” (Sojourner Truth, entrevistada), e que em um lugar como esse é importante que ela saiba se proteger de todos os tipos de violência que acometem seu corpo-presença.

*é uma violência que é sexual também, né? Então essa necessidade de você criar estratégias e anteparos para você não viver essa violência é muito forte ali também*”. Sojourner Truth trabalhou em casa de família desde os catorze anos, como empregada doméstica e, relata que “*esse conjunto de direitos que as mulheres, que as empregadas domésticas obtiveram ao longo desses anos é fruto de luta dos movimentos sociais e das mulheres, sobretudo as mulheres negras, né que compunham a maioria da mão de obra que ocupava esses lugares* (Sojourner Truth, entrevistada).

Dandara, diz que se lembra que na infância seu sonho era ser “*Paqueta da Xuxa*”, mas ela não se via e não se reconhecia nas garotas que ocupavam aquele espaço, principalmente por causa do cabelo. Citou que por muitos anos alisava o cabelo, por achar que seu cabelo “*era ruim*”. Inclusive, citou que quando criança queria ser médica, pois “*queria descobrir algo relacionado à genética – e aqui está bem relacionado à cartografia existencial: queria intervir, cientificamente, para que as crianças pretas nascessem com o cabelo ‘melhor’*” (Dandara, entrevistada). Na época da graduação, deixou o cabelo natural, e depois voltou a alisar, mas com uma nova consciência de que atualmente, o faz porque o quer, e não porque se sente

pressionada a fazê-lo. Comentou que por um tempo, deixar o cabelo liso foi problemático, pois, como mãe, ela sentia que deveria passar o orgulho do próprio cabelo para a sua filha. Novamente aparece aqui que o conceito de “boa aparência”, está a princípio ligado ao cabelo liso, como cita Carneiro (2003b).

Antonieta também reconhece a responsabilidade de passar o orgulho em relação ao seu cabelo para sua filha, ela diz:

*Eu tenho uma filha que ela é parda porque é mistura minha e do meu esposo que ele é branco, é mais claro, e aí minha filha tem os cabelos cacheados e quando ela era menorzinha vendo que eu alisava meu cabelo, sempre fazia escova, ela também queria fazer o mesmo. E aí eu fiquei, não, gente. Não pode. E aí eu fui então e mudei e me aceitei. Hoje ela aceita muito bem os cabelos, tenta ali ativar cada vez mais os cachos, então eu acho que isso foi muito importante também (Antonieta, entrevistada).*

Oliveira e Munanga (2004) pontuam que a família preta tem um papel fundamental na socialização do indivíduo, pois ao preveni-lo de situações de práticas discriminatórias contribui para o desenvolver da criança de uma interiorização de imagens positivas sobre si própria e sobre seus traços. A família não deve silenciar as questões étnicas, mas explorá-las, para que fora do ambiente familiar, diante de um padrão estético da branquitude, a criança consiga não desenvolver sentimentos de inferioridade.

Ser mãe impacta em como Antonieta e Dandara entendem as questões sociais. Antonieta diz:

*eles trazem da escola pra gente, coloca a gente pra refletir também sobre a nossa fala, a forma como a gente lida com as coisas né. E também acaba influenciando muito no meu pensamento, no que eu busco depois de informação e conviver com eles me faz também ficar mais perto de outras crianças, de entender o que se passa com outras crianças (Antonieta, entrevistada).*

O materno é aqui também, aprender. Observa-se que, tanto para Dandara quanto para Antonieta, a afirmação da identidade passou por um processo de aceitação do cabelo crespo. Sousa *et al.* (2016) registram que “o cabelo do afrodescendente certamente é parte intrínseca do perfil estético que compreende a identidade negra[...] O fato de saber ou não lidar com ele vai determinar a forma como é aceito perante a sociedade e a si mesmo.”

As dificuldades em lidar com os próprios cabelos é, na argumentação de Samba Tomba (2018) fruto de um processo histórico de vivência em sociedades racistas e colonizadoras. Em razão desse processo, os afrodescendentes introjetaram a ideia de que “os seus cabelos foram inadequados, difíceis a pentear ou a cortar e que eles deveriam dominar essa característica de cabelo duro [...] Assim, começou a ideia de alisamento do cabelo natural e crespo ou colocar as perucas” (Samba Tomba, 2018, p. 33).

A professora Dandara também sente que o processo de reconhecimento foi doloroso e turbulento. Isso influenciou sua autoestima. Sempre acreditava estar defasada em relação aos demais, o que a levou a ser muito dedicada naquilo que faz. Inclusive, em sala de aula, às vezes usa discursos como “*tudo bem tirar 9,5, não precisa ser 10,0*”, mas que, na verdade, se sente falando consigo mesma, porque sempre foi perfeccionista e se chateava quando não tirava nota máxima, por se sentir inferiorizada, sentimento semelhante ao de Antonieta quando a mesma diz “*A minha infância e parte da minha adolescência, aliás, toda a minha adolescência, foi nesse sentido de me sentir uma pessoa inferior pela minha cor e pelo meu cabelo*” (Dandara, entrevistada). Dandara comentou que tenta passar o orgulho de ser negra aos seus alunos e alunas ao elogiá-los e elogiá-las e mostrar que eles têm muito a contribuir. Quando Queiroz (2019) e Julio (2011) exploram a autoestima das pessoas negras e a importância da construção da mesma a partir da consciência crítica acerca do que significa ser negro ou negra através de uma vivência em um país pautado na supremacia dos valores brancos, tendo na figura de pessoas brancas, o modelo universal de ser humano, advoga-se que a consciência de seu pertencimento racial e de sua ancestralidade é o que permitirá uma autovalorização melhor de si. É importante que as professoras pensem na questão da autoestima já que a mesma tem uma relação direta com a saúde mental das pessoas negras, de acordo com Martins, Lima e Santos (2020).

Antonieta tem discurso semelhante ao se referir aos seus alunos e alunas. Diz que faz questão de dialogar com eles e elas de forma humana, respeitando os seus limites e a história cultural de cada um e cada uma. Também, procura divulgar os programas de assistência a eles e elas como forma de acolher os/as estudantes.

A escolha da profissão de cada uma se deu de formas diferentes, mas todas afirmam serem estudosas e estarem onde estão por terem a oportunidade que tiveram. Como afirma Sojourner Truth, muitas vezes, para pessoas de realidade

humilde, não há a possibilidade de ficar escolhendo muito, agarra-se aquilo que está ao seu alcance. *“Então assim, não foi uma escolha falar assim. Ah, até porque, para a gente que é periférico, a gente se move pelas oportunidades, não necessariamente por uma escolha fria e calculista, né?”* (Sojourner Truth, entrevistada).

Sojourner Truth, Antonieta e Dandara reforçam que tiveram que conciliar os estudos com o trabalho e, por isso, não puderam cogitar fazer cursos que fossem de tempo integral.

Sojourner Truth aprofunda-se:

*Porque eu como grande parte das mulheres negras que você muito seguramente vai entrevistar, nós somos as primeiras mulheres, né? A primeira geração que acessa a universidade, mas para mim não tava dado lá na minha juventude que eu viria para universidade, que eu faria né, que eu faria mestrado, doutorado, não tava delineado assim, eu fui vivendo por assim dizer um dia de cada vez mesmo. A minha mãe ela era uma mãe solo, ela era lavadeira, né? E eu auxiliava ela com esse trabalho, né?* (Sojourner Truth, entrevistada).

Ou seja, a vivência acadêmica não era uma certeza em sua vida, foi uma trajetória que foi sendo trilhada ao longo dos anos. Relata que a inspiração para os estudos veio porque sua mãe tinha muitos clientes que eram estudantes, pessoas que estavam se preparando para o vestibular, e ao ajudá-la, Sojourner Truth via muitas vezes universitários/as e pré-universitários/as em seus momentos de estudo, e se deixou inspirar.

*Então sempre que eu ia com a minha mãe buscar ou levar essas roupas, essas pessoas estavam em posição de estudar e eu achava que era bonito, eu achava que aquela experiência que eu visualizava eles vivendo, era uma experiência interessante, eu achava bonito, eu sempre fui uma pessoa estudiosa, né estudiosa, eu sempre tirei boas notas no colégio. Enfim, eu sempre fui uma boa aluna, né sempre estudando em escola pública, mas boa aluna então começa ali, né? Começa observando outras pessoas que estavam em vias de acessar a universidade e achando aquele gesto que eles faziam bonito e desejando isso para mim também, né? Desejando essa mesma posição para mim* (Sojourner Truth, entrevistada).

Ainda assim, apesar de ser estudiosa, reforça a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho, mas reconhece que é o trabalho que a permite sonhar e ir além:

*a partir da sétima série, que corresponde ao sétimo ano, eu começo a*

*estudar e trabalhar e então a partir daí eu começo a estudar e trabalhar e isso me acompanha o resto da vida, né? Estudar e trabalhar, ou trabalhar como condição necessária para estudar. Então o trabalho aparece muito por isso, porque ele que me permite sonhar um pouco além, né daquilo que tava dado (Sojourner Truth, entrevistada).*

O trabalho como condição necessária para o estudo é o que por vezes aumenta a taxa de abandono escolar entre as pessoas negras, de acordo com Silva Filho e Araújo (2017).

Antonieta relata que na época que foi prestar vestibular, trabalhou no Carrefour, e que nunca havia ouvido falar na área na qual acabou fazendo seu curso de graduação inicialmente, ficou sabendo mais tarde sobre a área através de um professor, e que então a escolha da sua área de atuação se deu por uma questão de oportunidade. Importante perceber que conforme citamos em outro momento do trabalho, as pessoas pretas costumam ter mais dificuldade de darem seguimento nos estudos por terem que conciliar com cargas horárias extensas de trabalho, o que chama a atenção para quando Antonieta diz que um dos motivos do porquê teve que sair do Carrefour quando foi prestar vestibular era exatamente, a carga horária. Relata que quando foi fazer o exame demissional, explicou ao médico tal contexto. *“E aí ele falou: por que que você está saindo, né? Eu falei assim: não, porque eu quero prestar vestibular, e lá eu trabalhava de manhã, de tarde, de noite, não tinha horário fixo, assim...”* (Antonieta, entrevistada).

Sojourner Truth também afirma que sempre teve que trabalhar para se manter estudando. Conta que acabou chegando na área da Comunicação, pois atuou em uma organização não-governamental e que aprendeu muito sobre comunicação por lá.

*É essa instituição que investe em mim, paga um curso de fotografia para mim, essa instituição que paga para eu ir lá para outro estado fazer um curso de vídeo, roteirização de vídeo, né? Então eu já experimentei isso, né? Entre 20 e 21 anos já produzindo né? Roteirizando materiais que ajudaria os movimentos sociais a tematizar suas lutas, né? (Sojourner Truth, entrevistada).*

Pontua que teve uma disciplina de comunicação em sua graduação, e que trabalhou em uma TV. Para além disso, suas pesquisas se encontram na fronteira entre Ciência da Informação e Comunicação.

*Originalmente eu atuei na pós-graduação em ciência da informação*

*primeiro, para depois eu solicitar um credenciamento na comunicação, né? Então eu sempre lidei, orientei pessoas oriundas da comunicação, eu formei muita gente que era da área de comunicação originalmente (Sojourner Truth, entrevistada).*

Algo importante que aparece na fala delas é o apoio familiar para que pudessem trilhar suas trajetórias com os estudos. Conforme explica Antonieta: *“meus pais, apesar do pouco estudo, das poucas condições financeiras, eles sempre me incentivaram e sempre se esforçaram muito pra que eu pudesse estudar dentro ali das possibilidades deles”* (Antonieta, entrevistada). Aparece aqui novamente a importância do incentivo familiar para o investimento no estudo, algo explorado por Oliveira e Munanga (2004).

Dentre tantos sonhos que Antonieta teve, um deles, antes de optar pela área em que atua, foi o de ser enfermeira. Mas, acabou mudando de ideia por ter sido alertada que é um tipo de serviço que demanda trabalhar à noite, sendo que, preza pelo seu descanso. *“Aí depois fiquei pensando, gente eu gosto muito de dormir à noite. (risos) Eu nunca fui uma adolescente, uma jovem da noitada. O meu limite era meia-noite”* (Antonieta, entrevistada).

O sonho da musicoterapia não foi adiante, pois não se sentiu confortável fazendo o teste de aptidão que a faculdade exigia para sua admissão. Depois de iniciar o curso de graduação, chegou a pensar em mudar de área, *“eu não estava gostando muito, pensei até em mudar, até que eu comecei a fazer estágio. E aí quando eu comecei a fazer estágio, eu comecei a perceber a importância do curso e tudo mais e aí foi indo, foi me conquistando”* (Antonieta, entrevistada), a experiência do estágio a conquistou.

Antonieta afirma que o desejo de ser professora universitária é antigo, *“desde a minha época de graduação, eu tinha um desejo de ser professora universitária”*. Diz que sempre foi estudiosa e dedicada, *“eu não era a mais inteligente, eu me esforçava muito porque além de tudo, acho que eu tenho um QI baixo né? Então eu tenho que me esforçar muito mais do que outras pessoas para poder chegar onde eu quero chegar”* (Antonieta, entrevistada), Algo relatado também por Dandara.

Foi uma outra professora que acabou também *“plantando essa semente”* em Antonieta,

*eu me esforçava demais da conta pra poder passar nas provas, fazer um bom trabalho na universidade. Mas aí conforme eu fui avançando*

*na graduação mesmo, e aí eu tive uma professora que hoje ela é aposentada, a professora Leda, que ela um dia me falou: nossa você tem um perfil bom, você um dia vai ser professora aqui da universidade (Antonieta, entrevistada).*

Todas as professoras já ocuparam todos os espaços referentes à atuação acadêmico-científica, sendo eles: o ensino, a pesquisa e a extensão. As docentes são mulheres com sonhos e que ainda estão trilhando seus caminhos. Dandara ainda quer se dedicar mais à extensão. Antonieta quer ser bolsista produtividade. Sojourner Truth almeja que a universidade possa ser ocupada sem jogos de corpos. Sojourner Truth e Antonieta reconhecem ativamente o racismo como um obstáculo para a ocupação dos espaços que almejam.

Sojourner Truth afirma que tenta trabalhar de forma equilibrada com todos os pólos. *“trabalho equilibradamente, né? Na medida do possível, o ensino, pesquisa e extensão e gestão acadêmica”* (Sojourner Truth, entrevistada). Mas, ainda assim, afirma que não conquistou tudo o que almeja.

*Eu não posso falar com essa calma de que eu conquistei tudo porque a gente está sempre conquistando, tá sempre aparecendo outras oportunidades, mas assim no ensino, eu sou professora há 27 anos, [...] há 27, 28 anos, assim como pessoa do quadro docente, tem 26, mais dois anos em que eu atuei como professora substituta e como monitora, então 28 anos. Então assim, eu sinto que eu amadureci muito aí, consegui fazer muita coisa diferente, contribuir né? Nesse espaço. Na gestão também [...] (Sojourner Truth, entrevistada).*

Apesar de reconhecer sua longa trajetória e espaços já conquistados, explicita que nada disso foi feito sem disputas.

*Porque eu tenho sempre que disputar muito né? Eu tenho sempre que disputar muito para estar. Então, por exemplo uma pessoa branca mediana, mediana em termos assim tanto de dedicação, quanto uma pessoa recém-chegada na universidade, tendencialmente ela terá mais possibilidades, ou a vida menos dificultada para acessar uma direção de uma unidade de ensino, a chefia de um departamento, do que eu. Concretamente eu nunca fui nada disso na minha escola, né, mas eu já fui diretora de outros setores tão importantes quanto esse, ou fui e construí espaços importantes para a universidade. Então assim mais do que ser reconhecida para ocupar esse lugar, eu fui convidada a dar vida a determinados projetos, então projeto de governança informacional na universidade, na discussão dos Direitos Humanos na universidade, a discussão também da formação transversal. Então são coisas que me constituem e essas coisas eu tive, eu não sei se liberdade é mesmo o nome, mas eu tive*

*oportunidade de criar, ao passo que se essas coisas estivessem criadas, eu teria mais dificuldade para acessá-las na condição protagonista. Porque a universidade ainda é um espaço branco, né? Ainda é um espaço branco que se organiza pelo privilégio mesmo, né? Então isso cria dificuldades pra gente. Isso me paralisou? Não, mas tornou minha vida difícil, né? Nesses espaços, né? Não foi uma conquista assim que todo mundo reconhecia e não reagia, né? Não reagia com jogos de corpos para poder impedir que eu pudesse acessar. Então assim foi sempre quase que tomar mesmo assim, olha isso me pertence, né? E me manter firme em termos dos meus propósitos e da minha adesão à coisa pública mesmo (Sojourner Truth, entrevistada).*

Antonieta vê muito valor na atuação na extensão, pois sente que “só teorizar” na universidade pode vir a ser complicado, já que preza muito por uma experiência da realidade. Comenta com muita alegria e entusiasmo sobre a experiência que teve quando atuou em um órgão de um instituto federal, que não será explicitado para não permitir a identificação da pesquisadora.

*Então ali eu pude conversar com os estudantes, entender a perspectiva e isso me motivou principalmente no meu doutorado. No meu doutorado, no pós-doutorado, no tipo de atividade que eu passo pros meus alunos hoje, pras minhas alunas, né? Então essa parte mais do trabalho, de ter atuado no mercado, me faz também me sentir mais à vontade de trabalhar com extensão. Né? De trabalhar com extensão, de não ficar só na universidade (Antonieta, entrevistada).*

Quanto ao que já conquistou e o que ainda pretende conquistar, Dandara relata que em relação à pesquisa “*Há muito o que conquistar. Quando se trata de tecnologia, a impressão é que está sempre faltando algo – há sempre alguém na sua frente*”. Quanto à ocupação do território acadêmico-científico como um todo, diz:

*Eu quero, eu acho que é isso aí que cê me chamou atenção, eu quero criar esse lugar, eu quero criar esse espaço, sabe? Eu acho que eu ainda vivi muito fantoche assim, desenvolvendo projetos que não são totalmente meus, atuando em conjunto com outros. Acho que eu quero essa identidade (Dandara, entrevistada).*

No entanto, afirma que se vê conquistadora por ocupar o espaço que ocupa, quando relata que é “*reconhecida em uma área predominantemente masculina*”. Mas, segue em busca do seu protagonismo, “*É, eu quero uma identidade. É se eu pensar em algo, e já veio o nome da Dandara. Sabe? Porque está visível. É de ter visibilidade, de ter esse lugar bem consolidado*” (Dandara, entrevistada).

Antonieta atuou na gestão e também já foi vice-diretora de sua faculdade. Relaciona a experiência com a vice direção com a palavra “pressão”. *“quando eu pego uma coisa, eu quero fazer direito, né? Eu quero participar. Eu não quero ser um enfeite...”* (Antonieta, entrevistada).

Isso parte de um lugar de ser muito dedicada a tudo o que faz. Antonieta leva seus papéis muito a sério, e teve que trabalhar muito em prol da resolução de conflitos na vice direção. Sentiu dificuldade e disse que os primeiros seis meses foram muito complicados. Aprendeu, nesse momento da carreira, a se posicionar diante das adversidades de sua profissão. *“Mas aí depois que tudo passou que eu vi que eu precisava não ficar em cima do muro em certas coisas, me colocar em relação ao que realmente eu pensava, aí tudo melhorou”* (Antonieta, entrevistada).

Pôde ficar mais perto das instâncias superiores da universidade, e com estudantes de outros cursos. Mas, se sentiu cobrada. Antonieta se diz uma mulher justa, e que age sempre em prol da justiça, e isso, por vezes, a fez sofrer críticas. Para Antonieta, a sala de aula representa um espaço de alegria e troca:

*estar em sala de aula pra mim é muito bom, porque a troca que a gente tem, principalmente quando há respeito mútuo, a gente aprende muito porque a gente enquanto professor também tem que encarar uma sala de aula não sendo dono da verdade, mas estando ali pronto pra também aprender com os estudantes* (Antonieta, entrevistada).

Vê a sala de aula como espaço de aprendizado, e que a ensinou sobre humildade.

*quando eu entrei como professora, eu acho que eu ainda era um pouco arrogante, até por conta da minha própria história de relação, né? De que forma que os professores queriam ser vistos por nós estudantes e tudo mais, né? Eu acho assim, ainda é resquício da escolástica né? Esse pensamento professor ser o dono da verdade ali, o dono da palavra, e aí a partir das minhas leituras, a partir das minhas pesquisas que envolve muito história de vida, que envolve muito diálogo com os estudantes e com outras pessoas, e os trabalhos que eu oriento, aí eu comecei a ver que a gente aprende muito mais do que a gente ensina. E a gente aprende muito. Então quando eu criei essa consciência de ter a humildade de aprender com os estudantes eu acho que eu comecei a aprender muito mais né?* (Antonieta, entrevistada).

Dentro desse contexto, ela diz:

*primeiro: você aprende, e segundo: o próprio estudante se sente valorizado naquilo que se diz né? Então que ele fala: nossa a*

*professora concordou..., eu consegui convencer... porque se as vezes a gente está num debate aí ele fala uma coisa, e eu estou defendendo o meu ponto de vista e deixando ele defender o dele. Mas às vezes tem uns alunos assim que fala uma coisa que põe a gente pra pensar. Aí a gente fica pensando: nossa nunca tinha pensado dessa formané? Então se a gente está aberto a gente acaba sendo muito mais feliz do que ficar defendendo ideias, ideais ali que não fazem mais sentido (Antonieta, entrevistada).*

Ela diz que é importante estar aberta a mudanças e ao que os estudantes trazem de novo para a sala de aula. O ensino, a pesquisa, e a extensão, mais do que a gestão, são os pilares em que ela se encontra.

*E aí agora dentro do ensino, da pesquisa, da extensão, o meu sentimento já é mais assim de gostar, de fazer parte disso, né? Então é onde eu me sinto mais à vontade ali com os meus alunos e minhas alunas, os meus orientandos e orientandas, bolsistas. E aí a gente tem uma convivência muito boa, porque eles percebem muito o respeito que eu tenho por eles, né? E eu o respeito que eles têm por mim, então é uma convivência muito harmônica, eu não tive problema não. Eu nunca tive assim problemas mais sérios em relação à orientação, por exemplo, ecom um bolsista (Antonieta, entrevistada).*

Na sala de aula é onde se sente bem, a alegria de iniciar um novo semestre com uma nova turma é grande. Tem apreço pelo debate e pelo diálogo. Gosta de escutar os/as estudantes. Cria vínculo e afetividade com os alunos/as, “a partir do momento que a gente trata os estudantes, as estudantes, com respeito, ele já cria um vínculo ali com você” (Antonieta, entrevistada).

Isso se inicia com ela tendo uma atenção e escuta ativa para a trajetória de cada um e cada uma “no meu primeiro dia de aula eu falo pros estudantes, pras estudantes o seguinte: olha se tiver qualquer problema, alguma coisa que está te impedindo, ou que você tem que sair mais cedo, vamos manter o diálogo, conversa...” (Antonieta, entrevistada). Os enxerga a partir de suas realidades, inclusive faz uso da história de vida dos alunos e alunas dentro do seu processo de ensino. “E várias atividades que eu faço com os estudantes tem muito a ver com a própria realidade” (Antonieta, entrevistada).

Antonieta constrói relações de afetos com seus estudantes, e entre os mesmos e as suas famílias,

*as alunas vão apresentar o trabalho final, deles trazerem um ente familiar pra assistir. A gente faz um café da manhã, faz um lanchinho*

*ali e aí a gente recebe os familiares. Então isso é muito bom e os familiares sentem-se muito valorizados, muito respeitados. Então assim, eu tento envolver a família, tento envolver a família de forma assim que eles comecem a pensar também, refletir de onde que eles vêm, porque muitos desconhecem, só fica conhecendo a própria história de vida da família com essas entrevistas (Antonieta, entrevistada).*

Ela se sente realizada enquanto pesquisadora e diz “o meu pós-doutorado foi eu, acho que foi um ápice do que eu gostaria de ser como pesquisadora, né. Ter tido a oportunidade de escrever um livro junto com um pesquisador francês [...]” (Antonieta, entrevistada). Se sente feliz onde está e percebe que já conquistou tanto, mas continua a ter sonhos, sonhos esses que são por vezes tolhidos pela realidade de racismo e sexismo que enfrenta por sua raça e por seu gênero.

*A gente sempre quer ir um pouco mais longe, e agora o meu desejo é de virar uma pesquisadora produtividade. Só que eu vejo que ainda tenho muitos obstáculos e esses obstáculos primeiro porque ainda não há programa de cotas nesses editais de financiamento pra pessoas negras, ou cotas, não existe cotas dentro desses editais de produtividade e por não existir cotas eu ainda vou continuar atrás dos meus outros colegas, das minhas outras colegas, porque a minha trajetória não me permitiu ter o que eles têm hoje. Ter a experiência que eles tiveram e que eles têm hoje e que está acima do que eu tenho. Inclusive até a minha própria, apesar de que eu ganho também como por exemplo aqui, eu ganho o mesmo que meus colegas e minhas colegas ganham. No entanto, pela minha história de vida, pela minha trajetória, o meu salário acaba sendo mais baixo do que o deles porque eu tenho coisas que eu preciso conquistar que é casa, carro, que eu pago, né, plano de saúde pros meus pais que são humildes, coisas que muitos deles, eles não têm esse tipo de despesa (Antonieta, entrevistada).*

Antonieta segue lutando pelo que quer, mas sabe que a estrutura social de nosso País a impede de conquistar mais do que é capaz.

*por exemplo eu não tenho muita oportunidade de viajar. De viajar pro exterior. E os financiamentos pra viagem no exterior são escassos. Então muitas vezes você se quiser participar de um evento no exterior, você tem que pagar do bolso, um dinheiro que eu não posso tirar do meu salário né? Porque eu tenho outras despesas pela minha trajetória humilde. Né? Então é um dinheiro que eu não posso gastar. Então eu me sinto injustiçada nisso porque assim, fala que a gente tem que ter publicação internacional, até dentro do meu inglês ali eu poderia escrever porque eu fiz, né? Tive a oportunidade de fazer o curso de inglês e tudo. Mas é um inglês assim que precisaria de uma revisão, de uma pessoa que é fluente em inglês, que é professor de inglês e aí pra isso teria que pagar e muitas vezes a gente não tem e aí é na maioria das vezes a gente não tem financiamento*

*pra poder pagar, pra poder publicar nessas revistas internacionais. Então eu acabo ficando pra trás. Sempre pra trás. Então é uma coisa que eu quero conquistar que já tem tempo que eu já tenho tentado, mas que eu vejo que eu ainda vou demorar um pouco pra conquistar esse espaço justamente por conta da minha trajetória (Antonieta, entrevistada).*

Mas segue sendo otimista, e tem esperança de que um dia esse cenário mude. Essa é Antonieta, uma mulher, acima de tudo, esperançosa. Sente que a universidade, apesar de ser o lugar onde se realiza, também abre espaço para sofrimentos, “*quando você entra na universidade já te diz assim: oh você está aqui pra sofrer. E se não for sofrido, não foi*”. Acha importante frisar a questão psicológica dos alunos/alunas e professoras/as. “*estudantes da graduação e da pós-graduação está cheio de pessoas assim que estão um pouco perturbadas, um pouco doentes mentalmente por conta da pressão* (Antonieta, entrevistada).

A professora acredita que existe um tabu em relação à saúde mental, já que nem sempre as pessoas se sentem confortáveis falando sobre suas relações com psicólogos, psiquiatras e medicamentos.

*E aí quando eu chego na sala de aula e falo pros meus alunos e para as minhas alunas que eu vou ao psiquiatra, que eu vou ao psicólogo, que eu tomo remédio, primeiro ali eu percebo assim um... eles ficam, como é que fala? Admirados, né? Fica assim surpreso por eu falar, mas ao mesmo tempo assim eu vejo um sentimento de alívio por parte deles porque imagina assim que às vezes, imagina que o professor ali não tem problema nenhum né? Professor está ali, fico sorrindo, ministrando a aula e não sabe o que é que a gente passa. Então é uma forma de humanizar* (Antonieta, entrevistada).

Ser professora é também acessar o lado humano de cada ser presente naquele espaço, e essa é uma das maneiras de Antonieta de ocupá-lo. Por isso que ela valoriza ações culturais, com enfoque na família, e deu partida em uma iniciativa de anotar as datas de aniversários de seus alunos e alunas e parabenizá-los na ocasião. “*Eles ficaram assim muito felizes, eu falei: não, é uma coisinha pequena que alegra o dia, faz a pessoa se sentir melhor* (Antonieta, entrevistada).

Sojourner Truth ama dar aula, diz que é onde se realiza. Diz que aprendeu a ser professora já na universidade,

*Aprendi a ser professora sendo professora, né? Não tinha um manualzinho que falava é assim que é. Eu fui experimentando né, a*

*chegarnessa docente que eu sou hoje, mas assim a minha principal questão, né? Tanto na docência, quanto na orientação, é tentar pensar a centralidade que o sujeito que está diante de mim, tem, né? Então de que maneira que esse sujeito me transforma e se transforma, né? Como é que é esse processo? Então a docência pra mim é algo muito importante, foi a docência assim que me empodera mesmo, né? Porque em que pesa uma estrutura racialmente difícil, a sala de aula num primeiro momento, principalmente na pós-graduação, às vezes os alunos ficam desconfiados da sua competência, mas com o passar do tempo eles vão observando a diferença do modelo formativo e tudo isso. E aí assim, às vezes ao final do curso, de cada curso, eles vem dizer de como que foi bom (Sojourner Truth, entrevistada).*

Conta uma história, e sorri ao dizer que encontrou três ex-monitores em um bloquinho de carnaval, todos enfatizaram à ela o quanto foi importante terem sido seus orientandos. Essas professoras marcaram e marcam vidas. “a gente não tem noção, né de que a vida da gente inspira” (Sojourner Truth, entrevistada).

A professora também diz que se cuida muito para dar suas aulas, e se arruma bem antes de ir para o trabalho, diz que foi inclusive chamada de “elegante” por uma de suas alunas, recentemente.

*eu sempre vou bem cuidada por assim dizer para a aula porque eu acho que eu mereço isso né, mas eu acho também que o meu aluno merece assim, é legal ele ter uma professora que tá bonita, que tá alegre, né assim, né? E que enfim, que ali é um momento assim que é um momento da aula, né? O momento da construção ali. Não é que eu performo felicidade, não é isso, mas assim é um momento em que tudo tá cuidado. Inclusive eu (Sojourner Truth, entrevistada).*

Em relação à sala de aula e à pesquisa, Dandara sente os efeitos da pandemia da COVID-19 na sua solidão, e gostaria de poder ressignificar esses espaços, mas gosta.

*A sala de aula é, para mim, um espaço de troca de saberes. Como eu aprendo! Uma oportunidade de transmitir o conhecimento e associá-lo a diferentes experiências e percepções, [...] eu busco sempre inovar, inovar nos campos que eu atuo, sabe? Então assim, por mais que tenha regras, seguindo as regras, eu posso fazer isso esse semestre? Eu posso fazer diferente? Né? A mesma disciplina, por exemplo, eu não consigo pegar o mesmo slide e fazer acontecer no semestre, entendeu? Eu não consigo dar os mesmos exemplos, eu não consigo levar os mesmos estudos de caso. Então isso pra mim também é de muito valor, que eu posso reconfigurar mesmo diante das regras, né? (Dandara, entrevistada).*

O que representa a inquietude da professora. No entanto, quanto aos efeitos da pandemia,

*Ah eu acho muito chato assim que foi até uma decepção talvez, eu achava que ser pesquisador, estar numa universidade seria algo assim de muito companheirismo e partilha né? E aí uma decepção inicial assim foi que o trabalho acaba sendo muito sozinho sabe? Às vezes eu não eu sei o que o meu colega do lado está pesquisando se eu não, se eu não for atrás, né? Se eu não perguntar ou se eu não for enxerida de chegar, ah, e aí vamos fazer alguma coisa junto? Né? No final das contas é tudo muito solitário, né? Solitário, pra mim foi a primeira decepção assim, ah eu escolhi isso pensando em ser produtiva, mas que essa produção fosse compartilhada. Aí a primeira decepção foi de ser isolada, a segunda decepção foi que aí eu encontrei um companheiro, digamos assim, e por conta das relações aí [...] isso foi tido como motivo de perseguição. Ah! Olha só! Né? Os dois bonitinhos, produzindo, desse tanto. E aí tipo causou desconforto. Né? E aí foi a segunda decepção. Tipo, cara, a gente não está aqui pra isso? A gente está todo mundo aqui com o mesmo propósito. Pelo menos é o que eu pensava. Aí então a segunda decepção: não estamos olhando na mesma direção. Né e aí eu vejo, o retorno né? Voltando na temática da pandemia. Ele meio que potencializou esse isolamento do pesquisador, né? (Dandara, entrevistada).*

As três mantêm uma relação de afetividade na troca com os alunos e alunas. É um espaço construído em comunhão a partir da relação docente e discentes. Antonieta e Dandara reforçam a importância do respeito nessa relação. Dandara aponta

*Tenho um carisma especial pelos alunos. Deixo claro que é uma parceria, não uma hierarquia. É importante ter respeito, mas valorizo a interação e isso é possível com transparência e afetividade. É importante que o aluno se sinta parte do processo e não expectador. O conhecimento é construído, experimentado, experienciado. Sinto que é o meu lugar! Cada turma tem um pouco de mim. E eu carrego parte dela, nunca é igual (Dandara, entrevistada).*

Sojourner Truth diz que, na condição de professora, se vê fazendo parte da vida de quem é seu aluno e aluna. Ela ainda diz “a questão do afeto é o que mobiliza mesmo” (Sojourner Truth, entrevistada). Diz que vive uma afetividade efetiva nesse território. Ela leva em consideração a história de vida de cada um/a com a qual se conecta nesse espaço. Quando Leite (2012) analisa o papel da afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas por professores em sala de aula tendo como suporte as ideias de Vygotsky e Wallon, enxerga a dimensão afetiva que ocorre

através da produção dos impactos subjetivos diante desses sujeitos (alunos e alunas)

*Então assim eu me preocupo, né com as trajetórias, tanto assim que os alunos que eu acompanho, especialmente os que fazem iniciação científica comigo são pessoas que eu acompanho assim por 15 anos. Tem gente que eu tenho relação com eles há mais de 20 anos. Né? São pessoas que eu acompanhei o mestrado, doutorado, nasceu o filho, aí vai casar, eu separei do marido, separei da minha esposa, meu pai morreu, essas coisas assim, né? A gente acaba fazendo parte da vida das pessoas mesmo. Então é mais que dar aula, né? (Sojourner Truth, entrevistada).*

Percebe-se que para elas a função de ser professora não se inicia e se finda na sala de aula, mas fora dela essa conexão se perpetua. Antonieta pratica a afetividade diariamente. Para além do sorriso encantador, ela promove momentos de comunhão tanto para com os alunos e alunas, quanto para as outras pessoas presentes na universidade. Gosta de tomar lanche, café, escutar, conversar. Decora a sua sala para receber quem desejar visitá-la se deparar com um mais caloroso, e tem o dom do afago.

*Ah a minha sala inclusive assim eu divido a sala com mais três professores, só que eu sou a que mais vou nessa sala. A que mais fico nessa sala. Apesar que agora depois da pandemia eu vou menos né? Até porque eu moro longe e muitas coisas a gente tem feito muito de casa e tudo mais aí, eu tô indo menos, mas quando eu vou, é um espaço que eu gosto muito. Inclusive foi um espaço preparado assim para acolher, então nós compramos um frigobar, compramos um micro-ondas. Então assim eu acho legal, por exemplo. Eu chego muito cedo quando eu vou para universidade, chego muito cedo, um pouco antes das 7h. Então eu fico muito, eu me sinto muito bem, que aí eu vou na lanchonete ou então às vezes quando eu levo alguma coisa, vou na lanchonete, mas eu como, eu quero comer ali na minha sala (Antonieta, entrevistada).*

Gosta de receber as pessoas, e enfeitar sua sala na época de natal.

*acaba sendo quase que uma sala de terapia, né? Que muitas vezes os estudantes vão lá só mesmo para desabafar. (risos) ou até mesmo os colegas, né? Os colegas de trabalho. Tanto docente, como as técnicas e os técnicos administrativos. (Antonieta, entrevistada).*

Diz que a sala que tem na universidade é “um pouquinho feia”, mas que tem uns detalhes, como bonecas e esculturas, que ela leva para o espaço, para se sentir em casa. Conversando com Antonieta, “quase” consigo sentir o cheirinho de café

quente, metaforicamente falando.

Sojourner Truth também gosta de receber seus orientandos e orientandas, visitas, no espaço físico que tem na sala da universidade. Além da brandura, afirma que é lá que trama revoluções.

*eu tô nessa sala há 26 anos, é a mesma sala, né hoje então assim, eu já dividi sala com uma ex-professora minha que depois virou colega, né? [...] E agora eu divido a sala com uma ex orientanda minha né? [...] E aí a gente hojetem parcerias, né? Então eu me sinto pertencente àquele lugar porque lá que eu recebo meus orientandos, é lá que eu recebo minhas visitas, é lá que eu sempre estudo, converso, né. A pandemia que fez a gente gostar muito da casa da gente, ficar em casa, e ter uma estrutura confortável de trabalho, mas até então eu trabalhava muito na universidade, almoçava lá todos os dias, né? Então tramava revoluções era lá né? Assim o tempo inteiro. Agora não, assim agora eu vou nos momentos que eu vou orientar alunos, nos dias assim que aqui em casa tá meio tumultuado, eu quero um pouco de calma eu vou para lá para estudar (Sojourner Truth, entrevistada).*

Nota-se que na ocupação desse território, nesse caso, não apenas conceitual, mas do espaço físico da universidade, Sojourner Truth encontra um espaço de calma.

Quanto ao espaço físico de sua sala, Dandara relata que costumava ter desenhos da filha nas paredes, que sempre dividiu sala, mas que desde a reforma na UFG, quando retornou, seu armário estava inclusive virado e irreconhecível, que agora ela divide a sala com outras pessoas com as quais, na verdade, ela raramente encontra. Ainda brincou dizendo que seus sonhos são muito reais, e que recentemente estava procurando seu diploma de doutorado e não encontrava, aí ela sonhou com o armário e com a chave do armário, e que quando chegou na universidade, era o exato mesmo armário e chave. Ela disse que quando abriu o armário e encontrou tantas coisas lá guardadas, que sentiu afeto, mas que não sente mais afeto pelo lugar quando vai à Universidade, pois não vivencia mais as trocas. Sente muita falta das relações.

A ciência e a pesquisa são para a Dandara, sua oportunidade de concretizar seu ideal de vida ao proporcioná-la a chance de fazer algo. “*Eu não quero ganhar lá o Nobel, mas eu quero tocar na vida das pessoas*” (Dandara, entrevistada). A pesquisa é o que motiva Dandara, é o vento que a leva, é onde ela gostaria de poder se dedicar mais. Está em acordo com sua curiosidade infinita e o constante desejo de encarar

novos desafios. Ela diz: “Os desafios, o novo, o conhecimento me motivam. São motivações complementares, na sala de aula você planta a semente, na pesquisa ela germina e cresce” (Dandara, entrevistada).

Antonieta vê na pesquisa e na ciência a chance de ajudar a sociedade. Não pensa nesses pólos para si, mas para os outros. No que concorda, Sojourner Truth, que acredita ser o espaço potencial para proporcionar mudança social efetiva. Antonieta vê a pesquisa como uma maneira de se

*sentir uma mulher realizada por aquilo que eu pesquiso, por aquilo que eu conquisto, por aquilo que eu descubro”. Ela percebe que na área em que pesquisa, existem preconceitos “a respeito das pesquisas na área de ciências sociais aplicadas, ciências humanas, eu acho que são essas ciências que inclusive contribuem para o processo de pensamento, de reflexão (Antonieta, entrevistada).*

Isso reforça a ideia de que existem padrões pré-estabelecidos do que é valorizado dentro do campo da ciência. As motivações fazem com que essas mulheres sigam adiante e tenham chegado aonde estão. Dandara é movida pelos desafios, pela curiosidade, pelo interesse em fazer pesquisa. Tem vontade de fazer a diferença, de colaborar com o novo.

Antonieta se sente motivada e instigada a continuar, mas sente falta de um incentivo financeiro que a permita executar o que quer da maneira que quer.

*gostaria de ter mais possibilidades. E isso quer dizer que eu preciso de recurso, né? Eu preciso de recursos para desenvolver minhas pesquisas, e muitas vezes eu não tenho. Recursos, às vezes que a gente tem que tirar do próprio bolso, às vezes para desenvolver alguma coisa, então é um espaço que eu ainda acho que é pouco para mim, que eu acho que eu precisaria, que eu acho que eu poderia ocupar um espaço maior, se eu tivesse ajuda, né? Se eu tivesse mais auxílio, aliás, eu acho que o desenvolvimento científico do Brasil falta isso, né? Falta investimento (Antonieta, entrevistada).*

A professora acredita que se tivesse investimento monetário para montar uma equipe, além de criar uma rede de relações, as pesquisas andariam mais rápido. Cita inclusive numa pesquisa que está realizando no momento,

*eu tô fazendo uma pesquisa grande agora [...], que é de investigar as competências leitoras e informacionais dos jovens de 10 a 24 anos de idade. E aí então, ou seja, e eu tô fazendo uma pesquisa quanti e qualitativa. Então eu preciso de um número grande de jovens que*

*respondam a minha pesquisa, mas eu tenho uma bolsista PIBIC, né? E aí então fica sabe a pesquisa, demora a sair do lugar porque como éramos só nós duas, então só para montar um instrumento de coleta de dados a gente levou um ano. Se tivesse mais gente envolvida, a gente poderia levar menos tempo (Antonieta, entrevistada).*

Ela reforça a importância de ter uma equipe de apoio, justamente para que ela possa se dedicar a outras funções, enquanto divide ou delega tarefas “*mais braçais*” para outras pessoas.

*por mais que eu tenha uma divisão de tarefas em casa, mas sempre tem coisas assim que a gente tem que fazer em casa e não só em casa, mas até mesmo na universidade coisas assim, que às vezes eu enquanto professora poderia estar fazendo uma outra coisa mais profunda, mais bem elaborada, e ter outras pessoas que façam mais aquele trabalho braçal [...] a gente fica ali com muitas atividades assim, que poderiam ser delegadas para outras pessoas, mas você não tem para quem delegar e você acaba tendo que fazer né? E aí fica difícil (Antonieta, entrevistada).*

Para além disso, uma outra complicação que Antonieta enxerga ao levar adiante a carreira acadêmica, é conciliar essa trajetória com as obrigações de casa. Enquanto mãe, dona de um lar, muitas das obrigações com os filhos e da família recaem em seu colo. “*por mais que você tenha uma rede de apoio dentro de casa, acaba que a responsabilidade doméstica é da mulher*” (Antonieta, entrevistada). Lídia (2020) afirma a realidade dessa dificuldade da vivência da maternidade e vida acadêmica, mesmo que se tratando da graduação, pois é ainda sobre o gênero feminino que recai as responsabilidades dos cuidados parentais. Ela nota muitos serem os desafios de conciliar a maternidade com a vida acadêmica.

Sojourner Truth preza pela interação com a sociedade, e a transformação, tanto de seus estudantes quanto do campo científico, mas sente que o epistemicídio e o racismo são a pedra em seu sapato enquanto mulher preta pesquisadora na academia. O racismo ronda as experiências dessas mulheres.

Dandara conta que certa vez, na ouvidoria e nos registros dos alunos, estava escrito “*Ah quem que essa professora preta acha que é*”, ela continua,

*Teve esse tipo de comentário. Quem que essa professora preta acha que é? Ela não conhece a realidade nossa. E assim, me chocou de ter o Preta lá, entendeu e chocou de não ser o meu título ou o meu conhecimento a discussão, o núcleo da discussão, o preto estava lá e isso foi algo que me assustou demais porque assim claramente eu*

*nunca tinha passado por uma situação de ser tocada nesse ponto né? De ser questionada a minha capacidade pela minha cor. Nenhum momento. (Dandara, entrevistada).*

Antonieta vê muita disputa de egos dentro da universidade e, por isso, sempre trata à todos e à todas muito bem.

*eu tenho uma relação muito boa com os técnicos com as técnicas administrativas, então quando eu quero uma coisa eles até ficam me oferecendo assim coisas para fazer, mas é porque eu respeito e eu já percebi que às vezes há um certo desrespeito ou talvez um certo sentimento assim de superioridade de docentes em relação aos técnicos e as técnicas do administrativo (Antonieta, entrevistada).*

Preza por uma igualdade no tratamento entre as pessoas, independentemente de suas funções.

*Eu sou a rainha dos lanches também lá na universidade. Então tem um lanchinho que eu faço, qualquer evento, tem lanche, tem que ter lanche. Se não tiver lanche, não tem graça. (risos) E aí eu convido para participar, para compartilhar. Porque todo mundo faz parte, né? (Antonieta, entrevistada).*

É acolhedora. Conversar com Antonieta é como receber um longo e caloroso abraço. Ela percebe que nem todo o corpo docente é assim, “*falta um pouco de humildade dos meus colegas. Eu não tenho problema de falar isso não viu? Isso aí, pode entrar na pesquisa. Porque isso é uma realidade e a gente tem que ter coragem de falar*” (Antonieta, entrevistada). Não sente que essa realidade é particular da universidade em que atua. “*Eu acho que é uma realidade aí quando a gente vai conversar com os colegas de outras universidades, a gente vê isso em todo lugar*” (Antonieta, entrevistada).

Dandara comenta que o que a alegra, e o que a desmotiva no ambiente acadêmico é

*Eu valorizo muito as relações e talvez por isso que nesse momento eu esteja sentindo tanto. Né, pra mim a relação professor-aluno eu também valorizo demais. Quando eu tinha esse lugar e esse contato mais próximo né? Minha sala vivia cheia de aluno. Era o dia inteiro aluno lá na sala conversando. Tanto é que a turma de dois mil e dezoito, a turma que formou em dois mil e dezoito são meus amigos pessoais, sabe? A gente sai pra beber junto hoje, sabe. Tamanha foi a afetividade que se construiu. Né? Então talvez seja por isso que eu*

*esteja sofrendo tanto esse retorno. De não ter isso. E aí por não ter, a desmotivação, né? Eu me sinto mal de estar ali porque eu não tenho. Então, como eu me sinto mal, não é um lugar que está me fazendo bem, eu volto pra casa. Né, e outra delícia que eu vejo também é a possibilidade de participar da vida né? De deixar um rastro seu sabe? E assim ah aquela dos dois lados né? Ah aquela professora me deu trabalho, ou então, ah aquela professora me ajudou demais, né? Mesmo dando trabalho você ser lembrada e você ter feito parte né? Isso hoje você vê como trabalho, mas lá na frente você vai ver que esse trabalho te ajudou em alguma coisa, né? Então isso também é uma delícia que eu vejo da atuação. E em terceiro lugar, mas não menos importante, as relações que eu tenho com os pares, né? Que ainda mais por eu ser de outra área, a comunicação pra mim é assim, todo dia é um aprendizado diferente, sabe? Eu lembro que a primeira vez que eu ouvi a palavra epistemologia, eu falei epistemologia da comunicação, falei meu Deus que que é isso? Justamente por esse meu perfil, né? De curiosidade e de extrapolar assim a minha área de conhecimento. Essa relação que eu tenho com os pares, com os docentes né. Ela é muito boa pra mim. Ela me agrega muito valor. Dores e tristezas: você sempre tem que provar quem é, alegrias: poder fazer a diferença na vida de alguém (Dandara, entrevistada).*

Dandara orientou apenas duas mulheres pretas e percebeu um reconhecimento de si e uma vontade de incentivá-las a seguirem, por entender a dificuldade pela qual passaram e ainda passam.

Antonieta não sabe dizer quantas mulheres pretas já orientou, mas relata que essas alunas chegam naturalmente até ela. Apesar de as pesquisas étnico-raciais não serem seu foco, busca auxiliar quem visa contemplá-las. *“boa parte das pessoas de baixa renda são pessoas pretas ou pardas, então tem uma quantidade boa assim. Eu ainda não tive a curiosidade de contar quantas pessoas no total eu já orientei”* (Antonieta, entrevistada). Comenta não sentir “nada de diferente” nessas orientações, crê que a diferença está no nível de esforço de cada um(a).

*eu sou uma das professoras que não me importo de pegar o que os outros docentes chamam de alunos ou alunas difíceis. Eu gosto de pegar porque para mim é um desafio [...] e nesses difíceis entram pessoas com idade maior também, que são pessoas que geralmente ficaram muito tempo sem estudar (Antonieta, entrevistada).*

Comenta que já orientou uma senhora de 60 anos, certa vez. Ela diz que muitos estudantes chegam ao ensino superior sem terem feito uma boa educação básica e, que por isso, chegam com muitas dificuldades. *“Pessoas assim que geralmente escrevem mal, né? Não tem uma boa redação, que tem muita dificuldade de entender os conceitos, conteúdos, e tem dificuldade de escrita, tem dificuldade de assimilação e tudo mais”* (Antonieta, entrevistada). No entanto, sua intenção é ajudar todos e todas

que se propõem a ocupar o espaço de discentes.

Sojourner Truth divide experiências de prazer e dor com seus e suas estudantes, não mascara a realidade. Sente que a orientação ocorre a todo tempo (não somente no campo acadêmico), e que cresce no desenvolver dos pesquisadores e pesquisadoras com quem se relaciona.

Todas procuram dar estímulo e entusiasmo aos alunos e alunas, pois sabem a importância que o incentivo pode fazer. Ocupam com prazer o território acadêmico-científico e têm ciência de que fazem a diferença. Antonieta conta:

*eu não fui muito assim de ser professora homenageada, né? Mas nos últimos anos eu tenho sido então, ano passado eu fui, esse ano já me chamaram para ser madrinha, paraninfa de turma, eu fui ministrar uma palestra lá no Tocantins, encontrei umas ex alunas que foram lá, que saíram de longe só para ir lá me ver nessa palestra [...] então eu acho que eu tô fazendo a diferença, né? (risos) Pessoas que orientei na graduação e que vai fazer pós-graduação e quer minha orientação, pessoas que orientei no mestrado, que eu tô orientando doutorado de novo (Antonieta, entrevistada).*

Antonieta enxerga como um dos prazeres do seu fazer, o reconhecimento, mas mais do que isso, sua contribuição.

*O prazer é quando você vê um produto seu publicado. E acima de tudo utilizado. De vez em quando às vezes eu encontro com aluno que fala assim: Ah! Professora, me indicaram o seu texto, lembrei de você, [...] quando você vê seu trabalho divulgado e utilizado, isso é o melhor. Não é nem publicar na melhor revista. É mesmo quando você vê que seu trabalho tá inspirando as pessoas (Antonieta, entrevistada).*

Sojourner Truth concorda, quando diz: “pode[r] produzir um texto que será capaz de influenciar a reflexão que as pessoas serão capazes de fazer, eu acho isso muito importante, né?” (Sojourner Truth, entrevistada). Como um dos pontos negativos do seu fazer, aponta: “Os pesquisadores, muitos docentes, ainda tem um ego muito inflado e que muitas vezes não são abertos ao diálogo, a pensar diferente, a tentar compreender o que o outro faz, a valorizar o que o outro faz, e achar que é o dono da verdade” (Sojourner Truth, entrevistada). Recordar-se que uma vez foi prejudicada por uma professora, mas que seguiu os apontamentos de Edgar Morin para lidar com a questão:

*aí eu fui e lembrei do Edgar Morin, o Edgar Morin, velhinho aí de mais de 100 anos já e que tá firme e forte aí. O Edgar Morin, fala assim,*

*olha, todos nós somos anjos e demônios. Então eu fiquei pensando se todos nós somos anjos e demônios, por que que eu não procuro mais o anjo do que o demônio nas pessoas [...] E eu chamei essa professora para poder trabalhar comigo e foi assim uma semana maravilhosa. Foi muito trabalho, mas foi uma semana assim muito boa, muito boa mesmo (Sojourner Truth, entrevistada).*

Antonieta reverte a lógica e nada contra a corrente do que discorda. Quando a recebem com injúrias, ela responde com sorrisos, abraços, afagos, acolhimento. Gostaria que o território científico-acadêmico fosse menos hostil. *“aí tem outro professor ou professora que eu não gosto e aí eu não deixo, eu proíbo o meu orientando, a minha orientanda, de ter algum tipo de contato com esse professor, com essa professora, eu acho isso ridículo (Antonieta, entrevistada).* Parte da lei da boa convivência, e do respeito mútuo. *“Existem muitos inimigos dentro da universidade, muita gente que puxa o tapete mesmo, perseguição” (Antonieta, entrevistada).*

Sojourner Truth também tem suas ressalvas com os pares, inclusive, prefere trabalhar com os seus orientandos e orientandas.

*gosto mesmo de trabalhar na pesquisa com os meus orientandos, eu tenho mais dificuldade de trabalhar com “os pares” entre aspas, né? Até porque nem sempre os pares estão interessados, né? Eles estão, às vezes, interessados naquilo que você pode proporcionar a eles, e não necessariamente em uma troca genuína, então... Os meus orientandos todos eu escrevi com eles, eu sempre que vou fazer um projeto convido eles para participar né? Até porque eu gosto desse caminho, né de acompanhar a pessoa se transformar em um pesquisador, começar os primeiros passos. Em geral eu chamo muitos meus orientandos de doutorado para participar de outras bancas (Sojourner Truth, entrevistada).*

Sojourner Truth aposta na troca genuína como parte da vivência acadêmico-científica. Ela sente que esse processo de troca com seus alunos, alunas, orientandos, orientandas, é um processo natural de sua função, menciona: *“eu acho que é difícil falar assim, onde que começa a pesquisa, onde começa a docência?” (Sojourner Truth, entrevistada).*

Antonieta também aposta em uma participação pública na ciência mais efetiva e eficaz, já que pensa a pesquisa para a sociedade, assim como o faz Dandara. Acredita que a universidade ainda é muito distante da sociedade como um todo. *“a sociedade desacreditou da ciência um pouco a culpa é da ciência também, é um pouco culpa nossa porque nós nos afastamos das pessoas” (Antonieta, entrevistada).*

Antonieta existe de forma a olhar devagar para o(a) outro(a). Sem demora, escuta, inclui. Não quer mais afastamento, quer aproximação. Caso fossem elas a construírem as universidades, todas prezariam pela diversidade, pelos direitos humanos e por um conhecimento partilhado. Seriam universidades inclusivas com vitrines abertas do conhecimento, que pensariam nas pessoas de baixa renda, e que promoveriam oportunidades igualitárias a todos e todas. Universidades plurais e interseccionais.

Dandara afirma:

*Olha, eu acho que não é nem o modelo que esteja errado não, sabe? Eu acho que é mais cultural. Acho que a gente acostumou fazer as coisas de um jeito e talvez não esteja tão aberta as mudanças. As mudanças aconteceram. A gente só não incorporou essas mudanças a rotina. Sabe? Eu vejo a universidade muito aberta a isso. Eu vejo, por exemplo, eu sou coordenadora de pesquisa, né? Então eu participo lá da PRPG, das reuniões, eu vejo muita, apesar de ainda existir muita burocracia, e aí eu acho que nem compete tanto a mudança na universidade porque isso vem de uma instância superior. Mas eu vejo a universidade muito aberta, eu a vejo muito respeitosa com as diferenças, né? Acolhe as pesquisas, acolhe os pesquisadores, mas falta questão de cultura organizacional que eu vejo dessa interação mesmo. Então assim, se tivesse que mudar, promover maior interação entre os pesquisadores, por exemplo. Eu já participei de banca que tipo o que o cara estava fazendo é algo que eu estava buscando há um tempão e o cara estava do meu lado e eu não sabia, entendeu? Oh cara não sabia que você mexia com isso! [...] Eu promoveria essa vitrine do conhecimento que não é um problema só da nossa universidade. É da pesquisa no Brasil né? Ciência no Brasil. A gente não conhece, a gente não sabe o que a gente produz. E isso é uma perda muito grande porque a gente podia sim colaborar mais. A gente podia fazer mais diferença. Né? E aí de novo aquela dor minha lá de o fato das pesquisas, o pesquisador e o meu trabalho ser isolada. Eu na minha sala, eu e meus alunos, isso limita demais o conhecimento. A minha universidade seria uma universidade que valoriza as diferenças, que não mede o conhecimento por questões raciais; uma Universidade inclusiva (Dandara, entrevistada).*

Antonieta diz que quando imagina a sua própria universidade, a prioridade é

*ter oportunidades para o que a pessoa desejasse fazer dentro da universidade. E que a universidade fosse um espaço mais acolhedor, no sentido assim, até arquitetônico, eu fico olhando para os jardins da universidade tudo maltratado, tudo jogado, tudo sucateado. Então eu acho que tinha que ter mais conforto para as pessoas quererem ir para universidade, e quererem passar o dia lá, por exemplo, né? Ter mais conforto, então um cantinho ali pra cochilar, um cantinho ali pra jogar, um cantinho ali pra conversar, sabe, mais ou menos dessa forma (Antonieta, entrevistada).*

Quanto aos recados e declarações deixados por elas, pautam-se nas palavras de incentivo. Dandara diz que a cor não define quem as mulheres pretas são, e que elas devem ser guiadas por suas aspirações.

Antonieta incentiva a luta e a busca por valorização, o “correr atrás”.

*A gente precisa lutar cada vez mais, botar a boca no trombone, vamos dizer assim, e a gente começar a exigir condições para gente né? Então eu acho que essa pauta das cotas nessas pesquisas, né para bolsa produtividade, por exemplo, eu acho que são necessárias (Antonieta, entrevistada).*

Importante perceber que a professora sugere as cotas para bolsa produtividade, o que de fato, mudaria o cenário da ocupação desse espaço. É um ponto pertinente e que advoga a favor da inclusão, igualdade e justiça na ciência, com quem corrobora Carvalho (2022).

Ela gostaria que as mulheres fossem cada vez mais valorizadas, para que a ciência pudesse avançar mais. Relembrando que há uma grande diferença na proporção entre homens e mulheres que possuem bolsas produtividade em pesquisa, é o que relatam Guedes *et al* (2015). Antonieta busca se colocar dentro das histórias que constrói, pois acredita que essa abordagem faz as pessoas enxergarem a realidade de forma mais explícita. “É diferente quando o professor chega para tratar desse assunto em sala de aula, e se coloca como personagem dessa história, e eu me coloco muito, principalmente nessas disciplinas que tem a ver com cultura” (Antonieta, entrevistada).

Sojourner Truth aconselha que as mulheres pretas não negociem sua humanidade com ninguém, e que é importante que sejam guiadas com base em suas verdades próprias. Diz que dói ser a primeira em muita coisa.

*me dói ainda ser a primeira em muita coisa. Ser a primeira, a única em muita coisa, né? Ainda. Essa solidão não é agradável, né? Essa solidão acadêmica, né. Ser a primeira professora titular da Universidade [...] negra que alcança esse lugar. Ser a primeira pesquisadora, a primeira não sei o quê, sabe essa coisa do primeiro? Isso me angustia, né? Até quando, né? Essa usina de contenção vai manter a gente fora desse cenário, né? Isso me angustia. Não vejo vantagem nenhuma em ser a primeira ou a única, não vejo a menor vantagem. Eu já não aguento mais nem ouvir falar mesmo isso, né? Eu acho que a gente tá precisando de ser muitas pessoas e que as pessoas nem olhem mais, nem tenham, que à vista delas fiquem embaralhada pela grande presença da diversidade na universidade de*

*maneira que ela nem fala assim: Olha lá um indígena, olha lá um trans, olha lá, não sei que lá. Que a gente esteja misturado na multidão. Meu desejo é esse assim, que esse olhar classificador não tenha mais função, esse olhar da classificação da diferença, não tenha mais função para ninguém, né? Isso é que eu espero né? Esse é meu desejo. Que cada vez mais chegue outros e outras, e que tensione outros pontos de vista para que a gente possa avançar, né seguir crescendo e seguir humanizando a humanidade (Sojourner Truth, entrevistada).*

Dandara também julga ser importante pensar na humanização dentro da universidade. “*Que a Universidade deve, sim, ser este espaço de debates. É importante trazer esse olhar sobre a questão racial – estamos formando pessoas! Nosso compromisso é para além da sala de aula, do laboratório – é necessário ocupar espaços!*” (Dandara, entrevistada).

Quanto à realidade racista e sexista que a abarca, Antonieta diz

*eu acho que ainda tá um pouco longe assim da questão da desigualdade de cor, a desigualdade econômica. Realmente ela acabar né? Até chega a ser utópico, né pensar que um dia a gente não vai precisar mais de cota, não vai precisar mais, então essas coisas, porque parece que a gente ainda precisa, ainda tem um preconceito muito grandena sociedade, um preconceito assim velado que muitas vezes a pessoa só percebe quando passa isso na pele. Ah é mimimi demais o movimento negro, o movimento feminista e tudo mais, mas não é mimimi, a gente sabe, a gente enquanto pessoa preta, mulher, a gente sabe o que que a gente sofre todo dia aí, eo que que a gente tem que fazer a mais para poder você não se sentir perseguida não se sentir [...] com um olhar diferente para você (Antonieta, entrevistada).*

Ela deseja que o movimento feminista e negro se expandam e vislumbra um futuro de mudanças reais.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da bibliografia acessada em conjunto com as conversas tidas com as entrevistadas no tocante as trajetórias acadêmico-científicas das mulheres pretas da UFG e da UFMG nota-se que quando se pensa no processo socioeducativo delas, o ensino público faz parte da realidade desse grupo, o que, não obstante, é um indicativo do sucesso profissional dessas pessoas, já que ocupam um lugar de destaque - nesse caso, a universidade pública - em cargos de prestígio. Esse ambiente foi fundamental para o reconhecimento delas como mulheres pretas.

Apesar de a universidade ser um ambiente propício para esse reconhecimento, o que é, de fato, inegavelmente, um ponto positivo, é necessário pensar-se também sobre a falta de representatividade desses corpos nesse espaço, já que as entrevistadas ressaltaram o convívio com as poucos(as) colegas e professores(as) pretos e pretas em sua trajetória acadêmica. Sojourner Truth inclusive comenta sobre o fato de estar cansada de ser “a primeira” em muitos dos espaços que ocupa. Colocarem-se como desbravadoras pode, de fato, exigir muita energia dessas mulheres.

O auto reconhecimento para além da condição de mulher preta, mas de ser humano, é uma questão que aparece nas falas das entrevistadas.

Uma outra questão aparente durante as conversas foi a complexidade de conciliar os papéis de pesquisadora e donas de um lar, ainda mais em uma estrutura social que se espera que a mulher “dê conta de tudo”.

Acreditamos que, frente aos objetivos geral e específicos estabelecidos - que diziam respeito à cartografar o território existencial de mulheres pretas no ambiente acadêmico de pesquisa e docência da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal de Minas Gerais - ao identificar quem são essas mulheres; cartografar como povoam e habitam esse território na sua vivência acadêmica; traçar o percurso dessas pesquisadoras pretas até a chegada ao território acadêmico-científico; pontuar como os marcadores gênero e raça perpassam suas trajetórias, conseguimos contemplar seus percursos até a chegada no território acadêmico-científico, pudemos compreender como os marcadores de gênero e raça as atravessam a ocupação desse território. É interessante perceber o afeto, a resistência, a luta (“tramando revoluções”) são marcas que caracterizam como essas mulheres povoam e habitam o território acadêmico.

Como anotação final, intenciona-se que essa pesquisa contribuía para uma reformulação de pensamentos e paradigmas presentes no campo científico e que gere um novo olhar sobre as questões de gênero e raça na academia.

Pedindo licença para uma fala mais pessoal em um trabalho acadêmico, acreditamos que esse caminho foi trilhado e que outros, e outras pesquisadoras continuem a pavimentá-lo. Fica registrado nossa gratidão e admiração à Dandara, Antonieta e Sojourner Truth por compartilhar conosco suas vivências no campo, às vezes, árido da ciência.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S.; CLINIO, A.; RAYCHTOCK, S. Ciência aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **Liinc Em Revista**, v. 10, n. 2. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3593>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- ALCÂNTARA, M. S.; SILVA JÚNIOR, P. R. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. **Revista AMAzônica**, v. 25, n. 2, p. 127-163, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 131-149
- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.
- ARRAES, J. Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. **Portal Geledés**, 27 fev. 2014. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes/?gclid=EAlaIQobChMI9vCnueSPgQMVDTKRCh1l0w\\_pEAAYAiAAEgl1ofD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes/?gclid=EAlaIQobChMI9vCnueSPgQMVDTKRCh1l0w_pEAAYAiAAEgl1ofD_BwE). Acesso em 14 ago 2022.
- BACHELARD, Gaston. **The formation of the scientific mind: a contribution to a psychoanalysis of objective knowledge**. Manchester : Beacon Press, 1986.
- BAMBIRRA, N. V.; LISBOA, T. K. “Enegrecendo o feminismo”: a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. **Revista Ártemis**, v. 27, n. 1, p. 270–284, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.40162. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/40162>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 207-228, jan./abr. 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.
- BARROS, S. A. P. História da educação da população negra: entre silenciamento e resistência. **Pensar a Educação em Revista**, ano 3, v. 4, p. 3-29, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://pensaraeducacaoemrevista.com.br/2018/07/10/766/>. Acesso em: 10 set. 2020.
- BASTOS, M. A. **Investiga menina: estudos sobre a parceria colaborativa entre o movimento social e a universidade como estratégia de divulgação científica**. 2020. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Química, Universidade Federal de Goiás, 2020.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENITE. Cientistas negres brasileiros: sobre historiografia, perspectivas e futuro. **Cadernos RCC#24**, v. 8, n. 1, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1113/644>. Acesso em 3 de out. de 2022.

BERQUÓ, E. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. Campinas: NEPO/Unicamp, 1987. p. 1-45.

BLAY, E. A.; CONCEIÇÃO, R. R. A mulher como tema nas disciplinas da USP. **Cadernos de Pesquisa**, n. 76, p. 50-56, fev. 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1054>. Acesso em: 16 set. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.990 de 09 de junho de 2014**. Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, [...]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm). Acesso em: 21 jul 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Metadados**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: linha de base. Brasília, DF: INEP, 2015. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano\\_nacional\\_de\\_educacao/plano\\_nacional\\_de\\_educacao\\_pne\\_2014\\_2024\\_linha\\_de\\_base.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/plano_nacional_de_educacao/plano_nacional_de_educacao_pne_2014_2024_linha_de_base.pdf). Acesso em: 14 abr. 2023.

CALDWELL, K. L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 8, nº 2, p. 91-108, 2000,. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11922>. Acesso em: 21 jul 2022.

CAMPOS, J. L. A.; ALVES, A. S. A.; SANTORO, F. R. As mulheres são menos citadas do que os homens em artigos científicos? Uma análise do comportamento de citação relacionado ao gênero nas pesquisas em etnobiologia. **Ethnoscientia**, v. 6,

n. 2, p. 20-39, 2021. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v6i2.371. Acesso em: 12 jun. 2023.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 3 set. 2023.

CARNEIRO, A. S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: CARNEIRO, A. S. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003a.

CARNEIRO, A. S. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CARNEIRO, A. S. Mulheres em movimento. **Revista Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003b.

CARVALHO, J. J. Cotas étnico-raciais e cotas epistêmicas: bases para uma antropologia antirracista e descolonizadora. **Mana**, v. 28, n. 3, 2022. e2830402. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0402>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CAZUZA, C. R; GOUVEIA, S. A. A escolarização da população negra: uma profunda desigualdade entre brancos e negros. **Rev. Episteme Transversalis**, v. 10, n. 2, p.128-149, 2019. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/1333>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CHAVEIRO, E. F; V.ASCONCELLOS, L. C. F. Cartografias existenciais: premissas de uma leitura. *In*: CHAVEIRO, , E. F; VASCONCELLOS, L. C. F. (org.). **Uma ponte ao mundo: cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho**. Goiânia: Kelps, 2018. p. 25-42.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, ja./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12jul. 2023.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2009.

COLLINS, P. O que é um nome? mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, nº 51, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Acesso em: 12 maio 2023.

CONRADO, M.; RIBEIRO, A. A. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 73-94, enero-abril, 2017.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, n. 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 2 out. 2021.

CUNHA, E. **Os sertões**. 14. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1938.  
DÁVILA, J. Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: UNESP, 2006. 400 p.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. *In*: DUARTE; BARROS. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**, v. 5, n. 9, p. 87–97, 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 14 ago. 2022.

FEDERICI, B. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, D. A. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3 p. 691-713, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p691>. Acesso em: ago2022.

FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil**. Tese (Doutorado em Biofísica)—Universidade Federal do Rio de Janeiro, Riode Janeiro, 2014.

FERREIRA, N. B. S. Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES NECESSÁRIO À EDUCAÇÃO, 1., 2010, Fortaleza. **Anais [...]**.Ceará : Brasília: Universidade Estadual do Ceará ; Universidade Católica de Brasília, 2010. Disponível em: <https://dspace.sistemas.mpba.mp.br/handle/123456789/806>. Acesso em: 8 maio 2020.

FERREIRA, N. T. Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial. **Ensaio**: aval. pol. públ. educ., v. 27, n. 104, p. 476-498, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362019000300476&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000300476&tlng=pt). Acesso em: 12 jun. 2023.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FILGUEIRAS, C. A. L. A química na educação da Princesa Isabel. **Quím. Nova**, v. 27 n. 2, mar/apr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01040422004000200031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01040422004000200031). Acesso em: 18 jun. 2019.

FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (org.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**. Introdução à filosofia e à ética das

ciências. São Paulo: Unesp, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

GALVÃO, E. A. B. **Racial quotas and admission policy UERJ, UNB and the case of UFG**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

GERMANO, M. G. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 400 p.

GÓIS, J. B. H. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. **Revista Estudos Feministas**, set./dez. 2008.

GOMES, G. P. S. Pretos e pardos, uni-vos. Os desafios de (o) ser negro no Brasil do século XXI. **Revista Desenvolvimento & Civilização**, v. 2, n. 1, p. 80-106, 2021.

GOMES, N. L. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727–744, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>. Acesso em: 18 maio 2023.

GOMES, N. L. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Contemporânea** - Dossiê Relações Raciais e Ações afirmativas, v. 1 n. 2, p. 37-60, jul./dez. 2011.

GOMES, S. H. A.; BARCELOS, J. Apontamentos históricos eo interesse público na divulgação científica no Brasil. In: CORDEIRO, D. F.; CASSIANO, K. K.; SANTOS, A. P.; SILVA, N. R. (org.) **Proceedings of the 1st workshop on media, information and data science**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020a. p. 13-28. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1197/o/Proceedings\\_-\\_WMIDS\\_2020.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1197/o/Proceedings_-_WMIDS_2020.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.

GOMES, S. H. A.; BARCELOS, J. Ciência e comunicação na ciência: perorações a partir da noção de disputa. In: GOMES, S. H.; SANTOS, A. P.; RIBEIRO, G. M. C.; OLIVEIRA, M. **Letramento Informacional: entendendo a ciência e a comunicação científica**. Goiânia: Gráfica UFG, 2020b. p. 45-58. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_cient%C3%ADfica\\_%281%29.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_comunica%C3%A7%C3%A3o_cient%C3%ADfica_%281%29.pdf). Acesso em: 15 jan. 2022.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS, 4., 1984, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpocs, 1984. p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 10 fev. 2022.

GUEDES, M. D. C.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. **Cadernos Pagu**, p. 367-399, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201500450367>. Acesso em: 10 ju. 2023.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 22, n. 2, p. 201-209, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Acesso em: 10 dez. 2021.

HABERMAS. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

HASENBALG, C. A.; SILVA, N. do V. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. **Cadernos De Pesquisa**, n. 73, p. 5–12, 1990. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1092>. Acesso em: 12 jun 2023.

HENDERSON, C. E. AKA: Sarah Baartman, the hottentot venus, and black women's identity. **Women's Studies**, v. 43, p. 946-959, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00497878.2014.938191?scroll=top&needAccess=true&role=tab>. Acesso em: 18 fev. 2022.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 6, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HOOKS, B. “Postmodern blackness”. **Postmodern Culture**, v. 1, n. 1, p. 10-18, 1990. Disponível em: [https://www.africa.upenn.edu/Articles\\_Gen/Postmodern\\_Blackness\\_18270.html](https://www.africa.upenn.edu/Articles_Gen/Postmodern_Blackness_18270.html). Acesso em: 20 fev. 2022.

HULL, G. T.; SCOTT, P. B.; SMITH, Barbara (ed.). **But some of us are brave**: all the women are white, all the blacks are men: black women's studies. New York: Feminist Press, 1982.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de gênero indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38, 2021. Disponível em:

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf). Acesso em: 24 mar. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em: 24 mar. 2023.

JULIO, A. L. Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras. **Protestantismo em Revista**, n. 24, p. 62-69, 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/79>. Acesso em: 2 jun. 2023.

KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência. **Cadernos Pagu**, v. 27, n. 27, p. 13-34, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bSBYCTG9zPV55wBnbQkpbCb/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20impacto%20dessas%20novas%20percep%C3%A7%C3%B5es,dos%20problemas%20do%20desenvolvimento%20inicial>. Acesso em: 24 abr. 2023.

KUHN, T. S. Lógica da descoberta ou psicologia da pesquisa? *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (ed.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix : EDUSP, 1979. p. 5-32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cienciaefilosofia/article/view/107354/105834>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, H. B.(org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751440006>. Acesso em: 15 jan. 2023.

LÍDIA, L. B. G. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional)-Universidade de Brasília, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17638/1/LLBG01042020.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 3, p. 883-903, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300007>. Acesso em: 5 ago.2022.

LOPES, D. A.; FIGUEIREDO, Â. Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 6, n. 8, 2018. Disponível em: <https://www.homologacao.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/5027>. Acesso em: 21 jul. 2023.

MAFFIA, D. Crítica feminista à ciência. *In*: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: Redor/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp->

content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023.

MAINIERI, T. **Um peso, duas medidas**: desvelando a comunicação pública na sociedade midiaticizada. Goiânia: FIC/UFG, 2016.

MARTINS, T. V.; LIMA, T. J. S.; SANTOS, W. S. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2793–2802, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 440, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/03.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MERTON, R. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, J. D. (ed.). **A crítica da ciência, sociologia e ideologia da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MULLER, M. L. Professores negros na Primeira República. In: Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 29., 2006, Caxambu, MG. Anais [...]. Caxambu, MG: ANPOS, 2006. Disponível em: [http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos\\_encomendados/GT21/GT21\\_Lucia\\_Muller.pdf](http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT21/GT21_Lucia_Muller.pdf). Acesso em: 12 mar. 2023.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNIZ, J. O; PORTO, N; FUKS, M. Groupness racial e flutuações atitudinais de pardos entre fronteiras simbólicas e sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.104, n. 101, p.1-30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/B5VnSf7BwJt6zJcSXRjbZYz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2023.

NASCIMENTO, A. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. 2. ed. Salvador: EDUFBA : CEAO, 2002.

OLIVEIRA, E.; MUNANGA, K. Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade. **Revista África**, n. 24-26, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/afrika/article/view/74389>. Acesso em: 5 set. 2022.

OLIVEIRA, I. Construindo a universidade que queremos. **Revista de Educação Pública**, v. 30, n. jan/dez, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/11854>. Acesso em: 2 jul. 2023.

OLIVEIRA, A.; MELO, M. F.; PEQUENO, M.; RODRIGUES, Q. B. O perfil dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Sociologia. **Sociologias**, v. 24, n. 59, p. 170–198, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/106022>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OSÓRIO, R. G. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília, DF: IPEA, 2003. 50 p. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/pub/td/2003/td\\_0996.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0996.pdf). Acesso em: mar. 2023.

PACHECO, A. C. L. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/420735>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PATROCINO, L. B. *et al.* Mulheres na ciência-uma reflexão sobre desigualdade de gênero e raça. **Caderno Espaço Feminino**, v. 33, n. 1, p. 418-441, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/49502>. Acesso em: 18 mar. 2023.

POPPER, K. R. *Lógica das ciências sociais*. In: POPPER, K. R. **Lógica das ciências sociais**. Brasília: UnB, 1978. p. 13-34.

QUADROS, W. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. **Estudos Avançados**. v.18, n. 50, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RGrfjV8wFpzRxkw4kmf9Dvz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

QUEIROZ, D. Ações afirmativas na universidade brasileira e acesso de mulheres negras. **Revista Ártemis**, v. 8, p.132-145, jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2312>. Acesso em: 15 mar. 2023.

QUEIROZ, R. C. S. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 213-230, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9475>. Acesso em: 15 maio 2023.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

RODRIGUES, T. M. L.; BANDEIRA, S. N.; BARBOSA, G. B.; SOUSA, G. R.; O resgate da identidade negra por meio do cabelo afro. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 69., 2017, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBPC, 2017. Disponível em: [http://www.sbpnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2739\\_1a82200e78325e1c3a8f3da946e7a5a89.pdf](http://www.sbpnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2739_1a82200e78325e1c3a8f3da946e7a5a89.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

ROMERO, Sílvio. Prefácio - Tito Lívio da Costa. In: CASTRO, T. L. **A mulher e a sociogenia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.

ROSA, C. M.; GONÇALVES, A. M. A política de cotas na UFG: desvelando o perfil dos estudantes cotistas. **Revista NUPEM**, v. 7, n. 12, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5448>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ROSA, K.; ALVES-BRITO, A.; PINHEIRO, B.C.S. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37 n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74989>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SAMBA TOMBA, J. A. Os preconceitos sobre o cabelo crespo dos afrodescendentes no ensino superior no Brasil e as novas perspectivas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisa SANKOFA**, v. 1, n. 1, p. 29-42, 2018. Disponível em: <http://www.sankofa.periodikos.com.br/article/5c052b310e8825021f0e27c3>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, G. C. A. Os estudos feministas e o racismo epistêmico. **Revista Gênero**, v.16, n. 2, p. 7–32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31232>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SANTOS, A.; CARVALHO, F. S.; PEREIRA, L. B. F.; BASÍLIO, D. B.; PEREIRA, B. S. Ensino de ciências a partir da extensão universitária: experiência em engenharia de tráfego. experiência. **Experiência**. Revista Científica De Extensão, v. 7, n. 2, p. 40–54, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/experiencia/article/view/64814>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. (Coleção Bahianas). Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SARDENBERG, C. M. B. **“Feminist research: what is it?”**. Nova York: Mimeo, 1976.

SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. **Programação do Seminário “SBPC e as Mulheres e Meninas na Ciência”**. São Paulo: SBPC, 2019. Disponível em: <https://sbpcacervodigital.org.br/server/api/core/bitstreams/972e1072-5a2b-4631-ab2e-e1aea2a268db/content>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Mar. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 15

SILVA, É. C. **Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília (UnB): estratégias e resistências**. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie>

wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\_trabalho=7745073. Acesso em set. 2021.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, n. 10, jul./dez. 2014.

SILVA, G. M.; LEÃO, L. T. S. O paradoxo da mistura: identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 117–133, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300007>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, M. N. La población negra y la educación superior en Brasil: algunas consideraciones. **Revista Universidades**, v. 72, n. 87, 2021. Disponível em: <http://udualerreu.org/index.php/universidades/article/view/529>. Acesso em: 12 maio 2022.

SILVA, M. N. Uma década das ações afirmativas na UEL (2004-2014). **Revista Tomo**, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/3190/2792>. Acesso em: 25 maio 2022.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, v. 8, n. 1, p. 35–48, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/24527>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SOUZA, D. D. Combate ao racismo: compromissos e ações positivas. In: PINSKY, J. (org.). **Práticas de cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, S. R. L.; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: Estabelecendo princípios... desenhando caminhos... **Atas Investigação Qualittiva em Saúde**, v. 2, p. 811–820, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/826>. Acesso em: 3 nov. 2022.

TEDESCO, S.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>. Acesso em: 5 fev. 2023.

TEMER, A. C. R. P. As bases sociológicas nos estudos das teorias da comunicação. **Comunicação Veredas**, ano 5, n. 4, 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/464260554/As-bases-sociologicas-nos-estudos-das-teorias-da-comunicacao-cut>. Acesso em: 22 jul. 2023.

UFG. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Informação e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. **Linha de pesquisa**: mídia e informação. Goiânia: PPGCOM/UFG, [202-]. Disponível em: <https://ppgcom.fic.ufg.br/p/36438-linha-de-pesquisa-midia-e-informacao>. Acesso em: 22 jul. 2023

VARGAS, M. A história das mulheres negras no Brasil, no enfrentamento da discriminação e violência. *In: PARANÁ (Estado). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor de PDE*. Curitiba: Secretaria de Educação, 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_hist\\_ufpr\\_marciadevargas.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_ufpr_marciadevargas.pdf). Acesso em: 16 abr. 2023.

VELHO, L. “Conceitos de ciência e a política científica, tecnológica e de inovação”. **Sociologias**, v. 13, n. 26, p. 128-153, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/soc/a/q5SC5wGHhpGpzL86NZyDgDS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2022.

VIEIRA, F. V. F. Espaços de escuta: fazer ouvir as epistemologias de Abya Yala. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade**, v. 14, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/6439>. Acesso em: 8 maio 2022.

WEBER, M. Objetividade do conhecimento nas ciências sociais. *In: COHN, G. (org). Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.

XAVIER, G. Ciência de mulheres negras: um experimento de insubmissão. **Saúde Debate**, v. 45, número Especial 1, p. 51-59, 2021. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hWkNRp7rp3BxNJJbyyKvXG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2023.

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semi-estruturada

1. Por favor, me fale quem é a (nome da professora)?
2. (Caso a professora não se identifique racialmente na primeira fala, questionar como ela se reconhece. Se citado o termo “negra”, perguntar se ela se entende enquanto “preta” ou “parda” - classificação do IBGE).
3. Como se deu a escolha da sua profissão? O que te trouxe até aqui?
4. O que você pesquisa?
5. Por que escolheu especificamente essa área e essa subárea?
6. Se organizássemos as atividades acadêmico-científica em espaços (ensino, pesquisa, extensão, administração) em qual desses espaços você se faz mais presente, já foram conquistados?
7. Como você ocupa/atua nesses espaços já conquistados?
8. Quais espaços ainda pretende conquistar? Como ocupá-los?
9. O que a sala de aula representa para você? Como você ocupa/experencia/vivencia esse espaço? Quais sentimentos você traz para a sala de aula?
10. Como é seu vínculo com os alunos e alunas? Como você percebe isso? Tem afetividade? É difícil conquistar isso?
11. Descreva a sua sala. Algo te atrai nela? Há algo nesse espaço que te faz se sentir pertencente a ele?
12. O que a ciência/pesquisa representa para você?
13. Na pesquisa/ciência que espaços você já conquistou?
14. Como você ocupa esses espaços conquistados?
15. Na pesquisa, quais ainda faltam conquistar? Como pretende ocupá-los?
16. O que te motiva? A sala de aula te motiva? A pesquisa te motiva?
17. Quantas mulheres pretas você já orientou? Essa orientação foi diferente?
18. O que você valoriza no seu fazer? Quais os principais desafios, tristezas e alegrias na vivência desses espaços? Quais as dores e prazeres de integrar o ambiente acadêmico-científico?
19. Se fosse outorgado o poder à senhora de organizar as questões e funcionamento da prática científica dentro da sua universidade, quais seriam suas principais decisões? O que você sente que deveria ser diferente no ambiente acadêmico-científico da universidade, para que esses espaços fossem ocupados por mais docentes pesquisadoras mulheres negras? Que universidade a (nome da professora) construiria? Como seria a universidade da (nome da professora)?
20. Que recado você daria para outras mulheres cientistas negras?
21. Tem alguma outra declaração que você gostaria de fazer? Sinta-se livre para isso.

## APÊNDICE B - Entrevistas

### ENTREVISTA COM PROFESSORA DRA. ANTONIETA

**Entrevistadora:** Então, dando início agora. Eu vou falar algumas informações básicas da pesquisa só pra gente se encontrar, né? Então meu nome é Tuane Pacheco da Silva eu sou mestranda no PPGCOM da FIC da UFG, e nesse momento a gente vai realizar uma entrevista, porque eu tô desenvolvendo como pesquisa, desculpa a barulheira da rua, tô desenvolvendo como pesquisa uma dissertação intitulada Mulheres Pretas na Ciência: Cartografia Existencial de Pesquisadoras Docentes da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Federal de Minas Gerais. Que a gente vai entrevistar uma docente de lá também. Pra entender essa ocupação desse território das instituições federais por parte dessas mulheres negras pesquisadoras docentes, entender um pouco mais sobre a sua trajetória, e mais do que isso, entender sobre a sua história mesmo. Então a primeira pergunta que eu gostaria de te fazer é: quem é a Antonieta? Se você pudesse me responder quem é a Antonieta, o que que você sente de dizer a partir desse questionamento?

**Prof. Antonieta:** Aí essa pergunta você fala, eu atualmente ou eu dentro da minha da minha trajetória, ou eu fico à vontade?

**Entrevistadora:** Você fica à vontade, à vontade.

**Prof. Antonieta:** Ah tá, eu me definiria né? Então como o próprio ponto e como o próprio objeto da pesquisa diz, eu sou uma mulher negra, uma mulher que veio de uma estrutura familiar e econômica muito simples, né? Com renda familiar muito baixa e que infelizmente entrei pra universidade como estudante, na época não tinha cotas e não tinha programas pra ajudar as pessoas de baixa renda, não tinha programas suficientes e isso... hoje foi engraçado que eu comentei isso com uma pessoa e ela falou assim: isso só aumenta seu mérito. Aí eu digo: não, não aumenta meu mérito de jeito nenhum que só Deus sabe o que eu passei pra chegar onde eu cheguei porque não é fácil, né? E o que eu não quero... Eu sempre quando vou conversar com os meus alunos, eu não quero que eles passem o que eu passei, não é mérito, isso não aumenta meu mérito. Aumenta aí, é só mesmo eu olhar pra trás e ver o quanto que eu sofri pra chegar até aqui por ser uma mulher preta, por ser uma mulher de baixa renda, de família humilde, com histórico familiar de pessoas analfabetas, né? De pai analfabeto, de mãe também com pouca escolaridade. E hoje eu sou uma mulher que eu posso dizer que eu sou, estou realizada, né? Eu me sinto realizada até onde eu cheguei como cientista, mas ao mesmo tempo ainda me sinto uma mulher injustiçada pelo sistema principalmente pelos sistemas aí de pesquisa que ainda não privilegiam a nossa... não é questão de privilegiar, mas que não respeita a nossa história de vida em relação aos critérios que a gente precisa deter pra poder, por exemplo, ganhar uma bolsa produtividade, né? Então o perfil de pesquisador que eles esperam é um perfil que a minha trajetória de vida não permite, não permitiu que eu tivesse. Que é ter feito viagens internacionais pra estabelecer contatos internacionais, que é escrever em inglês desde sempre... eu não tenho tanta fluência em inglês, não tenho tanta fluência lá fora, né? Por falta de oportunidade. Então, eu me sinto injustiçada nesse sentido. Eu sou uma pesquisadora do Centro-Oeste, né? Então tudo isso interfere aí então pra eu chegar aonde eu quero chegar ainda, que é

uma pesquisadora produtividade A1.

**Entrevistadora:** Você falou bastante da sua existência enquanto mulher pesquisadora negra né, e é muito interessante ver como já nessa fala inicial tudo isso se relaciona de forma muito intrínseca, né? E aí teve um comentário que a senhora fez que me puxou atenção assim que você falou em relação aos alunos... que você não gostaria que os alunos e alunas passassem por isso que você passou, né? Aí eu fiquei me perguntando como que a senhora fala disso, se chega a falar disso com eles e para eles. Como que a senhora age para que eles não tenham que passar por isso também de fato? Porque a sua fala foi: “eu não gostaria que meus alunos também passassem por isso.”. Então o que que você sente que poderia ser feito da sua parte enquanto professora pra que de fato eles não passem por isso, e como que é a sua abordagem em sala de aula nesse espaço e nesse território enquanto professora pra que esse cenário mude pra eles e pra elas?

**Prof. Antonieta:** Uhum. A primeira coisa que eu faço é dialogar e dialogar com respeito. Respeitando os limites ali da história cultural de cada um. Cada um tem uma história, cada um ali lida com os estudos e vai interpretar as informações segundo a sua história de vida, segundo as informações que se teve acesso durante a sua trajetória pessoal e da sua trajetória escolar. Então, num primeiro momento é respeitar isso porque nem todo mundo, aliás pouquíssimos principalmente no curso que eu ministro aula da graduação, pouquíssimos tiveram oportunidade de ter livros na infância, de frequentar bibliotecas na infância, então a primeira coisa é esse respeito, né? Esse respeito é um tratamento mais humanizado em relação aos estudantes e às estudantes porque são pessoas muitas vezes trabalhadoras, pessoas que tem muita dificuldade financeira, isso é uma das questões. A outra é tentar divulgar o máximo que eu posso os programas da universidade de assistência, né? De assistência estudantil, de indicar os editais de bolsa permanência, de bolsa alimentação, dica de moradia, nesse sentido. Se a gente vê alguém passando alguma dificuldade, alguma coisa, a gente tenta auxiliar aquela pessoa mais de perto. É mais nesse sentido mesmo de tentar um pouco acolher essas pessoas de uma forma que no passado eu não fui acolhida.

**Entrevistadora:** Você sente que na época em que você era aluna, por exemplo, na universidade esse acolhimento não chegou?

**Prof. Antonieta:** Não, até porque a gente vivia um governo que não tinha ainda essa perspectiva, que a gente vê que isso foi mais presente aí de dois mil e três pra frente, né? Então a gente inclusive na época pagava matrícula, a gente pagava pra ter uma declaração. Pouquíssimas pessoas tinham acesso ao RU, ao restaurante universitário de forma gratuita, pouquíssimas pessoas tinham, aliás, naquela época não tinha bolsa permanência, né? Então a gente tinha que se virar aí, tentar arrumarestágio, tentar arrumar emprego pra poder se sustentar e às vezes faltava dinheiro até pra se alimentar.

**Entrevistadora:** A senhora falou que não tinha bolsa permanência e também na época que você era estudante da graduação não existia o sistema de cotas, né? Existia algum outro tipo de programa de assistência? Porque você falou que não tinha a bolsa permanência e não tinha nem as cotas, tinha algum outro tipo de

### **assistência ou não?**

**Prof. Antonieta:** Tinha a casa do estudante, mas não era meu caso, né? Porque a casa do estudante era pra pessoas que não moravam na capital ou na região metropolitana. Pessoas que vinham de outro estado. E era ruim, na época eu lembro que era muito difícil conseguir essa moradia, então poucas pessoas conseguiam. Então quem conseguia na época morar na casa do estudante ainda conseguia pelo menos uma refeição no RU.

**Entrevistadora:** Você citou essa questão de não ter se sentido acolhida quando ainda era aluna da mesma forma que você acolhe e gostaria que os seus alunos e alunas fossem acolhidos e citou a questão do governo e das bolsas e das cotas. Mas e por parte dos professores e das professoras que a senhora teve? Você sentiu o acolhimento?

**Prof. Antonieta:** Por parte dos professores e das professoras, boa parte deles na medida do que estava ao alcance deles, eles acolhiam. De ouvir, né? De tentar respeitar um pouco as trajetórias, mas alguns não, né? Alguns muitas vezes não estavam muito interessados na sua situação. Mas eu acredito que pelo menos boa parte, a maioria pelo menos, tinha um pouco de sensibilidade em relação a situação de cada um e de cada uma. Pelo menos tentava manter um diálogo que aí isso já ajudava um pouco.

**Entrevistadora:** É difícil, né? Porque eu sinto que o professor, professora tem um papel muito forte dentro desse espaço, então eu sinto que isso faz total diferença pra autoestima e pro próprio investimento dos alunos e alunas para com a educação dependendo da abordagem que existe dentro da sala de aula, né? Você falou muito dessa questão de se sentir injustiçada, né? E citou vários polos assim, tanto de pessoas que poderiam ter te acolhido melhor, quanto enquanto governo, instituição. Você ainda se sente injustiçada hoje no papel que você realiza atualmente? Eu sei que você fez comentários já nesse sentido porque você falou que muito do que você vive hoje tem a ver com o fato de ter tido uma trajetória de injustiça, como a questão do próprio inglês, etcétera. Mas, atualmente chegando onde você chegou... você chegou a usar inclusive a palavra realizada. Você falou: “Eu me sinto realizada”. Você ainda se sente injustiçada na prática, no que você faz hoje, no seu dia a dia?

**Prof. Antonieta:** Sinto. Assim, apesar de me sentir realizada naquilo que eu faço, porque eu gosto muito de fazer, de fazer pesquisa, de trabalhar com os meus estudantes, com as minhas estudantes, orientar, ministrar aula pra graduação, ministrar aula pra pós-graduação, eu cheguei num ponto que eu queria chegar. Só que ainda assim, eu sinto que eu sou injustiçada pela minha trajetória de vida. Pela minha trajetória de falta de acesso à informação, de mais leitura, de mais formação extracurricular, de línguas por exemplo, de ter tido a oportunidade de viajar pra outros países do exterior pra estabelecer parcerias internacionais que é uma cobrança muito forte que a gente tanto pra você se manter dentro da pós-graduação, quanto pra você conseguir recursos e bolsa pra produtividade. Então eu ainda me sinto injustiçada nesse sentido.

**Entrevistadora:** E você se classificou enquanto uma mulher negra, né? Mas

**dentro das classificações do IBGE que a gente tem a diferenciação de preto, pardo, como que você se identifica?**

**Prof. Antonieta:** Preta.

**Entrevistadora:** E você sente que existe uma diferenciação nesse sentido de realidade para as pessoas que se identificam enquanto pretas e para as pessoas pardas ou não necessariamente?

**Prof. Antonieta:** Olha, quando eu falo das agências, eu não sei assim de que forma também que isso é avaliado né? Bom, se levar em consideração se a pessoa é preta, parda ou branca, isso não tem lá, não existe sistema de cotas. É que eu acho que deveria existir um sistema de cotas na ciência. Então se for partir desse ponto de vista, eu sinto que eu sou novamente injustiçada, né? Porque quando também eu começo a perceber as pessoas que tem o recurso e bolsa, aparentemente a maioria delas são brancas. Até mesmo o da minha faculdade. A maioria de docentes, mulheres e homens são brancos. A minoria são de pretos. Né? Então aí já é um ponto que a gente vê que há uma desigualdade. Né?

**Entrevistadora:** Como se deu o seu processo de reconhecimento enquanto mulher preta?

**Prof. Antonieta:** Assim de ter orgulho, demorou viu? Porque a gente sentia na pele né? Então desde criança ao se referir ao cabelo naquela época... Porque eu já sou uma mulher de quarenta e quatro anos, então na minha infância se referia ao cabelo como cabelo de Bombril, o cabelo ruim, então o discurso era de que o cabelo por exemplo, o cabelo era um dos pontos centrais da minha desclassificação enquanto uma pessoa... de se sentir uma pessoa mais bonita né? Porque o cabelo era feio né? Então ter o cabelo crespo naquela época era sinônimo de que você já começa feia né? De que o cabelo crespo é um cabelo despenteado. Então, não era permitidousar o cabelo crespo solto. Então assim, pra ele ficar entre aspas, “bonito”, vocêzinha que prender o cabelo. Tinha que fazer uma trança... Tinha que fazer alguma coisa pra poder não mostrar o volume do cabelo e não mostrar a textura do seu cabelo. Ou então, a gente desde criança ali dos meus doze anos, começar a alisar o cabelo. Né? Então assim, coisas que minha mãe fez comigo, que minha mãe é uma mulher branca. Só que ela fez comigo inconscientemente, porque naquela época ninguém tinha consciência. As pessoas da sociedade tudo falava: não, ela tem cabelinho ruim, então você tem que alisar. Então assim, a minha própria mãe fazia isso, mas a pessoa simples, naquela época, não tinha um discurso contrário àquele tipo de coisa, né? Então, de sofrer bullying dos coleguinhos pela questão da minha cor de pele e tudo mais... A minha infância e parte da minha adolescência, aliás, toda a minha adolescência, foi nesse sentido de me sentir uma pessoa inferior pela minha cor e pelo meu cabelo. E que eu aprendi a respeitar, a me aceitar, só depois que eu entrei pra universidade. Só depois que eu tive conhecimento, que eu pude conversar com outras pessoas, que eu pude conhecer a minha própria história, porque naquela época também a gente na educação básica, a gente estudava a questão do negro, mas era só o negro escravizado, só a parte ruim do negro, né? E que veio uma salvadora branca lá, princesa Isabel (risos) e acabou com a escravidão. E que não foi bem assim! Quando a gente vai a fundo na história, agente sabe que não é bem assim. Então na universidade que eu fui entender as heranças, como que as heranças contribuíram

pro povo que nós somos hoje, pra cultura, pra dança, pra arte, pra várias coisas. E eu acho que o momento chave, eu acho que a gente até comentou isso na outra entrevista, mas repetindo, que eu gosto muito de falar isso, o momento chave foi quando eu soltei meu cabelo. Quando eu soltei meu cabelo e aí eu fui pra universidade de cabelos soltos e as pessoas elogiaram, né? Que meu cabelo estava muito bonito, meu cabelo crespo, muito bonito e tudo mais, né? Apesar de em outros momentos ter ainda alisado o cabelo... porque por mais que teve um momento que eu estava com aquele cabelo solto e tudo mais, ainda tinham apontamentos como: ah, mas se você alisar ficamais fácil de cuidar, se você fizer isso você fica mais elegante, e aí eu passei então ainda muito tempo mesmo depois da faculdade, até depois de formada, até enquanto professora, eu alisei meu cabelo. Fazia escova toda semana até um dia que eu falei, chega, não faço isso mais! Aí passei pelo processo de transição, cortei meu cabelo bem curto, e aí passei por um processo de transição e agora assumindo realmente o meu cabelo. Aí isso eu acho que ficou forte também pela minha filha né? Eu tenho uma filha que ela é parda porque é mistura minha e do meu esposo que ele é branco, é mais claro, e aí minha filha tem os cabelos cacheados e quando ela era menorzinha vendo que eu alisava meu cabelo, sempre fazia escova, ela também queria fazer o mesmo. E aí eu fiquei, não, gente. Não pode. E aí eu fuientão e mudei e me aceitei. Hoje ela aceita muito bem os cabelos, tenta ali ativar cada vez mais os cachos, então eu acho que isso foi muito importante também.

**Entrevistadora:** É engraçado que na sua fala você citou a sua mãe, você falou: ah, a minha mãe, uma mulher branca, fez algumas coisas por falta de consciência na época que talvez não tenham contribuído tanto assim pro seu orgulho né? Racial nesse caso. E aí você se citou como mãe agora. Você sente que a maternidade tem essa relação de alguma forma com esse reconhecimento de si enquanto uma mulher preta? Tanto pra você, quanto pra sua filha, por causa do cabelo. Enfim, você sente que existe essa relação do papel da mãe diante dessa realidade?

**Prof. Antonieta:** Sim, e aí o papel da mãe, ele é muito importante porque eu diferentemente da minha mãe naquela época eu tenho conhecimento né? Hoje eu tenho acesso à informação, tenho acesso ao conhecimento então a gente utiliza disso pra poder melhorar a relação. Então e aí quando você tem o filho ou a filha, essa reflexão ela acaba aumentando então aí você quer de toda forma fazer com que a criança reflita também, aceite a sua própria condição também de cor de pele, de textura de cabelo, dentre outras coisas, de respeitar as outras pessoas. Então eu conversei muito com os meus filhos no sentido de falar que ele tem que respeitar o colega, tratar o colega bem, ser solidário e conversar com todo mundo, então a gente tenta fazer esse diálogo em casa e isso também a própria relação com os filhos, principalmente do que eles trazem da escola pra gente, coloca a gente pra refletir também sobre a nossa fala, a forma como a gente lida com as coisas né. E também acaba influenciando muito no meu pensamento, no que eu busco depois de informação e conviver com eles me faz também ficar mais perto de outras crianças, de entender o que se passa com outras crianças. De discursos que outras crianças ainda trazem que a gente percebe que é de casa, né? Que quando comenta alguma coisa a gente pensa: Isso só pode vir da relação que as vezes se tem em casa, né? Do discurso que se ouve em casa.

**Entrevistadora:** Ainda mais em idades mais novas né? É difícil acreditar que

**aquele discurso tenha sido criado por si só. Eu acredito que em relação a certas questões sociais, pela falta de acesso e conhecimento nessa idade, é muito difícil a gente já criar uma consciência tão profunda, tão aprofundada desses assuntos, né? Então eu também acredito e concordo que existe essa influência dentro de casa com certeza. E agora falando da sua profissão, comoque se deu a escolha, o que te trouxe até aqui onde você tá hoje?**

**Prof. Antonieta:** Primeiro que desde a minha época de graduação, eu tinha um desejo de ser professora universitária, e surgiu esse desejo durante mesmo o meu período de universidade que até então pensava: vou formar, vou trabalhar na área, mas aí no decorrer dos meus estudos e muita gente achava que eu era a mais inteligente da sala de aula, mas na verdade, eu não era a mais inteligente, eu me esforçava muito porque além de tudo, acho que eu tenho um QI baixo né? Então eu tenho que me esforçar muito mais do que outras pessoas para poder chegar onde eu quero chegar. Então eu me esforçava demais da conta pra poder passar nas provas, fazer um bom trabalho na universidade. Mas aí conforme eu fui avançando na graduação mesmo, e aí eu tive uma professora que hoje ela é aposentada, a professora Leda, que ela um dia me falou: nossa você tem um perfil bom, você um dia vai ser professora aqui da universidade. Mas aí eu me formei, a primeira coisa que eu pensei, eu tinha um desejo de ser professora universitária, mas também queria passar pelo mercado. Exercer a minha profissão de forma técnica. Então eu logoque terminei a universidade, passei no concurso e fui [informação omitida para não relevar a identidade da professora] durante sete anos mais ou menos, no Instituto [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Passei nesse concurso. E aí eu tive a oportunidade de ser professora substituta trabalhando como [informação omitida para não relevar a identidade da professora] no [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E depois eu comecei a dividir, porque fui e passei num concurso pra professora, professora vinte horas e fiquei dividindo entre as duas coisas. Até que quando eu engravidei da minha primeira filha, aí eu pensei, né? Eu tinha que fazer uma escolhaporque era muito puxado ter os dois empregos. E aí surgiu uma vaga interna pra professora dedicação exclusiva, né? Professora de dedicação exclusiva. Eu fiz essa avaliação interna, passei e saí do instituto que eu sinto com o coração, até hoje eu tenho um coração assim apertadinho quando eu penso, ali que foi onde eu pude ver a realidade também. Porque às vezes a gente ficar só teorizando na universidade, não ter essa experiência da realidade é muito complicado. Então ali eu pude conversar com os estudantes, entender a perspectiva e isso me motivou principalmente no meu doutorado. No meu doutorado, no pós-doutorado, no tipo de atividade que eu passo pros meus alunos hoje, pras minhas alunas, né? Então essa parte mais do trabalho, de ter atuado no mercado, me faz também me sentir mais à vontade de trabalhar com extensão. Né? De trabalhar com extensão, de não ficar só na universidade.

**Entrevistadora:** A extensão é um papel muito importante até no ato e no desenvolver científico mesmo, né. Então vamos falar de pesquisa, né? O que que você pesquisa?

**Prof. Antonieta:** Eu hoje o meu forte são os estudos a respeito das práticas [informação omitida para não relevar a identidade da professora].

**Entrevistadora:** Isso é muito importante né? É uma forma muito ativa assim no

desenvolver das pessoas. É um tipo de pesquisa... Eu acredito, né? Que a ciência no geral tem esse papel de melhorar a vida do ser humano, né? A gente vai pesquisando pra desenvolver, pra evoluir enquanto sociedade, mas é uma área muito bacana porque tem essa contribuição muito prática, né? De conhecimento que envolve essa mudança inclusive social, né? Então eu acho uma área muito bacana assim, eu cheguei a fazer algumas disciplinas, né? Com a senhora e assisti palestras também e eu acho muito interessante, muito interessante mesmo. Acho uma área super legal de estudar. E aí acaba que agora a gente entra numa parte que já foi citada, mas é só pra ter uma resposta mais objetiva de: por que que você acabou escolhendo especificamente essa área de todas as disponíveis?

**Prof. Antonieta:** Olha, foi questão primeiro de oportunidade, né? Essa área foi escolhida, foi inclusive quando eu fui prestar vestibular, que na época era vestibular, eu nem sabia que existia [informação omitida para não relevar a identidade da professora], né? Aí no primeiro momento eu quis fazer enfermagem, mas aí o lugar onde eu trabalhava, no Carrefour na época, que foi inclusive quando eu decidi sair da empresa, eu era a caixa desse hipermercado, e aí eu fui fazer o exame demissional ali e aí eu conversei com o médico, né? E aí ele falou: por que que você está saindo, né? Eu falei assim: não, porque eu quero prestar vestibular, e lá eu trabalhava de manhã, de tarde, de noite, não tinha horário fixo, assim, a gente trabalhava... tinha um período que você tinha que trabalhar de manhã, aí tinha uma outra semana que você tinha que trabalhar à tarde, tinha outras semanas que você tinha que trabalhar à noite, ou seja, então impossível de estudare assim, minha família, meus pais, apesar do pouco estudo, das poucas condições financeiras, eles sempre me incentivaram e sempre se esforçaram muito pra que eu pudesse estudar dentro ali das possibilidades deles. E aí minha mãe tinha um mercadinho na época, aí ela falou assim, não aí você vem trabalhar aqui e tudo mais aí foi isso que eu fiz né? Fui tentar trabalhar lá com ela no mercadinho que ela tinha e eu trabalhava com ela fazia um cursinho à noite, cursinho popular e nesse cursinho, um dos professores, ele era formado em filosofia e ele me falou do curso de [informação omitida para não relevar a identidade da professora]... ah tá! porque aí eu falei pro médico que eu queria fazer enfermagem, e ele falou: Ah não! Não mexe com isso não! Você tem que fazer plantão! Se você gosta de dormir, é muito difícil! Pensa muito bem! É uma atividade muito sofrida! E eu fiquei com aquilo! Aí depois fiquei pensando, gente eu gosto muito de dormir à noite. (risos) Eu nunca fui uma adolescente, uma jovem da noitada. O meu limite era meia-noite. Aí eu fiquei pensando muito naquilo que ele falou. E aí fiquei muito em dúvida, na época tocava teclado, quis fazer até musicoterapia. Mas aí acabei assim, não fiz a musicoterapia, desisti porque eu achava que a prova de musicoterapia era tão complexa quanto pra quem ia fazer música mesmo, né? Que teria que tocar lá algumas coisas que eu não conseguiria tocar pra fazer o teste de aptidão. E aí esse professor que era formado em filosofia, ele foi monitor de alunos e alunas de [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E aí me falou do curso. E aí eu falei assim, nossa eu gosto de ler. (risos) E nisso eu entrei pro curso, né? Eu entrei pro curso e aí nos primeiros assim um ano, um ano e meio parece que eu não estava gostando muito, pensei até em mudar, até que eu comecei a fazer estágio. E aí quando eu comecei a fazer estágio, eu comecei a perceber a importância do curso e tudo mais e aí foi indo, foi me conquistando. Então hoje eu agradeço não ter feito outras coisas, não ter feito enfermagem, apesar de gostar muito de música, mas a musicoterapia apesar de que eu acho que seria uma área que eu ia gostar, mas

as oportunidades eu acho que não seriam as mesmas com a [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Então foi isso.

**Entrevistadora:** Às vezes não é nem a gente que escolhe a área, a área que escolhe a gente, já viu?

**Prof. Antonieta:** Isso isso. É mesmo.

**Entrevistadora:** Acontece assim, parece que tem algum chamado... E se a gente organizasse as atividades acadêmico científicas nesses diferentes espaços que a gente sabe que existem, por exemplo, ensino, pesquisa, extensão, administração, em qual desses espaços você se faz mais presente? Quais desses espaços você sente que você já conquistou?

**Prof. Antonieta:** Ai, eu já passei por todos né? (risos) Inclusive já fui até vice-diretora da faculdade. Eu gosto muito dessa parte administrativa, tanto que hoje eu coordeno o curso de especialização em [informação omitida para não relevar a identidade da professora], coordeno o curso de [informação omitida para não relevar a identidade da professora] modalidade EAD, sou coordenadora de projetos de ensino. Se bem que o projeto de ensino acho que ele é mais pedagógico também. Mas assim, eu me identifico com a pesquisa e a extensão. E a aula também, né? Eu gosto muito porque estar em sala de aula pra mim é muito bom, porque a troca que a gente tem, principalmente quando há respeito mútuo, a gente aprende muito porque a gente enquanto professor também tem que encarar uma sala de aula não sendo dono da verdade, mas estando ali pronto pra também aprender com os estudantes. Isso eu comecei a perceber e ter essa percepção de uns anos pra cá porque quando eu entrei como professora, eu acho que eu ainda era um pouco arrogante, até por contada minha própria história de relação, né? De que forma que os professores queriam ser vistos por nós estudantes e tudo mais, né? Eu acho assim, ainda é resquício da escolástica né? Esse pensamento professor ser o dono da verdade ali, o dono da palavra, e aí a partir das minhas leituras, a partir das minhas pesquisas que envolve muito história de vida, que envolve muito diálogo com os estudantes e com outras pessoas, e os trabalhos que eu oriento aí eu comecei a ver que a gente aprende muito mais do que a gente ensina. E a gente aprende muito. Então quando eu criei essa consciência de ter a humildade de aprender com os estudantes eu acho que eu comecei a aprender muito mais né? Porque aí eu trago então aquelas reflexões porque assim ao contrário de muitos professores, quando o aluno fala uma coisa aí você tem ali um negócio que fala assim, não, acho que ele está certo, só que aí você não tem humildade de aceitar isso, e quando você aceita primeiro: você aprende, e segundo: o próprio estudante se sente valorizado naquilo que se diz né? Então que ele fala: nossa professora concordou..., eu consegui convencer... porque se as vezes a gente está num debate aí ele fala uma coisa, e eu estou defendendo o meu ponto de vista e deixando ele defender o dele. Mas às vezes tem uns alunos assim que fala uma coisa que põe a gente pra pensar. Aí a gente fica pensando: nossa nunca tinha pensado dessa forma né? Então se a gente está aberto a gente acaba sendo muito mais feliz do que ficar defendendo ideias, ideais ali que não fazem mais sentido. E eu vejo isso muito nas profissões, que quando chega uma pessoa nova e os outros que são os mais antigos não aceitam a mudança que os novos trazem, e agente tem que ser aberta a isso, abertas às mudanças, e aberta ao que os estudantes trazem de novo pra gente. É tanto que aí eu começo a assistir as coisas que eles indicam, né? Pra

viver um pouco do mundo que eles vivem. E aí isso é muito bom. Isso é muito bom. A gente aprende muito e a gente se sente mais tranquilo e mais tranquila em relação a isso também.

**Entrevistadora:** É interessante a gente ver como existe essa ligação direta entre a docência e a humildade. Eu acho que é muito difícil ser professora sem ter essa humildade. Isso transforma a sala de aula e transforma o nosso papel enquanto professora. Como você sente que ocupa esses espaços? Todos eles. Você disse que já fez de tudo um pouco: da administração, da docência, da pesquisa, da extensão, enfim, e como você sente que você ocupa esse lugar? Esses lugares.

**Prof. Antonieta:** Olha, deixa eu pensar aqui pra ver se eu entendi... você fala: como que eu ocupo no sentido de que sentimento que eu tenho em relação à ocupação desses espaços ou de que forma que eu me imponho para ocupar esses espaços?

**Entrevistadora:** Na verdade, ambas as ideias.

**Prof. Antonieta:** As duas coisas!

**Entrevistadora:** As duas coisas, justamente.

**Prof. Antonieta:** A parte administrativa, principalmente quando eu tive essa experiência da vice direção, eu acho que foi um pouco pressão, sabe? Um pouco pressão ocupar esse espaço que no início eu tive muita dificuldade, porque você tá ali numa posição que apesar de ser vice direção, quando eu pego uma coisa, eu quero fazer direito, né? Eu quero participar. Eu não quero ser um enfeite, eu não quero ser uma vice... mesmo sendo uma vice, uma vice ali só de cumprir um papel, de ocupar um papel que precisa ser ocupado ali, um espaço que precisa ser ocupado. Aí eu levei muito à sério o papel de vice. E aí quando você leva esse papel muito à sério, aí você se depara com muitos conflitos. Conflitos entre docentes, conflitos entre estudantes, conflitos entre técnicos e técnicas administrativas ou tudo isso junto. Então aí você acaba tendo que ter muita responsabilidade, pisar em ovos pra poder lidar com tudo isso. Principalmente porque a gente dividia algumas atividades, tinha dia que eu assumia, toda semana um dia eu assumia a direção, então em época de férias da diretora, eu assumia o papel de diretora. E como eu chegava, eu tava todo dia ali na universidade, e chegava 7 horas da manhã, e aí quando a diretora chegava um pouco mais tarde, então nesse início, eu estava lá para tentar resolver e ajudar as pessoas da melhor forma possível, né? Então aí no início eu tive muita dificuldade, eu acho que os seis primeiros meses foram complicados porque eu me vi diante assim, por eu não me posicionar a respeito de um determinado tema, eu me vi muito julgada e me sentindo assim muito, como se diz assim, muito sem ação. Mas aí depois que tudo passou que eu vi que eu precisava não ficar em cima do muro em certas coisas, me colocar em relação ao que realmente eu pensava, aí tudo melhorou. Aí eu acho que foi uma experiência muito boa, foi uma experiência muito boa, aprendi muito, porque aí eu pude ficar mais perto das instâncias maiores da universidade, das instâncias superiores, convivi muito de perto também com os estudantes de outros cursos que não o que eu atuo. E ao mesmo tempo também me sentindo muito cobrada, principalmente dentro do meu curso. Então porque você, quando você entra num cargo como esse, você não administra pelo seu curso, você administra pela

Universidade, pela faculdade, então você tem que ser justa, né? Você tem que tentar ser o mais justa possível ali e muitas vezes nessa tentativa de ser justa, eu era muito criticada tanto de um lado, quanto do outro, né? Aí eu falava, eu agia da forma como eu achava mais justo possível, né? E aí agora dentro do ensino, da pesquisa, da extensão, o meu sentimento já é mais assim de gostar, de fazer parte disso, né? Então é onde eu me sinto mais à vontade ali com os meus alunos e minhas alunas, os meus orientandos e orientandas, bolsistas. E aí a gente tem uma convivência muito boa, porque eles percebem muito o respeito que eu tenho por eles, né? E eu o respeito que eles têm por mim, então é uma convivência muito harmônica, eu não tive problema não. Eu nunca tive assim problemas mais sérios em relação à orientação, por exemplo, e com um bolsista.

**Entrevistadora:** Engraçado como as relações tem impacto muito forte em como a gente se sente no dia a dia do trabalho, né? Então é isso que a senhora citou, se tem o respeito a gente já vai trabalhar com um sentimento, mas se a gente se sente desrespeitado, a gente já trabalha de outra forma assim, então tem um impacto muito direto nesse sentido. E em relação aos espaços que você ainda pretende conquistar, como que você busca ocupa-los?

**Prof. Antonieta:** É, eu vejo que é um desafio grande, justamente por conta de que eu já cheguei num ponto inclusive assim, o meu pós doutorado foi eu, acho que foi um ápice do que eu gostaria de ser como pesquisadora, né. Ter tido a oportunidade de escrever um livro junto com um pesquisador francês que é o [informação omitida para não relevar a identidade da professora], e que isso me trouxe assim uma experiência muito importante, eu acho que de certa forma eu consolidei parte daquilo que eu queria consolidar dentro da minha atuação, só que eu queria ir mais longe, né? A gente sempre quer ir um pouco mais longe, e agora o meu desejo é de virar uma pesquisadora produtividade. Só que eu vejo que ainda tenho muitos obstáculos e esses obstáculos primeiro porque ainda não há programa de cotas nesses editais de financiamento pra pessoas negras, ou cotas, não existe cotas dentro desses editais de produtividade e por não existir cotas eu ainda vou continuar atrás dos meus outros colegas, das minhas outras colegas, porque a minha trajetória não me permitiu ter o que eles têm hoje. Ter a experiência que eles tiveram e que eles têm hoje e que está acima do que eu tenho. Inclusive até a minha própria, apesar de que eu ganho também como por exemplo aqui, eu ganho o mesmo que meus colegas e minhas colegas ganham. No entanto, pela minha história de vida, pela minha trajetória, o meu salário acaba sendo mais baixo do que o deles porque eu tenho coisas que eu preciso conquistar que é casa, carro, que eu pago, né, plano de saúde pros meus pais que são humildes, coisas que muitos deles, eles não têm esse tipo de despesa. Né? E que são pessoas que já conquistaram isso antes. Então por exemplo eu não tenho muita oportunidade de viajar. De viajar pro exterior. E os financiamentos pra viagem no exterior são escassos. Então muitas vezes você se quiser participar de um evento no exterior, você tem que pagar do bolso, um dinheiro que eu não posso tirar do meu salário né? Porque eu tenho outras despesas pela minha trajetória humilde. Né? Então um dinheiro que eu não posso gastar. Então eu me sinto injustiçada nisso porque assim, fala que a gente tem que ter publicação internacional, até dentro do meu inglês ali eu poderia escrever porque eu fiz, né? Tive a oportunidade de fazer o curso de inglês e tudo. Mas é um inglês assim que precisaria de uma revisão, de uma pessoa que é fluente em inglês, que é professor de inglês e aí pra isso teria que pagar e muitas vezes a gente não tem e aí é na maioria das vezes a gente não tem financiamento pra

poder pagar, pra poder publicar nessas revistas internacionais. Então eu acabo ficando pra trás. Sempre pra trás. Então é uma coisa que eu quero conquistar que já tem tempo que eu já tenho tentado, mas que eu vejo que eu ainda vou demorar um pouco pra conquistar esse espaço justamente por conta da minha trajetória.

**Entrevistadora: Isso te deixa desesperançosa ou não?**

**Prof. Antonieta:** Eu sou uma pessoa otimista acima de tudo, né? Aí eu tento pensar o seguinte, que um dia isso vai mudar. (risos) Então, a minha esperança é essa. E eu tenho esperança que isso mude. Eu não fico sem esperança. Eu tenho esperança que isso um dia vá mudar e que eu vou ter essa oportunidade.

**Entrevistadora: Eu também sou mais otimista, eu prefiro pensar assim, porque eu acho que se a situação já não colabora e a gente ainda fica meio pessimista, eu acho mais difícil de ir pra frente, né? Senão a gente também se estagna em nome dessa falta de esperança, né? Você falou muito da sala de aula, né? Que a sala de aula é um lugar que você se sente pertencente. Então eu queria saber o que que a sala de aula representa pra você? Como que você vivencia e ocupa o espaço da sala de aula? Quais sentimentos você traz pra sala de aula?**

**Prof. Antonieta:** Nossa, me sinto muito bem, eu fico assim quando eu tenho uma novaturma, vou começar um novo semestre, eu sinto assim uma alegria grande, fico um pouco ansiosa, né? Como todo semestre, a gente fica um pouco ansioso, ansiosa sim. Porque você não conhece ainda o perfil dos estudantes e das estudantes. Mas quando eu estou em sala de aula, eu me sinto muito bem, principalmente por conta das disciplinas que eu trabalho, né? Que é a teoria da ação cultural, leitura e sociedade, história dos registros do conhecimento, leitura e letramento e informacional, políticas públicas. São áreas assim que como tem debate, tem diálogo, eu gosto muito. Eu gosto muito dessa parte porque eu aprendo muito e gosto muito de escutar a experiência dos estudantes, das estudantes. Então é um espaço acho que talvez dentro desses espaços é evidente que eu gosto de pesquisa, eu gosto de orientar. Mas assim fica difícil (risos) de falar qual que é melhor do que o outro, mas é um espaço que eu me sinto muito bem.

**Entrevistadora: Você falou do respeito mútuo, né? Então, só pra reforçar, como que você sente esse vínculo com os alunos e as alunas? Como que você percebe esse vínculo? Tem afetividade? É difícil de conquistar essa afetividade, como é que é isso?**

**Prof. Antonieta:** Ah eu acho que não é difícil de conquistar não, a partir do momento que a gente trata os estudantes, as estudantes, com respeito, ele já cria um vínculo ali com você. Tem uns que são mais tímidos, são mais fechados, introvertidos, mas ali quando você conversa, quando você tem ali um sentimento assim de importar com o que acontece... Porque por exemplo, no meu primeiro dia de aula eu falo pros estudantes, pras estudantes o seguinte: olha se tiver qualquer problema, alguma coisa que está te impedindo, ou que você tem que sair mais cedo, vamos manter o diálogo, conversa, fala, né? Pra gente poder ver o que que está acontecendo e de que forma que a gente possa então melhorar ali algum tipo de situação, algumacoisa ali que esteja prejudicando ou impedindo os estudantes de fazer alguma coisa. E várias atividades que eu faço com os estudantes tem muito a ver com a própria realidade.

Então por exemplo na disciplina que eu trabalho teoria da ação cultural, a gente tenta trazer a realidade cultural que a família vivencia. Em leitura e sociedade, as práticas de leitura da família, e aí tem uma atividade que eu tenho feito muito com os alunos, e que quando os alunos, as alunas vão apresentar o trabalho final, deles trazerem um ente familiar pra assistir. A gente faz um café da manhã, faz um lanchinho ali e aí a gente recebe os familiares. Então isso é muito bom e os familiares sentem-se muito valorizados, muito respeitados. Então assim, eu tento envolver a família, tento envolver a família de forma assim que eles comecem a pensar também, refletir de onde que eles vêm, porque muitos desconhecem, só fica conhecendo a própria história de vida da família com essas entrevistas que aí eles começam... e as vezes, muitas vezes, apresentar isso é até emocionante pra eles, que aí eles mesmo falam que não tinham essa noção de como é que os pais aprenderam a ler, como é que era a escola, quais as manifestações culturais, os eventos culturais que a família participava nas comunidades e tudo mais. Então é muito bom.

**Entrevistadora:** Uhum. E isso se relaciona muito com a sua trajetória me parece. Estou fazendo uma suposição..., mas, me parece que isso se relaciona com a sua trajetória porque você disse que a sua família sempre apoiou muito os estudos, então acredito que pra senhora sempre houve essa relação, né? De como a família participava dentro dessa sua relação com os estudos, e é interessante que você traga isso também pros seus alunos e alunas dentro da sala de aula, né? Como que você acha que teria sido, por exemplo, se você tivesse tido uma experiência como essa, como a que você proporciona, na época que você era aluna? De poder levar a sua família pra assistir uma aula, como que você acha que teria sido isso?

**Prof. Antonieta:** Ah eu acho que teria sido muito mais... Talvez esse sentimento assim de sofrimento né? Porque primeiro assim, quando você entra na universidade já te diz assim: oh você está aqui pra sofrer. E se não for sofrido, não foi, né? Então assim, a gente entra num sentimento assim que a gente tem que sofrer na universidade. Evidente, né? Independentemente de qualquer coisa não é fácil, né? A gente acaba tendo ali os problemas, tendo ali as dificuldades e tudo mais, e mesmo eu tratando os estudantes assim, eles têm lá suas dificuldades e tudo mais. Mas tem um pouco de sofrimento, mas pelo menos alivia um pouco essa pressão. E aí eu acho que alivia um pouco e até previne problemas psicológicos né? Que a gente sabe que hoje, estudantes da graduação e da pós-graduação está cheio de pessoas assim que estão um pouco perturbadas, um pouco doentes mentalmente por conta da pressão. É pressão fora de casa, dentro de casa, na universidade, no trabalho, se a gente puder aliviar um pouco isso ali dentro né? Então isso é muito bom. E aí uma coisa que eu acho interessante porque mesmo assim existe um tabu em relação à saúde mental... existe um tabu. Poucas pessoas tem coragem de falar que está tomando, que vai ao psiquiatra, ao psicólogo e que está tomando uma certa medicação. E aí quando eu chego na sala de aula e falo pros meus alunos e para as minhas alunas que eu vou ao psiquiatra, que eu vou ao psicólogo, que eu tomo remédio, primeiro ali eu percebo assim um... eles ficam, como é que fala? Admirados, né? Fica assim surpreso por eu falar, mas ao mesmo tempo assim eu vejo um sentimento de alívio por parte deles porque imagina assim que às vezes, imagina que o professor ali não tem problema nenhum né? Professor está ali, fico sorrindo, ministrando a aula e não sabe o que é que a gente passa. Então é uma forma de humanizar que aí eu vejo que quando eu falo isso, aí uns ou outros acabam falando: professora eu também vou, eu faço

isso, é difícil pra mim e não sei o quê. E aí a gente troca ideias e aí a gente se encontra, a gente se identifica, né? Então é uma forma também que eles têm de identificação por saber que eu passei que eu passei pela mesma coisa que eles estão passando.

**Entrevistadora:** A saúde mental, ela tem que ser cuidada senão a gente nem consegue exercer nossos papéis né? E eu também concordo quando você diz que é muito importante a gente ir quebrando esses tabus porque aí a gente vai se identificando de fato. Eu faço terapia também, né? E aí eu sempre falo pra todo mundo que eu faço terapia, todo mundo sabe, porque qualquer brecha no assunto eu falo: mas sabia que eu faço terapia? (risos) Porque eu acho que é algo a ser normalizado de fato porque eu acho que a nossa sociedade... enquanto sociedade nós seremos mais saudáveis quanto mais a gente for quebrando esses tabus né. E aí você citou essa questão da medicação, do psiquiatra, enfim, do psicólogo, psicóloga, né? Como que você cuida da sua saúde mental? Cê já citou essas coisas, tem outras formas? Como que você cuida da sua saúde mental hoje em dia?

**Prof. Antonieta:** Hoje em dia eu tenho mais consciência, né? Porque até pouco tempo também a gente não tinha a consciência. Às vezes você está sentindo alguma coisa até pelos tabus, pela falta de informação. Você não tem consciência... E aí quando eu tive consciência e que comecei a fazer, percebi que era importante e que é muito bom. Então eu lido com muita tranquilidade, tento fazer o que eu tenho que fazer de ir pra terapia, de tentar descansar, porque o descanso ele é muito importante apesar de que tem momentos assim que não tem jeito, a universidade ela é muito dinâmica, né? E então as coisas muitas vezes saem um pouco do controle, não por a gente às vezes deixar de fazer certas coisas, mas é por conta do acúmulo de coisas e às vezes vai, a gente é preocupado também que às vezes a gente acaba pegando coisas a mais do que a gente deveria tentando sempre fazer o melhor, sempre fazer mais, sempre entre aspas “agradar as outras pessoas” também e quando as pessoas veem que você faz, aí que elas também te colocam. Mas assim eu tenho uma facilidade muito grande de quando eu tenho uma equipe, né. Igual eu tenho minha equipe de estagiários e tudo mais, de dividir as tarefas, né? Então não tem aquela coisa, porque a gente vê que tem muitas pessoas que têm dificuldade assim de que tem certa coisa que só ela pode fazer, só do jeito dela que tá certo, só da forma que faz tá certo, e aí eu deixo os meus estagiários e os meus e minhas bolsistas fazerem da forma que eles sabem, eu vou ali vou no diálogo e quando você dá a responsabilidade que você delega, isso facilita muito. Que você dá a liberdade para as pessoas fazerem do jeito que elas conseguem, fazer do jeito que elas sabem. Você vai descobrindo talento também né? Porque aí você fica naquela coisa assim, né de só guiando. Às vezes você faz alguma coisa assim que poderia fazer melhor, a gente vai lá dar as dicas e tudo mais, mas aí você vê que você tem um trabalho melhor, aí tem até um negócio assim você falando isso, eu lembrei de outra coisa. A gente tem os alunos de especialização, né os alunos e alunas, e os de [informação omitida para não relevar a identidade da professora] EAD. E eu tive uma ideia e que eu acho que foi muito boa, que a gente não tava fazendo. Aí eu falei pra minha bolsista, minha estagiária: vamos todo mês divulgar no WhatsApp e no mundo, nas redes sociais, os aniversariantes. Os estudantes aniversariantes para parabenizar. E aí eles acharam essa coisa a mais chique do mundo, (risos) eles foram lembrados, né? Você lembrar do aniversário e tudo mais, a gente divulgar. Eles ficaram assim muito felizes, eu falei: não, é uma coisinha pequena que alegra o dia, faz a pessoa se sentir melhor. Eu queria ter tido essa ideia

principalmente no curso de [informação omitida para não relevar a identidade da professora] EAD lá em 2021, quando o curso começou, que eu acho que talvez algumas pessoas nem tinham desistido do curso. (risos)

**Entrevistadora:** Hahaha. É, mas a gente vai acolhendo as pessoas da maneira que a gente pode, consegue e entende, né? Tem algumas ideias, percepções que vem depois mesmo, mas aí o importante é aplicar elas daqui para frente, né? Se for ficar olhando também “ai, devia ter feito isso”, é difícil, a gente devia ter feito tanta coisa na vida que a gente não fez. Se for ficar se apegando a isso, fica difícil, né? Mas é uma ação muito bacana mesmo. Porque eu acho que é isso, eu sinto que no dia a dia principalmente por causa da estrutura que a gente vive e quando eu digo estrutura, eu penso na estrutura capitalista mesmo, que por exemplo, tem a ver com essa questão de ter que render, a gente vive numa estrutura meio maquinária, né, que espera que a gente seja mais máquina que humano em muitos momentos, assim isso eu falo acho que tanto dentro da universidade quanto dentro do mercado de trabalho de qualquer área. Eu sinto que a gente ouve muitos relatos de chefes que não se importam se você está doente, se tem problemas, problema na família, tem queir trabalhar e render 8 horas ou mais, e eles não estão nem aí pra como você está sentindo naquele dia. Enfim, que são coisas que deviam ser levadas em consideração porque nós somos seres humanos, né? Então eu acho que trazer essa realidade para esse lado mais humano, é mais do que muito importante, eu diria que é necessário mesmo, porque eu sinto que às vezes a gente esquece de se enxergar enquanto ser humano sabe? A gente se vê parte do processo, mas esquece de lembrar que é uma pessoa que tá ali, com uma história, com uma trajetória, com uma vida, com uma data de aniversário pra lembrar de comemorar. Então eu concordo muito com essas ações, elas são muito bacanas e fazem muita diferença mesmo, né? E professora, lá na universidade, a senhora tem uma sala, não tem? Em relação a essa sala, que te atrai nessa sala? Tem alguma coisa nesse espaço que te faz se sentir pertencente a esse espaço? E agora eu tô falando de fato do espaço físico.

**Prof. Antonieta:** Ah, só uma coisinha Tuane, antes de eu responder: 11:20 eu vou ter que dar uma pausinha, que eu preciso buscar minhas crianças na escola tá? Aí depois não sei se a gente pode voltar depois do almoço?

**Entrevistadora:** Por mim, podemos sim. Aham.

**Prof. Antonieta:** Aí eu te aviso... Ah a minha sala inclusive assim eu divido a sala com mais três professores, só que eu sou a que mais vou nessa sala. A que mais fico nessa sala. Apesar que agora depois da pandemia eu vou menos né? Até porque eu moro longe e muitas coisas a gente tem feito muito de casa e tudo mais aí, eu tô indo menos, mas quando eu vou, é um espaço que eu gosto muito. Inclusive foi um espaço preparado assim para acolher, então nós compramos um frigobar, compramos um micro-ondas. Então assim eu acho legal, por exemplo. Eu chego muito cedo quando eu vou para universidade, chego muito cedo, um pouco antes das 7h. Então eu fico muito, eu me sinto muito bem, que aí eu vou na lanchonete ou então às vezes quando eu levo alguma coisa, vou na lanchonete, mas eu como, eu quero comer ali na minha sala, né? Então eu quero comer lá. Que eu gosto de receber. Na época do Natal, eu enfeito de Natal, eu sou a louca do Natal, né? Então enfeito a sala de Natal ali, põe

até guirlanda na porta. Então eu tento deixar o espaço, pelo menos o meu lado ali... No Natal as meninas deixam eu enfeitar tudo. Elas gostam, inclusive. Mas ali eu tento deixar assim de uma forma que pareça comigo, né? Então eu gosto do espaço ali da sala que eu fico né? Que aí eu recebo às vezes alguns estudantes, algumas estudantes. Para as vezes conversar, para alguma coisa, acaba sendo quase que uma sala de terapia né? Que muitas vezes os estudantes vão lá só mesmo para desabafar. (risos) Ou até mesmo os colegas, né? Os colegas de trabalho. Tanto docente, como as técnicas e os técnicos administrativos.

**Entrevistadora: Volta na questão da afetividade, né? Então a senhora diria que a UFG é um espaço afetivo para você?**

**Prof. Antonieta:** É afetivo, e assim, muitas vezes alguns docentes perguntam para mim assim porque eu tenho uma relação muito boa com os técnicos e com as técnicas administrativas, então quando eu quero uma coisa eles até ficam me oferecendo assim coisas para fazer, mas é porque eu respeito e eu já percebi que às vezes há um certo desrespeito ou talvez um certo sentimento assim de superioridade de docentes em relação aos técnicos e as técnicas do administrativo. Que muitas vezes criticam sem olhar o outro, sem respeitar a condição do outro, e eu aprendi muito isso, então eu acho que também é uma das minhas dificuldades em relação à vice direção, em relação aos meus pares ali colegas docentes, é que como eu tinha essa proximidade com os técnicos e com as técnicas e respeitava muito o ponto de vista né? Então aí e muitas vezes a crítica chegava, né, mas eu tenho assim e quando eu quero alguma coisa, quando eu preciso deles, eles me atendem muito bem, não tem um ali que não me atenda bem, um ou outro assim demora às vezes uma coisa assim, mas assim quando me atende, me trata com muito respeito, porque assim a gente já viu, é evidente que a gente já viu até técnico e técnica desrespeitando também o professor ou a professora. Mas é porque eles já ficam armados, né? Já ficam ali, uma pessoa quando ela é maltratada, ela fica armada. E aí comigo não tem esse problema com eles, né ou com elas ali, então eu me sinto muito bem acolhida. Eu converso... Eu sou a rainha dos lanches também lá na universidade. Então tem um lanchinho que eu faço, qualquer evento, tem lanche, tem que ter lanche. Se não tiver lanche, não tem graça. (risos) E aí eu convido para participar, para compartilhar. Porque todo mundo faz parte, né?

**Entrevistadora: E a comida tem esse lado também afetivo, né?**

**Prof. Antonieta:** Eu acho isso! Por isso! Quando tem um lanche, tem uma afetividade. O lanche traz uma afetividade muito boa.

**Entrevistadora: A gente também tem essa questão do paladar, do cheiro... Mas, você vê então dentro da própria faculdade, que você acha que existe, por exemplo esse momento de alguns docentes terem esse sentimento de superioridade?**

**Prof. Antonieta:** Eu sinto. Posso estar sendo injusta assim, não é a maioria né? Mas eu sinto que parece que ainda há, e assim como tem professores e professoras dentro de uma área assim, por exemplo, dentro do meu colegiado que às vezes pode parecer que eles se sintam ali os donos da verdade, né? Então tem também, tem muito isso porque eu vejo que tem muito ego ali, né? Muito ego. Acho que falta um

pouco de humildade dos meus colegas. Eu não tenho problema de falar isso não viu? Isso aí, pode entrar na pesquisa. Porque isso é uma realidade e a gente tem que ter coragem de falar. A gente não tá citando nomes então assim, eu vejo que tem pessoas que não gostam, não querem que seu ego seja prejudicado. Então eu tenho sempre que falar a última palavra. Eu sempre tenho a razão, impõe a sua razão acima dos outros, né? Isso tem. E não é só aqui na [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Eu acho que é uma realidade aí quando a gente vai conversar com os colegas de outras universidades, a gente vê isso em todo lugar.

**Entrevistadora:** Posso fazer a última pergunta? Que é só um complemento do que você falou. E aí a gente encerra por ora. Você falou da questão da sala, né? Que você falou que na época do Natal tem decoração etc, e falou: então eutento deixar - você usou essas palavras, se não me engano - eu tento deixar a sala com a minha cara. No natal, você citou a decoração de natal, né? Mas no dia a dia, o que que você faz para deixar a sala com a sua cara? Tem alguma decoração na sua sala? Como é que é?

**Prof. Antonieta:** A sala é um pouquinho feia, né? Mas tem uns detalhes, né? Tem as vezes uma boneca. Às vezes tem uma escultura, alguma coisa assim que a gente coloca assim, é para você se sentir mais entre aspas “em casa” no seu lugar, né? Então tem esse tipo de coisa que faz, né? E aí lá por exemplo, eu tenho um armário que tem as coisas que eu sempre uso nos meus lanchinhos, né que são xícaras, taças, bandejas, são jarras que aí eu deixo lá, então ali. Quando chega alguém eu sempre levo café, né? Quando chega alguém, ofereço o cafezinho, né? Então assim eu ia assim muitas vezes, até quando eu tava na vice direção que aí eu recebia mais gente, então tinha gente que ia lá só para tomar café mesmo, porque sabia que lá naminha sala tinha café. Então ia lá só para tomar café.

**Entrevistadora:** Um dia eu vou passar lá para a gente fazer um lanche então.

**Prof. Antonieta:** Ai, eu gosto muito.

**Entrevistadora:** Vou parar por aqui para não atrapalhar o seu horário, né? E aí depois você me avisa no horário da sua volta. A gente se comunica. Pode ser à tarde.

**Prof. Antonieta:** Deixa eu ver se eu tenho algum compromisso à tarde aqui. Não, à tarde tá tranquilo, eu a partir das 13 horas, eu já poderia conversar.

**Entrevistadora:** Então, tá bom. Vamos deixar pré marcado para 1 hora?

**Prof. Antonieta:** Aí entra no mesmo link, né?

**Entrevistadora:** Pode ser. Obrigada. Até mais tarde.

**Prof. Antonieta:** Tá então, tá bom. Se tiver alguma coisa, algum menino que quer que ajuda na tarefa eu te aviso, mas se não tiver, aí a gente continua, tá bom?

**Entrevistadora:** Tá bom. Obrigada, viu?

**Prof. Antonieta:** De nada. Tchau, tchau.

## **Segundo momento da entrevista:**

**Entrevistadora:** Ok, já tá habilitada a gravação do segundo momento da entrevista. Mais ao fim da conversa que nós tivemos mais cedo, a gente estava falando bastante de sala de aula nos últimos comentários, né? E apesar de estarmos falando bastante sala de aula em específico, a gente chegou a comentar que são várias as funções de quem trabalha como docente pesquisadora, né? Porque a gente falou também da pesquisa, da extensão, e a gente tinha começado a entrar em alguns questionamentos mais relacionados a sentimento, emoção, reconhecimento, afeto. E aí eu queria fazer essa pergunta mais específica em relação à ciência e a pesquisa: o que que a ciência e a pesquisa representam para você?

**Prof. Antonieta:** A ciência e a pesquisa representam para mim pessoalmente... É porque na verdade eu nunca pensei para mim, né? A pesquisa e a ciência. Eu sempre pensei em fazer pesquisa e ciência para os outros, aliás, que me abarca né também, mas para a sociedade. Eu nunca pensei assim na pesquisa, na ciência, para mim. Para mim poderia ser a questão de me sentir... como é que fala? Mesentir uma mulher realizada por aquilo que eu pesquiso, por aquilo que eu conquisto, por aquilo que eu descubro, mas assim, eu penso na ciência como algo que vai melhorar a vida da sociedade, e ao contrário, porque a gente às vezes muito vê preconceito a respeito das pesquisas na área de ciências sociais aplicadas, ciências humanas, eu acho que são essas ciências que inclusive contribuem para o processo de pensamento, de reflexão, inclusive das outras áreas. Porque você também não pode fazer a ciência pura, entre aspas, “puras”, as ciências da saúde, as ciências biológicas ou as ciências da área de estrutura, né da área de engenharias, sem pensar na sociedade como um todo né, sem pensar em políticas públicas de promoção à saúde, porque a própria promoção da saúde depende muito da percepção que as pessoas têm em relação aonde buscar a informação, e de que forma que elas podem fazer auto prevenção de doenças, então isso depende muito do comportamento que a própria sociedade tem em relação à informação e aí isso depende de pesquisa da área de educação, da área de ciência da informação, da área de comunicação, da área de ciências sociais e filosofia, e mais ou menos nessalinha.

**Entrevistadora:** É a base de tudo, né? É a partir daí que a gente consegue interpretar também as outras áreas. E aí na pesquisa e na ciência como que... porque você falou muito a partir dessa perspectiva de que a ciência contribui para a sociedade, né? E que você não pensa tanto, mas que de primeira não foi o pensamento que veio em relação a você mesma, né? Mas então falando da ocupação desse espaço por parte da senhora, que é pesquisadora e docente enfim, como que você ocupa o espaço da ciência e da pesquisa?

**Prof. Antonieta:** Deixa eu ver se eu... essa pergunta é um pouco complexa... no sentido, que você tá perguntando, se você fala o espaço que eu ocupo, que espaço que eu acredito ocupar?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Prof. Antonieta:** Ah, talvez um espaço que para mim não seja suficiente. Que eu

gostaria de mais espaço, gostaria de ter mais possibilidades. E isso quer dizer que eu preciso de recurso, né? Eu preciso de recursos para desenvolver minhas pesquisas, e muitas vezes eu não tenho. Recursos, às vezes que a gente tem que tirar do próprio bolso, às vezes para desenvolver alguma coisa, então é um espaço que eu ainda acho que é pouco para mim, que eu acho que eu precisaria, que eu acho que eu poderia ocupar um espaço maior, se eu tivesse ajuda, né? Se eu tivesse mais auxílio, aliás, eu acho que o desenvolvimento científico do Brasil falta isso, né? Falta investimento.

**Entrevistadora: Investimento monetário mesmo que você diz?**

**Prof. Antonieta:** Monetário... Monetário. Investimento monetário, porque quando você tem investimento e você consegue organizar uma equipe, a partir desta equipe, são várias cabeças trabalhando em prol de alguma coisa, né? Então se você cria essas redes de relações, aí você consegue então fazer com que essa ciência, o que que eu tô desenvolvendo como ciência, se aprimore. Por exemplo, eu tô fazendo uma pesquisa grande agora que é uma pesquisa que eu estou fazendo aqui em [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E aí então, ou seja, e eu tô fazendo uma pesquisa quanti e qualitativa. Então eu preciso de um número grande de jovens que respondam a minha pesquisa, mas eu tenho uma bolsista PIBIC, né? E aí então fica sabe a pesquisa, demora a sair do lugar porque como éramos só nós duas, então só para montar um instrumento de coleta de dados a gente levou um ano. Se tivesse mais gente envolvida, a gente poderia levar menos tempo. Agora a gente tá na coleta de dados, se tivesse mais gente, com certeza a coleta de dados ia ser mais rápida. E aí eu não tenho mais pessoas porque eu não tenho verba para poder ter mais bolsistas. Mais outros pesquisadores por exemplo pra contribuir.

**Entrevistadora: Aí acaba que alguns planos tem que ser priorizados, outros tem que ser adiados, né? Não dá para fazer tudo de uma vez. Em relação a todos esses papéis desenvolvidos, né? Docente, pesquisadora, o que que te motiva? A sala de aula te motiva? A pesquisa te motiva? Você se sente motivada?**

**Prof. Antonieta:** Sim, motivação eu sinto, motivação sempre tem, só falta dinheiro. (risos) A vida da professora, da docente, principalmente da mulher né, da docente universitária, e que quer e que vamos dizer assim que se dedica à carreira, ela é muito complicada, porque a gente sempre... por mais que eu tenha uma divisão de tarefas em casa, mas sempre tem coisas assim que a gente tem que fazer em casa e não só em casa, mas até mesmo na universidade coisas assim, que às vezes eu enquanto professora poderia estar fazendo uma outra coisa mais profunda, mais bem elaborada, e ter outras pessoas que façam mais aquele trabalho braçal, né? Que ajuda na pesquisa, que aí são os bolsistas, né? O que não quer dizer que eles não vão fazer, que não vão chegar ali as vias de fato de chegar a fazer análise da pesquisa e tudo mais, mas é uma tarefa que eles como... eu já passei, todos eles têm que passar por aquilo ali para poder então alcançar, né? E aí então às vezes a gente fica ali com muitas atividades assim, que poderiam ser delegadas para outras pessoas, mas você não tem para quem delegar e você acaba tendo que fazer né? E aí fica difícil.

**Entrevistadora: Apesar de eu saber alguns dos motivos, eu queria te ouvir falar um pouquinho porque você falou que isso é muito difícil, mas principalmente para mulher. Por que que veio essa fala? Por que que é mais difícil, principalmente para mulher?**

**Prof. Antonieta:** Porque por mais que você tenha uma rede de apoio dentro de casa, acaba que a responsabilidade doméstica é da mulher. A responsabilidade, a preocupação, e tudo. Acho que a mãe acaba sendo mais preocupada com os filhos do que o pai e assim por diante, né? Então acaba que sempre tem uma responsabilidade. Você tem uma responsabilidade e a gente assume essa responsabilidade dentro de casa, mais que o homem né?

**Entrevistadora:** Falando agora dessa questão de mulheres e pesquisadoras e esse conciliar de gênero, raça, você orienta, muitos alunos e alunas né? Você já orientou muitas mulheres pretas nesse seu papel de orientadora?

**Prof. Antonieta:** Já, já orientei algumas. Posso dizer que é equilibrado então, mas eu oriento esse tempo assim, apesar de não ser uma pesquisadora da área dos estudos étnico raciais e nem do movimento feminista, mas quando tem pesquisas nessa área que envolva os estudos que eu faço, eu tento pegar essas pesquisas para orientar e peço ajuda, né para pessoas que têm leituras melhores do que a minha dentro dessas temáticas ou feministas ou étnico-raciais, então aí eu tento e também tem muitas pessoas pretas também que elas não pesquisam exatamente dentro dessa perspectiva, desses dois vieses, né? Pesquisam outras coisas, aí essas pessoas chegam naturalmente né.

**Entrevistadora:** Independentemente da... nossa que barulhão! Independentemente da temática, você consegue se lembrar quantas mulheres pretas você já orientou? Sendo pesquisa voltada para a questão de gênero e raça ou não?

**Prof. Antonieta:** Ah é difícil lembrar viu? Você fala assim tanto de graduação quanto de pós-graduação? Nossa já tem 12 anos que eu tô, 14 se contar da época que eu fui professora substituta. Ah é difícil saber, mas foram muitas até, porque lá na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], como é um curso que entra mais pessoas de baixa renda e a gente sabe que as pessoas, a boa parte das pessoas de baixa renda são pessoas pretas ou pardas, então tem uma quantidade boa assim. Eu ainda não tive a curiosidade de contar quantas pessoas no total eu já orientei. Porque geralmente assim no mínimo são quatro pessoas por ano, né? Que eu oriento da graduação, né? E aí tem o trabalho de conclusão de curso. Mas aí tem depois os trabalhos de especialização, os estágios, os projetos de pesquisa, ou seja, mestrado, doutorado, né? Então fica difícil de assim saber o número, daí teria que olhar lá no lattes e pesquisar ali ver quantas pessoas, mas mais de 10 com certeza foram né, mais de 10, mais de 15 por aí, no mínimo, foram.

**Entrevistadora:** Você sente, novamente, independentemente da temática do trabalho, você sente que quando a orientação, quando o orientando ou a orientanda é uma pessoa preta, a orientação tem alguma coisa de diferente? A relação é diferente?

**Prof. Antonieta:** Não, não tem nada de diferente não, até porque eu acho que quando chega nessa fase do TCC, como as pessoas já entraram... porque assim entra por cota, mas quando chega no final é todo mundo, me parece que tem um nível. Principalmente quando você pega assim pessoas numa mesma faixa etária, né? Aí quando chega mais para o final, aí você vê que tem um equilíbrio porque vai muito da

questão do esforço de cada um, então as orientações, elas são... mas agora sim, eu sou uma das professoras que não me importo de pegar o que os outros docentes chamam de alunos ou alunas difíceis. Eu gosto de pegar porque para mim é um desafio. Então sou uma professora que pega tanto na pós-graduação, quanto na graduação, pessoas entre aspas, consideradas “difíceis” e que eu consigo fazer um bom trabalho, né e nesses difíceis entram pessoas com idade maior também, que são pessoas que geralmente ficaram muito tempo sem estudar. Então tem muita dificuldade, então eu ultimamente, não tem entrado muitos, eu acho por conta da pandemia, diminuiu um pouco o número de pessoas mais velhas, e quando eu falo mais velha, é mais velha mesmo, pessoas assim de 45, 50 anos de idade. Já orientei uma senhora de 60 anos, né? Então aí a gente vê que a entrada nesses últimos anos diminuiu dessas pessoas mais velhas. E aí tem entrado pessoas jovens assim de no máximo 30, 35 anos. Mas tem estudantes que entram que mesmo jovens assim, que chegam ao final com muita dificuldade, eu acho que por conta de um acesso não muito bom, a escola do passado não ter feito uma boa educação básica, né? Então chegam com muitas dificuldades, que elas respingam aí até quando chegam ao final do curso, né?

**Entrevistadora:** Então quando você diz alunos e alunas difíceis, nesse caso, você está dizendo em relação a esse acesso ao conhecimento? Que às vezes são pessoas que tiveram menos acesso.

**Prof. Antonieta:** Isso! Pessoas assim que geralmente escrevem mal, né? Não tem uma boa redação, que tem muita dificuldade de entender os conceitos, conteúdos, e tem dificuldade de escrita, tem dificuldade de assimilação e tudo mais. Aí são nesse sentido pessoas assim que tem, que você vê que a escrita ela é bem problemática mesmo. Que você percebe que são problemas que vêm lá da educação básica.

**Entrevistadora:** Antonieta, você sente que você tá fazendo a diferença nos seus papéis?

**Prof. Antonieta:** Eu acredito que sim. Até pela própria forma como muitas vezes os discentes, as discentes, ou egressos, ou egressas, quando encontram com você e conversam e tudo, aí quando por exemplo eu já... é a segunda assim, eu não fui muito assim de ser professora homenageada, né? Mas nos últimos anos eu tenho sido então, ano passado eu fui, esse ano já me chamaram para ser madrinha, paraninfa de turma, eu fui ministrar uma palestra lá no Tocantins, encontrei umas ex alunas que foram lá, que saíram de longe só para ir lá me ver nessa palestra, então de pessoas que às vezes escreve para mim, fala que lembrou de mim porque viu alguma coisa e se lembrou, então eu recebo muita coisa assim, então eu acho que eu tô fazendo a diferença, né? (risos) Pessoas que orientei na graduação e que vai fazer pós-graduação e quer minha orientação, pessoas que orientei no mestrado, que eu tô orientando doutorado de novo, né? Então é mais ou menos isso.

**Entrevistadora:** Na verdade eu tenho certeza que tá fazendo diferença e que faz a diferença. Eu que já fui só aluna e ainda mantenho um contato, para mim já faz muita diferença, imagina para quem tem um contato mais duradouro assim, né? Porque a gente teve alguns encontros pontuais, mas acredito que por um tempo mais duradouro com certeza faz muita diferença. Em relação ao que você valoriza do seu fazer assim, se a gente fosse colocar nesses termos, só para eu

**me fazer entender: quais seriam as alegrias, os prazeres e as dores do fazer acadêmico científico?**

**Prof. Antonieta:** O prazer é quando você vê um produto seu publicado. E acima de tudo utilizado. De vez em quando às vezes eu encontro com aluno que fala assim: Ah! Professora, me indicaram o seu texto, lembrei de você, me indicaram o seu texto para eu fazer isso aqui! Então quando você vê seu trabalho divulgado e utilizado, isso é o melhor. Não é nem publicar na melhor revista. É mesmo quando você vê que seu trabalho tá inspirando as pessoas, né? Agora o desprazer que eu acho porque eu acho que a academia como eu falei, né? Os pesquisadores, muitos docentes, ainda tem um ego muito inflado e que muitas vezes não são abertos ao diálogo, a pensar diferente, a tentar compreender o que o outro faz, a valorizar o que o outro faz, e achar que é o dono da verdade, assumir ali uma teoria, assumir ali um papel e achar que aquele, que a forma como ele faz é o mais certo, então, eu sinto assim uma certa... eu fico muito triste assim ainda com isso e isso infelizmente acontece em muitas, acho que em todas as Universidades, todos os departamentos, infelizmente tem essa questão. Uma questão assim que é engraçado, que assim chegou um tempo que eu cheguei, eu confesso, eu cheguei assim a ficar um pouco bolada, e aí ficar um pouco assim, é por exemplo uma professora... me senti prejudicada por uma professora! Teve uma vez. E realmente eu fui prejudicada por essa professora, e aí eu criei assim um ranço, que para mim psicologicamente não estava me fazendo bem. E aí eu fui e lembrei do Edgar Morin, o Edgar Morin, velhinho aí de mais de 100 anos já e que tá firme e forte aí. O Edgar Morin, fala assim, olha, todos nós somos anjos e demônios. Então eu fiquei pensando se todos nós somos anjos e demônios, por que que eu não procuro mais o anjo do que o demônio nas pessoas, né? Até porque acho que cada um tem um que para dividir, para poder ajudar, e aí a primeira atitude, eu quando, eu aí uma atitude que eu tive com essa professora, eu fui participar de uma banca e eu chamei, convidei ela. Eu era presidente da banca de docente. E eu chamei essa professora para poder trabalhar comigo e foi assim uma semana maravilhosa. Foi muito trabalho, mas foi uma semana assim muito boa, muito boa mesmo. E aí eu acho que a gente tem que ver isso, né? Tem que ver então assim eu não sou daquele tipo porque a gente vê muita coisa assim também na verdade que eu acho... isso não concordo, acho isso muito absurdo, por exemplo se eu tenho um orientando ou orientanda, aí tem outro professor ou professora que eu não gosto e aí eu não deixo, eu proíbo o meu orientando, a minha orientanda, de ter algum tipo de contato com esse professor, com essa professora, eu acho isso ridículo. E isso acontece muito na universidade, de pessoas que você fala assim, de algum orientador, orientadora, falar assim, não é? Você não se envolve ali porque não sei o quê. Porque eu sou inimigo, já declaro meu inimigo ali de pensamento de coisa. E aí não deixa nem o orientando se aproximar, né? Então eu acho que é complicado. É uma situação assim que eu vejo que acontece muito, né. Existem muitos inimigos dentro da universidade, muita gente que puxa o tapete mesmo, perseguição, né? Então aí um persegue, o outro persegue, aí fica de olho num passo falso que a outra pessoa dá, para ele aproveitar ali, puxar o tapete. Então acho que isso dentro da universidade, isso é muito forte. Eu acho também que a universidade, a gente né enquanto universidade, ainda é muito distante da sociedade. A gente tinha, quando eu penso assim, né? Principalmente nessa época de *fake news*, principalmente durante a COVID, que a sociedade desacreditou da ciência um pouco a culpa é da ciência também, é um pouco culpa nossa porque nós nos afastamos das pessoas, nós não divulgamos a informação da forma que as pessoas consigam entender aquilo ali para aquela pessoa, para a sociedade se sentir

pertencente à universidade, né? Então eu acho que isso é que entristece um pouco.

**Entrevistadora:** É aquele debate da ciência aberta, né? Eu acho que a divulgação de dados abertos científicos é positiva tanto para quem pesquisa, quanto para as pessoas da sociedade mesmo, se essa relação fosse mais aproximada, eu acho que a gente teria inclusive, mais avanços. Professora, se você fosse criar a universidade da Antonieta, como que seria essa universidade?

**Prof. Antonieta:** Nossa, difícil, ein? (risos) Ah, eu acho assim, se tivesse condições, se eu tivesse, bom aí o que que a gente precisa, né? A gente precisa de ter recurso. Então essa universidade seria uma universidade que tivesse recurso, que permitisse as pessoas de baixa renda terem seus custos de estudo financiados pela universidade, né de se alimentarem bem né. Principalmente isso, porque quando a gente pensa no passado a gente pensa o tanto que é importante a pessoa se alimentar bem né? Então que as pessoas pudessem se alimentar bem, pudessem ter oportunidade de pesquisas, de fazer aquilo que elas querem, porque muitas vezes tem estudante que chega ele quer trabalhar, né? Quer trabalhar, quer fazer, quer ir para a prática, e tem outros que querem pesquisar, então ter oportunidades para o que a pessoa desejasse fazer dentro da universidade. E que a universidade fosse um espaço mais acolhedor, no sentido assim, até arquitetônico, eu fico olhando para os jardins da universidade tudo maltratado, tudo jogado, tudo sucateado. Então eu acho que tinha que ter mais conforto para as pessoas quererem ir para universidade, e quererem passar o dia lá, por exemplo, né? Ter mais conforto, então um cantinho ali pra cochilar, um cantinho ali pra jogar, um cantinho ali pra conversar, sabe, mais ou menos dessa forma.

**Entrevistadora:** Isso já dá muito para ver os seus valores enquanto professora, ou pesquisadora e até traços de personalidade, né? Eu percebo que você de fato durante toda a sua fala valoriza muito esse lado afetivo do conversar, do trocar, do café... É muito legal isso porque volta naquele assunto que a gente discutiu antes de que às vezes a gente precisa se lembrar de olhar um para o outro, uma para outra, enfim de forma mais humana, né dentro dos nossos fazeres. Acho que pra gente já caminhar para uma finalização então, se você pudesse dar um recado, que recado que você daria para outras mulheres pretas cientistas?

**Prof. Antonieta:** Eu acho que a gente lutar, né? A gente precisa lutar cada vez mais, botar a boca no trombone, vamos dizer assim, e a gente começar a exigir condições para gente né? Então eu acho que essa pauta das cotas nessas pesquisas, né para bolsa produtividade, por exemplo, eu acho que são necessárias, é para bolsa de uma maneira geral, as cotas para pesquisadores assim seniores, né? Porque eu já tô na faixa de pesquisadora sênior, né? Então eu acho que... mas assim eu sou uma pesquisadora sênior, mas que eu não tenho as oportunidades que outras pessoas têm pela... até pela minha própria trajetória como eu disse. Então eu acho que a gente tem que começar a lutar mesmo. Acho que tá tendo alguns movimentos interessantes aí de valorização das mulheres de uma maneira geral, né? Mas eu acho que precisa avançar mais. E aí a gente precisa então lutar, mostrar o que a gente faz, mas também exigir as condições necessárias para isso.

**Entrevistadora:** Certo, tem mais alguma declaração que você gostaria de fazer? Pode se sentir livre agora para fazer qualquer fala que você sente que ficou com

**vontade de trazer, mas às vezes a nossa conversa não passou por lá, se você quiser fazer alguma outra declaração.**

**Prof. Antonieta:** Ah, eu acho que eu não tenho muito mais a dizer não, eu acho que mesmo só é dizer que eu acho que ainda tá um pouco longe assim da questão da desigualdade de cor, a desigualdade econômica. Realmente ela acabar né? Até chega a ser utópico, né pensar que um dia a gente não vai precisar mais de cota, não vai precisar mais, então essas coisas, porque parece que a gente ainda precisa, ainda tem um preconceito muito grande na sociedade, um preconceito assim velado que muitas vezes a pessoa só percebe quando passa isso na pele. Lembra do Gagliasso? Como é que chama aquele ator e aquela atriz que adotaram as crianças negras?

**Entrevistadora: Gagliasso, eu acho. Bruno Gagliasso.**

**Prof. Antonieta:** Um dia ele falou uma coisa que me chamou atenção. Ele falou assim, olha para mim, o preconceito... eu só senti mesmo que o preconceito era de fato uma coisa real, quando ele adotou as duas crianças negras, porque ele sentiu na pele o preconceito que as crianças começaram a sofrer que eles, que eles acompanharam, né? Então aí, ele declarou isso, ou seja, só tem consciência quem passa por. Então às vezes muita gente fala assim que é mimimi, né? Ah é mimimi demais o movimento negro, o movimento feminista e tudo mais, mas não é mimimi, a gente sabe, a gente enquanto pessoa preta, mulher, a gente sabe o que que a gente sofre todo dia aí, e o que que a gente tem que fazer a mais para poder você não se sentir perseguida não se sentir, é né? Com as pessoas com um olhar diferente para você, então acho que isso a gente precisa avançar mais e eu acho que também os movimentos, tanto negro, quanto feminista, tentar chegar cada vez mais nessas pessoas para mostrar isso que por exemplo, o exemplo lá do Gagliasso que ele só percebeu mesmo quando ele teve os filhos pretos, que não percebia, e muita gente não percebe! Muita gente que fala que é mimimi não percebe, mas às vezes quando você tem uma conversa não agressiva, quando você tem uma conversa que você coloca você como exemplo do que acontece com você, é diferente. É diferente quando o professor chega para tratar desse assunto em sala de aula, e se coloca como personagem dessa história, e eu me coloco muito, principalmente nessas disciplinas que tem a ver com cultura, né? Que é o que eu ministro. Eu me coloco muito então, eu acho que a gente vai fazendo a diferença.

**Entrevistadora:** Queria agradecer imensamente o seu tempo que eu sei que é corrido. Não só o tempo, mas a maneira como você se abriu mesmo durante a conversa tanto da primeira vez, como agora da segunda vez, sendo sincera do lado de cá, né agora falando da minha parte, acontece um nervosismo querendo ou não nesses momentos da entrevista porque eu fico com muita vontade de entender mais sobre a história da pessoa que eu tô conversando com, mas sem ultrapassar nenhum limite e por se tratar de uma pesquisa, fico pensando se eu tô fazendo isso direito, se tá tudo certo, mas eu sempre me sinto muito confortável nos contatos que eu tenho com a senhora. Então queria agradecer por isso também porque é muito bom quando a gente pode conversar com alguém e a gente sente essa abertura assim. E aí eu sei que você tá aí na sua correria, mas mesmo assim teve muita calma, muita paciência, muito acolhimento para poder conversar comigo, e eu agradeço imensamente de verdade e desejo, torço para que todos os objetivos, todos os espaços que você

ainda quer alcançar sejam de fato alcançados, porque você merece, né? Como professora excelente que você é, pesquisadora docente enfim, né? Então fico na torcida para daqui a um tempo a gente conversar de novo e você falar: Ah, sabe aquelas coisas que eu falei que eu queria fazer? Então, deu certo, eu fiz! (risos)

**Prof. Antonieta:** Tá ótimo, também te agradeço foi muito bom, você se saiu muito bem também. As perguntas foram muito bem evidenciadas assim ficou muito legal. Teve uma constância muito legal aí do nosso bate-papo.

**Entrevistadora:** Fico feliz de saber aí agora, eu vou enviar o termo por e-mail, né para assinatura também. Queria saber caso você prefira que eu use algum nome fictício para os registros. Se você quer escolher esse nome ou se eu deixo o seu nome mesmo?

**Prof. Antonieta:** Não, pode deixar meu nome mesmo. Eu acho que a primeira coragem que a gente tem é assumir o que a gente disse também, né? O que a gente pensa. E eu acho que são coisas que precisam ser ditas e as pessoas precisam saber de onde vem esses dizeres.

**Entrevistadora:** Então tá certo, aí eu vou fazer aquele textinho depois circulando tudo que a gente conversou, esse relato, né? Vou construir esse relato. Depois a gente também pode conversar sobre ele e a gente vai se mantendo em contato, tá bom?

**Prof. Antonieta:** Tá bom.

**Entrevistadora:** Mas muito obrigada professora, boa semana para você, bom feriado, tem feriado chegando aí, né?

**Prof. Antonieta:** Vamos ver se a gente consegue descansar um pouquinho, né?

**Entrevistadora:** Pelo menos um pouquinho (risos). Então, tá bom. Obrigada. Beijo, boa tarde.

**Prof. Antonieta:** Beijo, tchau.

## **ENTREVISTA COM PROFESSORA DRA. SOJOURNER TRUTH**

**Entrevistadora:** Certo! Então dando início agora à gravação, hoje é dia 13 de abril e eu vou conversar aqui com a professora Sojourner Truth, conhecer um pouco mais da história dela, que ela fez essa gentileza de contribuir para minha pesquisa, que é uma cartografia existencial das docentes pretas dos programas de pós-graduação em comunicação das universidades federais, do centro-oeste e de Minas Gerais. Então para entender um pouco mais sobre a trajetória, sobre a sua trajetória, Sojourner Truth, a primeira pergunta que eu queria te fazer é: quem é a Sojourner Truth? Quem é Sojourner Truth?

**Prof. Sojourner Truth:** Sojourner Truth é uma mulher preta, né? Mãe de dois filhos, [informação omitida para não relevar a identidade da professora] uma bailarina, e um

aspirante à engenharia de software, [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E que atua em uma instituição pública de ensino, né? E com forte tendência a atuar na extensão. Mas então eu trabalho equilibradamente, né? Na medida do possível, o ensino, pesquisa e extensão e gestão acadêmica. Sou uma mulher preta, né de uma família também chefiada por mulheres negras.

**Entrevistadora:** Certo, só aí, a gente já consegue ver os vários papéis da Sojourner Truth, né? Pesquisadora, professora, mãe. Até interessante você falar da sua filha ser bailarina porque eu já fiquei curiosa, porque eu também danço (risos), vontade de saber mais.

**Prof. Sojourner Truth:** Ela nem gosta que fala muito que ela é bailarina, né? Porque hoje em dia ela trabalha, né junto, né com cinema e também com a composição das danças. Então ela é uma multiartista, melhor dizendo.

**Entrevistadora:** Depois se eu tiver a oportunidade, eu quero conhecer o trabalho dela, porque essa área muito me encanta. E eu queria saber agora em relação ao reconhecimento, eu percebi que quando eu te perguntei quem é Sojourner Truth a primeira coisa que você sentiu de falar, foi “eu sou uma mulher preta” e eu queria saber se esse reconhecimento de si enquanto mulher preta, essa declaração, ela vem desde sempre, se você sempre se reconheceu dessa forma.

**Prof. Sojourner Truth:** Sempre me reconheci. É claro que esse reconhecimento ele vai ganhando contorno de afirmação, né no primeiro momento, pode ser que quando eu era talvez antes dos meus 13 anos, talvez pudesse ser uma identidade mais contingente, mas é uma identidade que vai me constituindo ao longo do tempo, né, vai me constituindo ao longo do tempo e com o desejo, né com desejo de ocupar os espaços com essa corporeidade preta.

**Entrevistadora:** Você citou os 13 anos, o que que muda para Sojourner Truth de 13 anos para Sojourner Truth de agora?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu penso que é um momento assim, é um momento chave que eu tô no ensino, naquela ocasião, no ensino fundamental, né o segundo... partes do ensino fundamental para o médio, em que eu começo a trabalhar fora, em que eu começo a ter que interagir com a sociedade de uma forma mais ampla e tendo que disputar espaço para ser reconhecida, para conseguir ter condições melhores de trabalho. Enfim, então eu acho que é o momento em que eu tive, que talvez eu tenha sido forçada a ocupar outros espaços que não só o espaço da casa, né, da casa, da escola, mas é quando a atividade trabalho, né? Trabalho para me manter até estudando, é quando isso surge. Então na medida em que isso surge, para mim, aí eu vou perceber que esse ser mulher negra vai ganhar outras conformações exatamente porque eu vou ser vista como uma mulher, né no espaço de opressões, né? Então eu ser uma mulher preta num espaço delineado de opressões vai fazer uma marcação muito importante. E é também o momento que eu conheço um movimento negro, né que eu começo a conhecer essa discussão sobre negritude. Eu começo a ter uma compreensão, vamos dizer assim, uma compreensão epistêmica, não sei se seria tanto assim, mas uma compreensão de ser negro e o que que implica isso.

**Entrevistadora:** Então você sente que esse contato com o próprio movimento

**negro teve uma influência na maneira de se reconhecer? Assim, teve um impacto?**

**Prof. Sojourner Truth:** É... sim e não, né? Porque o primeiro impacto é assim, o primeiro impacto desse reconhecimento é o reconhecimento dos outros, né? Não somos nós que nos reconhecemos negros, é a sociedade que nos reconhece assim, nos reconhecem assim com um marcador de diferença muito acentuado, então na escola quando você vai lá, eu fui para a escola com sete anos, né? Eu fui já para a primeira série, então ali você já começa a entender que você é diferente dos outros, ou pelo menos os outros pretendem que você seja diferente. Então essa disputa é uma disputa um pouco confusa, né. Por conta, devido ao fato de ser criança ali, né, mas num segundo momento, é o momento em que eu vou buscar um lugar no mercado de trabalho, é um momento também que eu começo a ser percebida como uma mulher negra que pudesse ser objeto de desejo, então é um momento em que eu também preciso começar a me proteger enquanto mulher e como mulher negra. Então essa que é a diferença. E aí assim o movimento negro ele entra num processo, vamos dizer assim de acolhida, é de acolhida desse estranhamento que eu já vivia desde criança, né? Esse estranhamento dessa diferença, né? Então tem essa, tem esse estranhamento dessa diferença e o movimento negro vai me permitir compreender que existe lugar para esse diferente, né? Existe lugar para esse diferente e existe um debate, uma discussão cultural, política, e social que me contemplava, né? Então dessa solidão, né dessa solidão e dessa solidão do estar no mundo enfrentando o mundo. O movimento negro ele chega para acolher, uma espécie de abraço mesmo no sentido de dizer que o que você sente, outras pessoas sentem, o que você observa, outras pessoas observam e essas pessoas, querem produzir algo coletivamente. Então o movimento negro, ele permite que eu me perceba como sujeito negro, sujeita negra, num contexto mais coletivo, né? Então a negritude me ultrapassava, né? Então eu não ficava olhando só para mim, eu passava a olhar o grupo e tentar me fortalecer no grupo, então era isso.

**Entrevistadora:** **Você usou a palavra proteger né? “Eu começo a me proteger.” Você falou esse termo em um determinado momento e aí eu fiquei me perguntando como que a Sojourner Truth se protege.**

**Prof. Sojourner Truth:** Olha são várias. É porque essa descoberta, essa descoberta, ou esse apontamento de que você é um ser negro, é um apontamento que estabelece um esforço mesmo entre uma espécie de nós e eles né? E isso não vem de uma forma suave, ele vem, então essa violência é numa tentativa de conformar a gente a um determinado lugar, a um determinado estatuto mesmo na sociedade, então essa coisa da proteção é porque também não dá para você ficar com o corpo aberto, né? A sua guarda aberta o tempo inteiro. É ali que a gente observa que não é possível, não é possível a gente estar no mundo livremente sem ter esse anteparo, sem ter essa proteção individual e que depois passa a ser coletivo no momento em que passa a estar dentro de um coletivo que pensa coisas muito próximas das coisas que eu pensava também, então essa proteção é uma proteção assim da violência física, né? É uma proteção da violência psicológica, né, da violência nas suas múltiplas facetas. Imagine uma menina preta no desabrochar da sua meninice por assim dizer, trabalhando na casa de patrões brancos, né? Em que a localização do que, qual que é o lugar da mulher preta tava muito acentuado. Não como esse lugar e quase como de pista de prova dos filhos do patrão, né? Então a violência que eute digo é uma

violência que é sexual também, né? Então essa necessidade de você criar estratégias e anteparos para você não viver essa violência é muito forte ali também. Né? Porque eu começo com 14 anos, eu começo a trabalhar em casa de família, né? Como empregada doméstica. Então esse é o lugar. Esse é um lugar quenão sobretudo no momento em que eu vou ser empregada doméstica, né? Que énos anos 80, início dos anos 80, final de 70, dos anos 70, para o início dos anos 80. Então é um momento ainda que o lugar da empregada doméstica ainda era um lugarmuito contingente, né esse conjunto de direitos que as mulheres, que as empregadas domésticas obtiveram ao longo desses anos é fruto de luta dos movimentos sociais e das mulheres, sobretudo as mulheres negras, né que compunham a maioria né da mão de obra que ocupava esses lugares.

**Entrevistadora:** Você tá citando muito o papel do trabalho, né? Então queria entrar mais especificamente nisso assim, como que se deu a escolha da sua profissão?

**Prof. Sojourner Truth:** Olha eu fico sempre lembrando, né? Eu sempre fui uma pessoa inquieta,né na minha meninice, juventude e tudo mais, mas as coisas foram vindo, foram acontecendo, né? Porque eu como grande parte das mulheres negras que você muito seguramente vai entrevistar, nós somos as primeiras mulheres, né? A primeirageração que acessa a universidade, mas para mim não tava dado lá na minha juventude que eu viria para universidade, que eu faria né, que eu faria mestrado, doutorado, não tava delineado assim, eu fui vivendo por assim dizer um dia de cada vez mesmo. A minha mãe ela era uma mãe solo, ela era lavadeira, né? E eu auxiliava ela com esse trabalho, né? De tanto de lavar as roupas, preparar as roupas, mas também ia ao centro da cidade levar essas roupas, buscar e levar essas roupas dos clientes da minha mãe. E a minha mãe trabalhava com um número significativo de pessoas que estavam se preparando para tentar o vestibular na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], né? Que eram jovens que vinham do interior, filhos de pessoas de classe mais alta ou classe intermediária. O fato é que essas pessoas vinham para a universidade, vinham para [informação omitida para não relevar a identidade da professora] para fazer os cursinhos ou mesmo para fazer faculdade então, minha mãe foi lavadeira de muitos universitários e de muitos pré universitários. Então sempre que eu ia com a minha mãe buscar ou levar essas roupas, essas pessoas estavam em posição de estudar e eu achava que era bonito, eu achava que aquela experiência que eu visualizava eles vivendo, era uma experiência interessante, eu achava bonito, eu sempre fui uma pessoa estudiosa, né estudiosa, eu sempre tirei boas notas no colégio. Enfim, eu sempre fui uma boa aluna, né sempre estudando em escola pública, mas boa aluna então começa ali, né? Começa observando outras pessoas que estavam em vias de acessar a universidade e achando aquele gesto que eles faziam bonito e desejando isso para mim também, né? Desejando essa mesma posição para mim. É bem verdade que isso não veio com muita tranquilidade porque a partir da sétima série, que corresponde ao sétimo ano, eu começo a estudar e trabalhar e então a partir daí eu começo a estudar e trabalhar e isso me acompanha o resto da vida, né? Estudar e trabalhar, ou trabalhar como condição necessária para estudar. Então o trabalho aparece muito por isso, porque ele que me permite sonhar um pouco além, né daquilo que tava dado.

**Entrevistadora:** Mas o que que te trouxe para comunicação em específico por exemplo?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu não saberia te dizer assim com uma um grau de objetividade não. Assim, eu acho que... eu trabalhei né numa organização não governamental por seteanos, essa organização não governamental ela era um centro de documentação popular e a gente era um centro de documentação e informação popular e lá então nesse espaço a gente trabalhava tanto com organização das informações produzidas pelos movimentos sociais, mas também a gente trabalhava com a preparação de materiais audiovisuais para esses mesmos movimentos, então é essa instituição que investe em mim. Por exemplo, né? Eu tinha o quê? 21 anos. É essa instituição que investe em mim, paga um curso de fotografia para mim, essa instituição que paga para eu ir lá para outro estado fazer um curso de vídeo, de roteirização de vídeo, né? Então eu já experimentei isso, né? Entre 20 e 21 anos já produzindo né? Roteirizando materiais que ajudaria os movimentos sociais a tematizar suas lutas, né? Porque sempre nas reuniões dos movimentos sociais naquela época tinha muito esse tipo de material, filmes, slides, tinham umas radionovelas também, que a gente produzia então eu já começo a lidar com a comunicação, mas com a comunicação popular, o que era chamado naquela época de jornalismo popular, eu começo a trabalhar lá mesmo antes de ter entrado para faculdade. E na sequência disso, estando na faculdade, aí já vou para ambiência da faculdade de ciências... da faculdade de filosofia e ciências humanas, onde o curso de comunicação existe né? Então eu tive uma disciplina de comunicação na graduação, né? Embora, eu tenha feito [informação omitida para não relevar a identidade da professora], eu tive disciplina de comunicação, e depois eu fui trabalhar numa TV, numa TV educativa que é a [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Que é uma TV, uma TV educativa aqui de [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Então lá eu trabalheina produção, né? Dessa TV né na produção de um programa cultural, e também do jornalismo. Ainda que eu não tenho feito ao longo desse tempo, jornalismo, né? Eu fiz [informação omitida para não relevar a identidade da professora], mas a minha atuação não era em [informação omitida para não relevar a identidade da professora], minha atuação, sempre foi, eu tive experiências [informação omitida para não relevar a identidade da professora], mas minha experiência maior foi em TV, na produção, né voltada para produção de vídeo, então trabalhei com isso.

**Entrevistadora: E o que que você pesquisa?**

**Prof. Sojourner Truth:** Atualmente? Atualmente eu tô fazendo um segundo doutorado, né? Eutô fazendo doutorado, eu fiz um doutorado [informação omitida para não relevar a identidade da professora], e comecei a fazer um doutorado agora em [informação omitida para não relevar a identidade da professora], em 2021. Então ao longo desse tempo, eu tenho feito pesquisas muito ligadas à questão das [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Que é isso que me permitiu ficar na fronteira entre ciência da informação e comunicação. Originalmente eu atuei na pós-graduação em ciência da informação primeiro, para depois eu solicitar um credenciamento na comunicação, né? Então eu sempre lidei, orientei pessoas oriundas da comunicação, eu formei muita gente que era da área de comunicação originalmente. Então assim eu posso dizer que essa formação da comunicação, ela é uma formação meio livre assim, né? Porque ela não... ela ganha uma organicidade no doutorado, mas eu o tempo inteiro desde que, desde que eu comecei a amadurecer como profissional, e tendo oportunidades de trabalho, eu comecei como estagiária na

TV, e saí de lá como chefe de uma divisão, né de documentação e informação de pesquisa e tudo isso. Aí, eu saio de lá e vou trabalhar na universidade, e a partir daí eu fiquei sempre nessa fronteira. Produzindo materiais que tinham, que podiam ser muito mais lidos como produtos comunicacionais do que produtos informacionais no sentido [informação omitida para não relevar a identidade da professora] do termo, né? Então eu atualmente faço duas pesquisas, né? Uma pesquisa eu tô discutindo, a minha pesquisa que é financiada pelo CNPQ, que é a minha pesquisa de produtividade. Eu tô discutindo [informação omitida para não relevar a identidade da professora], né? Então tô estudando isso e tô estudando como [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Então essa é a pesquisa que eu realizo com o apoio do CNPQ. Mas no meu doutorado eu tô pesquisando, a minha pesquisa no doutorado é sobre o processo de [informação omitida para não relevar a identidade da professora] né? [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Então eu tô trabalhando em paralelo com duas pesquisas, uma que é uma pesquisa que eu vou me titular como doutora em [informação omitida para não relevar a identidade da professora] em 2025, e outra que é um fluxo contínuo das pesquisas que eu venho desenvolvendo como professora, como pesquisadora do CNPQ, então a cada três anos eu vou propondo pesquisas, né? Que estão associadas com a agenda de pesquisa desses dois campos, né, prioritariamente comunicação e ciência da informação.

**Entrevistadora:** Bem interessante assim os temas das pesquisas. Fiquei curiosa para ter acesso e bastante trabalho também, né, professora? Muita coisa para fazer, muita demanda. (risos) Agora quero perguntar especificamente para ver se tem mais alguma coisa que você quer comentar em relação a isso, então em relação a essa união, informação comunicação, você consegue me falar o porquê da escolha dessas áreas, dessas subáreas e desses ramos de pesquisa?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu na realidade assim, eu acho que a vida da gente vai levando a gente para essas escolhas assim eu diria, nem sei se eu que escolhi ou se as áreas que foram me escolhendo também, né? Não tem um momento que eu falo assim, agora talvez mais, né? Que eu queria muito fazer essa pesquisa sobre o processo de [informação omitida para não relevar a identidade da professora], aí agora com mais maturidade, mais ao final da carreira por assim dizer, eu tive condição de recortar mais adequadamente, mas os outros casos foi muito associado a um interesse que ia surgindo assim, né? Eu sou uma pessoa muito curiosa. Eu orientei muitas pessoas de diferentes áreas. Isso me deu acesso a muitas coisas diferentes, uma agenda de pesquisa muito diversa, né? Eu orientei gente da dança. Eu orientei gente da comunicação, da engenharia, da filosofia, da biblioteconomia, da computação. Então assim eu orientei gente de muitas áreas diferentes e eu também me formei em áreas diferentes, eu fiz [informação omitida para não relevar a identidade da professora], depois eu fiz mestrado em [informação omitida para não relevar a identidade da professora] e doutorado em [informação omitida para não relevar a identidade da professora] e nesse ínterim eu fiz um pouco de uma nova graduação em filosofia. E eu acompanhei muito esses processos de mudanças que foram chegando na sociedade em função das inovações tecnológicas, né? Então foi um chão para mim, né de realizar ação de pesquisa, e o caráter novidadeiro disso era muito grande, né? Então era preciso ter disposição e disponibilidade para ir acessando, né essas informações e tudo isso. Então assim, não foi uma escolha falar assim. Ah, até porque, para a gente que é periférico, a gente se move pelas oportunidades, não

necessariamente por uma escolha fria e calculista, né? Tem o desejo e a movimentação que a gente faz naquela direção, mas tem também as oportunidades que foram surgindo. E a cada oportunidade, eu vivia intensamente aquela oportunidade oferecida e também ia me transformando pela oportunidade, né por aquilo que eu acessei, e a partir desse acesso eu ia me tornando conhecida também, referência também, né tanto em cultura popular que eu fiz um trabalho bastante sistemático, né nessa área [informação omitida para não relevar a identidade da professora], mas também um trabalho muito sistemático pensando as inovações tecnológicas, né. Acaba que são coisas que de modo geral as pessoas tratam isoladamente, eu deixei povoar no meu cérebro esses dois ramos assim, que são em geral trabalhados de forma distinta, mas eu não vejo utilidade para usar um termo bem chulo talvez, mas eu não vejo muito utilidade da gente trabalhar de uma forma tão cingida, né? Eu acho que é muito importante essa dimensão inter e transdisciplinar, né? Eu gosto muito de trabalhar com gente de outra área, e isso acaba me dando oportunidade de conhecer outros temas de pesquisa e me interessar também por esses temas.

**Entrevistadora:** Volta naquilo que você mesma disse de ter esse lado curioso que aí vai te chamando, né? Para o que vai aparecendo. Eu queria voltar num comentário que a senhora fez lá atrás. Quando eu perguntei quem que é Sojourner Truth, você citou que tem atuação no ensino, na pesquisa, na extensão, né? E aí pensando nesses polos, ensino, pesquisa e extensão, o que que você sente que você já conquistou nesses espaços? E o que que você ainda gostaria de conquistar nesses espaços?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu não posso falar com essa calma de que eu conquistei tudo porque a gente está sempre conquistando, tá sempre aparecendo outras oportunidades, mas assim no ensino, eu sou professora há 27 anos, né na [informação omitida para não relevar a identidade da professora] há 27, 28 anos, assim como pessoa do quadro docente, tem 26, mais dois anos em que eu atuei como professora substituta e como monitora, então 28 anos. Então assim, eu sinto que eu amadureci muito aí, consegui fazer muita coisa diferente, contribuir né? Nesse espaço. Na gestão também, aquilo que me foi dado e agora eu tô né, acessando um novo desafio que eu começo em breve. Na gestão também na medida em que as coisas, eu usei esses espaços para aprender né, para aprender e tudo mais assim, eu acho que eu não conquistei foi talvez, a questão da conquista, de um caminho tranquilo para acessar essas coisas, né? Porque eu tenho sempre que disputar muito né? Eu tenho sempre que disputar muito para estar. Então, por exemplo uma pessoa branca mediana, mediana em termos assim tanto de dedicação, quanto uma pessoa recém-chegada na universidade, tendencialmente ela terá mais possibilidades, ou a vida menos dificultada para acessar uma direção de uma unidade de ensino, a chefia de um departamento, do que eu. Concretamente eu nunca fui nada disso na minha escola, né, mas eu já fui diretora de outros setores tão importantes quanto esse, ou fui e construí espaços importantes para a universidade. Então assim mais do que ser reconhecida para ocupar esse lugar, eu fui convidada a dar vida a determinados projetos, então projeto de governança informacional na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], na discussão dos Direitos Humanos na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], a discussão também da formação transversal. Então são coisas que me constituem e essas coisas eu tive, eu não sei se liberdade é mesmo o nome, mas eu tive oportunidade de criar, ao passo

que se essas coisas estivessem criadas, eu teria mais dificuldade para acessá-las na condição protagonista. Porque a universidade ainda é um espaço branco, né? Ainda é um espaço branco que se organiza pelo privilégio mesmo, né? Então isso cria dificuldades pra gente. Isso me paralisou? não, mas tornou minha vida difícil, né? Nesses espaços, né? Não foi uma conquista assim que todo mundo reconhecia e não reagia, né? Não reagia com jogos de corpos para poder impedir que eu pudesse acessar. Então assim foi sempre quase que tomar mesmo assim, olha isso me pertence, né? E me manter firme em termos dos meus propósitos e da minha adesão à coisa pública mesmo.

**Entrevistadora:** E pensando nesses espaços que você ocupa, eu queria falar um pouco da sala de aula. Como que você experiencia a sala de aula, qual que é a sua relação com a sala de aula? O que que ela representa para você?

**Prof. Sojourner Truth:** Olha eu amo dar aula, né? Amo tá em sala de aula assim, é um, é lá onde eu me realizo mesmo. Eu acho que é na orientação, na pesquisa, e na sala de aula muito. Claro que eu aprendi a gostar das coisas, né na medida em que elas foram, eu fui tendo a oportunidade de acessar, mas a docência é algo que vem desde sempre né? Eu fiz magistério de ensino fundamental, eu atuei em liderança de movimentos sociais que implica em certa medida a gente exercer a docência, né? É uma docência de outro tipo, mas não deixa de ser. Estando na universidade também, eu aprendi a ser professora, né? Aprendi a ser professora sendo professora, né? Não tinha um manualzinho que falava é assim que é. Eu fui experimentando né, a chegar nessa docente que eu sou hoje, mas assim a minha principal questão, né? Tanto na docência, quanto na orientação, é tentar pensar a centralidade que o sujeito que está diante de mim, tem, né? Então de que maneira que esse sujeito me transforma e se transforma, né? Como é que é esse processo? Então a docência pra mim é algo muito importante, foi a docência assim que me empodera mesmo, né? Porque em que pesa uma estrutura racialmente difícil, a sala de aula num primeiro momento, principalmente na pós-graduação, às vezes os alunos ficam desconfiados da sua competência, mas com o passar do tempo eles vão observando a diferença do modelo formativo e tudo isso. E aí assim, às vezes ao final do curso, de cada curso, eles vem dizer de como que foi bom, ou às vezes assim, igual esse ano, eu tive uma grata surpresa, porque aqui em [informação omitida para não relevar a identidade da professora] tem muito carnaval de bloquinhos assim, né? E aí eu tava num bloquinho de carnaval e eu tive a oportunidade de encontrar três ex monitores meus no bloquinho assim, em momentos diferentes do bloquinho, e todos eles falando assim, quanto que tinha sido importante ter sido o meu orientando, ter vivido a experiência de estudar comigo, de trabalhar comigo, entendeu? Então foi muito legal, porque às vezes a gente tá ali fazendo no exercício efetivo da docência e a gente não tem noção, né de que a vida da gente inspira, que o modo que você dá aula inspira também, as questões que você coloca, o modo como você se dirige, né aos estudantes também, isso pode alterar então eu sinto muito isso. Ontem eu achei tão engraçado que eu tava dando aula para os alunos do doutorado, e aí tinha uma aluna que eu achava que ela era meio sisuda assim, ela tá sempre séria e tal aí na hora que aí eles foram saindo, as pessoas me cumprimentando, pedindo maior detalhe da bibliografia da próxima aula, aquele ritual que acontece em fim de aula. Aí ela ficou no final e falou assim: professora, você é uma mulher muito elegante. Aí eu falei assim, muito obrigada. Nossa eu reparo isso assim, né? Então assim, às vezes você tá conectando esse aluno por lugares que você não tem muita noção, né? Eu

acho que eu assim... eu sempre vou bem cuidada por assim dizer para a aula porque eu acho que eu mereço isso né, mas eu acho também que o meu aluno merece assim, é legal ele ter uma professora que tá bonita, que tá alegre, né assim, né? E que enfim, que ali é um momento assim que é um momento da aula, né? O momento da construção ali. Não é que eu performo felicidade, não é isso, mas assim é um momento em que tudo tá cuidado. Inclusive eu. Eu não tô colocada na cena de forma desajeitada, entende? Então assim eu acho a sala de aula uma das melhores coisas que tem assim, e de ver o aluno, né? Cheio de dúvida e quando ele tá cheio de convicção depois né, cheio de fortaleza e vindo falar, aí falei, fiz isso, com aquele texto seu, que você indicou enfim, essas coisas.

**Entrevistadora:** Deixa eu só confirmar para não te atrapalhar, o seu horário é até 18:30 ou 18:40?

**Prof. Sojourner Truth:** Pode ser até 18:40, eu acho.

**Entrevistadora:** Vou tentar ir um pouquinho mais, qualquer coisa eu vou te comunicando também. Mas só para pegar o gancho disso tudo que a senhora falou, então você sente que tem afetividade para com os alunos e alunas?

**Prof. Sojourner Truth:** Sim, porque é isso que define a minha relação com os meus alunos assim, eu acho que a questão do afeto é o que mobiliza mesmo. É o que mobiliza porque é isso que faz com que eles tenham uma identificação comigo até. Não é que é um afeto piegas entende? Mas é um afeto atencioso, não é aquele afeto assim: Oi queridinho. Sabe? Eu sou péssima para guardar nome de alunos (risos) eu falo com eles, eu sou péssima. Então, eu guardo assim aqueles que mais interagem e aqueles que são mais aprontões assim, que esquece o trabalho, agora quem fica ali no meio com muita dificuldade eu vou guardar nome, eu tenho dificuldade com isso, mas eu guardo as trajetórias, eu converso, sabe essas coisas assim. É uma afetividade efetiva assim, não é aquela coisa pro forma, é uma coisa que acontece, e se eu encontrar esse aluno sei lá, 10 anos depois, pode ser que eu não lembre o nome dele como sempre (risos), mas eu vou lembrar das trocas que a gente fez, né? Eu vou lembrar as trocas que a gente fez, vou perguntar, e aí tal coisa assim assim continua lá? Já foi? Então assim eu me preocupo, né com as trajetórias, tanto assim que os alunos que eu acompanho, especialmente os que fazem iniciação científica comigo são pessoas que eu acompanho assim por 15 anos. Tem gente que eu tenho relação com eles há mais de 20 anos. Né? São pessoas que eu acompanhei o mestrado, doutorado, nasceu o filho, aí vai casar, eu separei do marido, separei da minha esposa, meu pai morreu, essas coisas assim, né? A gente acaba fazendo parte da vida das pessoas mesmo. Então é mais quedar aula, né?

**Entrevistadora:** Com certeza! E lá na universidade, a senhora tem uma sala, professora? Uma sala sua?

**Prof. Sojourner Truth:** Tenho.

**Entrevistadora:** E como que a senhora se relaciona com esse espaço da sua sala da universidade? Tem alguma coisa que te atrai nessa sala, fisicamente mesmo? Você se sente pertencente a essa sala?

**Prof. Sojourner Truth:** Uai sim, porque eu tô nessa sala há 26 anos, é a mesma sala, né hoje então assim, eu já dividi sala com uma ex-professora minha que depois virou colega, né? Ela foi minha colega, depois nós tivemos oportunidade de cada um ter seu próprio gabinete, né uma época que a gente tinha um número de sala significativo e cada um tinha seu gabinete. Aí eu quis ser do gabinete do lado do dela, né? E a gente continuou sendo parceira, colaborando e tal. E agora eu divido a sala com uma ex orientanda minha né? Porque aí entrou um número maior de professores. E aí a gente teve que voltar a dividir sala, mas aí eu divido a sala com a minha ex orientanda que eu orientei na graduação, no mestrado, e doutorado. E aí a gente hoje tem parcerias, né? Então eu me sinto pertencente àquele lugar porque lá que eu recebo meus orientandos, é lá que eu recebo minhas visitas, é lá que eu sempre estudo, converso, né. A pandemia que fez a gente gostar muito da casa da gente, ficar em casa, e ter uma estrutura confortável de trabalho, mas até então eu trabalhava muito na universidade, almoçava lá todos os dias, né? Então tramava revoluções era lá né? Assim o tempo inteiro. Agora não, assim agora eu vou nos momentos que eu vou orientar alunos, nos dias assim que aqui em casa tá meio tumultuado, eu quero um pouco de calma eu vou para lá para estudar. Aí é assim.

**Entrevistadora:** Eu tinha feito essa pergunta em relação à sala de aula. Agora, eu queria fazer em relação à ciência e à pesquisa. Apesar de que tudo que a gente está falando já se relaciona com essa pergunta. Mas o que que a ciência e a pesquisa representam para você?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu acho que é uma oportunidade de mudança social efetiva, né? Porque é diferente a gente ser um agente protagonista nesse processo, quando a gente é um agente protagonista no processo de realização da pesquisa, de enquadramento, ou de identificação de uma agenda de pesquisa, em que a gente pode produzir um texto que será capaz de influenciar a reflexão que as pessoas serão capazes de fazer, eu acho isso muito importante, né? Então para mim é central também, eu me sinto super pesquisadora. Eu gosto de pesquisar, eu sou uma pessoa que fico buscando caminhos outros, eu gosto dessa parceria que a gente realiza com as pessoas para poder desenvolver pesquisa. Eu gosto desse ritual de apresentar os trabalhos. Eu não faço muito essa coisa da disputa interna, né nesse cenário mais amplo, eu faço talvez pouco isso né? Eu vou fazendo e as coisas vão acontecendo ou não acontecendo, mas eu vou investindo assim, e porque eu gosto mesmo de trabalhar na pesquisa com os meus orientandos, eu tenho mais dificuldade de trabalhar com “os pares” entre aspas, né? Até porque nem sempre os pares estão interessados, né? Eles estão, às vezes interessados naquilo que você pode proporcionar a eles, e não necessariamente em uma troca genuína, então... Os meus orientandos todos eu escrevi com eles, eu sempre que vou fazer um projeto convido eles para participar né? Até porque eu gosto desse caminho, né de acompanhar a pessoa se transformar em um pesquisador, começar os primeiros passos. Em geral eu chamo muitos meus orientandos de doutorado para participar de outras bancas. As bancas dos outros orientandos. Agora mesmo eu tô com um ex orientando de doutorado, ele terminou o doutorado recentemente, e conseguimos uma bolsa de pós-doutorado júnior, e ele tá dividindo a sala comigo, planejando a aula comigo. Então eu acho que é difícil falar assim, onde que começa a pesquisa, onde começa a docência? Como é que é, né? Porque eu acho que é um ecossistema muito integrado, né? Porque quem não faz pesquisa, vai ter muita dificuldade de ser um bom docente assim, né? De ter uma expressão, né? Assim ou de passar credibilidade mesmo, né?

Porque ele não sabe, ele quase que tá recitando a bibliografia e não necessariamente ele tem uma compreensão, né das conexões existentes. Então acho que é um pouco isso.

**Entrevistadora:** Eu percebo que até no seu tom de voz, você fala com bastante empolgação mesmo da sala de aula, da pesquisa, e da docência, então o que que te motiva mesmo no seu fazer? O que que você valoriza? A minha pergunta é assim: quais que você diria que são as dores e os prazeres desse fazer acadêmico científico?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu acho que o prazer é tudo que envolve assim. O prazer, é a interação com a sociedade, que é uma coisa que eu valorizo muito, ver a transformação do seu estudante, ver também a transformação do próprio campo científico, né a partir de questões que você repertoriou ou deu atenção e privilegiou. E assim no meucaso a coisa que me dificulta a vida é o racismo, é o racismo estrutural, é o epistemicídio. Isso é que de fato é talvez a maior pedra no meu sapato como pesquisadora, como mulher negra na academia, na universidade. É um embate diário, né? Isso é um embate diário e isso é que mina as energias da gente né para fazer tudo mais. E claro, né? Que isso tá associado aos poucos recursos, né? Mas eu sempre trabalhei com poucos recursos e ainda assim tivemos possibilidade de fazer coisas interessantes, né de avançar, mas eu acho a delícia é essa, assim de ver seu aluno crescer, de ver a sua universidade ser considerada uma universidade importante, ela assumindo pautas importantes, né? Então por exemplo eu tive o privilégio assim, né? Não gosto dessa palavra privilégio. Mas eu tive a graça, a possibilidade, de criar junto, né com um coletivo aqui na universidade, um projeto chamado Universidade dos Direitos Humanos. Então a gente criou como um projeto extensionista, mas a gente já deu esse nome, né? Com uma certa pretensão de crescimento. Quer dizer, que era a ideia de integrar a agenda de luta por direitos humanos na universidade. Então, eu acho isso maravilhoso, né maravilhoso de você olhar para trás e falar assim puxa vida, valeu a pena, né? Isso existe porque eu tava lá junto com meus camaradas fazendo a coisa acontecer, né? Então a gente fez um repositório institucional, para divulgar a produção científica da universidade. Era um negócio que a própria reitoria resistia. E aí daí um pouco assim, ralando muito para coisa acontecer, porque a gente tava lutando contra o desejo de quem tinha um poder de determinação, mas aí daqui a pouco a universidade teve que reconhecer que aquele trabalho que fizemos aumentou assim seis milhões de acessos a mais na produção científica realizada pela universidade. Então assim, às vezes a gente tem que ficar ali marcando posição, né nas coisas para que as coisas possam acontecer. Não chamo isso de heroísmo, mas eu chamo isso de uma adesão institucional que é necessária, um sentido de coisa pública que é muito necessário também, mas assim uma coisa que mina é isso, né? O que mina mesmo é as pessoas acharem que eu posso ter uma competência menor porque eu sou uma mulher preta e periférica, sabe? Parece que eles colocam aquilo como uma marcade nascença que nunca será superado. Obviamente, que eu não tô querendo superar a minha negritude, mas eu tô afim de superar aquela negatividade ou aquela incompetência ou impossibilidade que é atribuída a mim por conta da cor da minha pele entende? Então eu acho que esse talvez é o desafio mais complexo porque ele vai se metamorfoseando, né? Nem mesmo a juventude, né? Os jovens pesquisadores estão, nem eles mesmo não conseguem superar com tanta facilidade, né? Não é uma questão só geracional, né? Eu acho que é uma questão que vai se renovando, né? As formas que o racismo vai

ganhando e isso dificulta muito a nossa vida, né? Porque isso tá associado a distribuição das possibilidades de ir ou não ir, ter ou não ter, participar ou não participar, porque as pessoas começam a olhar para a cor da sua pele para depois entender sua competência e suas possibilidades, o seu engajamento, né? Então isso é difícil.

**Entrevistadora:** Agora é só questionando a questão do horário, a gente tá caminhando mesmo para um final, tá, da conversa. Eu consigo dar continuidade ou realmente te atrapalharia? Como que a gente tá?

**Prof. Sojourner Truth:** Mas eu não sei quantas questões você tem ainda. É porque eu tenho um compromisso mesmo, mas dependendo da quantidade de questões que você tem...

**Entrevistadora:** Eu ainda tenho umas três questões, mas se você sentir que vai te fazer responder com muita pressa ou enfim.

**Prof. Sojourner Truth:** Eu não gosto de responder com pressa. Mas vamos lá, se eu sentir que tá ficando difícil...

**Entrevistadora:** E aí qualquer coisa a gente também conversa sobre um segundo encontro. Se for viável também para senhora tá? Mas em relação a isso que você falou da juventude, das próximas pessoas que vem e que se relacionam com esses cenários, fiquei me perguntando duas coisas que é: se a senhora mesmo como professora já orientou muitas mulheres pretas, assim como você e se essa orientação foi diferente? E como que você passa tudo isso que você me falou agora, para os seus alunos e alunas? Isso é passado? Isso é conversado?

**Prof. Sojourner Truth:** Olha eu vivo essas experiências de prazer e dor diante dos meus alunos, eu não fico mascarando nada para eles. Inclusive isso ajuda eles a saber o que que eles vão enfrentar logo à frente, sendo mulheres, sendo mulheres negras e sendo alguém que vem de, que não vem de um caminho previsível, né? Então assim eu não fico lamuriando diante dos meus alunos, mas eu não escondo deles os embates que eu tenho que viver, né? Então isso acaba sendo parte, né das questões mesmo do aprendizado. Eu não posso dizer para eles que o mundo acadêmico é um céu de brigadeiro quando não é, né? Mas também eu passo o estímulo, empolgação, deles em relação às questões que nós estamos trabalhando, vivendo.

**Entrevistadora:** E aí só para reforçar, a senhora já chegou a orientar muitas mulheres negras?

**Prof. Sojourner Truth:** Eu não tive essa oportunidade porque a universidade se abriu por assim dizer para a população negra mais recentemente, né? Eu posso dizer que eu orientei mais brancos do que negros, mas orientei, né? Eu tenho uma orientanda que tá no Rio de Janeiro agora que eu orientei da graduação ao doutorado, né? E hoje a gente é muito amiga, eu participo do grupo de pesquisa dela. Essa minha aluna que eu divido sala com ela, é uma mulher negra também. E também participei de projetos institucionais em que tinha um número grande de jovens negros, né? Eu trabalhei com um projeto chamado conexão de saberes em que a gente trabalhava com a juventude negra e periférica na universidade em projetos específicos, né, então. Eu não leio a

orientação, só aquela orientação acadêmica dentro de um, dentro do mestrado, do doutorado, então como eu orientei muita gente na extensão, orientei muita gente na iniciação à docência, então eu tive a oportunidade de se não orientar diretamente, de influenciar diretamente, porque eu participei de muitos projetos associados a temática racial. E aí de algum modo, né? Eu não viro a chave, né? Fala assim: agora estou orientando, eu estou orientando o tempo inteiro, né? Não tem um momento em que isso acontece. Eu vou fazendo isso o tempo inteiro.

**Entrevistadora:** Até me perdoe se eu falar o termo errado, aquele projeto é Universidade dos Direitos Humanos? Fiquei me perguntando então, talvez seja até essa resposta, mas fiquei me perguntando, se a senhora pudesse construir uma universidade, como que seria então a universidade da Sojourner Truth?

**Prof. Sojourner Truth:** Essa aí, essa em que as pessoas tenham mais oportunidades, né? Seja uma universidade plural do ponto de vista epistêmico, né? Então assim seria uma universidade pluriepistêmica, uma universidade com igualdade de oportunidades para as pessoas e que o sujeito também não se hierarquizasse, não seria... eu acho que o disciplinar talvez seria algo que seria no lançado por essas experiências de pluriepistemologia, né de uma luta inarredável contra o epistemicídio, né contra o racismo estrutural e contra o sexismo né? Essas questões, né? Que interseccionalmente vão tentando apegar os sujeitos, né ainda que seja um espaço de formação humana, as pessoas às vezes querem hierarquizar os sujeitos que saem desses espaços. Então para mim seria um espaço mais dialogado, mais interativo, em que não haveria uma hierarquia tão forte entre os saberes, né? Porque eu não vejo efeito verdadeiramente, eu não vejo diferença entre os saberes que são adquiridos nesse espaço acadêmico e a experiência da vida das pessoas, né? Um mestre de cultura popular que tem 40 anos de experiência, 50 anos de experiência, contra quatro anos de doutorado ou se a gente for contar o tempo inteiro que a pessoa estudou, chega sei lá a 15, e 20 anos, perto da vida das pessoas, né que vão significando e orientando a sua vida, a essas necessidades que a sociedade vai tendo também, então acho que a minha universidade seria uma universidade antirracista, né? Seria uma sociedade que respeita os Direitos Humanos de uma forma radical, né? Que fala sobre meio ambiente, mas que efetivamente efetiva essa ideia de defesa e na realidade dos Direitos Humanos, né? Compreendendo seres humanos dentro dessa noção, né de meio ambiente e de humano, né na minha universidade não teria hierarquias de humanidades. Possivelmente não.

**Entrevistadora:** Qual o recado que você daria então para outras cientistas negras para a gente caminhar para essa conclusão?

**Prof. Sojourner Truth:** Nossa depende né. Depende, qual é a circunstância do recado, eu sempre falo muito com as pessoas para elas acreditarem. Acreditarem na sinceridade do gesto delas do estar ali, né acreditarem nisso, acreditarem na sinceridade, na verdade da sua história, não perder a sua história de vista e não negligenciar a sua humanidade, não negociar a sua humanidade com ninguém, com ninguém mesmo, né? Eu acho que isso é que é essencial, porque o resto vem, né? Eu acho que essa disciplina, essa abertura para o diálogo são questões que fazem parte, né da nossa atuação, mas eu acho que a primeira, o primeiro, assim a pedra fundamental é a fé que a gente tem na nossa, na verdade que nos guia ali, né, na verdade do gesto da gente, né? Não ter que ficar fingindo nada, negociando nada, né?

Eu acho que é importante que as pessoas saibam que a gente tá ali e que é verdade e que é potente tanto quanto pode ser potente por um branco, né? Então não negociar a humanidade da gente em hipótese alguma. Eu acho que é isso, para as mulheres, é isso.

**Entrevistadora:** Tem mais alguma declaração geral que a senhora gostaria de fazer? Esse momento tá livre.

**Prof. Sojourner Truth:** (risos) Essa semana eu tô, eu tava numa semana um pouco difícil para mim, quase que nostálgica porque eu falei para os meus colegas do doutorado sobre a minha trajetória na segunda-feira, então foi... ufff (onomatopeia), né? E aí ontem eu falei para um grupo de estudantes de uma linha de pesquisa do nosso programa, que eu tava discutindo com eles essa questão dos direitos humanos epistêmicos e o grupo era em sua maioria jovens negros que estão fazendo mestrado, então aí já eu tive que remexer muito os meus guardados ali, né? Então eu tô, mas eu acho que é isso sim. Eu acho que, não dá mais pra gente ficar negociando demais as coisas. Sabe? Eu acho que a gente tá no momento de, não digo que a gente vai pôr o pé na porta, mas eu acho que tem determinadas coisas que a gente tem que mudar de fase. Sabe? Tem que mudar de fase. E aí é isso sabe? Me dói ainda, né? Talvez seria uma declaração: me dói ainda ser a primeira em muita coisa. Ser a primeira, a única em muita coisa, né? Ainda. Essa solidão não é agradável, né? Essa solidão acadêmica, né. Ser a primeira professora titular da [informação omitida para não relevar a identidade da professora] negra que alcança esse lugar. Ser a primeira pesquisadora, a primeira não sei o quê, sabe essa coisa do primeiro? Isso me angustia, né? Até quando né? Essa usina de contenção vai manter a gente fora desse cenário, né? Isso me angustia. Não vejo vantagem nenhuma em ser a primeira ou a única, não vejo a menor vantagem. Eu já não aguento mais nem ouvir falar mesmo isso, né? Eu acho que a gente tá precisando de ser muitas pessoas e que as pessoas nem olhem mais, nem tenham, que a vista delas fiquem embaralhada pela grande presença da diversidade na universidade de maneira que ela nem fala assim: Olha lá um indígena, olha lá um trans, olha lá, não sei que lá. Que a gente esteja misturado na multidão. Meu desejo é esse assim, que esse olhar classificador não tenha mais função, esse olhar da classificação da diferença, não tenha mais função para ninguém, né? Isso é que eu espero né? Esse é meu desejo. Que cada vez mais chegue outros e outras, e que tensione outros pontos de vista para que a gente possa avançar, né seguir crescendo e seguir humanizando a humanidade.

**Entrevistadora:** Espero que seja assim. Uma ótima fala para concluir essa conversa né? Queria agora te pedir desculpa por ter atrapalhado o seu tempo, espero que dê certo de seguir no seu compromisso e agradecer por você ter disponibilizado esse tempo para poder falar comigo. Foi muito interessante te ouvir. Espero que a gente tenha outras oportunidades de se conectar de outras formas. Enfim em relação a própria pesquisa, gostaria de saber se você gostaria que eu utilizasse o seu nome mesmo quando eu relatar essa entrevista, ou você prefere um nome fictício?

**Prof. Sojourner Truth:** Não tem problema nenhum não, pode falar meu nome porque o que eu falei é o que eu pratico, né? Não tem nada ali que me coloque em uma situação de constrangimento ou de dificuldade, pelo contrário.

**Entrevistadora:** Em termos mais burocráticos, também só saber se eu posso te enviar aquele termo para a senhora assinar, só alegando que aceitou a participar da pesquisa e tudo mais?

**Prof. Sojourner Truth:** Sim. Pode mandar e aí você manda junto para mim o áudio por favor, tá bom?

**Entrevistadora:** Obrigada! A gente se mantém em contato, desejo sucesso aí nessa nova fase que eu sei que você tá trocando um pouco agora de lugar de atuação. Tenho certeza que vai dar certo. Depois quero até, vou até buscar sua filha multiartista, porque fiquei curiosa. E espero que algum dia a gente consiga chegar nesse lugar dessa universidade plural que a senhora citou porque eu também tenho muito esse desejo, e enfim gosto de ter a esperança que um dia a gente vai poder vivenciar isso aqui, muito obrigada. Espero que tenha um boa noite. A gente vai se falando.

**Prof. Sojourner Truth:** Tá joia. Muito obrigada você também, desculpe aí a minha correria. (risos)

**Entrevistadora:** Imagina! Foi ótimo. Muito obrigada, tchau tchau.

**Prof. Sojourner Truth:** Obrigada você! Tchau tchau.

## **ENTREVISTA COM PROFESSORA DRA. DANDARA**

Nessa entrevista, o gravador teve algumas falhas técnicas, por isso, parte da fala de Dandara foi complementada conforme lembrança da entrevistadora e de forma escrita pela professora.

**Entrevistadora:** Pra gente entender um pouco mais sobre essa questão de povoar os espaços, a primeira coisa que a gente queria perguntar, é que a gente queria, por favor, que você falasse pra gente quem é a Dandara.

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (apesar do corte, lembro-me que ela se definiu enquanto uma pessoa curiosa, sempre em busca de conhecimento). Parte escrita complementar: Dandara é uma mulher entusiasta, movida por desafios, consciente de seu papel na sociedade, que não desiste fácil, que luta por seus objetivos e se constrói a cada projeto, seja pessoal ou profissional.

**Entrevistadora:** Queria entender como que você se identifica racialmente.

**Prof. Dandara:** Como preta. \*Corte\* (apesar do corte, lembro-me que ela disse o quanto o cabelo foi uma problemática para ela, pois ela não se via. Comentou que o sonho dela era ser “Paqueta da Xuxa”, mas que na época, a referência, eram mulheres brancas. Ela brincou dizendo “Paquetas não deve nem ser da sua época, né?”).

**Entrevistadora:** Nossa, mas eu lembro que eu ouvia a Xuxa só para baixinhos, eu escutava.

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Citou que por muitos anos alisava o cabelo, pois achava que seu cabelo “era ruim”. Na época da graduação, deixou o cabelo natural, e depois voltou a alisar, mas com uma nova consciência de que atualmente, o faz porque o quer, e não porque se sente pressionada a fazê-lo. Comentou que por um tempo, deixar o cabelo liso foi complexo, pois enquanto mãe, ela sentia que deveria passar o exemplo para frente de ter o orgulho do próprio cabelo.)

**Entrevistadora:** **Eu acho que a trajetória tem esse lugar de ir encontrando esses conflitos que te permeiam.**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Comentou que não se viu como preta desde sempre, mas sim, a partir da graduação e que o processo de reconhecimento foi doloroso, e não tranquilo. Pois sente que influenciou em sua autoestima, por isso sempre acreditava estar atrás de todos, e é tão dedicada. Inclusive, em sala de aula, às vezes usa discursos do tipo de “tudo bem tirar 9,5, não precisa ser 10,0” mas que na verdade se sente falando consigo mesma, porque sempre foi perfeccionista e se chateava quando não tirava nota máxima, pois já se sentia inferior. Comentou que tenta passar esse orgulho aos seus alunos e alunas ao elogiá-los e elogiá-las e mostrar que eles têm muito a contribuir).

**Entrevistadora:** **É, eu acredito que o cabelo é uma maneira desse reconhecimento e dessa simbologia mesmo né, racial.**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Comentou que a filha, tem orgulho do próprio cabelo. Que sempre que vê alguém de cabelo crespo na rua, comenta achar a pessoa bonita).

**Entrevistadora:** **Eu fiquei me perguntando isso porque você falou dessa questão de alisar o cabelo e como você vai explicar isso pra ela, fiquei pensando “será que ela tem o cabelo cacheado?”**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Ela explicou que a filha tem o cabelo cacheado, mas que a raiz não é tão crespa quanto o da mãe. Dandara ainda afirmou que caso o cabelo fosse igual ao da filha, ela não alisaria, pois, ela alisa, e depois faz cachos. Pois gosta dos cachos. Mas, prefere alisar, por ter a raiz crespa).

**Entrevistadora:** **Interessante perceber que mesmo que você tenha tido esse receio em algum momento de “como que eu vou mostrar e passar esse orgulho do cabelo pra ela, considerando que eu aliso o meu?”, ele foi um receio que existiu, mas que você de fato encontrou outras formas de fazer, igual você mesmo tá relatando, ela chegou a alisar o cabelo e não gostou porque ela gosta do cabelo dela como ele é né?**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Professora comentou que desde que a filha era bebê, elia livros para ela sobre diferentes tipos de cabelos e suas belezas. Que inclusive, quando bebê ela tinha um livro sensorial no qual ela podia tocar nos tipos de cabelo).

**Entrevistadora:** **Eu queria saber, agora que a gente já falou bastante de vivências mais profissionais, um pouco mais específico assim como que se deu a escolha da sua profissão? O que que te trouxe até aqui onde você tá hoje?**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Comentou que queria ser médica geneticista para impedir que crianças nascessem com o cabelo como o dela. Mas que ela trabalhava, e por isso não era viável que se dedicasse a um curso de tempo integral, e por isso acabou caindo nas exatas. Mas, disse que a medicina nunca saiu de sua relação, e que inclusive, algumas das pesquisas que desenvolveu, foram voltadas à contribuição com a medicina que visava perceber questões voltadas a eletrocardiograma e pressão arterial). Parte escrita complementar: Nas brincadeiras de infância sempre era aquela que ensinava – professora – ou estava em um laboratório tratando de desenvolver algo – um feeling para pesquisa. Por um tempo disse que queria ser médica, mas ainda sim queria descobrir algo relacionado à genética – e aqui está bem relacionado à cartografia existencial: queria intervir, cientificamente, para que as crianças pretas nascessem com o cabelo “melhor”.

**Entrevistadora:** O que você pesquisa?

**Prof. Dandara:** [informação omitida para não relevar a identidade da professora].

**Entrevistadora:** Por que escolheu especificamente essa área e essa subárea?

**Prof. Dandara:** Pela transversalidade da área, já atuei inclusive na análise de dados de saúde.

**Entrevistadora:** Se organizássemos as atividades acadêmico-científica em espaços (ensino, pesquisa, extensão, administração) em qual desses espaços você se faz mais presente, já foram conquistados? O que você gostaria de conquistar ainda nesses espaços?

**Prof. Dandara:** Acho que ainda gostaria de conquistar a extensão. \*Corte\* (Comentou querer vivenciar mais a parte da pesquisa. Quando citou a sala de aula, comentou que apesar de gostar de ser professora, tem sentido pouco retorno dos alunos e alunas ultimamente, e disse que acha ser um traço da pandemia. Que por muito tempo a relação era apenas com ícones na chamada do Meet. E que sente que desde que voltou presencialmente para a UFG, esse afeto não voltou. E que por isso, não tem mais se sentido tão motivada a ir à universidade. Que tem preferido ficar em casa. Ela sente uma necessidade de ressignificar a sala de aula.) Parte complementar escrita: Em todos. A consciência do meu papel nesses espaços é o combustível para sua ocupação, planejada porém cada vez mais necessária. Atuo na proposição de soluções, principalmente com uma abordagem de proporcionar a transparência das informações e a democratização do conhecimento pautado em dados. Pretendo atuar mais na extensão e ampliar a pesquisa com a sociedade.

**Entrevistadora:** Eu acho que a pandemia deve ter de fato tido uma influência nisso porque a gente ficou muito com essa relação com a casa, a gente não podia sair de casa. Então a gente foi se reconhecendo nesse espaço da nossa casa, inclusive tinha um medo do mundo lá fora, do externo, então acho que tudo isso contribui assim.

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (A entrevistada concordou, mas disse que em alguns momentos durante a pandemia chegou a cansar de ficar só em casa, e que no momento pré-pandemia, se senti empolgada para sair de casa e trabalhar, o que não

ocorre mais hoje em dia, pois sente que a volta, não foi exatamente uma volta, foi uma outra coisa, um outro funcionamento. Inclusive em relação à dedicação dos alunos e alunas).

**Entrevistadora:** **Você vem se doando tanto, né? Que às vezes sente que falta se doarem de volta. Você comentou essa questão da sala de aula e eu fiquei pensando em relação ao afeto com os lugares, você tem sala lá na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], não tem? Como você se relaciona com a sua sala? É uma sala que te atrai, você tem decoração? Como é o seu afeto com a sua sala?**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Entrevistada comentou que costumava ter desenhos da filha nas paredes, que sempre dividiu sala, mas que desde a reforma na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], quando retornou, seu armário estava inclusive virado e irreconhecível, que agora ela divide a sala com outras pessoas com as quais, na verdade, ela raramente encontra. Ainda brincou dizendo que seus sonhos são muito reais, e que recentemente estava procurando seu diploma de doutorado e não encontrava, aí ela sonhou com o armário e com a chave do armário, e que quando chegou na universidade, era o exato mesmo armário e chave. Ela disse que quando abriu o armário e encontrou tantas coisas lá guardadas, que sentiu afeto, mas que não sente mais afeto pelo lugar quando vai à Universidade, pois não vivencia mais as trocas).

**Entrevistadora:** **Mas essa questão de ter pedido o social faz muita diferença né, porque acho que isso traz muito lugar de afeto para o trabalho.**

**Prof. Dandara:** \*Corte\* (Reforçou estar desmotivada).

**Entrevistadora:** **Mas será que é só a pandemia, Dandara?**

**Prof. Dandara:** Eu acho que eu também faço esse questionamento o tempo todo, sabe? Se é só a covid, se eu mudei, se eu estou deprimida. Eu me sinto até mais acolhida na pós do que na graduação por exemplo, né? Sempre foi e realmente você definiu bem, é um oásis mesmo. Ainda mais a graduação.

**Entrevistadora:** **Eu vejo que a [informação omitida para não relevar a identidade da professora] se coloca muito isolada do restante da faculdade. Você também se isola? Você acha que isso te afeta nos seus relacionamentos com os outros cursos e outros professores da faculdade?**

**Prof. Dandara:** Ou nossa essa pergunta sua foi ótima porque assim desde que eu cheguei esse realmente é o cenário, né? Tipo, a [informação omitida para não relevar a identidade da professora] é isolada do restante da faculdade. E aí qual foi meu sentimento? Eu não me isolo, então eu vou tratar com todos, mas eu senti de alguns pelo fato de eu ser da [informação omitida para não relevar a identidade da professora], uma certa resistência em se relacionar comigo, entendeu? Então assim eu tive que e ainda tenho que vencer essa barreira que automaticamente ela é imposta por eu ser da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Entendeu?

**Entrevistadora:** Mas até que ponto a [informação omitida para não relevar a identidade da professora] também não impõe? O isolamento.

**Prof. Dandara:** Hoje não mais. Hoje não mais porque eu vejo que até pela pandemia eu me isolei muito mais da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Entendeu? Então hoje não mais, mas quando eu estava lá tipo o tempo todo, meu laboratório, minha sala lá junto com pessoal de [informação omitida para não relevar a identidade da professora] isso erabem evidente.

**Entrevistadora:** Você disse que se isolou mais da [informação omitida para não relevar a identidade da professora], e pra onde você foi? Pra que espaço você foi?

**Prof. Dandara:** Pro PPGCOM. Eu já cheguei a falar semana passada, eu falei isso, eu quero sair da graduação e ficar só no PPGCOM. Eu quero chegar nesse nível. Nãoé porque eu não goste dos alunos né ou do que eu faço lá, é a questão do do lugar,o meu lugar.

**Entrevistadora:** Você acha que o seu lugar é na pós?

**Prof. Dandara:** É na pós, é lá que eu me reconheço, é lá que eu me sinto reconhecida, é lá que eu, talvez não “reconhecida” a palavra, mas que eu sinto que eu sou oportunizada. Entendeu? Eu posso fazer. Que eu posso ser.

**Entrevistadora:** Queria fazer uma pergunta sobre um comentário que você fez lá atrás. Você falou que a questão de a sala de aula não é o lugar que mais te toma tempo, né? Dentro das suas funções. E aí eu fiquei curiosa, o que mais, quais são essas outras funções, o que mais ocupa o seu tempo pra além da sala de aula?

**Prof. Dandara:** Ah sim. É porque por exemplo sala de aula eu dou uma disciplina na graduação de sessenta e quatro créditos. Isso equivale a um dia, uma manhã toda, né? A quinta-feira que é justamente o que eu comentei com você, a quinta-feira a manhã toda. E uma disciplina na pós e uma tarde toda. Isso é sala de aula. O resto é pesquisa, orientações, pesquisas próprias, né? Também desenvolvo minhas pesquisas por conta própria, projetos, a parte administrativa, várias comissões, infinidade de comissões, dá nem pra nomear tantas comissões que a gente participa.

**Entrevistadora:** E a bendita produção acadêmica e científica.

**Prof. Dandara:** As produções, né. Participar em outros programas também. Eu participodo programa de atenção à saúde na [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. De mestrado também. E então é mais pesquisa e administrativo do que docência. Né?

**Entrevistadora:** O que a sala de aula representa para você? Como você ocupa/experencia/vivencia esse espaço? Quais sentimentos você traz para a sala de aula?

**Prof. Dandara:** A sala de aula é, para mim, um espaço de troca de saberes. Como eu

aprendo! Uma oportunidade de transmitir o conhecimento e associá-lo à diferentes experiências e percepções.

**Entrevistadora:** Como é seu vínculo com os alunos e alunas? Como você percebe isso? Tem afetividade? É difícil conquistar isso?

**Prof. Dandara:** Tenho um carisma especial pelos alunos. Deixo claro que é uma parceria, não uma hierarquia. É importante ter respeito, mas valorizo a interação e isso é possível com transparência e afetividade. É importante que o aluno se sinta parte do processo e não expectador. O conhecimento é construído, experimentado, experienciado. Sinto que é o meu lugar! Cada turma tem um pouco de mim. E eu carrego parte dela, nunca é igual.

**Entrevistadora:** Mas desculpa. E a gente falou um pouco sobre o que a docência representa pra você, mas então o que que essa parte? O que que a ciência e a pesquisa representam pra você?

**Prof. Dandara :** A pesquisa e a ciência casam direitinho com o meu perfil de não parar quieta. A concretização do meu ideal de vida – colocar-me a dispor, a oportunidade de fazer algo.

**Entrevistadora:** Curiosidade constante, né?

**Prof. Dandara:** É. Porque quando me fala assim, por que que você quis ser, ninguém fala que eu sou pesquisadora, né? Mas eu faço questão de quando me pergunta que que você é? Eu falo professora e pesquisadora. Porque no Brasil você é professor, né? Não tem esse título: Eu sou pesquisador. Mas a pesquisa é o que me fez vim pra cá, sabe? Estar aqui nesse lugar. Porque lá no mestrado quando eu decidi, não eu vou fazer o doutorado pra depois fazer concurso pra Universidade Federal, quando eu tive esse insight foi pensando nessa perspectiva de que cada projeto é um trabalho diferente. Entendeu? Cada aluno que eu orientar é uma coisa diferente, é novo. Me colocar numa empresa pra fazer a mesma coisa e algo que eu já sei, no máximo eu vou fazer um curso, vou desenvolver uma nova tecnologia, sabe? Mas que isso não dá um produto, não tem retorno, isso me deixava assim angustiada. Estar na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], obedecendo ordens...

**Entrevistadora:** Obedecer a ordens é difícil, né Dandara? Ou, não é?

**Prof. Dandara:** Até que eu não sou muito rebelde. Não, não sou rebelde não. Se a ordem fizer sentido, se eu concordar com a ordem, eu cumpro (risos). Sou até capaz de obedecer, né? Mas a [informação omitida para não relevar a identidade da professora] foi um treinamento pra isso, né? Muito. Porque a carreira já está definida, era só esperar vinte e cinco anos e pronto. Não tinha o que fazer. Foi muito assim forte pra mim uma palavra que um coronel uma vez me falou, né? Eu talvez por esse perfil meu de questionar e eu tava fazendo doutorado, então assim, eu vivia um duelo constante, porque eu estava num lugar que eu não podia questionar e estava fazendo doutorado onde o foco era questionar. Então, um dia um coronel que era meu chefe, né? Eu tenente na época e ele coronel, ele pegou, me chamou na sala dele e falou, fecha a porta, a hora que ele falou, “fecha a porta” eu já pensei “Vem bomba, né” E

veio mesmo a bomba. Ele virou pra mim e falou assim, olha só, seu salário está na sua conta todo dia primeiro, não está? A única coisa que você tem que fazer aqui é prestar continência, ter disciplina e obedecer ao que eu falar. Então você não está paga pra fazer questionamento, pra fazer pergunta, você não é paga pra isso. E assim eu estava na diretoria de tecnologia da informação. O órgão de tecnologia da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Responsável por todos os contratos de tecnologia e aí eu via coisas absurdas assim, [informação omitida para não relevar a identidade da professora], então via coisas absurdas assim, pagando milhões, gastando milhões em algo que não fazia sentido. Mas eu não podia. Na reunião eu não podia falar nada e aí um dia eu quis falar e foi chamada pra fechar a porta. Fecha a porta. Aí eu entendi, entendeu? Nesse dia eu entendi. Nesse dia eu falei assim, não esse não é o meu lugar.

**Entrevistadora: E a universidade tá sendo o seu lugar, Dandara? A universidade tá sendo esse lugar que você esperava?**

**Prof. Dandara:** Igual eu te falei, eu já me peguei questionando se eu vou tipo se eu vou aposentar talvez, aposentar nem seja palavra né? A gente nem sabe se isso vai existir na minha época. Mas será que eu vou finalizar a minha carreira na [informação omitida para não relevar a identidade da professora]? Eu não sei. Hoje sou muito feliz, gosto demais da pesquisa, eu talvez me sinta mal às vezes por não estar focada no que realmente me motiva.

**Entrevistadora: E o que te motiva de fato?**

**Prof. Dandara:** A pesquisa. A pesquisa.

**Entrevistadora: Independente de que em que instituição a pesquisa é o que te atrai, e é o que pode te atrair. Que você fala assim: eu vou seguir minha paixão.**

**Prof. Dandara:** É o meu vento, é o vento que me leva. Uhum.

**Entrevistadora: E até que ponto isso, essa questão de querer alçar mais vôos, vem dessa sua maturidade acadêmica e dessa maturidade de pesquisa?**

**Prof. Dandara:** Vem porque assim aí você também tem outras questões né? Associado. Você vê assim o descaso, assim por exemplo.

**Entrevistadora: No Brasil que você está falando?**

**Prof. Dandara:** Isso. Aí você vê o descaso, você vê assim a falta de reconhecimento, né?

**Entrevistadora: Mas a Dandara já está conseguindo reconhecimento na área?**

**Prof. Dandara:** Não. Na área. Não, longe ainda. Tô muito longe.

**Entrevistadora: É o que a gente fala assim, a Dandara já tá sendo citada?**

**Prof. Dandara:** Ah, já, isso já.

**Entrevistadora: Referenciada?**

**Prof. Dandara:** Sim, isso já, mas eu acho que eu estou tentando agora depois desse retorno né resgatar a Dandara de dois mil e dezoito sabe?

**Entrevistadora: E que Dandara era essa?**

**Prof. Dandara:** Era a Dandara muito motivada. Assim a Dandara que chegou na [informação omitida para não relevar a identidade da professora], e tipo poxa agora eu vou poder fazer pesquisa, e essa pesquisa vai levar meu nome, né? Eu tinha saído do doutorado em dois mil e dezessete, então agora sou eu, né?

**Entrevistadora: O que que te desmotivou mais? A questão da universidade ou a questão do panorama nacional?**

**Prof. Dandara:** Panorama nacional. Eu me peguei por exemplo há três meses atrás procurando lugares pra poder eu desenvolver análise de dados porque isso era algo que eu gostaria de fazer e ter reconhecimento entendeu? Porque na pesquisa com todo o cenário nacional, eu não ia ter reconhecimento. E não é assim, não é ego, sabe?

**Entrevistadora: Não, é que nossa, nossa profissão gira em torno disso, né? De ter uma certa autoridade, um reconhecimento.**

**Prof. Dandara:** Mas não é a questão do ego, é a questão de você fazer e fazer diferença. Eu me percebi assim, eu estou fazendo? Estou. Mas não está fazendo diferença. Então, sabe?

**Entrevistadora: Cê acha que cê num tá fazendo diferença, Dandara?**

**Prof. Dandara:** Eu acho, hoje eu acho.

**Entrevistadora: Mas cê não acabou de citar assim seus alunos, né? Que você tenta motivar, que é possível.**

**Prof. Dandara:** Não, mas eu digo assim, na pesquisa. Na pesquisa eu acho que eu nãoestou fazendo a diferença.

**Entrevistadora: Você acha que você já chegou no seu limite que podia chegar na universidade?**

**Prof. Dandara:** Não.

**Entrevistadora: Ou no país?**

**Prof. Dandara:** Não. Eu só acho que falta talvez apoio. É.

**Entrevistadora: Da universidade e nacional?**

**Prof. Dandara:** É. Mas também tem um componente aí que depende de mim também. Entendeu? Acho que nesse vuco-vuco aí eu também posso ter me perdido, né? Por isso que eu te falo, não tem essa resposta certa.

**Entrevistadora:** Mas me pergunto também, Dandara. Porque olha, a gente pesquisa, pesquisa, pesquisa, pesquisa, e teve uma época que eu perguntava assim, mas por que tanta pesquisa? Que diferença em termos de sociedade, em termos que diferença essas pesquisas estão fazendo?

**Prof. Dandara:** Quando eu falei da extensão né? Que é um espaço que eu me cobropor ocupar é exatamente isso, de fazer a diferença no que eu estou pesquisando, entendeu? Porque ficar limitada a uma produção de artigos. Não é só isso. Não é pra isso que eu quero fazer pesquisa, sabe? Eu não quero ganhar lá o Nobel, mas eu quero tocar na vida das pessoas. Eu quero é esse reconhecimento que eu falo, sabe?

**Entrevistadora:** Externo? Além das fronteiras acadêmicas?

**Prof. Dandara:** É. Por exemplo, eu vi um projeto do judiciário sabe? Que foi implementado agora por analistas né? De dados. Um grupo de analista de dados que assim revolucionou o processo eletrônico no judiciário que envolve inteligência artificial. Quando eu te falei que vai me comprometer com a pergunta foi exatamente isso. Eu estava pensando em ir pra lá sabe? Porque assim é algo que é um resultado assim que vai ficar, que tá mudando o comportamento, tá mudando a vida das pessoas, tá mudando a rotina.

**Entrevistadora:** Mas lá você acha que teria... porque pelo que eu vi, você tem curiosidades né? Você não quer o trabalho repetitivo né? Um trabalho repetitivo, você quer um espaço de criação, um espaço pra fazer diferença? Cê acha que lá você teria esse espaço de pesquisa, de fazer a diferença, de fazero novo, de buscar sempre?

**Prof. Dandara:** Tem por ser um núcleo de pesquisa, né? Não é uma empresa de [informação omitida para não relevar a identidade da professora], é um grupo de pesquisa que trabalha com isso e aí vários projetos.

**Entrevistadora:** E é do próprio judiciário? Não é um povo de professores, de pesquisadores. É do próprio judiciário?

**Prof. Dandara:** Não. É do próprio judiciário.

**Entrevistadora:** Uhum. Uhum. Tá.

**Prof. Dandara:** O que é uma loucura, né? É um devaneio aí, sei lá, bateu a cabeça sonhou, acordou assim. (risos)

**Entrevistadora:** Você acha isso muito distante, Dandara?

**Prof. Dandara:** Não, pior que não é não, sabia? Basta eu investir um pouquinho. Distante né não.

**Entrevistadora:** E sempre com essa motivação da pesquisa, né? Da curiosidade, de fazer a diferença, de colaborar com o novo. E no dia que estiver repetitivo, a Dandara fala assim, não eu não quero mais. (risos)

**Prof. Dandara:** Em tudo na vida. Em tudo.

**Entrevistadora:** Não quero mais. Vou partir pra outra. Partiu, cadê a Dandara? Partiu.

**Prof. Dandara:** Gente, não dou conta.

**Entrevistadora:** Na pesquisa/ciência que espaços você já conquistou?

**Prof. Dandara:** Ser reconhecida em uma área predominantemente masculina.

**Entrevistadora:** Como você ocupa esses espaços conquistados?

**Prof. Dandara:** Estudando, desenvolvendo habilidades, promovendo debates e elaborando projetos.

**Entrevistadora:** Na pesquisa, quais ainda faltam conquistar? Como pretende ocupá-los?

**Prof. Dandara:** Há muito o que conquistar. Quando se trata de tecnologia, a impressão é que está sempre faltando algo – há sempre alguém na sua frente.

**Entrevistadora:** E o que que você valoriza nesse seu fazer?

**Prof. Dandara:** Nossa, tudo isso aí que você falou pra mim é de muito valor também. E um outro aspecto que eu valorizo demais é a autonomia. Autonomia que a gente tem nessa né? Nessa atuação né? Eu sou dona da minha sala de aula, eu sou, naquele momento eu sou dona da minha pesquisa. Por mais que a gente tenha regulamentos e regras né? Normas a serem seguidas. Mas a gente tem muita autonomia de fazer, né? E isso pra mim é de muito valor, não sei se porque eu passei por esse perrengue aí da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Que era totalmente o oposto, né da autonomia. Eu era limitada e condicionada. Então eu valorizo muito essa autonomia. Parte complementar escrita: Os desafios, o novo, o conhecimento me motivam. São motivações complementares, na sala de aula você planta a semente, na pesquisa ela germina e cresce.

**Entrevistadora:** E você exercita essa autonomia como? Como é que você exercita essa sua autonomia? Porque é uma autonomia, mas como você falou cheia de regras, né?

**Prof. Dandara:** É, mas eu busco sempre inovar, inovar nos campos que eu atuo, sabe? Então assim, por mais que tenha regras, seguindo as regras, eu posso fazer isso esse semestre? Eu posso fazer diferente? Né? A mesma disciplina, por exemplo, eu não consigo pegar o mesmo slide e fazer acontecer no semestre, entendeu? Eu não consigo dar os mesmos exemplos, eu não consigo levar os mesmos estudos de caso. Então isso pra mim também é de muito valor, que eu posso reconfigurar mesmo

diante das regras, né?

**Entrevistadora:** Ela não te impede a criatividade.

**Prof. Dandara:** Não. Exatamente. Ela não me impede de ser criativa, é bem isso.

**Entrevistadora:** Essa é uma das delícias de viver esse ambiente, né? Assim acadêmico, científico. Se você pudesse falar mais pontualmente das delícias e das dores desse ambiente acadêmico científico, o que que te vem a cabeça assim?

**Prof. Dandara:** Bom, das delícias. Eu valorizo muito as relações e talvez por isso que nesse momento eu esteja sentindo tanto. Né, pra mim a relação professor-aluno eu também valorizo demais. Quando eu tinha esse lugar e esse contato mais próximo né? Minha sala vivia cheia de aluno. Era o dia inteiro aluno lá na sala conversando. Tanto é que a turma de dois mil e dezoito, a turma que formou em dois mil e dezoito são meus amigos pessoais, sabe? A gente sai pra beber junto hoje, sabe. Tamanha foi a afetividade que se construiu. Né? Então talvez seja por isso que eu esteja sofrendo tanto esse retorno. De não ter isso. E aí por não ter, a desmotivação, né? Eu me sinto mal de estar ali porque eu não tenho. Então, como eu me sinto mal, não é um lugar que está me fazendo bem, eu volto pra casa. Né, e outra delícia que eu vejo também é a possibilidade de participar da vida né? De deixar um rastro seu sabe? E assim ah aquela dos dois lados né? Ah aquela professora me deu trabalho, ou então, ah aquela professora me ajudou demais, né? Mesmo dando trabalho você ser lembrada e você ter feito parte né? Isso hoje você vê como trabalho, mas lá na frente você vai ver que esse trabalho te ajudou em alguma coisa, né? Então isso também é uma delícia que eu vejo da atuação. E em terceiro lugar, mas não menos importante, as relações que eu tenho com os pares, né? Que ainda mais por eu ser de outra área, a comunicação pra mim é assim, todo dia é um aprendizado diferente, sabe? Eu lembro que a primeira vez que eu ouvi a palavra epistemologia, eu falei epistemologia da comunicação, falei meu Deus que que é isso? Justamente por esse meu perfil, né? De curiosidade e de extrapolar assim a minha área de conhecimento. Essa relação que eu tenho com os pares, com os docentes né. Ela é muito boa pra mim. Ela me agrega muito valor. Parte complementar escrita: [Dores e tristezas: você sempre tem que provar quem é, alegrias: poder fazer a diferença na vida de alguém.](#)

**Entrevistadora:** Isso você fala na pós, tanto na pós, quanto na graduação, existe distinção entre?

**Prof. Dandara:** Não, na pós. Na pós. Eu não estou nem lembrando do meu lugar na graduação. Na pós, né? E assim, até é bom eu falar isso. Quando eu entrei no PPGCOM, eu estava num momento assim até de crise dessas relações, não porque eu não me relacionasse, né? Eu sou muito afetiva e é muito fácil me ganhar, mas por perceber as relações na [informação omitida para não relevar a identidade da professora] né? Eu estava muito triste sabe? De como que as coisas aconteciam né? E de certa forma estava até assim poxa como que eu fui cair aqui, né? E às vezes eu até ouvia piadinha assim, ah! Você é uma pessoa legal, mas você está na [informação omitida para não relevar a identidade da professora].

**Entrevistadora:** Aí é, aí é cruel, né?

**Prof. Dandara:** Teu defeito é estar na [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E aí assim eu já tinha até pensado, nossa como que eu vou tirar essa casca né de mim. Mas ainda bem que existe a pós né. É uma delícia, que existe na minha atuação, é justamente essa parceria, né? Que tem entre os professores e o quanto eu aprendo. Com eles, né pessoal e profissional. Aprendo o tempo todo. Isso é muito bom. É muito bom.

**Entrevistadora:** Além das delícias e as dores agora? Quando a gente pensa na parte chata, o que vem à cabeça?

**Prof. Dandara:** Ah eu acho muito chato assim que foi até uma decepção talvez, eu achava que ser pesquisador, estar numa universidade seria algo assim de muito companheirismo e partilha né? E aí uma decepção inicial assim foi que o trabalho acaba sendo muito sozinho sabe? Às vezes eu não eu sei o que o meu colega do lado está pesquisando se eu não, se eu não for atrás, né? Se eu não perguntar ou se eu não for enxada de chegar, ah, e aí vamos fazer alguma coisa junto? Né? No final das contas é tudo muito solitário, né? Solitário, pra mim foi a primeira decepção assim, ah eu escolhi isso pensando em ser produtiva, mas que essa produção fosse compartilhada. Aí a primeira decepção foi de ser isolada, a segunda decepção foi que aí eu encontrei um companheiro, digamos assim, e por conta das relações aí e [informação omitida para não relevar a identidade da professora] isso foi tido como motivo de perseguição. Ah! Olha só! Né? Os dois bonitinhos, produzindo, desse tanto. E aí tipo causou desconforto. Né? E aí foi a segunda decepção. Tipo, cara, a gente não está aqui pra isso? A gente está todo mundo aqui com o mesmo propósito. Pelo menos é o que eu pensava. Aí então a segunda decepção: não estamos olhando na mesma direção. Né e aí eu vejo, o retorno né? Voltando na temática da pandemia. Ele meio que potencializou esse isolamento do pesquisador, né?

**Entrevistadora:** É você com seus alunos, né?

**Prof. Dandara:** É, sou eu com os meus alunos. Entendeu? E isso pra mim é uma dor muito forte.

**Entrevistadora:** Você parece que é uma pessoa que preza muito pela coletividade, por trabalho coletivo, por trabalho colaborativo.

**Prof. Dandara:** Sim, talvez porque eu não me sinto, eu acho que, está até virando sessão terapêutica isso aqui. Na terapia, cê começa a pensar e aí cê verbaliza, né? Talvez porque eu tenho essa bagagem da insegurança, sabe. Então assim, eu não me acho suficiente pra fazer sozinha. Então eu posso ter a ideia ou a perspectiva, posso ter tudo claro, mas eu quero que isso seja compartilhado. Né? Talvez.

**Entrevistadora:** Mas aí Dandara, eu vou até contar a história que é: até que ponto essa Dandara não pode construir esse ambiente?

**Prof. Dandara:** Sim. Ah, eu tô nessa busca.

**Entrevistadora:** Até que ponto a Dandara é capaz de fazer isso que ela quer, de construir esse ambiente que ela quer. É porque às vezes tem a ver com isso,

**né? A gente quer que o ambiente seja de um jeito e tem que começar, às vezes tem que dar o pontapé inicial.**

**Prof. Dandara:** Tem que construir, né? Tem que fazer a base pra ele. E aí você tá vendo o tanto que eu aprendo?

**Entrevistadora:** Aí você vê Dandara, você tem na universidade, cê tem um espaço pra isso? Ninguém ó, as pessoas pode olhar assim, mas ninguém pode te impedir. Você não pode fazer esse grupo de pesquisa porque eu proíbo, não tá aprovado no conselho diretor. Teu projeto no conselho diretor não tá aprovado, seu projeto de extensão não vai ser aprovado. Sua emenda da disciplina não vai ser aprovado, seu jeito de dar aula não vai ser aprovado? É, não tem isso. Mas depende do jeito, você tem problema lá com a ouvidoria. Você tem esse espaço. Né? E aí? Como ocupamos esses espaços?

**Prof. Dandara:** Cê falou da ouvidoria e eu lembrei duma situação que eu tive numa turma histórica da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. Ela tinha passado pelo processo de reformulação né? O curso era do [informação omitida para não relevar a identidade da professora] e foi pra [informação omitida para não relevar a identidade da professora], então a turma era muito assim a cara da [informação omitida para não relevar a identidade da professora] mesmo. Aí chega eu da área de [informação omitida para não relevar a identidade da professora], já era assim, já era olho torto de cara né? Porque na [informação omitida para não relevar a identidade da professora] tinha entrado em um currículo novo, então essa turma era super resistente ao currículo novo e eu tive muitos problemas com essa turma, sabe? Muitos. Porque eu não tinha o apoio da coordenação. Tipo a coordenação não falava a mesma língua que eu. Né? E deu caso de ouvidoria mesmo, sabe? E aí trazendo pra temática do seu trabalho, Tuane, teve o seguinte comentário uma vez nos relatórios lá, né? Da ouvidoria e nos registros dos alunos, né? “Ah quem que essa professora preta acha que é”, sabe? Teve esse tipo de comentário. “Quem que essa professora preta acha que é? Ela não conhece a realidade nossa.” E assim me chocou de ter o Preto lá, entendeu e chocou de não ser o meu título ou o meu conhecimento a discussão, o núcleo da discussão, o preto estava lá e isso foi algo que me assustou demais porque assim claramente eu nunca tinha passado por uma situação de ser tocada nesse ponto né? De ser questionada a minha capacidade pela minha cor. Nenhum momento.

**Entrevistadora:** Eu acho que na sala de aula assim de um modo geral como regra chega primeiro a sua competência, pra depois chegar a sua raça e o seu gênero? Você falou que teve uma situação assim, você acha que de um modo geral a sua competência chega primeiro do que a sua raça?

**Prof. Dandara:** Chega, mas em uma situação de conflito isso inverte, é muito claro pra mim. Eu vejo que toda a turma que começa, a expectativa dos alunos sobre mim é altíssima. Eles já leram meu currículo, eles sabem com o que que eu trabalho. Eles são empolgados com a área de análise de dados, sabe? Eles me veem como uma referência na faculdade, na faculdade toda, eu vejo assim, passando pelo corredor “Ah, a Dandara!”. E às vezes é até muito mais do que eu faço, sabe? Eu nem me acho essa última bolacha do pacote, essa Coca-Cola gelada do deserto. Eu acho que tem muita, igual você falou, eu estou no auge assim? Não. Tem muita coisa ainda que eu

quero conquistar, eu tô inscrita aqui nuns três cursos, sabe? [informação omitida para não relevar a identidade da professora], faço nashoras, entre aspas, vagas porque eu tô sempre assim querendo fazer algo diferente.

**Entrevistadora: E o que que você ainda quer conquistar nesse território?**

**Prof. Dandara:** Eu quero, eu acho que é isso aí que cê me chamou atenção, eu quero criar esse lugar, eu quero criar esse espaço, sabe? Eu acho que eu ainda vivi muito fantoche assim, desenvolvendo projetos que não são totalmente meus, atuando em conjunto com outros. Acho que eu quero essa identidade.

**Entrevistadora: Um protagonismo?**

**Prof. Dandara:** É, eu quero uma identidade. É se eu pensar em algo, e já veio o nome da Dandara. Sabe? Porque está visível. É de ter visibilidade, de ter esse lugar bem consolidado.

**Entrevistadora:** Anteriormente a gente falou um pouco, de que às vezes a gente tem algumas ideias e nem sempre dentro das ideias que a gente tem a universidade vai dizer, não, não pode, não pode dar essa aula, não pode fazer assado, às vezes tem questão com a ouvidoria, mas no geral existe uma certa liberdade dentro do que vocês fazem assim, né? E aí eu fiquei pensando que se fosse, por exemplo, se esse poder de decisão de organização do funcionamento da parte científica da universidade fosse dado à você Dandara que que você faria de diferente? O que que você mudaria nessa parte assim, na organização das questões desse funcionamento científico dentro da universidade, o que seria diferente nesse ambiente?

**Prof. Dandara:** Cê fala pra promover essa autonomia?

**Entrevistadora:** De poder decidir a esse respeito em relação a prática científica dentro da universidade. É tipo assim, que universidade a Dandara construiria? Como é que seria a Universidade da Dandara?

**Prof. Dandara:** Olha, eu acho que não é nem o modelo que esteja errado não, sabe? Eu acho que é mais cultural. Acho que a gente acostumou fazer as coisas de um jeito e talvez não esteja tão aberta as mudanças. As mudanças aconteceram. A gente só não incorporou essas mudanças a rotina. Sabe? Eu vejo a universidade muito aberta a isso. Eu vejo, por exemplo, eu sou coordenadora de pesquisa, né? Então eu participo lá da [informação omitida para não relevar a identidade da professora], das reuniões, eu eu vejo muita, apesar de ainda existir muita burocracia, e aí eu acho que nem compete tanto a mudança na universidade porque isso vem de uma instância superior. Mas eu vejo a universidade muito aberta, eu a vejo muito respeitosa com as diferenças, né? Acolhe as pesquisas, acolhe os pesquisadores, mas falta questão de cultura organizacional que eu vejo dessa interação mesmo. Então assim se tivesse que mudar, promover maior interação entre os pesquisadores por exemplo. Eu já participei de banca que tipo o que o cara estava fazendo é algo que eu estava buscando há um tempão e o cara estava do meu lado e eu não sabia entendeu? Oh cara não sabia que você mexia com isso! Quando eu eu participei de uma banca [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. E ela

estava trabalhando com isso já, eu tinha acabado de chegar, né? Acabado assim, já tinha dois anos que tava lá, tava com projeto com aluna minha sobre [informação omitida para não relevar a identidade da professora] e eu não sabia que a [informação omitida para não relevar a identidade da professora] fazia isso. Então assim se na [informação omitida para não relevar a identidade da professora] a gente não tem essa visibilidade, imagina no âmbito da universidade? A gente não tem essa visibilidade. Eu promoveria essa vitrine do conhecimento que não é um problema só da [informação omitida para não relevar a identidade da professora]. É da pesquisa no Brasil né? Ciência no Brasil. A gente não conhece, a gente não sabe o que a gente produz. E isso é uma perda muito grande porque a gente podia sim colaborar mais. A gente podia fazer mais diferença. Né? E aí de novo aquela dor minha lá de o fato das pesquisas, o pesquisador e o meu trabalho ser isolada. Eu na minha sala, eu e meus alunos, isso limita demais o conhecimento. Parte complementar escrita: *A minha universidade seria uma universidade que valoriza as diferenças, que não mede o conhecimento por questões raciais; uma Universidade inclusiva.*

**Entrevistadora: As trocas, né? Muito limitadas.**

**Prof. Dandara:** Exatamente, a gente vai num congresso, aí a gente vê ali, tanta coisa legal que está sendo feita e eu nem sabia, né? Dentro da minha própria casa e eu não estou sabendo.

**Entrevistadora: Quantas mulheres pretas você já orientou? Essa orientação foi diferente?**

**Prof. Dandara:** *Apenas 2. Talvez tenha sido aquele sentimento de “eu conheço suas dores e estou aqui para te apoiar e dizer que você vai ter dificuldades, mas vai vencer”*

**Entrevistadora: Que recado você daria para outras mulheres cientistas negras?**

**Prof. Dandara:** *Sua cor não te define. Você é seu próprio lar. Suas aspirações devem teguiar.*

**Entrevistadora: Tem alguma outra declaração que você gostaria de fazer? Sinta-se livre para isso.**

**Prof. Dandara:** *Que a Universidade deve, sim, ser este espaço de debates. É importante trazer esse olhar sobre a questão racial – estamos formando pessoas! Nosso compromisso é para além da sala de aula, do laboratório – é necessário ocupar espaços!*

**Entrevistadora: E aí? Terminamos?**

**Entrevistada:** Nossa, mas ficou muito bom, hein?

**Entrevistadora: Eu acho que é isso. Já vai terminar de novo a chamada.**

**Prof. Dandara:** Nossa, passou muito rápido.

**Entrevistadora:** Quando existe essa oportunidade de viver momentos assim, mais acolhedores mesmo, eu me sinto mais pertencente a esse lugar, porque eu também sou muito coletivo. Então quando eu fico muito solitário eu já fico aí não é pra mim sabe? Aí quando tem reunião ou alguma troca mais efetiva aí eu penso, aí não, espera ,acho que eu estava olhando do jeito errado. Então eu agradeço.

**Prof. Dandara:** Muito obrigada. Beijo. Tchau.

## ANEXO A - Comitê de ética em pesquisa com seres humanos



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Mulheres pretas na ciência: cartografia existencial de pesquisadoras docentes da Universidade Federal de Goiás

**Pesquisador:** TUANE PACHECO DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 55572221.9.0000.5083

**Instituição Proponente:** Faculdade de Informação e Comunicação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.478.469

#### Apresentação do Projeto:

Estudo qualitativo, com financiamento próprio e previsão de término em maio de 2023. A pesquisa alinha-se aos estudos sobre ciência e interseccionalidade. Seu objetivo é cartografar, resgatar e registrar as trajetórias de vida de mulheres pretas docentes da Universidade Federal de Goiás (UFG), quem são essas mulheres; quais os percursos de sua formação educacional; como se constituíram como sujeitos-mulheres-pretas-acadêmicas; como percebem a questão de raça e gênero na ciência e no seu cotidiano acadêmico? Como habitam o território acadêmicocientífico; de que forma os marcadores de raça e gênero perpassam seus modos de existir como docentes pesquisadoras atuantes no ambiente universitário? Há semelhanças nas suas trajetórias? Visa-se perceber

como os marcadores de gênero e raça estão presentes nos modos de habitar o território acadêmicocientífico de mulheres pretas e na construção de seus percursos de vida e profissional e refletir sobre o modo tradicional de se fazer ciência. Essas questões serão respondidas a partir das perspectivas das próprias mulheres. Para tal, pretende-se cartografar suas trajetórias. Mais especificamente, pretende-se, em termos metodológicos, lançar mão da cartografia existencial que inclui a condução de entrevistas em profundidade com docentes pretas da UFG das áreas das exatas.

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

**Bairro:** Campus Samambaia, UFG

**CEP:** 74.690-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.478.469

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Cartografar o território existencial de mulheres pretas no ambiente acadêmico de pesquisa e docência da Universidade Federal de Goiás.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora indica que esse trabalho "trará benefícios à decolonização do pensamento científico" e ampliará a voz das mulheres entrevistadas. No entanto, não reconheceu que a pesquisa pode colocar as participantes em risco pelo fato de abordar questões delicadas que podem suscitar dores ou constrangimentos emocionais antigos ou recentes.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa muito relevante, com metodologia clara e bem desenhada.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora apresentou Folha de Rosto, Termo de Compromisso, TCLE, Cronograma, os instrumentos de coleta de dados, no entanto, faltou a anuência da UFG, instituição onde serão coletados os dados.

#### **Recomendações:**

Recomenda-se apresentar os riscos aos participantes também nas informações básicas do projeto.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Conclui-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO e lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

#### **Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                 | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                     | Situação |
|--------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|---------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1878506.pdf | 05/05/2022<br>23:01:25 |                           | Aceito   |
| Outros                         | Formasderecrutamento.pdf                      | 05/05/2022<br>23:01:06 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito   |

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

**Bairro:** Campus Samambaia, UFG

**CEP:** 74.690-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.478.469

|                                                                    |                                                        |                        |                           |        |
|--------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------------------|---------------------------|--------|
| Outros                                                             | Apresentacaodoatendimentodependenci<br>as.pdf          | 19/04/2022<br>19:50:08 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| Projeto Detalhado /<br>Brochura<br>Investigador                    | TuanePachecodaSilva_Projetodetalhado<br>_CEP.pdf       | 03/02/2022<br>11:39:37 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| Outros                                                             | Criteriaodeinclusaoexclusao_TuanePache<br>co.pdf       | 31/01/2022<br>21:13:03 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| Outros                                                             | TuanePachecodaSilva_Questionariodas<br>entrevistas.pdf | 08/01/2022<br>18:25:41 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| Folha de Rosto                                                     | TuanePachecodaSilva_FolhadeRosto00<br>01.pdf           | 08/01/2022<br>18:14:24 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| Outros                                                             | Termo_Compromisso_TuanePacheco.p<br>df                 | 30/12/2021<br>19:19:21 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |
| TCLE / Termos de<br>Assentimento /<br>Justificativa de<br>Ausência | TCLE_TuanePacheco_2021.pdf                             | 22/12/2021<br>20:43:31 | TUANE PACHECO<br>DA SILVA | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

GOIANIA, 21 de Junho de 2022

Assinado por:  
Marilúcia Lago  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

**Bairro:** Campus Samambaia, UFG

**CEP:** 74.690-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**E-mail:** cep.prpi@ufg.br